

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

Sheila Castro dos Santos

EXPERIÊNCIA E LUGAR

GEOGRAFIA ORAL COM JUDEUS

Porto Velho
2012

Sheila Castro dos Santos

EXPERIÊNCIA E LUGAR
GEOGRAFIA ORAL COM JUDEUS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, da Fundação Universidade Federal de Rondônia como requisito para obtenção do título de mestre em Geografia.

Orientador Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Co-orientador Prof. Dr. Alberto Lins Caldas

FICHA CATALOGRÁFICA
BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

S2373e

CASTRO, Sheila

Experiência e Lugar: Geografia oral com judeus / Sheila Castro dos Santos.
Porto Velho, Rondônia, 2012.
247f.: il.

Dissertação (Mestrado em Geografia) Fundação Universidade Federal de
Rondônia / UNIR.

Orientador: Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Co-orientador: Prof. Dr. Alberto Lins Caldas

1. Geografia da Religião 2. Lugar 3. Judeus 4. Experiência
I. Silva, Josué da Costa II. Título.

CDU: 911:2

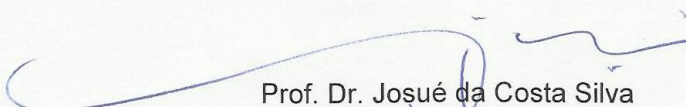
Bibliotecária Responsável: Ozelina Saldanha CRB11/947

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO


Sheila Castro dos Santos

A Banca de defesa de Mestrado presidida pelo orientador Prof. Dr. Josué da Costa Silva e constituída pelos examinadores Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva e Profa. Dra. Maria das Graças S. N. Silva, reuniu-se no dia 22 de fevereiro de 2012, às 14h30min na sala de aula Josué de Castro, Prédio do Mestrado em Geografia, sito no Campus Universitário José Ribeiro Filho, para avaliar a Dissertação de Mestrado intitulada "**EXPERIÊNCIA E LUGAR: GEOGRAFIA ORAL COM JUDEUS**" da mestranda *Sheila Castro dos Santos*, matrícula 201010014. Após a explanação da mestranda, e sua arguição pela Banca Examinadora, a referida dissertação foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia foi considerada Aprovada com distinção. Conforme determinação do Colegiado do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, a candidata tem o prazo de até 90 (noventa) dias, a contar desta data, para realizar as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação.

Porto Velho, 22 de fevereiro de 2012.


Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Orientador


Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva
Examinador


Profa. Dra. Maria das Graças S. N. Silva
Examinadora

DEDICATÓRIA

Aos narradores, membros da comunidade judaica de Porto Velho, por sua inestimável colaboração, pois sem eles esta pesquisa jamais poderia ser realizada. A todos *shalom e mazal tov*.

AGRADECIMENTOS

Aos narradores, que expõem sua privacidade, sua intimidade ao permitirem que nós adreitassemos na CEJURON, e em seu lar, demonstraram o quão grande é a vontade de permanecer judeu e realizar os ritos judaicos.

Ao professor Josué da Costa Silva, que me acolheu nesta jornada, propiciou-me a liberdade para a realização da pesquisa; sempre solícito a me ouvir e conversar a respeito desta, não mediu esforços para ajudar-me e orientar para que este trabalho pudesse ser concluído. Com nossos diálogos aprendi com ele reflexões e ações que me servirão para minha vida;

Ao professor Alberto Lins Caldas, quem desde a graduação incentivou-me a buscar, conhecer e entender as questões humanas, amigo dileto seus ensinamentos sempre são lembrados;

À Paula Stolerma e Rafaela Reis, foram pessoas que me auxiliaram durante a pesquisa, pois com a pesquisa do PIBIC propiciaram-me suporte para as idas a campo, entrevistas e interpretações.

A professora Maria das Graças e ao professor Adnilson Almeida, sempre com disposição para ajudar-me quando precisei. Tive o prazer de caminhar juntos pela via da pesquisa, minha dileta amizade;

Flavio Nascimento, Cristiane e Quêssia, que trabalham no PPGG auxiliando a todos os mestrados com muita celeridade e sempre solícitos a ajudar a todos;

Ao Eliaquim; por sua amizade e amor, que me foram juntas demonstradas em atitudes que para mim foram deveras preciosas. Várias foram as vezes que você auxiliou-me no percurso desta caminhada, poucos são os seres como você, *nunc et semper*.

Sou grata a todos vocês, pois sei se não tivesse vossa ajuda não teria conseguido, pois uma pesquisa não se faz só, é realizada em conjunto, por isso meus sinceros agradecimentos a cada um de vocês, por fazerem parte do grupo que esteve presente no decorrer da pesquisa.

o dito que já foi.
Muitas ... muitas ... muitas vezes ...
Tristezas ...singularidades ... amores ...alegrias
Saudades ...amigos ...guerras ...
Deuses ...pazes ...inimigos ...
Diabos ...irmãos ...amizades ...
Coisas ...dizeres ...saberes ...plurais ...
Chavões ...choros ...sangues ...terras ...
Risos ...mares ...sois ...rios ...
Luas ... corpos ... desejos ...
tréguas ... santos ... prantos ...
Simplesmente de nós mesmos.

(CUNHA, 2010)

RESUMO

A construção da presente dissertação está substantiada nas vertentes da Geografia Humana e Geografia da Religião, e tem por intuito compreender e evidenciar o lugar dos ritos judaicos praticados em Porto Velho. Este foi exposto pela utilização do método hermenêutico-fenomenológico e da metodologia em Geografia Oral, que tem por cunho a pesquisa participativa deste modo a compreensão permitiu o avanço nas reflexões das leituras e temas que serviram para consolidarem as interpretações referentes a “lugar”, “memória”, “cotidiano”, “migração” e “religião”. Para condução deste trabalho, destacamos Yi-fu Tuan, Eric Dardel, Paul Claval, Caldas, Halbwachs e outros que atuam nas diversas áreas de estudo da Geografia Humana. A compreensão destes possibilitou avanço nas reflexões que possuíam pontos de intersecção dentro da pesquisa, desta maneira construímos um estudo sobre o homem e o “lugar”. A Geografia da Religião foi a base condutora para as interpretações com ela foi possível entender o espaço religioso formado pelas atitudes humanas carregadas de sentimentos e ações dirigidas ao sobrenatural ou ao sagrado, por isso entendemos os signos transmitidos que permanecem com vivacidade por meio da prática ritual realizada em lugar determinado. Foi por meio das experiências expostas que as narrativas foram interpretadas, encontramos a partir das análises realizadas o valor simbólico do lugar onde praticam o rito, as disputas internas, sua organização.

PALAVRA CHAVES: Experiência; Geografia da Religião; Judeus; Lugar.

ABSTRACT

The construction of this thesis is substantiated in the areas of Human Geography and Geography of Religion, and is meant to understand and highlight the place of the Jewish rites practiced in Porto Velho. This was exposed by use of the phenomenological-hermeneutic method and methodology in Oral Geography, which has the stamp of this participatory research to understand how an advance in the reflections of the readings and themes that served to consolidate the interpretations relating to "place" "memory", "daily ", " migration " and " religion ". To conduct this work, we highlight Yi-fu Tuan, Eric Dardel, Paul Claval, Caldas, Halbwachs and others working in various areas of study of Human Geography. The understanding of these reflections that had points of intersection within the research, this way we construct a study of man and the "place". The Geography of Religion was the basis for conducting the interpretations it was possible to understand the religious space formed by human attitudes full of feelings and actions directed to the supernatural or the sacred, so we understand the signs that remain vividly transmitted through ritual practice held in place determined. Was exposed through the experiences that the narratives were interpreted, we find from the analyzes the symbolic, the value of the place where the ritual is practiced, the infighting and its organization.

KEYWORDS: Geography of Religion; Place; Jews; Experience.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

Quadro I: prospecção dos autores.....	36
Quadro II: Livros de Estudos do Judaísmo.....	107
Quadro III: Organização do Tanach – Bíblia Judaica.....	111
Quadro IV: Demonstrativo de Eventos.....	197
Quadro V: Calendário Judaico.....	199
Quadro VI: Os Alimentos Simbólicos.....	219

IMAGENS

Capítulos 1 <i>Shofar</i>	13
Capítulos 2 <i>Hamsah</i>	37
Capítulos 3 <i>Menorah</i>	56
Capítulos 5 <i>Mezuzah</i>	179

ORGANOGRAMA.....	26
------------------	----

FLUXOGRAMA.....	48
-----------------	----

FOTOS

Foto1: Mesa para celebração do <i>Rosh Hashanah</i>	220
Foto2: Alimentos de ritos ashkenazim.....	220

MAPAS

Mapa 1: A diáspora judaica da inquisição – período: 1498.....	89
Mapa 2: A diáspora judaica dos pogroms – período: 1871 – 1906.....	94
Mapa 3: A diáspora judaica da segunda guerra mundial 1937 – 1945.....	98
Mapa 4: A hidrovia do regatão – período: 1810 – 1945.....	101

LISTA DE ABREVIATURA

A.E.C. significa Antes da Era Comum. Usamos esta sigla, e a sigla E.C., pois elas estão presentes em quase todos os textos da história judaica.

AMISRAEL: Associação dos Amigos de Israel

CEJURON: Centro Judaico de Rondônia

E.C. significa Era Comum.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1. O JUDAISMO SOB O OLHAR DA GEOGRAFIA HUMANA	13
1.1 Os Caminhos da Geografia	14
1.2 A Geografia cultural	17
1.3 A Geografia da religião.....	21
2.1 A busca pelo método.....	38
2.2 A Perspectiva Hermenêutica para a Geografia.....	40
2.3 A Perspectiva da Fenomenologia para a Geografia.....	43
2.4 O Percorso Metodológico	48
CAPÍTULO 3. MIGRAÇÕES JUDAICAS.....	56
3.1 De Anfictionia à Reino Unificado	64
3.2 O Início das Diásporas	73
3.3 Judaísmo na Europa.....	75
3.4 Movimentos Ashkenazim e Sefaradim	82
3.5 Os Livros Judaico	104
CAPÍTULO 4. AS EXPERIÊNCIAS NARRADAS.....	113
Narrador I.....	114
Narrador II	131
Narrador III	134
Narrador IV	136
Narrador V	154
Narrador VI.....	163
Narrador VII.....	170
CAPÍTULO 5. EXPERIÊNCIA E LUGAR UMA LEITURA GEOGRÁFICA	179
5.1 O “Nascer” para o judaísmo.....	190
5.2 O Encontro com a comunidade de Porto Velho	193
5.3 Costumes e Ritos Judaicos	198
CONSIDERAÇÕES FINAIS	224
GLOSSÁRIO	230
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	236

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por intuito colaborar para o conhecimento da experiência e do lugar dos ritos judaicos praticados em Porto Velho, por meio de teorias da Geografia.

Primeiramente ao pensarmos como geógrafos, compreendemos e interpretamos as experiências vividas, ditas por meio das narrativas, e encontramos o ponto de intersecção dessas relações constituídas pelos membros da comunidade judaica de Porto Velho. Suas conexões com o lugar onde sua religião é evidenciada.

No decorrer da pesquisa compreendemos o papel da religiosidade judaica pelos indivíduos que fazem parte dessa comunidade, como um dos objetivos proposto no projeto que deu origem a este estudo, outros pontos como as festas, os ritos, a organização do lar, as relações com a sociedade em que estão inseridos, as disputas internas e o que fazem para a continuação da comunidade também foram evidenciados neste trabalho.

Na perspectiva de que a *práxis* judaica em Porto Velho/RO, vem carregada de experiências moldadas pela perpetuação dos ritos. Entendemos que a espacialidade da experiência é virtual e material, logo a “linguagem”, os “gestos” as “ações” que são demonstradas pelos membros dessa comunidade modificam e perpetuam sua cultura e sua religião dentro do espaço vivido, com a necessidade de entendê-los buscamos a base teórica que sustentasse a pesquisa nos auxiliando nas interpretações que foram realizadas.

Tomamos o cuidado ao entendermos as representações religiosas, pois essas nos mostraram a perspectiva internalizada e exteriorizada pelo indivíduo religioso em seu cotidiano. Este ao consagrar-se, exterioriza a prática religiosa de maneira que ela é notada pelo seu falar, seu agir, a *performance* do corpo é ritmada de acordo com sua religião.

Este exteriorizar não fica restrito ao corpo do fiel, ele pode ser sentido no lugar onde habita, no lugar que cultua, no lugar que trabalha, ou seja, os espaços frequentados passam a construir resignificados sob o prisma da cultura e acabam tornando-se extensão do seu corpo, que demonstra seu credo como autoafirmação e confirmação diante dos outros.

Esta dissertação encontra-se estruturada em cinco capítulos elaborados de maneira a evidenciar a espacialidade da experiência vivida pelos membros da comunidade judaica de Porto Velho.

Na abertura de cada capítulo há uma ilustração que possui valor simbólico para o judaísmo e logo abaixo desta há uma oração retirada do folder memorial elaborado pelo rabino Salomon Manelaz'l, na tradução de cada oração a palavra “Deus” está escrita conforme uso judaico, optamos por deixá-la desta maneira, para fazer distinção quando a palavra “D'us” aparecer com apostofre e sem a vogal “e” é uma indicação direta de como os judeus a usam, isto ocorrerá em citações e nas narrativas. Outra ressalva importante é de quando nós fizermos referência a *lahweh*, usaremos a palavra “Deus” entre aspas para nossas interpretações.

O primeiro capítulo é referente à teoria, nele evidenciamos os percursos que nos conduziram a entender a Geografia como fonte de pesquisa das experiências humanas no espaço e lugar, com o uso de teóricos que nos embasaram diante nossas reflexões. A imagem deste capítulo é de alguns instrumentos que são denominados de *shofar*, estes são tocados em ocasiões muito especiais pelos judeus, devido à particularidade do seu som. Ele só deve ser usado simbolicamente para a lembrança de que *lahweh* está com o povo judeu, e com isso incentiva-os, dando-lhes força quando estão em alguma batalha.

Por nossa base teórica ser de extrema importância, e foi por meio dela que fizemos as interpretações na categoria de análise geográfica de “lugar”, o valor simbólico do *shofar* nos serviu bem. Nesse capítulo evidenciamos um dos percursos realizado pela Geografia da Religião para propiciar a interpretação da espacialidade religiosa do homem em seu lugar de vivência.

O capítulo dois é referente ao método hermenêutico-fenomenológico e à metodologia de pontuação em Geografia Oral utilizada na pesquisa. A imagem na abertura deste, é de uma *Hamsa* com desenhos de *dna*, nos dedos e ao fundo da imagem há ilustrações de judeus dentro de uma sinagoga. Ela tanto é usada individualmente como pingente em um colar, como também coletivamente quando colocada como ornamento em uma casa. Para os judeus a *Hamsa* simboliza a presença de “Deus” sobre a vida de quem a usa. Quando colocada no lar indica proteção para quem adentrar nele.

O método e a metodologia foram aplicados em toda estrutura da pesquisa, com a combinação entre a hermenêutica-fenomenológica e a Geografia Oral

entendemos e evidenciamos as especificidades que a comunidade judaica de Porto Velho possui. A metodologia também propiciou-nos o alicerçamento dos teóricos que nos respaldaram no decorrer deste trabalho, para ao chegarmos no capítulo que corresponde a leituras interpretativas entendemos as experiências construídas no lugar, e ao interpreta-las fizemos considerações pertinentes à comunidade e aos estudos realizados para entendimento da religião judaica.

O capítulo três é referente à criação e aos percursos migratórios realizados pelos judeus. A imagem de abertura é de uma réplica da *Menorah*. Ela é um antigo símbolo judaico, é um candelabro onde há 07 lumes de lâmpadas, uma haste central e 03 braços que saem de cada lado, este foi levado pelo Império Romano em 76 E. C., como o significado da observância aos preceitos do judaísmo, e também a lembrança da aliança de “Deus” com este povo. Essa imagem, neste capítulo, reporta-se à lembrança e uma exposição de alguns fatos que foram de suma importância para que o judaísmo fosse disseminado em diversos países.

Contudo, restringimos os fatos históricos que caracterizasse a migração judaica para os territórios que hoje fazem parte do continente americano. Escolhemos pontos que esclarecessem a permanência e a consolidação da religião judaica dentro de um contexto macro, condizente com sua origem e sua dispersão pelo Oriente e Ocidente. Logo após, conduzimos as dispersões judaicas para nosso contexto de pesquisa, que é a comunidade judaica de Porto Velho. Deste modo, conseguimos entender as especificidades deste judaísmo expressado neste lugar.

O capítulo quatro é referente às narrativas, essas foram num total de nove. Contudo, utilizamos apenas sete por sentirmos que seriam apropriadas nesta ocasião, pois estes narradores expõem suas experiências de modo, que nos possibilitou evidenciar em sua narrativa as disparidades existentes na comunidade, e desta maneira entendemos as questões, com isso as interpretações das experiências que foram narradas.

Neste capítulo não colocamos nenhuma imagem, por entendermos que as narrativas em si manifestam a religiosidade judaica. Ora como seguimos a proposta da Geografia Oral para confecção da entrevista, deixamos o que foi narrado com a temporalidade do que foi falado, o que fizemos foi termos a cautela para que no momento da entrevista o narrador não fosse influenciado a responder o que queríamos. Seguimos com rigor a metodologia proposta no capítulo dois, o que capacitou a expor as interpretações, considerando as teorias, o método, as

narrativas e o que foi observado na trajetória das idas à campo foram exposto no capítulo cinco. Pois são as experiências vividas pelo judeu, a externalização de sua fé, a maneira que cada um enxerga o outro é que foram observadas nesta trajetória e com convicção serviram para as interpretações que fizemos.

No capítulo cinco foram realizadas as interpretações, evidenciamos o resultado encontrado na pesquisa, de modo que realmente ela fosse “a experiência vivida no lugar Porto Velho”, trabalhamos a interpretação das entrevistas embasados nas teorias estudadas. Nele também há nossa vivência no decorrer da pesquisa, pois foi possível realizar as análises seguindo o método, a metodologia e a teoria, ou seja a maneira como nos comportamos no campo de pesquisa, como nos portamos com os entrevistados, e como entendemos as leituras realizadas.

A imagem que utilizamos neste capítulo é a de uma *mezuzah*. Esta é uma caixa bem pequena, tem a forma retangular ou cilíndrica, pode ser feita de madeira, metal ou acrílico. Colocada no umbral direito da porta, do lar, da sinagoga ou do comércio indica a presença do “Deus” naquele lugar, dentro da *mezuzah* é colocado um versículo da *Torah*.

Nós a usamos, para indicar a presença do rigor metodológico e do uso da teoria, na leitura realizada das fontes bibliográficas e na interpretação das narrativas. E, relatando também nossa experiência em campo, participando das reuniões e conhecendo cada vez mais a cultura e a religião judaica presente em Porto Velho. Neste capítulo evidenciamos a construção das experiências produzidas no lugar, e conseguimos entender por quais motivos ainda, hoje, não construíram sinagogas em Porto Velho, pois realizam as celebrações ritualísticas em seus lares ou no CEJURON.

O texto continua após esse capítulo, com a consideração final da pesquisa, em que escrevemos nossos argumentos finais. Logo em seguida apresentamos um glossário, expondo algumas palavras e termos usados de difícil compreensão, por estarem em outro idioma.

CAPÍTULO 1. O judaísmo sob o olhar da Geografia Humana



<http://mesillatyesharim.blogspot.com/2007/09/o-toque.html>

Baruch atá Adonai Elohênu Mélech haolám, shehacol nihia bidvaró.

Bendito és Tu, Adonai nosso D'us, Rei do universo, por cuja palavra tudo veio a existir (Rabino Salomon Manelaz'l).

1.1 Os Caminhos da Geografia

As mudanças filosóficas advindas de questionamentos e posições tomadas em primeiro lugar, no interior dos indivíduos, demonstram que as transformações e inovações surgem do amadurecimento das ideias de alguns ou até mesmo de um indivíduo, a ideia pode torna-se grandiosa, chegando algumas vezes a influenciar sociedades. Podemos tomar como exemplo Humboldt, observado a partir da leitura em Capel (1988). Humboldt afirmava a necessidade de enlaçar o estudo da natureza física com a natureza moral. Percebendo essa necessidade ele, se insere em um amplo projeto de investigação, ligado aos estudos que propiciaram a revolução da ciência geográfica diante à comunidade científica a partir da revolução do século XVIII¹.

A partir de então, buscou-se a sistematização do estudo geográfico em Capel (1988), observamos que Ritter introduz a noção de estrutura espacial na geografia, com isso passa a sistematizar o estudo da ciência geográfica, percebendo as formas geométricas e sua relação com as formas espaciais. Todavia Ritter concebia o mundo organizado por um princípio e finalidade de expressão divina. Ele era movido por sua fé, tentava com seu conhecimento conceituar e sistematizar o estudo do espaço que ele considerava criado por “Deus” (cristão). O objetivo de Ritter era o de reunir e elaborar a massa de materiais que seus predecessores deixaram, e dessa maneira houvesse a sistematização dos estudos geográficos. Contudo, ele não consegue elaborar um método para o estudo geográfico.

Com o passar do tempo alguns geógrafos tentam romper o vínculo exclusivo do estudo geográfico, este realizado exclusivamente dos elementos que compõe a Terra. Dessa maneira deu-se início a busca de uma nova Geografia que pudesse dar conta do homem interagindo e experienciando o lugar vivido. Dentre os geógrafos que trabalham com a nova abordagem geográfica encontramos obras como as de: Paul Claval, Capel, Castro, Lobato Corrêa, Amorim Filho e Gomes, entre outros, que nos proporcionam uma historicização dos percursos traçados para o crescimento da análise geográfica, e também motivaram pesquisas a respeito das atitudes humanas no espaço, e de seus significantes e significados.

¹ Revolução francesa, que ficou caracterizada com a ascensão burguesa ao poder e com a participação de toda população que vivia na miséria na França.

Ao entendermos os diversos caminhos percorridos pela Geografia Humana até sua consolidação e, que durante o percurso o geógrafo sentiu necessidade cada vez maior de compreender o humano. E, foi ao buscar nesse momento uma nova forma de entender os aspectos que norteavam a vontade do homem, ou seja, aspectos que lhes davam direção, motivos, impulsionam sentimentos ou estimulam a busca de significados do que está à sua volta, ora o estudioso na ciência geográfica aperfeiçoaram o método, a teoria e a técnica para que sua aplicação pudesse sempre ficar melhor.

Capel observa que a Geografia Humanista tinha como objetivo “*una mejor comprensión del hombre y de su condición*”, dessa maneira a geografia devia “*se distancia de las ciencias de la Tierra*” (1988: p. 443). Pois, ao propor como objetivo uma melhor compreensão do homem e de sua condição enquanto ser que altera o lugar onde habita e algumas vezes modifica seu modo de vida de acordo com o lugar vivido é que a Geografia Humana conseguiu aos poucos distinguir-se das ciências físicas que delimitam suas análises em dados factuais, com cálculos sem levar em conta a dinâmica do sentimento e da vontade do homem enquanto ser social que molda seu lugar em conciliação com suas posses.

Diante da concepção de antropogeografia desenvolvida por Ratzel (1882-1891) a Geografia ganha nova percepção, pois percorre um novo caminho ao dar ênfase a uma nova disciplina que propicia os valores humanos, pois estes até aquele momento não faziam parte de suas interpretações. Com a concepção de Ratzel passa-se a descrever as áreas onde vivem os homens, e mapea-las com mais minuciosidade; outro ponto é o estabelecimento das causas geográficas para que os homens se dispersassem na superfície da Terra e também a defini-se a influência da natureza sobre o corpo e o espírito dos homens. Sabemos que estes princípios que nortearam a concepção de Ratzel não foram aprofundados por ele, porém a partir de sua leitura começou-se a questionar mais sobre a ação humana.

Com a formulação da Antropogeografia, Ratzel observou atributos, que acompanham a existência dos povos, que são a “essência” e a “mobilidade”. Em seus estudos ele evidenciou que, cada povo domina diversas técnicas necessárias, para que aconteça adaptação ao meio em que vivem, e para o desenvolvimento necessário e continuação da sociedade, de acordo com Corrêa:

Ratzel desenvolve assim dois conceitos fundamentais em sua antropogeografia. Trata-se do conceito de *território* e de *espaço vital*, ambos com fortes raízes na ecologia. O primeiro vincula-se a apropriação de uma porção do espaço por um determinado grupo, enquanto o segundo expressa as necessidades territoriais de uma sociedade em função de seu desenvolvimento tecnológico, do total de população e dos recursos naturais (CORRÊA: 1995, p.18. Grifos nossos).

Ora em nossa pesquisa com a comunidade judaica notamos os dois atributos apontados por Ratzel. Com as diversas migrações realizadas pelo povo judeu percebemos a mobilidade, e com as técnicas usadas para que pudessem sobreviver e crescer no meio de outros povos demonstrando sua eficácia para continuidade de sua sociedade. Ficou evidenciado o atributo da essência, pois por mais que fossem de um território para outro não deixaram de ser judeus. Outro ponto de influência de Ratzel foi a necessidade do estudo que fosse voltado para o entendimento da cultura, nas palavras de Claval:

A geografia concebida por Ratzel atribui um lugar importante aos fatos de cultura, porque se vincula aos meios de aproveitamento do ambiente e àqueles estabelecidos para facilitar os deslocamentos. Mas esta cultura é sobretudo analisada sob os aspectos materiais, como um conjunto de artefatos utilizados pelos homens em sua relação com o espaço. As ideias que a subentendem e a linguagem que a exprimem não são mais evocadas (CLAVAL: 2001, p.22).

Em seus estudos, Ratzel (1990) observou a presença do homem dentro do espaço, conceituando desta maneira Território e Estado, também notou a necessidade da busca do conhecimento de uma antropogeografia que poderia estudar as atitudes humanas dentro do seu território.

Todavia o lugar para Ratzel não é íntimo, é variado, amplo e delimitado por poder do governante. Ele considerou o território como lugar. Porém, o território não é o lugar onde o homem demonstra seu afeto, o lugar é aquele que é experienciado pela comunidade como agrupamento micro, e este inserido em uma sociedade de estrutura maior.

No contexto territorial é muito complexo identificarmos as especificidades variadas que possuem os diversos tipos de habitantes que estão inseridos no território. Por isso, neste trabalho consideramos o “lugar”, aquele onde o judeu comunga suas experiências, este é o “lugar” onde a religiosidade é evidenciada com testemunho do que o indivíduo acredita. Pois, o judeu ao adentrar no território de

outros, fez dentro deste seu lugar de trabalho e de morada, uma parte sua, onde seus anseios são refletidos, ou seja, o lugar é um ponto menor que o território.

1.2 A Geografia cultural

Os percursos realizados pela ciência geográfica tiveram a presença de grandes estudiosos que aprimoraram as pesquisas, o método e o objeto do estudo geográfico, que possibilitaram o entendimento da categoria “lugar,” onde o homem sente-se seguro, pode fortalecer seus laços de intimidade com as pessoas mais próximas e praticar sua religiosidade. Por isso nossa pesquisa visa compreender e evidenciar a espacialidade e o lugar que os membros da comunidade judaica de Porto Velho praticam sua religiosidade.

Com o decorrer dos estudos, assim como Ratzel, La Blache (1888), estudou os diversos conjuntos que formam a cultura humana. Desde as ferramentas até os utensílios fabricados pelo homem, para modificar seu *habitat*. La Blache alterou minimamente os estudos já realizados por Ratzel. Com os seus conhecimentos, ocorreram avanços significativos nas pesquisas referentes ao homem e a Geografia.

Para La Blache, o que as pessoas possuem para produzir e modificar o espaço é o questionamento principal a ser abordado em suas obras. Ele vincula a maneira pela qual os grupos humanos modelam o espaço em que vivem. É o trabalho humano, que o autor coloca como paisagem cultural, o homem moldando seu espaço. Contudo, ele dá ênfase ao estudo das técnicas humanas usadas para construção das diferentes civilizações, desse modo conduz a uma reflexão social dos diversos modos que o indivíduo pode modelar a paisagem em que vive.

Ora a cultura pertinente para ele é aquela que se aprende por meio dos instrumentos, que as sociedades utilizam e das paisagens que o modelam. Vemos em Capel (1988), que La Blache, introduz o conceito de gênero de vida, onde o uso das ferramentas para transformação e manutenção da cultura humana são evidenciadas nas cidades. Esses são os espaços moldados pelo homem, em que cada objeto tem sua função determinada de acordo com a necessidade do homem.

A organização social entendida por La Blache, como ponto fundamental da pesquisa geográfica exclui a potencialidade de comunidades que estão unidas pela

necessidade de sentirem-se confortáveis em criarem ou deixarem de criar, ou fazer algo, ou alguma coisa por sua vontade. Para ele todos deveriam possuir função determinada e cumpri-la. Ao evidenciar o caminho percorrido por La Blache, compreendemos a questão da funcionalidade dos utensílios e ferramentas utilizados pelo homem, contudo ele não levou em conta que o indivíduo ao utilizar as ferramentas pode descobrir novas funções para ela, atribuindo-lhe novos significados.

Os homens são propícios a mudanças, é difícil permanecer do começo ao fim da vida com a mesma função individual ou social. Um exemplo disso são os judeus, em cada lugar ocupado por eles, a cultura do lugar era abarcada desde que, o princípio do judaísmo não fosse corrompido, esse apreendizado era feito para que eles pudessem sobreviver da melhor maneira possível dentro do lugar que escolheram para viver. Dessa maneira entendemos que as teorias propostas por Ratzel e La Blache estão voltadas, para a coisificação dos indivíduos, e não para, o porquê os indivíduos são impulsionados a possuírem algo, ou a cometerem alguma ação.

Na esfera de ação da pesquisa geográfica, as mudanças que foram surgindo desenvolveram estudos para o que ficou conhecido como a escola americana de Berkeley, termos como “paisagem cultural”, “ecologia cultural”, “área cultural”, foi desenvolvido por Sauer (1920-1970), que compreendia cultura, como sendo as marcas produzidas pelos homens na paisagem, a partir de técnicas e motivações econômicas.

Contudo, Sauer não consegue ir além da existência humana voltada para o equilíbrio ecológico e uso das ferramentas. Ele não ultrapassa as funções materiais biológicas, não consegue ver o fator simbólico que a existência humana impõem a tudo que está ao seu entorno.

Foi com a publicação do livro *L'Homme e la Terre*, em 1952, que Dardel, impulsionou o estudo do simbólico pela Geografia, para ele a pesquisa que envolvesse o homem poderia ser aprimorada com a fenomenologia, pois as atitudes dos homens ultrapassam o meio físico, ou ambiente em que vivem. Cada conduta humana advém de valores intrínsecos a cada um, que são formados pela sociedade em que vivem, nas palavras de Dardel²:

² Sua primeira edição foi em 1952, contudo utilizamos a edição atual de 2011.

A geografia não designa uma concepção indiferente ou isolada, ela só trata do que me importa ou do que me interessa no mais alto grau: minha inquietação, minha preocupação, meu bem estar, meus projetos, minhas ligações. A realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai sua presença. Terras que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale, ou a sua rua, o seu bairro, seus deslocamentos cotidianos através da cidade. A realidade geográfica exige, às vezes duramente, o trabalho e o sofrimento dos homens. Ela o restringe e o aprisiona, o ata à “gleba”, horizonte estreito imposto pela vida ou pela sociedade a seus gestos e a seus pensamentos. A cor, o modelado, os odores do solo, arranjo vegetal se misturam com as lembranças, com todos os estados afetivos, com as ideias, mesmo com aquelas que acreditamos serem as mais independentes (DARDEL: 2011, p. 34).

A obra de Dardel durante muito tempo ficou olvida, sem seguidores para darem continuidade ao seu estudo a respeito das sensações humana dentro do espaço vivido demoraram um pouco mais para terem repercussão, contudo com o avanço do estudo geográfico sua obra foi lembrada e constatada como uma das pioneiras a referir-se ao estudo da Geografia buscando compreender o homem por meio da fenomenologia. Observamos também que para Dardel,

o espaço geográfico não é um espaço em branco esperando para ser colorido ou preenchido. A ciência geográfica pressupõe um mundo que pode ser entendido geograficamente e, também, que o homem possa sentir e conhecer a si como sendo ligado a Terra (Dardel: 2011, p. 42).

É dentro do ambiente vivido e sentido que o homem manifesta sua crença, seus desejos enfim suas emoções.

Com a publicação da obra de Frémont *La Région, Espace Vécu* em 1976, iniciou-se outra ideia, para ele o espaço onde o homem consolida suas relações com os outros, é visto por meio de duas formas, a primeira refere-se a como as pessoas exprimem seus desejos e a segunda como se dá a consciência espacial adquirida com a experiência nos lugares habitados. Ele percebe nas relações que os indivíduos mantêm entre si na cidade diversas experiências, tais como, econômica, educacional, alimentícia, dentre outras. Contudo ele tratou da espacialidade das relações humanas e não do lugar das relações humanas.

O conceito de “lugar” como categoria de análise geográfica já havia sido desenvolvido, e passou a ser trabalhado por alguns geógrafos de maneira a ser evidenciado pelo valor simbólico que é produzido pelo homem nele.

Os questionamentos propostos até então pela Geografia Cultural demonstravam o interesse maior pelos objetos e utensílios usados pelos homens, para explorar, modificar e organizar a paisagem do seu *habitat*. Desse modo, com o avanço tecnológico e a modernização do século XX, a maior parte dos estudos em Geografia toma um novo rumo, este evidenciado nas pesquisas quantitativas e da área da Geografia física. O pensamento naquele momento era de que a Geografia deveria caminhar com as outras “ciências” e expor leis universais, por isso voltaram suas pesquisas, para o entendimento da ação humana com a tecnologia e o ambiente, deixando apática a compreensão do “porque” da ação humana “o que” conduzia o homem a agir de determinada maneira.

A partir da década de 1970 que as pesquisas em Geografia Cultural passaram por mudanças significativas, tendo como abordagem cultural a motivação de entender a experiência dos homens no meio ambiente social, compreender a significação, que estes impõem ao meio, e qual sentido percebido e concebido da vida humana.

Essas questões só poderiam ser observadas e analisadas a partir de pesquisas elaboradas e realizadas minuciosamente. Ao observar o trabalho realizado por Clifford Geertz (1973), com a proposta da “descrição densa” buscou não só descrever, mas também interpretar a descrição, seja da materialidade, ou da subjetividade do valor simbólico atribuído a cada objeto ou posição social do povo pesquisado. Geertz despertou em alguns geógrafos à reflexão e aprimoramento de suas pesquisas em Geografia Cultural, visto que:

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. [...] o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície (GEERTZ: 1989, p. 04).

Para Geertz, toda ciência que empenhou-se para a compreensão das atitudes humanas teve que realizar interpretações que buscassem o significado das experiências vividas pelo sujeito, mesmo que essas ações sejam fenômenos enigmáticos, elas devem ser investigadas. As adaptações realizadas pelos judeus fazendo de acordo com o lugar em que estão teias para perpetuação do que acreditam.

Foi a partir de meados do século XX que ficou evidente o amadurecimento das pesquisas em Geografia Cultural e a Geografia consolidou também seu olhar sob a Religião. Os geógrafos passaram a pesquisar a experiência religiosa como valorização das atitudes humanas advindas de seu credo no lugar em que vivem.

A nova perspectiva da Geografia Cultural passou a interpretar com maior intensidade a complexidade de cada sociedade. Ela, a cultura, possui variáveis diferentes de sociedade para sociedade, conforme expõe Claval cultura é:

a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante sua vida e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. *A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam. Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo.* A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio. [...] O conteúdo de cada cultura é original, mas alguns componentes essenciais estão sempre presentes. Os membros de uma civilização compartilham códigos de comunicação. Seus hábitos cotidianos são similares. Eles têm em comum um estoque de técnicas de produção e de procedimentos de regulação social que asseguram a sobrevivência e a reprodução do grupo. Eles aderem aos mesmos valores, justificados por uma filosofia, uma ideologia ou uma religião compartilhadas (CLAVAL: 2001, p. 63. Grifos nossos).

Na contemporaneidade com os estudos da Geografia Cultural evidenciamos, compreendemos e interpretamos a ação humana no espaço, no lugar em que o indivíduo escolheu para habitar, trabalhar, interagir com seus semelhantes. Os valores atribuídos às ações humanas, ou seja, as representações fenomenológicas e as modificações no espaço vivido passam a ser elementos delimitadores para o objetivo e compreensão da Geografia Humanista.

1.3 A Geografia da religião

Em 1948, Deffontaines, publica a obra *Geographie et Religion* (geografia e religião), ele observa a influência da religião no ritmo de vida das sociedades, destaca o uso do calendário para indicar as festas religiosas e laicas, relatou

algumas diferenças. Contudo ele não interpretou as atitudes comportamentais do homem e nem conseguiu desse modo, ir além das propostas científicas de sua época, e não busca entender as subjetividades, que existem “dentro” do homem, e que influencia seu cotidiano.

Foi a partir da abordagem cultural que ficou evidenciado a existência da categoria espaço sagrado, que se diferencia do laico e do profano, em seus valores simbólicos.

Claval (2008) ao levar em conta a experiência diferenciadora do espaço sagrado, demonstrou que:

Um espaço sagrado difere do espaço profano porque tem uma carga emotiva muito forte: ele aparece ao mesmo tempo como muito atrativo e ameaçador, porque está marcado pela presença da divindade ou de forças sobrenaturais. No coração do espaço sagrado existe muitas vezes uma zona tão perigosa que os sacerdotes a podem visitar. [...] A vivência religiosa não se resume ao sentido do sagrado. Ela também integra o recolhimento, a meditação, a oração, a comunhão através do canto ou da dança, o êxtase. Cada categoria de experiência religiosa é ligada a momentos e lugares específicos. Deste modo, os geógrafos penetram na vida religiosa; a estudam do interior. Eles percebem o sofrimento dos fiéis e a sua esperança de um futuro melhor – nesse mundo, ou no outro mundo. [...] A geografia começou a falar do futuro de uma maneira diferente. Em vez de analisá-lo segundo perspectiva da utilidade e do proveito, ela o explora em termos de ética, de pecado e de redenção. Ela descobre o papel da ideia de um outro mundo, ou de uma utopia, para dar um sentido à existência humana (CLAVAl: 2008, p. 21. Grifos nossos).

A partir do momento que os geógrafos entenderam a necessidade de pesquisar a experiência religiosa como uma perspectiva de análise para compreensão da ação do homem no mundo, o fortalecimento da Geografia da Religião tornou-se inevitável.

No contexto atual, Gil Filho (2008a) trabalha na Geografia da Religião, os sentidos e os significados das emoções demonstradas pelo fiel. Pois ao estruturar sua vida, seu espaço e seu lugar de morada o fiel demonstra aos demais membros da comunidade que tem acesso a ele sua fé, seu credo, sua religião. As marcas deixadas no homem, no lugar, e na sociedade por sua religiosidade são estudadas pela Geografia da Religião para que haja compreensão desse *homo symbolicus*, que impõem significado aos elementos que fazem parte de sua vida. Entendemos que,

nós como seres humanos damos significado e buscamos sentido para tudo que fazemos, conforme o autor demonstra:

o espaço sagrado permite um esquema no qual os diversos elementos religiosos podem ser postos em relações mútuas. Há por assim dizer, a espacialização daquilo que não é de natureza espacialmente qualitativas. Disso compreendemos que o espaço sagrado é estrutural, pois o homem religioso define suas hierarquias qualificativas reveladoras de suas práticas religiosas, ao passo que o profano é apenas funcional. [...] Na espacialidade das representações simbólicas, o espaço sagrado é apresentado no plano da linguagem, na medida em que as percepções religiosas são conformadas a partir da sensibilidade das formas tempo e espaço. Nesse sentido, as coisas religiosas da expressão empírica são configuradas como formas da intuição explicitadas em um processo de desenvolvimento rumo as representações. Trata-se, portanto, da saída do mundo das sensações e da entrada no mundo da intuição, que, pelo espaço, tempo e número, compõe a síntese lógica da linguagem (GIL FILHO: 2008a, p.72-73).

Em cada ser humano a religião impõem sensações e sentimentos únicos e múltiplos. São cargas de fenômenos emocionais que estão presentes no decorrer da vida dos indivíduos. São emoções que vêm a tona de acordo com a fé de cada um. O significado dado fica evidente a partir do sentimento que é aflorado, e das manifestações que são exteriorizadas, quando o fiel está na esfera do espaço sagrado, nesse momento a religião é sentida interna (sentimentos) e externamente (gestos, vocalização).

Observamos o exemplo dos judeus que frequentam o CEJURON³ em Porto Velho, quando estão orando e entoando salmos, sua religião é sentida internamente e externalizada por meio dos cânticos e das orações, o momento de intensa comunicação com seu “Deus” se dá nos gestos do corpo, através da fala. Após esse contato com o sagrado a expressão de êxtase e revigoramento são percebidas no rosto de cada um.

Com a sensação inebriante de que os sentimentos gerados no âmbito do sagrado serão sentidos cada vez mais intensamente o homem externaliza atitudes. Condutas que possa conduzi-lo de volta a sentir a presença do seu “Deus”, de acordo com Gil Filho:

a natureza humana é considerada sob o aspecto funcional e esse pressuposto de definição de homem coloca de lado a premissa da essência metafísica e o instinto inato. Como teoria do homem, o

³ Centro Judaico de Rondônia.

autor afirma que as atividades humanas são o que define o devir da humanidade, de modo que a linguagem, o mito e a religião são essenciais a esse propósito. [...] A partir desse argumento do autor, cada vez mais o homem afasta-se do universo dos fatos e aproxima-se do universo simbólico. Esse homem, enquanto ser simbólico, passa a reconhecer o mundo pelos seus significados. Dessa forma, podemos identificar quatro meios de articulação do processo de significação e ressignificação do mundo: a linguagem, as artes, os mitos e a religião (GIL FILHO: 2008a, p.67).

Nosso papel como geógrafos é entender a dinâmica das relações do indivíduo (homem), na sua organização cultural, religiosa e familiar. Entender também como essas escolhas influenciam a organização da sociedade em que estão inseridos. Como essas micros relações moldam, modificam, ou consolidam as macro relações, ou seja, como as relações simbólicas de determinada comunidade são externalizadas na sociedade que fazem parte.

O estudo da religião, por exemplo, que muitos aceitariam como sendo nitidamente de geografia cultural, não o é assim necessariamente. Assim, o estudo da distribuição espacial dos templos de uma dada religião insere-se em uma perspectiva locacional, ainda que possa ser extremamente útil para a geografia cultural renovada. Mas pode se inserir também na perspectiva da geografia cultural saueriana, como, de fato, foi analisada. Na perspectiva da geografia cultural renovada o estudo da religião deve estar centrado na espacialidade do sagrado, impondo ao geógrafo o conhecimento dos preceitos da religião em estudo (CORRÊA: 2010, p. 4).

Foi devido à abordagem da Geografia Cultural e Geografia da Religião que tornou-se possível o estudo de temas como “Judeus”, “Oralidade” “Memória” unidos com as categorias de análise geográficas de “Espaço” e “Lugar”, com auxílio do método hermenêutico-fenomenológico que propiciaram conhecimento do lugar experienciado, estes usados para condução do estudo.

O crescimento nas pesquisas em Geografia da Religião vem possibilitando novas perspectivas no desenvolvimento das pesquisas geográficas, que nos propiciaram conhecimento de diversos ângulos. A Geografia da Religião tem por base teorias e metodologias que possibilitam a pesquisa em uma comunidade, que se une por identificação religiosa. Destarte, nossa estrutura de pesquisa está vincula-se diretamente a teorias da pesquisa geográfica, que nos possibilitaram a condicionar nossos estudos referentes ao simbólico vivido pela comunidade judaica de Porto Velho em seus ritos, no lar e no CEJURON.

Ao discutir em suas obras a experiência do ser humano relacionada diretamente a concepção geográfica Gil Filho (2005; 2008a; 2008b; 2009 e 2010), demonstra a necessidade do uso da Geografia da Religião, entendendo como ela é necessária para que, o geógrafo busque compreender as relações e contínuas mudanças realizadas pelo homem.

Este como ser simbólico participante ou não de uma religião, para entendimento deste homem utilizamos o conceito de religião proposto por Durkheim:

uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem. Segundo elemento que aparece na nossa definição não é menos essencial que o primeiro; pois, mostrando que a ideia de religião é inseparável da ideia de igreja, faz pressentir que a religião deve ser coisa eminentemente coletiva (DURKHEIM: 1989, p. 79).

A integração religiosa é quase sempre direcionada a um lugar específico, pois o lugar é um dos elementos necessários para que haja comunhão entre a comunidade e o indivíduo com o sobrenatural ou com a divindade.

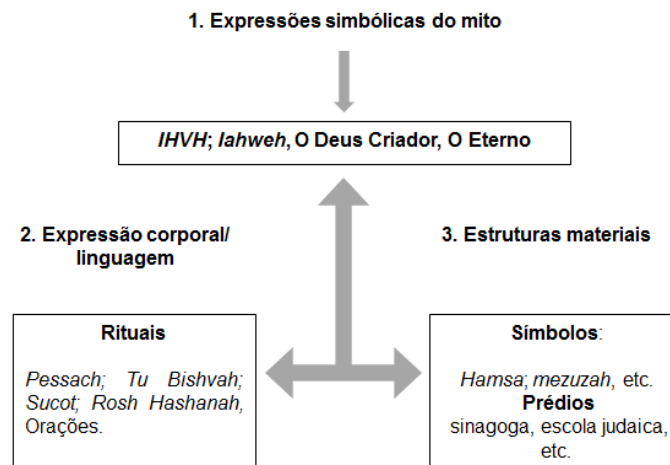
Na contemporaneidade com a nova perspectiva da Geografia da Religião as interpretações são realizadas com maior intensidade diante das complexidades existentes em cada sociedade. Dessa maneira, evidenciamos “o sistema de símbolos que atuam para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através de formulação de conceitos de uma ordem de existência geral” (GEERTZ: 1989, p.67).

Deste modo, entendemos que as religiões a serem estudadas pela Geografia vão além das institucionalizadas, o conhecimento experiencial percorre todas as religiões, por serem formadas por homens e mulheres, que dispõe de sua vida de acordo com sua fé. Logo, como indica GIL FILHO (2008a) tanto as religiões herméticas, as institucionalizadas ou não institucionalizadas, necessitam da abordagem geográfica para que, haja o entendimento de como se dá sua organização espacial, como são instituídas suas hierarquias e de que maneira seus valores simbólicos são vivenciados pelos fiéis.

Os conhecimentos dos signos e significados que cada religião transmite ao seu séquito faz-se necessário para que, nós como geógrafos, possamos compreender o ponto de intersecção do simbólico em suas espacialidades. Para Gil Filho:

A espacialidade das expressões religiosas é a dimensão onde o espaço se apresenta na sua dinâmica imediata, é o contexto das práticas religiosas no cotidiano. Sendo um mundo de expressões, é perceptivo e intuitivo, sua forma simbólica é o mito. O *mito por sua vez apresenta-se como uma estrutura da realidade*, cuja matriz não é propriamente a materialidade nem a adjetivação imediata das coisas. [...] todas as configurações do mito apresentam uma fluidez e migram de uma aparência para outra de modo que transcende os princípios de identidade. [...] (ii) *A espacialidade das representações simbólicas é onde o espaço sagrado é expresso pela forma simbólica da linguagem, na medida em que as percepções religiosas são modeladas através da sensibilidade no tempo e no espaço.* [...] Assim, o espaço sagrado é reconhecido como representação do mundo fenomenal que, através da linguagem, adquire noção universal. Trata-se de um espaço de representação das religiões. (iii) A espacialidade do pensamento religioso, cuja forma simbólica é o sagrado *per si*, se apresenta como uma dimensão sintética da espacialidade das expressões religiosas e a espacialidade das representações simbólicas (GIL FILHO: 2008b, p.145-146. Grifos nossos).

Ao configurar as espacialidades a partir do sistema cassireriano Gil Filho (2008a; 2009), chama atenção para o reconhecimento da importância dos significados impostos por cada elemento que é utilizado para que o mito possa permanecer vivo e interagir na sociedade em que está inserido. No primeiro ponto ele trata das expressões simbólicas do mito, que é evidenciado de acordo com a sociedade que pertence. No segundo ponto a forma simbólica é transmitida através da linguagem, ou seja, a fala e a expressão corporal. O terceiro ponto trata-se da estrutura criada para que as representações possam ser ensinadas e compreendidas por outros indivíduos. Evidenciamos essas estruturas no organograma abaixo:



Para que haja apreensão dos significados entendemos a estrutura religiosa, a constituição e a organização que a norteia. Nos aprofundamos na interpretação dos significados para evidenciarmos mais minuciosamente, dessa maneira foi possível uma interpretação do fenômeno religioso, como concebe Cassirer:

O homem só vive com as coisas na medida em que vive nestas configurações, ele abre a realidade para si mesmo e por sua vez se abre para ela, quando introduz a si próprio e o mundo neste *medium* dútil, no qual os dois mundos não só se tocam, mas também se interpenetram. [...] A função do ver, esse despontar da luz espiritual, nunca pode, na verdade, derivar realisticamente das próprias coisas, nem pode ser compreendida a partir do que foi visto. Pois não se trata daquilo que aqui é entrevisto, mas da própria direção original da vista. Se entendermos o problema sob este ângulo, não parece que estejamos nos aproximando de fato da solução, mas apenas nos afastando, mais do que nunca, de qualquer possibilidade de resolvê-lo. Pois agora, a linguagem, a arte e a mitologia se nos afiguram como autênticos protofenômenos do espírito, que podem, na verdade, ser apresentados como tais, mas não “explicados”, isto é, reportados a algo que não eles (CASSIRER: 2006, p.24-25).

Ora a explicação de Cassirer para caracterizar a linguagem como primeiro fenômeno do espírito realizada pelo homem para indicação mitológica de sua adoração ao seu “Deus”, é consolidada pela necessidade do homem de verbalização, de expressar-se por meio da fala e do corpo para realização de sua adoração ao sobrenatural.

A sensação de conseguir vencer os obstáculos pelo favor concebido por seu “Deus” envolve o homem tomando-o de tamanha esperança, que ao acreditar, ele age envolto da aura de poder sobrenatural. Esse protofenômeno que transcende no homem é criado através do conhecimento simbólico da deidade.

Entendemos que a crença ajuda o indivíduo a suportar diversas situações, seja ela material ou imaterial. Por material compreendemos as perdas móveis (para os judeus a inquisição, pogroms e holocausto) que levam muitos indivíduos a procurar ajuda sobrenatural para conquistarem, para recuperar ou aumentar seus bens. E, por imaterial englobamos toda forma emocional, que conduz o indivíduo a buscar ajuda para suportar a dor, a solidão, as incertezas, ou outro motivo emocional, enfim a vida.

As espacialidades advindas do sagrado são distintas. A experiência religiosa é vivida no cotidiano, ela deve ser apreendida para que o indivíduo religioso possa lidar com os significados dos símbolos, que dispõem sua prática religiosa, não é um

ato solto, mais sim um exercício intelectual, de interpretação, Geertz evidencia o conjunto de costumes e hábitos fundamentais no âmbito do comportamento e da cultura de uma determinada coletividade:

os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da vida, seu estilo disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida. Essa confrontação e essa confirmação mútuas têm dois efeitos fundamentais. De um lado, objetivam preferências morais e estéticas, retratando-as como condições de vida imposta, implícitas num mundo com uma estrutura particular, como simples senso comum dada a forma inalterável da realidade. De outro lado, apóiam essas crenças recebidas sobre o corpo do mundo invocando sentimentos morais e estéticos sentidos profundamente como provas experimentais da sua verdade. Os símbolos religiosos formulam uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica e, ao fazê-lo sustentam cada uma delas com a autoridade emprestada do outro (GEERTZ:1989, p.67).

Para interpretarmos os símbolos religiosos sentimos a necessidade de um amálgama disciplinar, por ser uma maneira capaz de nos possibilitar o entendimento e a compreensão dos símbolos da religião judaica, pois a interpretação primordial é voltada para as experiências dos indivíduos vividas a partir de sua fé.

A partir do conhecimento da deidade o homem modifica seu ato. Forma novas concepções, cria esculturas, gravuras, histórias, modifica a paisagem para engrandecer seu “Deus”. Desse modo, “a religião manifestava-se como produto da prática humana, como expressões da cultura religiosa e como um campo de motivações materializadas na paisagem” (GIL FILHO: 2009, p. 1).

Na construção das redes de vivências, que são expressas pelo homem em seu espaço de ação, Merleau-Ponty considera que o “espaço não é um meio contextual (real e lógico) sobre o qual as coisas estão colocadas, mas sim o meio pelo qual é possível a disposição das coisas”, desse modo acreditamos nas espacializações, dessas “conexões” sociais expressas pelo homem (MERLEAU-PONTY: 1999, p. 258).

O espaço como estrutura criada e produzida pelo homem, para consolidação de suas necessidades sociais, permite ao homem localizar o lugar de morada onde pode manifestar sua experiência com outros o

espaço socialmente produzido é uma estrutura criada, comparável a outras construções sociais resultantes da transformação de determinadas condições inerentes ao estar vivo, exatamente da mesma maneira que a história humana representa uma transformação social do tempo (SOJA: 1993, p.102).

Tomamos por conceito de espaço sagrado o aplicado por Gil Filho, no qual “o espaço de representação é pleno de valores e suporte da ação do homem” (GIL FILHO: 2008a, p. 112). Nele, o homem cultiva e mantém sua existência de ser simbólico. No contexto de espacialidade, o fenômeno é a perspectiva de se pensar o viver, estruturar o residir, com sentimentos que formam o processo de apropriação e construção no lugar.

O ponto onde se evidencia os sentimentos de amor do homem para com o lugar que habita chama-se “topofilia”, este foi desenvolvido por Bachelard que o entendia como a ação que o homem possui que visa determinar “o valor que o espaço possui”, ou seja, para ele o lugar é o ponto onde “forças adversas [...] com as diferenças que as nuances poéticas comportam, formam são espaços louvados. Ao valor de proteção, que pode ser positivo ligam-se também valores imaginados” (BACHELARD: 2000, p. 20). Porém Bachelard não prosseguiu com o estudo sobre a categoria “lugar”.

Outro autor que também escreveu sobre “topofilia”, o valor do sentimento positivo do homem pelo lugar em que vive foi Dardel em 1954. Contudo Tuan aprofundou e propagou este conceito com a perspectiva de pesquisa do simbólico.

Deste modo, empregamos para interpretação da categoria geográfica de “lugar” o conceito explícito por Tuan (1980 e 1983). Este ao ampliar a concepção de lugar constituído de valor simbólico pelo homem compreende as construções simbólicas que o indivíduo impõe inconscientemente ou conscientemente ao lugar de morada, de congregação religiosa, de intimidade, de amor ao lugar.

Tuan (1980) considera lugar o resultado do uso habitual, que adquire densidade de significado e estabilidade sendo capaz de deter a atenção e onde os sentimentos são vividos. Fani também trabalha com a categoria de análise geográfica de lugar. E tanto ela quanto Tuan entendem o lugar a partir da

experiência pessoal. Contudo Tuan diferencia-se de Fani quando entende o espaço como mítico-conceitual em que o homem vive e está ligado as experiências comuns de outros indivíduos que fazem parte de seu grupo social. A casa, o recinto de trabalho, de lazer são lugares. São espaços palpáveis onde nos deslocamos, e modificamos a paisagem⁴, são os espaços moldados e sentidos pelo corpo, nas palavras de Tuan e Fani:

O espaço mítico é também uma resposta do sentimento e da imaginação às necessidades humanas fundamentais. Difere dos espaços concebidos pragmática e cientificamente no sentido que ignora a lógica da exclusão e da contradição. É um mundo de significado organizado é essencialmente estático [...] possuem significados, símbolos bem visíveis como arquitetura, arte [...] existem de maneira diferente (TUAN: 1983, p. 112-198).

Dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove , trabalha, passeia, flana, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso. Trata-se de um espaço palpável – a extensão exterior, o que é exterior a nós, no meio do qual nos deslocamos. Nada também de espaços infinitos. São a rua, a praça, o bairro – espaços do vivido, apropriados através do corpo – espaços públicos (FANI: 1996, p. 21).

Pela diferenciação entre Tuan (1983) e Fani (1996), escolhemos analisar nossas entrevistas por meio do conceito de toponímia aprofundado por Yi-fu Tuan. Entendemos dessa maneira que o lugar é material e imaterial, é o ponto onde a transformação da construção social é evidenciada. Nele as particularidades são explícitas. Ele é o ponto fixo onde os anseios se mostram e há segurança, é no lugar que o sentir-se seguro ou não, acontece. Através dele os indivíduos podem vivenciar a sensação de toponímia ou toponímia⁵.

Explicitaremos a diferenciação de espaço e lugar para Tuan. Ao identificar-se com o lugar o homem lhe impõe valores simbólicos próprios de seu interior. Enquanto o espaço, “é mais abstrato do que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN:1980, p.6). Compreendemos então que o espaço não é totalmente conhecido e pode ser considerado mais abstrato, já o lugar é tido como ponto de segurança onde as experiências são evidenciadas.

⁴ Entendemos por paisagem o conceito de Silva (1991), que será melhor demonstrado a diante no capítulo cinco.

⁵ Medo mórbido de certos lugares (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0, 2010).

Com o passar do tempo os sentimentos de afeto para com o ambiente material ao lugar vão sendo incorporados pela comunidade judaica. Esses são primordiais para a caracterização de pertencimento ao lugar. Poder reconhecer e possuir esse sentimento de pertencimento por determinado lugar é o elo afetivo, chamado de *topofilia* por Tuan (1980).

Cada membro da comunidade judaica de Porto Velho produz pensamentos, ações, experiências, as quais terão conexão direta ou indiretamente com o lugar onde estão operando.

Estas experiências vividas advindas do espaço simbólico são redes intensas que se confundem com o próprio lugar. Devem ser compreendidas através de uma rede teórica que busca por meio das narrativas, nos textos, através dos sentidos e do corpo, apreender a experiência vivida.

Deste modo, o mundo vivido é definido de acordo com as experiências fenomenais e pelas comunicações, experiências cotidianas que envolvem os indivíduos que possuem convívio sociabilizado. Por isso, é imprescindível compreender o corpo e suas características, as especificidades e influência que são demonstradas no lugar vivido.

Ao entendermos que Tuan evidencia o lugar através da experiência dos indivíduos, esse conhecimento está ligado diretamente à memória, pois sem ela não haveria como ensinar os elementos constituintes da cultura ou da religião de um povo.

Destarte, entendemos que o social é composto por pequenos pedaços de atitudes humanas, que com o decorrer do tempo vão sendo passadas de gerações por gerações. Dessa maneira, nos embasamos em Halbwachs (1990) e Tedesco (2004), ao nos referirmos à memória como passada de maneira coletiva. Ambos concordam que a memória se forma a partir de compilações de informações adquiridas por pessoas próximas, por mídias ou outros meios de informação, que chegam ao indivíduo formando-o. Essas atitudes passadas são relatadas no cotidiano pela fala ao serem lembradas, segundo Halbwachs:

Só temos capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos e de nos situar novamente em uma ou mais correntes de pensamento coletivo [...] A memória coletiva não explica todas as nossas lembranças e talvez ela não explique por si mesma a evocação de qualquer lembrança. Haveria então na base de toda a lembrança, o chamado a um estado de

consciência puramente individual que para distingui-lo das percepções onde entram tantos elementos do pensamento social. Admitiremos que se chame intuição sensível [...] A memória individual de um lado é no quadro de sua personalidade, ou de sua vida pessoal, que viriam tomar lugar suas lembranças: aquelas que lhes são comuns com outras não seriam consideradas por ele a não ser sob o aspecto que lhe interessa, na medida em que ele se distingue delas (HALBWACHS: 1990, p. 55).

Em suas análises, Halbwachs observou o meio em que a memória é formada e percebeu que ela não poderia ser individual, pois ela só poderia ter seu início no momento que há um conjunto de relações que formam uma cadeia de inter-relações e sub- relações apropriadas para cada momento lembrado. Dessa maneira, não há individualismo na memória, sempre haverá lembrança de algo ou de alguém, ou seja, o que ocorre para ele é um ajuste do individual diante do contexto social que lhe é imposto.

Em Tedesco percebemos que a memória é desenvolvida não apenas na materialidade da experiência, mas sim em estruturas de representações, tais como na lembrança, na memória, na tradição, no simbólico, no imaginário, no psicológico, no local da cultura. No caso da historiografia em textos como resultado da racionalização e estetização das experiências,

A memória coletiva, por meio da narração, reafirma sua força de transmissão, pois para continuar a recordar, é necessário que cada geração transmita o fato passado para que possa se inserir nova vida em uma tradição comum. Desse modo, o acolhimento do conteúdo narrativo e a necessidade de recordá-lo tornam-se um dever. O ato narrativo, na medida em que é possível sua elaboração e apropriação, constrói um sentimento de identidade coletiva do grupo e um sentido de pertencimento dos indivíduos, ajuda a conhecer o grupo e a organizar as próprias relações internas (TEDESCO: 2004, p. 36).

Enquanto para Halbwachs o eu individual não existe como imaginamos, existe sim, o eu coletivo, sempre que lembramos nunca estamos sós, sempre estará conosco uma figura a mais na memória, pessoas, objetos, lugares, sentimentos são sempre lembrados ou impulsionados em nosso interior, por alguém ou alguma coisa como musica, pintura, fotos, histórias. Para Tedesco em determinado momento o homem seleciona na memoria o que lhe agrada e também rejeita o que lhe desagrada, buscando assim mesmo que não por inteiro sua individualização.

Entendemos que a religião judaica valoriza o ensino dos seus costumes, e a propagação de sua história, esta é uma das razões por não terem sido extinguido

como o que aconteceu com outros povos, são 5.772⁶ anos de uma religião ligada à unicidade de seu “Deus” e à tradição familiar.

Segundo Tuan (1983) o experienciar é conhecer algo ou alguém, lhe conhecer pelo toque, pelo sentido. O lugar pode ser sentido através dos toques, dos cheiros, das sensações (saudosismo ou alegria). A segurança transmitida pelo lugar é o convite para o descanso, para a morada, para o cultivar, para lembrar o que foi ou o que é importante para cada um.

É no decorrer do cotidiano que a memória é inserida em todos, de maneira imperceptível. Ela vai sendo formada em sua totalidade. Só percebemos as mudanças que ocorrerem em nosso entorno, pois o cotidiano nos escapa, a maioria dos fenômenos que fazem parte de nossas vidas nos são imperceptíveis, por isso tomamos o conceito de cotidiano “negativo” e “alienador” de Lefebvre (1978), pois:

cómo definir la vida cotidiana? Nos rodea y nos cerca; em el mismo tempo y el mismo espacio, está em nosotros y nosotros em ella y estamos fuera de ella, tratando sin cesar de proscribirla para lanzarnos em la ficción y lo imaginario, nunca seguros de salirnos de ella, aun em el delirio del sueño. Todos la conocemos (y sólo a ella conocemos) y cada uno de nosotros la ignora [...] si se nos exige uma definición precisa de lo cotidiano, empecemos por definirlo negativamente. Si quitamos las actividades delimitadas y especializadas (técnicas, trabajo parcelario, cultura, ética) y los valores admitidos qué nos queda? Nada, dirán unos, los positivistas, los cientifistas. Todo, a saber, el ser profundo, la esencia, la existencia, dirán ciertos filosofos y metafisicos. Nosotros diremos: algo: la substancia del hombre, la materia humana, lo que le permite vivir, residuo y totalidad a un tiempo, sus deseos sus capacidades sus posibilidades sus relaciones esenciales con los bienes y los otros humanos, sus ritmos, através de los cuales le es posible pasar de una actividad delimitada a otra totalmente distinta, su tiempo, y su espacios, sus conflictos⁷ (LEFEBVRE: 1978, p.85 e 88).

É no cotidiano de um lugar, que a comunidade judaica com sua espacialidade, sofre e impõe modificações enquanto corpo cultural e religioso. Constatamos que a união realizada entre diferentes saberes nos levaram ao

⁶ <http://www.chabad.org.br/datas/calendario/sobre.htm> - acessado em de 2010.

⁷ Como definir a vida cotidiana? Ela está ao nosso redor e próxima, no mesmo ritmo e em um mesmo espaço, contudo nós estamos fora dela e de seu impulso, tentamos entender as ficções e imaginações com a certeza de nunca deixá-la. Mesmo se fossemos obrigados a sabermos precisamente tudo sobre o cotidiano não conseguiríamos defini-lo, pois ele se define negativamente. Seus valores não nos dizem respeito ao mesmo tempo tudo o diz respeito. Vamos dizer que a substância humana deste material que nos permite viver, são resíduos de desejos. As possibilidades de relações com outros seres humanos e seus ritmos com os quais ele pode mover-se de uma atividade para outra completamente no tempo e no espaço, fazem parte do cotidiano, porém não conseguimos entender esses movimentos que são realizados dentro do cotidiano (tradução nossa).

conhecimento das estruturas simbólicas presentes na comunidade judaica de Porto Velho/RO.

Ao estudarmos e presenciarmos algumas cerimônias dos membros da comunidade judaica e por meio das suas narrativas tivemos a necessidade de compreender para poder interpretar algumas especificidades desta em Porto Velho. Durante a pesquisa conversamos com judeus, com pessoas esperando pela conversão e suas histórias sempre iam em direção a sua passagem para que houvesse aceitação de sua judaicidade.

Então para termos uma compreensão mais aprofundada sobre a concepção do rito de passagem nos apoiaremos em dois antropólogos que são os marcos deste estudo, o primeiro é Van Gennep o precursor no estudo sobre “margem” e o segundo é Turner foi quem aprofundou o estudo sobre rito de passagem como identificou a “liminaridade”. Nas palavras de Van Gennep o rito de passagem pode ser evidenciado

Dada a importância dessas passagens, acredito ser legítimo distinguir uma categoria especial de Ritos de Passagem, que se decompõem, quando submetidos a análise, em Ritos de Separação, Ritos de margem e Ritos de agregação. Estas três categorias secundárias não são igualmente desenvolvidas em uma mesma população nem em um mesmo conjunto cerimonial. Os ritos de separação são mais desenvolvidos nas cerimônias dos funerais, os ritos de agregação, nos do casamento. Quanto aos ritos de margem, podem constituir uma secção importante, por exemplo, na gravidez, no noivado, na iniciação, ou se reduzirem ao mínimo na adoção, no segundo parto, no novo casamento, na passagem da segunda para a terceira classe de idade, etc. Se por conseguinte, o esquema completo dos ritos de passagem admite em teoria ritos preliminares (separação), liminares (margem) e pós-liminares (agregação), na prática estamos longe de encontrar a equivalência dos três grupos, quer no que diz respeito a importância deles quer no grau de elaboração que apresentam (VAN GENNEP: 1978, p.31).

Ora, para Van Gennep vivemos constantemente em fases de separação, margem e agregação, podemos entender claramente isso com os judeus que estão fazendo o retorno, ou estão em fase de conversão. No primeiro momento se excluem das coisas que um judeu não pode fazer (separação), depois fazem os ritos circuncisão, estudos e outros (margem) para que futuramente sejam reconhecidos como judeus (agregação). E, para Turner temos vários ritos em nosso cotidiano que

nos conduzem a liminaridade, no caso dos judeus o *shabat*⁸, o *rosh hashanah*, que os levam ao retorno cotidiano e as celebrações que os lembram de sua história,

em geral, acredito, está-se difundindo o reconhecimento de que as crenças e práticas religiosas são algo mais que “grotescas” reflexões ou expressões de relacionamentos econômicos, políticos e sociais. Antes, estão chegando a ser consideradas como decisivos indícios para a compreensão do pensamento e do sentimento das pessoas sobre aquelas relações, e sobre os ambientes naturais e sociais em que operam (TURNER: 1974, p. 19).

A sociedade é um processo vital marcado por considerações sócio-estruturais, ela é dinâmica e única. Desse modo, no cotidiano onde os são expressos os rituais percebemos a dinâmica social da comunidade judaica de Porto Velho.

Trabalhamos com autores que atuam nas diversas áreas de estudo da Geografia Humana. Estes nos possibilitaram melhores reflexões por possuírem pontos de intersecção dentro da pesquisa. Desta maneira construímos um estudo sobre o homem e o “lugar”.

Em Dardel a perspectiva do estudo sobre o homem é sob o prisma do entendimento que o indivíduo procura do mundo que lhe envolve, este mundo formado por paisagens e lugares que são criados e moldados. Uma paisagem ou lugar pode ser visto e compreendido de diferentes maneiras, pois cada pessoa os enxerga de acordo com o que lhe é próprio.

Claval entende que o homem é repleto de valores que advém de sua cultura e desse modo ele modifica seu lugar de acordo com seus caprichos. Já para Lefebvre o homem é um ser que não consegue possuir total consciência do que acontece em seu cotidiano, por isso o indivíduo é seletivo isso é o que lhe possibilita crescimento e mobilidade nos lugares, é o que lhe conduz a tentar conhecer a importância dos símbolos que são utilizados em seu cotidiano.

Em Cassirer compreendemos o homem como ser simbólico que caracteriza seu lugar atribuindo a ele valores simbólicos. Gil Filho também considera o fenômeno simbólico de extrema importância, pois é a partir dele que o homem transforma seu lugar e impõe a ele evidências de sua religiosidade.

Para Halbwachs o homem é formado por atitudes que foram realizadas por outros e por ele em determinados lugares, são conjuntos de lembranças que fazem

⁸ Boas vindas ao sábado, dia de descanso e estudo da *Torah*.

parte de sua vida. Em Tedesco a memória é um elemento também constituído socialmente, contudo o homem busca sua singularidade ao ir ao encontro do que lhe agrada ao escolher o lugar por sentir-se seguro nele.

E, para fechar esse raciocínio de como o lugar é escolhido e moldado pelo homem. Em Tuan o homem preenche e, é preenchido pelo lugar onde mantém suas relações de amizade, de religião, de intimidade, ou seja onde experiencia sua vida.

Quadro I: Prospecção dos autores

	AUTORES	PRINCIPAIS ARGUMENTAÇÕES
GEOGRAFIA	HUMBOLDT	O estudo do homem e da natureza com forma de entendimento pela Geografia.
	RITTER	Sistematização do estudo geográfico.
	RATZEL	O homem e a Geografia / Território e Estado.
	LA BLACHE	Grupos humanos modelam o espaço em que vivem.
	SAUER	Paisagem modelada pelo homem por meio de técnicas.
	DARDEL	O estudo fenomenológico possível por meio da Geografia.
	FREMONT	O espaço humano de vivência.
	PAUL CLAVAL	A possibilidade da Geografia estudar a cultura evidenciando sua especificidade e o simbólico.
	CORREA	A paisagem sentida pelo homem de diferentes maneiras.
	TUAN	O lugar experienciado intimamente.
	GIL FILHO	O espaço sagrado.
GEOGRAFIA CULTURAL	FANI	A sociabilidade do lugar
	LA BLACHE	
	SAUER	
	FREMONT	
	DARDEL	
	PAUL CLAVAL	
	CORRÊA	
	TUAN	
	GIL FILHO	
	CARLOS BACHELARD	
GEOGRAFIA DA RELIGIÃO	DARDEL	
	PAUL CLAVAL	
	GIL FILHO	
	TUAN	
RELIGIÃO E SEMÓTICA	DURKHEIM	A religião como sistema solidário de crenças e expressão social.
	GEERTZ	A cultura pesquisada por meio de seus símbolos e descrita densamente.
	CASSIRER	O homem entendido como ser simbólico e religioso.
	BACHELARD	O devaneio enquanto força humana de imaginação.
	MERLEAU-PONTY	Conexões sociais expressas pelo homem.
	VAN GENNEP	Sociedade vivenciando as margens em seu cotidiano.
	TURNER	Sociedade evidenciada por meio dos rituais do cotidiano.
	HALBWACHS	O homem formado pela memória coletiva.
MEMÓRIA E COTIDIANO	TEDESCO	Memória coletiva voltada para busca da personalidade individual.
	LEFEBVRE	O cotidiano negativo.

CAPÍTULO 2. A experiência judaica interpretada pelo método hermenêutico-fenomenológico



http://www.coisasjudaicas.com/2011_02_11_archive.html

Yehi ratzon milefanecha Adonai Elo-henu velo-he Abotenu sheyirbu zachiotenu utlabebenu.

Que seja Tua vontade, Senhor nosso D'us, D'us de nossos pais, que nossos méritos e virtudes sejam aumentados (Rabino Salomon Manelaz'l).

2.1 A busca pelo método

Buscamos compreender, pelas narrativas, as experiências dos membros da comunidade judaica de Porto Velho. Esta compreensão é orientada pelo arcabouço metodológico fenomenológico-hermenêutico.

Com a evidência das experiências de alguns membros da comunidade judaica de Porto Velho aplicamos o método que nos possibilitou a compreensão e interpretação das narrativas como também, das leituras bibliográficas, que nos foi de suma importância para que, chegássemos aos resultados deste trabalho.

Com a fenomenologia as abordagens na pesquisa em Geografia Cultural ganham maiores dimensões que nos conduzem a evidenciar as representações simbólicas do espaço e passamos a desenvolver pesquisas que priorizam as produções simbólicas que evidenciam as particularidades humanas. Exemplo disso são as especificidades que encontramos na comunidade judaica de Porto Velho.

Observamos em Relph (1979) uma breve historicização do estudo fenomenológico na Geografia, onde o lugar de experiência é o ponto base para o entendimento do simbólico:

Em particular, faço uso explícito de ideias fenomenológicas do mundo-vivido ("life-world") e dos métodos fenomenológicos; também argumento que as experiências variadas e mesmo contraditórias que nós temos de espaços, paisagens e lugares combinam as qualidades e aparências destes com os nossos modos e atitudes, e que essas experiências são fundidas em "geograficidade", a base preconsciente e preconceitual da Geografia. Geograficidade não é primariamente ser agradável (como muitos dos escritos de Tuan e Lowenthal parecem sugerir) mas pode ser desagradável e "topofóbico", tanto como "topofílico". Finalmente desejo introduzir a consideração sobre a consciência geográfica feita por Eric Dardel em seu livro *L'Homme et la Terre: Nature de la Réalité Géographique*, publicado em 1952, ainda aparentemente desconhecido pelos geógrafos mas é a descrição mais completa das bases fenomenológicas da geografia. Dardel combina efetivamente o trabalho de fenomenologistas, como Heidegger, Minkonski e Bachelard, com descrições de experiência geográfica feitas por poetas, romancistas e geógrafos (RELPH: 1979, p. 02).

A geograficidade indicada por Relph são os conjuntos de sentimentos do homem para com a Terra, seu lugar de vivência e experiência cotidiana. Ele lembra que a comoção emotiva pode ser prazerosa ou desagradável, contudo são

percepções sensoriais que o indivíduo mantém com o lugar vivido, dessa maneira devem ser compreendidas pela Geografia.

Para Caldas (1999a: p.74), “o método não é neutro, mas crítico, político, totalizador, histórico, vivo, negativo, dialógico e polifônico, devendo ser constantemente renovado e desenvolvido, sem nunca se tornar saber instituído, sem jamais se tornar estrutura estável”. Por isso a qualidade do método aplicado em nosso trabalho foi de suma importância, pois foi por meio dele, que conseguimos galgar o caminho para sua elaboração e interpretação.

Por meio da fenomenologia observamos os fenômenos que transcendem o objeto e dessa maneira podemos ir além da matéria procurando entender os sentimentos expostos pelos membros da comunidade judaica em Porto Velho.

desenvolvemos pesquisas com leitura geográfica para entender o cotidiano das expressões do homem enquanto agente modificador do seu espaço. Como detentor de poder político, econômico, ou seja, delimitador de suas ações, como indivíduo que identifica e é identificado no lugar que lhe pertence.

A construção do lugar advirá por meio da narrativa e da experiência que o narrador possui. A relação com o outro, com a chegada e permanência, com todas as combinações de experiências que foram criadas e recriadas dentro e fora do lugar. Os fluxos das relações sociais podem ser expressos como

no fluxo vivo das relações sociais, espaço e tempo estão também nos discursos sociais [...] e não na teia teórica que reflete outras finalidades. Ouvir e desdobrar as falas é multiplicar os encontros com vários espaços e tempos, é tocar a intersecção dos fluxos discursivos e encontrar certo homem concreto, vivo e polifônico, des-locado, enfim, para um ponto onde nenhum dizer, nenhuma teoria e nenhum procedimento metodológico pode esgotá-lo: deixou de ser objeto para conquistar sua o-posição de sujeito. E nele não há o espaço e o tempo, o econômico e o político, o lingüístico e o narrativo: esse sujeito, as falas desses sujeitos superam os estreitos limites do conhecimento e se dizem em múltiplos e simultâneos fluxos (CALDAS: 2006, p. 2).

Interpretamos o homem como detentor do lugar em que se sente seguro, onde pode refletir sobre as atitudes e agir, materializando seus anseios, suas relações formando seu espaço vivido. Para Sposito, o método fenomenológico-hermenêutico:

contém a redução fenomenológica e a intencionalidade, indo além do subjetivismo através da consciência. Na pesquisa científica, a figura

do pesquisador faz-se presente na redução do fenômeno para a sua abordagem total (SPOSITO: 2004, p.38-39).

Em Sposito, o método fenomenológico-hermenêutico possui caráter cognitivo centrado na racionalidade do sujeito. Em sua visão dinâmica, racional e de interação de todos os elementos da realidade, a redução fenomenológica exposta por ele diz respeito à busca da essência do fenômeno, ou seja, o entendimento do “porquê” ele ocorreu. É a experiência do membro da comunidade judaica que ajuda-nos a entender as estruturas que sua religião conserva em Porto Velho.

Ao evocarmos a narrativa, entendemos que as histórias que fazem parte da memória, estão firmadas no tripé conceituado por Tedesco (2004), quando exemplifica que a linguagem como forma de comunicação está localizada, no “tempo, espaço e experiência”

A narração que advém de memória, por ser uma linguagem localizada no tripé tempo, espaço e experiência, [...] os rituais, os símbolos, os mitos, as comemorações e os contos são linguagens “refrescadoras” do tempo da memória, do tempo histórico, do tempo passível de receber ressignificação. Esses elementos narrativos do tempo, espaço e experiência (os quais ligam memória com identidade) têm o poder de entrecruzar temporalidades, de dialetizar presença/ausência, de contextualizar a interpretação histórica, de projetar, problematizar, temporalizar o futuro (perspectivar) a memória narrada (TEDESCO: 2004, p. 116).

Pela fenomenologia houve análise do lugar exposto pela narrativa. Esta foi observada conjuntamente com os fenômenos exteriores, o conhecimento das estruturas de significação do narrador tornou-se importante, pois o que foi dito, passou a fazer parte da interpretação.

Esta união clara entre hermenêutica e fenomenologia amplia a interpretação das experiências encontradas no desenvolvimento do trabalho, onde observamos os dois métodos distintamente para depois uni-los visando desta maneira o enriquecimento maior de nosso trabalho.

2.2 A Perspectiva Hermenêutica para a Geografia

Segundo Gomes (2000), a hermenêutica tem sua origem na Antiguidade, como método de interpretação foi usado pela primeira vez pelo Museu de Alexandria

ao terem necessidade de desenvolver seus estudos homéricos. Também é observada na cronologia do uso da hermenêutica como método, a tradição dos rabinos talmúdicos, especialistas na interpretação dos textos sagrados. Com o desenvolvimento da semiologia e de outras disciplinas surgiu uma geografia incumbida de descrever com maiores detalhes os dados, a fim de fornecer uma correspondência entre o mundo lendário dos textos e o mundo real.

A exegese está na origem dos estudos filosóficos, que começaram a ser feitos na Alemanha, no século XVIII, e a tradição hermenêutica reapareceu então como método de leitura e interpretação dos textos sagrados e clássicos (GOMES: 2000, p.110).

Para este autor a possibilidade de alcançar o conhecimento da interpretação não é simples e nem único, de maneira que a hermenêutica propõe deve ser aprofundado, pois:

O conhecimento não é mais alguma coisa a reconstruir, mas profundamente ligado à ontologia das coisas, algo que é consubstancial à coisa, imanente, e por isso a interpretação não pode jamais chegar a um sentido definitivo, pois o sentido é recriado a cada tentativa [...] a Hermenêutica sempre apela para uma dimensão escondida, invisível, um núcleo substancial, que corresponde de quase sempre a uma ordem teológica (GOMES: 2000, p.111).

Ao indicar o início da constituição do método hermenêutico, Gomes observa o estabelecimento de uma inteligibilidade circunscrita às condições do espaço-temporais. A aplicação do método passa a ter seu campo de atuação ampliado passando desta maneira a pertencer ao campo científico. O geógrafo traz para seu *métier* o auxílio de diversas disciplinas que lhe servirão de suporte para o entendimento profundo em suas pesquisas,

privilegiado, capaz de interpretar. Ele dispõe, com efeito, de elementos que o tornam mais sensível à compreensão da atividade humana, notadamente daquela que se exerce espacialmente. A representação espacial significa, aqui, mais do que uma simples indicação da localização dos fenômenos; ela permite com efeito, resgatar a inteligibilidade que os fatos espaciais adquirem quando são compreendidos a partir de seus contextos próprios (Id.: Ibid., p.312).

Para Rego a hermenêutica pode ser entendida como um sistema de conceitos que são utilizados para compreensão e interpretação de um texto ou mais textos que se,

definem na relação entre si e que, em seu conjunto, aplicados à análise de um texto, são capazes de enunciar aspectos desse texto inacessíveis a uma leitura restrita ao nível do apenas imediatamente manifesto. O sistema interpretativo acaba por definir o próprio entendimento do que seja texto, para além do que usualmente entendemos como sendo os textos propriamente ditos. Exemplos desses outros textos: os sonhos, as linguagens corporais, o vestuário, os costumes sociais, a arquitetura, as paisagens – cada um desses exemplos pode ser transformado em texto interpretado (objeto de leitura) para os sistemas interpretativos que os constituam como objetos de interpretação. Portanto, o próprio entendimento do que se já texto ou objeto possível de leitura se amplia em função do tipo de hermenêutica com que se trabalha (REGO: 2007, p. 197).

Em nosso estudo, a hermenêutica é colocada em prática na ação de pesquisa sujeito/sujeito, é como o narrador entende seu lugar e sua religião que queremos compreender e interpretar. Eco considera a hermenêutica como prática interpretativa que pode ser evidenciada de acordo com o conhecimento do pesquisador

Considerarei agora um caso em que a correção da interpretação é impossível de ser afirmada, mas é certamente difícil afirmar que ela esteja errada. Pode acontecer que certas práticas interpretativas mais ou menos esotéricas lembrem a prática de certos críticos desconstrucionistas. Mas nos representantes mais perspicazes dessa escola o jogo hermenêutico não exclui regras interpretativas. [...] mais do que um parâmetro a ser utilizado com a finalidade de validar a interpretação, o texto é um objeto que a interpretação constrói no decorrer do esforço circular de validar-se com base no que acaba sendo o seu resultado. Não tenho vergonha de admitir que estou definindo assim o antigo e ainda válido “círculo hermenêutico” (ECO: 1997, p.70-75).

Com perspectivas em compreensão do vivido, as representações simbólicas dos ritos no lugar de vivência, devem ser estudadas, pois “é inegável que os seres humanos pensam em termos de identidade e similaridade. Mas, na vida cotidiana, o fato é que geralmente sabemos distinguir similaridade relevantes e significativas, por um lado, de similaridades fortuitas e ilusórias, por outro” (ECO: 1997, p. 56). Dessa maneira:

Para salvar o texto – isto é, para transformá-lo de uma *ilusão de significado na percepção de que o significado é ilusão de significado na percepção de que o significado é infinito* – o leitor deve suspeitar de que cada linha esconde um outro significado secreto; as palavras, em vez de dizer, ocultam o não-dito; a glória do leitor é descobrir que os textos podem dizer tudo, exceto o que seu autor queria que dissessem, assim que se alega a descoberta de um suposto

significado, temos certeza de que não é o verdadeiro; o verdadeiro é um outro e assim por diante; os *hylics* – os perdedores – são aqueles que terminam o processo dizendo “compreendi”. O leitor real é aquele que compreende que o segredo de um texto é seu vazio (ECO: 1997, p.46. Grifos nossos).

O hermeneuta para Umberto Eco é aquele capaz de professar que o texto pode ter inúmeras compreensões possíveis, assim como a ação humana também deve possuir interpretações desde que o rigor teórico-metodológico possa ser evidenciado.

De um modo parecido, Ricoeur também entende que a hermenêutica pode ser utilizada em “toda a disciplina que procede por interpretação, e dou a interpretação um sentido forte: o discernimento de um sentido escondido num sentido aparente” (1988: p.258), até porque, ele entende que a “tarefa de uma hermenêutica é confrontar os diferentes usos do duplo sentido e as diferentes funções da interpretação por disciplinas tão diferentes” (1988: p.259).

Dito isto, entendemos que os signos não se revelam à nossa existência, nós como pesquisadores é que os revelamos. Pois eles são criados em contexto social, é através da força que existe em uma determinada sociedade que ele permanece e pode ser interpretado. Desse modo, o símbolo só nos é estranho até darmos significado a ele, então passamos a interpretar sua existência e entender seu uso.

2.3 A Perspectiva da Fenomenologia para a Geografia

O método fenomenológico foi criado em meados do século XVIII, como nos informa Dartigues (1996), desde então recebeu diversas significações. Discorrer sobre a questão da fenomenologia nos conduz a sublinhar algumas diferenças fundamentais, que nos ajudarão na interpretação das narrativas, para Gaston Bachelard,

[...] a finalidade de toda fenomenologia é colocar no presente, num tempo de extrema tensão, a tomada de consciência, impõe-se a conclusão de que não existe fenomenologia da passividade no que concerne aos caracteres da imaginação. Para além do contra-senso em que se incorre com frequência, lembremos que a fenomenologia não é uma descrição empírica dos fenômenos. Descrever empiricamente seria uma subserviência ao objeto, ao erigir em lei a manutenção do sujeito em estado de passividade. A descrição dos

psicólogos pode, sem dúvida, fornecer documentos, mas o fenomenólogo deve intervir para colocar esses documentos no eixo da intencionalidade [...] (BACHELARD: 2006, p. 4).

As diversas leituras fenomenológicas podem dar lugar ao subjetivismo, contudo, todos os dados remetidos à consciência, não são captados por ela em sua totalidade. Devemos pontuar que a interpretação da psicologia difere da leitura fenomenológica, mesmo trabalhando com o inconsciente não procuramos fazer tratamento psíquico e comportamental de um indivíduo, mais sim compreender as associações cognitivas e as representações que constituem ação do indivíduo, enquanto agente social.

Concordamos com Gomes quando este argumenta sobre a fenomenologia, utilizando as palavras de Husserl para evidenciar que experiência e comunicação são símbolos que devem ser entendidas de acordo com os indivíduos pesquisados:

Husserl baseia-se no fato de que a consciência se orienta em um mundo de experiências vividas. Este mundo pode ser mais ou menos claro ou obscuro, mas ele é ao mesmo tempo dado antes de toda experiência e repartido entre diversos sujeitos. Assim, a experiência vivida é sempre objeto de uma comunicação com a pluralidade de sujeitos por onde transitam os sentidos da experiência. [...] O mundo vivido é definido, portanto, pelas experiências fenomenais e pelas comunicações intersubjetivas. Para Husserl, o *lebenswelt* consiste em conjunto de coisas, mas também de valores, de mitos, de bens, que soa repartidos dentro de um universo intersubjetivo. É, aliás, este ponto de vista que terá maior influência sobre as ciências sociais. Trata-se de um mundo onde a experiência nos coloca em presença da variedade e onde, a partir de uma atitude reflexiva conhecida como redução, o sentido e a transcendência deste mundo se explicitam. Ele é também constituído por uma ordem e, desta maneira, o mundo da experiência fenomenológica se define como sendo essencial e lógico, o conhecimento sendo um produto direto do vir a ser da vida (GOMES: 2000, p. 121-122).

A abordagem para a interpretação do espaço vivido, constituído por múltiplas simbologias e materializações nos conduziu ao encontro com a fenomenologia e com a Geografia da Religião, dessa maneira percebemos que a fenomenologia seria um auxílio para a compreensão dos signos e significados do judaísmo praticado em Porto Velho pelos membros do CEJURON, por meio das narrativas, dos discursos de fé, das celebrações dos ritos, dos costumes e do esquecimento que houve em determinado momento da história dessa comunidade, evidenciamos como se deu e como se dá sua representatividade judaica.

Quem deu início ao estudo do mundo-vivido na fenomenologia foi Husserl. Este, como observa Relph entende que “através da aceitação crescente de uma visão científica do mundo, os fatos imediatamente experienciados do mundo-vivido são vagarosamente transmutados em abstrações – indivíduos e grupos de pessoas tornam-se casos e exemplos de categorias, lugares tornam-se casos e exemplos de categorias, lugares tornam-se localizações” (RELPH: 1979, p. 3). Todos esses movimentos de criação e escolha do ser humano terá influencia em que o lugar é apenas localização e qual será o ponto onde suas experiências serão vividas.

Observamos que Dardel identificou cinco formas de espaço geográfico, o primeiro é o de “espaço material ou substancial este é toda parte do espaço geográfico diluído numa substância móvel e invisível”. O segundo é o espaço telúrico “envolve uma experiência imediata na qual sentimos a intimidade da matéria da crosta da terra”. O terceiro espaço identificado foi o aquático sob “o domínio da água está ao lado da vida” ou da morte “onde quer que a água esteja ausente, o espaço é de algum modo incompleto [...] desertos e superfícies secas dos platôs calcários muito naturalmente” também “sugerem a ideia de morte” (Dardel: 2011, p. 21).

A quarta forma espacial encontrada foi a de espaço do ar “não é exatamente visual – ele vibra e ressoa: é rasgado pelo trovão, geme numa ventania” é o “atmosférico: um elemento sutil e difuso no qual todas as feições da terra estão mergulhadas”. O último espaço foi o construído este é o perceptível “encontramos em nossos mundos-vividos são, acima de tudo, espaços criados circundam-nos em todas as escalas e em muitas formas [...] estradas ou linhas de propriedade, por meio das quais “a intensão humana inscreve-se na terra” (Dardel: 2011, p. 40)

Outro resultado das pesquisas de Dardel foi o desenvolvimento das bases fenomenológicas da geografia que são “espaço, paisagem e lugar”, ao desenvolvermos nossa pesquisa tempos como categoria de interpretação e análise geográfica a espacialidade e o lugar onde os judeus que frequentam o CEJURON vivenciam suas experiências.

A partir do início dos anos setenta, as publicações dos artigos de Relph e de Tuan, impulsionaram o uso da fenomenologia com maior clareza na Geografia, como aponta Gomes:

Os trabalhos de Yi-Fu Tuan partem de uma mesma crítica da ciência objetiva. A ciência clássica, segundo ele, minimiza a importância e o papel da consciência humana para o conhecimento. A fenomenologia, ao contrário, dá a possibilidade de restabelecer o contato entre o mundo e as significações, por possuir a verdadeira medida da subjetividade; segundo suas próprias palavras, “conhecer o mundo é conhecer a si mesmo”. [...] Para Tuan, haveria duas formas de produzir o conhecimento: a intelectual e a existencial. A primeira trata do mundo como uma coleção de objetos, busca resgatar dele uma ordem, uma hierarquia, e seu objetivo final é o de produzir uma classificação teórica. Na forma existencial, o mundo é composto por *purposeful beings* e o objetivo maior é reconhecer “o domínio da vontade e a busca de sentido”. Na geografia, a estas duas formas correspondem dois modelos de ciência: o modelo ambientalista e o existencialista, ou ainda, o modelo nomotético e o idiográfico (GOMES: 2000, p. 328).

É no espaço fenomenológico em que a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, para os processos de apropriação e construção no lugar acontecem. É nele, sendo ele e com ele, que a comunidade judaica sofre e impõe modificações enquanto corpo cultural, espaço vivo.

Ao fazer amálgamas epistemológicos com outras disciplinas, para evidenciar o ser social judeu, seus anseios e experiências, os meios pelos quais eles produzem e se relacionam ao lugar, tivemos que ir a reuniões, ritos e fizemos algumas entrevistas, nestas foi evidenciado nas narrativas de cada membro da comunidade judaica como percebiam sua religiosidade, seu lugar de vivência. Mesmo que com o passar do tempo se inserindo na região norte, com seus costumes e relações, tornando-se parte da população amazônica, mas continuando a sua judaicidade.

Em lugar de medir o conteúdo, o sentido e a verdade das formas intelectuais por algo alheio, que deva refletir-se nelas mediatamente, cumpre descobrir, nestas próprias formas, a medida e o critério de sua verdade e significação intrínseca. Em lugar de tomá-la como meras reproduções, devemos reconhecer, em cada uma, uma regra espontânea de geração, um modo e tendência originais de expressão, que é algo mais que a mera estampa de algo de antemão dado em rígidas configurações de ser. Deste ponto de vista, o mito, a arte, a linguagem e a ciência aparecem como símbolos não no sentido de que designam na forma de imagem, na alegoria indicadora e explicadora, um real existente, mas sim, no sentido de que cada uma delas gera e parteja seu próprio mundo significativo. Neste domínio, apresenta-se este auto desdobramento do espírito, em virtude do qual só existe uma “realidade”; um Ser organizado e definido. Consequentemente, as formas simbólicas especiais não são imitações, e sim órgãos dessa realidade, posto que, só por meio delas, o real pode converter-se em objeto de captação intelectual e, destarte, tornar-se visível para nós. (CASSIRER: 2006, p.22)

A questão lugar/tempo/espço pode ser observada em cada narrativa, com as descrições das ações realizadas em um determinado lugar do espaço e em determinado tempo.

A fonte oral proporciona o conhecimento da cultura, costumes e práticas, sentidos pelo narrador como indivíduo praticante da ação mutacional do cotidiano e possibilita o conhecimento das atitudes vividas dentro de seu contexto social, desse modo utilizar-se da fenomenologia fez-se necessário para a realização da pesquisa.

A preocupação fenomenológica em interpretar a existência humana a partir de sua experiência, a torna como informa Christofolletti uma ciência da experiência que serve de maior conhecimento das atitudes do homem:

A fenomenologia preocupa-se em analisar os aspectos essenciais dos objetos da consciência, através da supressão de todos os preconceitos que um indivíduo possa ter sobre a natureza dos objetos, como os provenientes das perspectivas científica, naturalista e do senso comum. Preocupando-se em verificar a apreensão das essências, pela percepção e intuição das pessoas, a fenomenologia utiliza como fundamental a experiência vivida e adquirida pelo indivíduo. Desta maneira, contrapõe-se às observações de base empírica, pois não se interessa pelo objeto nem pelo sujeito. “A fenomenologia não é nem uma ciência de objetos, nem uma ciência do sujeito: ela é uma ciência da experiência” (CHRISTOFOLLETTI: 1985: p. 22 *apud* Edie: 1962).

Os geógrafos que dispõem em seu *metiê* do uso da fenomenologia há uma preocupação em valorizar o espaço vivido e revalorizar o conceito clássico de lugar. Entender que as palavras ditas ultrapassam a simplicidade, transcendem do íntimo de quem as diz ou escuta, como

uma fenomenologia do conhecimento, não pretendendo ser, de modo algum, uma metafísica do conhecimento. O termo conhecimento nela se define no amplo sentido de “apreensão” humana de “mundo”, apreensão nunca passiva, sempre mediada pela espontaneidade enformadora da mente humana (CASSIRER: 2006, p.12).

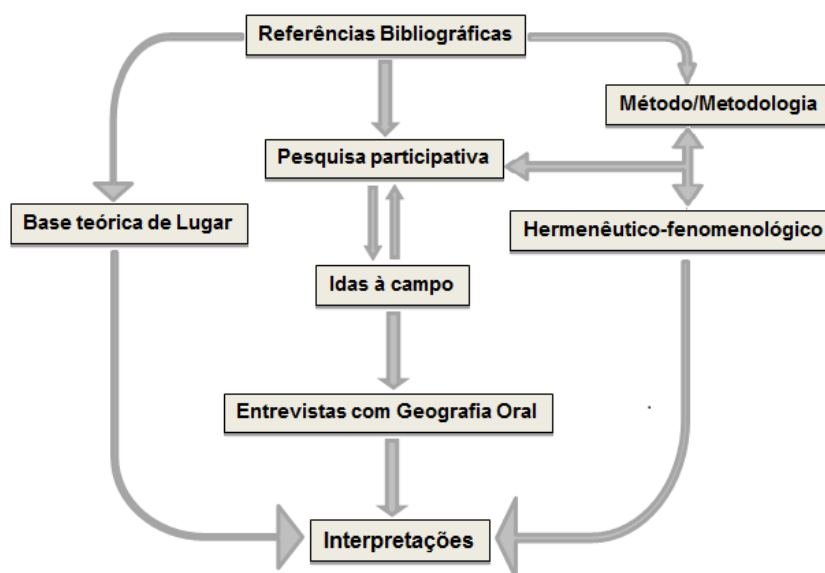
A Geografia da Religião possibilita para o geógrafo entender que o espaço é formado por atitudes humanas, que são carregadas de emoções. O espaço vivido é carregado de sentimentos e atitudes humanas, que são em alguns momentos embalados pela “palavra sagrada”, com signos, que são transmitidos a quem lhe concede a veracidade ou a quem faz parte da sociedade onde o signo pode ser ensinado. Essa espacialização só é possível por meio das atitudes humanas e é

pela memória que são moldadas ou condicionadas algumas das atitudes humanas para uma modificação ou permanência dos símbolos de determinada cultura ou religião.

2.4 O Percurso Metodológico

O vínculo com o espaço fenomenológico onde a experiência do viver, do habitar, do uso e do consumo, dos processos de apropriação e construção acontecem, o indivíduo cria no lugar tudo o que pode para sentir-se bem, a espacialização de suas relações tornam-se naturais e corriqueiras. O processo topofílico passa a existir naturalmente em alguns membros da comunidade de Porto Velho, contudo há sentimento que conecta seus sentimentos em Israel. Estas relações de reprodução e associação fazem parte das condições de vida em sociedade que são moldadas por fatores ambientais e culturais.

Fatores estes que podem ser expressos por meio das narrativas espontâneas que darão origem a Cápsula Narrativa, podem após o término de suas etapas de textualização e pontuação serem interpretadas de acordo com o método hermenêutico-fenomenológico. Podemos evidenciar no fluxograma abaixo o percurso metodológico.



Nosso trabalho foi marcado por idas a campo, entrevistas, leituras e pesquisas bibliográficas, que nos fizeram compreender os eixos relacionais da comunidade judaica em Porto Velho, suas espacialidades, sua identificação e construção do lugar, que para o judeu é tomado de importância simbólica. Para confecção da entrevista, dispusemos-nos para evitar qualquer tipo de transtorno futuro de uma prévia autorização que foi devidamente assinada pelos entrevistados, nos reapaldando dessa maneira juridicamente.

Quando buscamos compreender como se processam os fenômenos culturais que permeiam as atividades dos judeus que frequentam o CEJURON, usamos o método etnográfico de Clifford Geertz (1989), de “descrição densa”, com a pesquisa participativa. Segundo o autor a descrição densa, propicia a apreensão das nuances mais sutis da cultura observada pelo pesquisador:

de fato, a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo (GEERTZ: 1989, p. 7).

Nas idas a campo frequentamos alguns rituais e comemorações realizados pela comunidade judaica. A primeira comemoração foi a de 200 anos da presença judaica na região Amazônica, que ocorreu no dia 16 de março de 2010. A segunda foi o I Festival de Cultura Judaica de Porto Velho que ocorreu no dia 19 de agosto de 2010.

Nossa participação nos rituais foi assídua. Frequentamos diversos *Shabat*⁹, o *Pessach*¹⁰ ocorreu em abril de 2010 e 2011. O *Rosh Hashanah* que comemorou a entrada do ano 5.772, foi em setembro de 2010. Em outubro de 2010, fomos na celebração das *Sukot*, esta é a festa das cabanas. No dia 25 de novembro, ocorreu a comemoração do *Chanuká*¹¹. No dia 20 de janeiro houve o festejo do *Tu Bishvá*, que é uma comemoração ao ano novo das árvores.

Usamos alguns recursos para que o leitor entenda o dito. O narrador fala algumas palavras em hebraico e o leitor poderia ficar sem entender o sentido do

⁹Boas vindas ao sábado.

¹⁰Celebração da páscoa judaica.

¹¹Celebração da libertação de Jerusalém dos romanos e o milagre do óleo do Templo.

texto – por esse motivo o Capítulo 6, trata-se de um glossário, onde o leitor pode quando achar necessário buscar seu significado. Também usamos o recurso do colchete dentro das entrevistas, para manter a singularidade da narrativa. O colchete é usado, para auxiliar a compreensão da narrativa em momentos que possam causar dificuldade de discernir o que o narrador quer dizer.

Fizemos um total de nove entrevistas, contudo só usamos nesta dissertação sete¹². Para cada entrevista, tivemos um período referente a transcrição tirando do narrado e colocando no escrito, e outro período para pontuarmos a entrevista de maneira que pudéssemos deixá-la o mais próximo possível do que havia sido dito. Respeitamos dessa maneira a metodologia de Cápsula Narrativa em Geografia Oral que foi proposta no projeto.

A Cápsula Narrativa diz respeito a um tipo de narrativa livre construída pelo próprio narrador. Em que ele pode começar a expor sua experiência no instante que lhe for apropriado. A Cápsula Narrativa não impõe questionários fechados, com meras interrogativas de sim ou não, que conduz o entrevistado a ansiar o término da entrevista.

A Cápsula Narrativa foi usada por entendermos que a posição de sujeito/sujeito em uma pesquisa deve ser respeitada, e esse respeito começa com a fala do narrador, com seu posicionamento enquanto membro de determinada comunidade. Ela tem temporalidade específica produzida pelo próprio narrador. Em um sentido estrito, ela começa com o diálogo não gravado, nesse momento nos identificamos para o narrador e posteriormente damos início a entrevista. O processo posterior é o de transcrição, logo em seguida o de pontuação e por último a interpretação.

Ao fazermos uso da Cápsula Narrativa nos propomos em primeiro lugar a conversar com os membros da comunidade judaica, dizer-lhes, que estamos realizando pesquisa sobre sua comunidade. Essa informação não necessita ser minuciosa, pois se assim o fosse, ao entrevistarmos eles, a narrativa seria direcionada para o que tínhamos dito, e essa não é nossa intenção. Queremos entrevistas livres de direcionamento, mesmo sabendo, que é difícil deixar o narrador à vontade e calmo, para falar o que quiser, e não o que queremos ouvir. É dessa

¹²Trabalhamos com esse coeficiente por que dois narradores não conseguiam dialogar, quando falavam respondiam usavam palavras monossilábicas ou frases curtas que não expunham suas vivências.

forma que a metodologia amalgamou-se ao método e com a teoria que utilizamos para nossa pesquisa.

Após a entrevista chega o momento da transcrição, que é a passagem do oral para o escrito, da maneira como foi dito, com erros gramaticais e entonações, esse é o momento da cópia textual da Cápsula Narrativa, de acordo com Caldas:

Um texto que não seja um registro de eventos, de vivências, de memórias, mas rede simbólica viva que comungue com os movimentos ficcionais tanto das realidades em questão como com sua própria existência simbólica, um *lugar* do qual possamos dizer que já estivemos nele nos reencontraremos, tal seria a essência do texto. [...] O nosso tipo específico de análise da conversação reproduz, no momento da transcrição, "... conversações reais e considera detalhes não apenas verbais, mas entonacionais, paralinguísticos e outros, algumas informações adicionais, quando as houver, devem aparecer na transcrição". No entanto, a simples conversação não nos satisfaz completamente. Nossa questão não é técnica ou lingüística, mas interpretativa. Interessam-nos formas de conversações como criação dialética de vivências, saberes, resistências, identidade; interiorização criativa de mundo e caminho singular nesse mundo expressando-se (CALDAS: 1999a, p.80-81 *apud* Marcuschi: 1991,9).

A pontuação é uma interferência mínima: ao pontuarmos o texto retiramos mínimas "imperfeições" da fala, que não interfiram no narrado, e possamos identificar as características do narrador no texto com a pontuação mínima o texto fica o mais próximo possível do narrado, com isso temos a singularidade, lingüística, temporal e espacial do narrador, nas palavras de Caldas:

A pontuação enquanto uma "textualização suave" é necessária não por questões estilísticas ou por se "destinar a um público leitor": a pontuação é feita por exigência do rigor hermenêutico da reflexão sobre a fala-texto do outro: a pontuação obedece ao respeito ao dizer e ao ser do colaborador: sua vida (suas virtualidades específicas), sua fala, sua existência, sua temporalidade, sua ordem narrativa, é ficcional e ficcional será também aquilo que a dirá "integralmente", não perdendo de vista que as "falas dos outros" não nos exige de nos pôr e de interpretar, ao contrário, exige essa interpretação e essa tomada de posição: as falas do outro por si mesmas não são suficientes (assim como não é suficiente uma entrevista apenas): mesmo não se misturando à nossa, exige a reflexão: sua dialogicidade pede complemento, pois tanto a dele quanto a nossa são, de determinado momento em diante, contrafaces de um mesmo e grande texto, de uma mesma e complexa realidade. (CALDAS: 2008, p.2).

Como o narrador entrega-se a suas memórias ele nunca está só, como imaginamos, ele existe com o coletivo de pessoas que estiveram presentes no

decorrer de sua vida. Sempre há outros em sua memória pessoas, objetos, lugares, sentimentos que são lembrados ou impulsionados no interior do narrador por alguém ou alguma coisa como música, pintura, fotos e o pesquisador. É o ambiente, criado ao redor do narrador, que lhe trará as lembranças, logo, elas estarão vivas no momento de sua fala.

O amálgama entre a Geografia “Humana” “Cultural” e da “Religião”, com metodologia de Cápsula Narrativa em Geografia Oral, aplicada com outras teorias possibilitou-nos a interpretação do narrado.

Para que pudéssemos construir realmente uma pontuação que fosse a mais próxima possível do narrado e que não fosse preciso trabalhar com uma historicização cronológica do que foi dito, dessa maneira, não precisamos recorrer aos recursos de temporalidade para transcrição das entrevistas.

Ainda assim as narrativas continuaram em um eixo metodológico da Cápsula Narrativa, encontramos em Caldas (1999b, 2000 e 2011), essa metodologia agora adaptada no viés para a Geografia, havendo assim mudanças mínimas no procedimento anteriormente usado. Se antes havia a preocupação com a temporalidade, cronologia, esta já não nos pertence mais, com a Cápsula Narrativa em Geografia Oral, fomos conduzido a ultrapassar a temporalidade e permanecemos no que nos é mais importante, as relações humanas no espaço evidenciadas no lugar.

Contudo a necessidade de rigor metodológico faz-se indispensável, pois com ele podemos solucionar os questionamentos da pesquisa que envolve o uso de entrevista na Geografia, sem ter precisão de usar métodos históricos. A metodologia de Caldas (2011) nos serviu de apoio suas etapas fizeram-nos entender a construção geográfica do espaço-lugar. Utilizamos esta metodologia para ao invés de perguntas e respostas propiciarmos a liberdade para a fala, para “o narrar”, para os enfrentamentos físicos, sociais e culturais, do espaço-lugar físico e imaginado:

Uma das questões da Geografia Oral é estabelecer conexões, aprender a ouvir as ressonâncias, abrir as redes, os fluíres entre domínios de saberes, domínios de vida, campos de práticas. Daí porque certa História Oral (Caldas, 2009) enquanto tensor livre para o pensar geográfico para uma Geografia Oral. Com essa conexão não se pretende legitimar, fundar, justificar um “novo saber”, mas arejar um lócus antigo de práticas, exercícios, costumes acadêmicos, escolares, estatais, e com esse arejamento expor certas práticas viciadas e deformadoras (CALDAS: 2011, p. 7).

Foi por meio das narrativas construídas pelo narrador que parte de sua experiência, no seu narrar, que posteriormente se tornará texto, Caldas afirma que:

A Geografia Oral não se apresenta especificamente como uma técnica, mas como um conjunto articulado de procedimentos num “discurso”, no caso que se configura com a noção de Cápsula Narrativa e seus conceitos constitutivos. Nesse ponto é aplicada a Geografia Humana, dirigida por questões, paixões interesses, projetos ditamente geográficos, mas sem quebrar o “espírito” da Cápsula Narrativa (por isso não há “emissor”, “receptor”, “entrevistado”, “colaborador”, “pesquisado”, mas narrador). Seu trabalho inicial é o “mesmo”. Com todos os seus pré-requisitos e requisitos, seus conceitos e procedimentos. Assim, não é a “oralidade”, a “memória”, mas a experiência, as matérias vivas das atividades que produzem o existente (CALDAS: 2011, p. 2).

A existência e constituição do espaço-lugar são comprovadas por meio do narrar utilizando esta metodologia única que não interferirá e nem influenciará nas narrativas que evidenciarão as relações geográficas e o vínculo estabelecido com espaço e com o lugar, ainda de acordo com Caldas temos:

A “oralidade” é um conceito fraco diante da noção de Cápsula narrativa que o incorpora enquanto elemento antigo e deformado por uma delimitação indevida, mesmo sendo utilizada enquanto título tanto na “história oral” quanto na Geografia Oral. O foco não se dá na oralidade, mas narratividade, no narrador, naqueles que produzem o espaço enquanto sistemas de atividades e não como algo natural. O “uso” da Geografia Oral se dá da mesma maneira. A diferença entre essa História Oral e a Geografia Oral é o destino, o que se faz com os resultados obtidos pelo uso da Cápsula Narrativa. Enquanto em História Oral se destina ao aprofundamento da singularidade enquanto construção empírica dos discursos, das visões de mundo, das epistemes, dos discursos do nosso “imediato”, em Geografia Humana ela deixa de focar em “narradores plenos” e se volta pra grupos, cidades, coletividades, comunidades para compreender as produções do espaço, dos lugares, os movimentos e configurações das populações, passa a se preocupar com um conceito foucaultiano de biopolítica, as forças que formatam as populações (CALDAS: 2011, p. 7)

Na pesquisa de Cápsula Narrativa em Geografia Oral dialogamos com o narrador para deixá-lo mais à vontade possível, pois sabemos que nossa presença já traz uma mudança no hábito, e pode surgir dúvida do narrador se realmente queremos ouvir o que ele tem para nos dizer. Por isso durante a pesquisa a campo conversamos, descontraímos o narrador, para que, esteja disposto a falar com o mínimo de desconfiança possível.

Em pesquisas anteriores e até mesmo nesta uma das frases típicas que o narrador diz é: “puxa logo eu, eu não sou importante para que escrevam sobre mim”.

Porém, é o produto da narrativa que expõe o social, pois o narrador ao falar sobre sua vida expõe atitudes compostos por fragmentos da sociedade em que vive. Enquanto cada membro da comunidade judaica de Porto Velho produz pensamentos, ações e experiências as quais terão conexão direta ou indireta com o lugar onde estão vivenciando. Estas experiências vividas, advindas do espaço simbólico são redes intensas que algumas vezes se confundem com o próprio lugar, e devem ser compreendidas em uma rede teórica que busca nas narrativas, nos textos, por meio dos sentidos e da representação exposta no corpo, apreender aquela experiência viva dos narradores e de seu lugar.

Aplicamos a metodologia enquanto especificidade concreta, capaz de apresentar uma intersecção da fala com a experiência adquirida no lugar, garantindo assim o entendimento do dito, das narrativas. Não há necessidade para o geógrafo em seu *métie* dos recursos entonacionais, mostrando-os com arranjos literários, descrever como fala foi emitida, descrevendo os detalhes que foram percebidos, não só na fala mais também os recursos paralinguísticos, ou seja, os gestos, olhar e fala. Todos esses recursos são usados dentro da transcrição e não tem necessidade de serem escritos na Cápsula Narrativa em Geografia Oral.

A Cápsula Narrativa foi criada e usada durante muito tempo como auxiliar para as pesquisas em História Oral. Nesse trabalho encontramos em Caldas (2011), um novo aporte, que será de maior utilidade e eficiência para a pesquisa geográfica, sem impor ao geógrafo que a utilize da mesma maneira que o historiador. Como por exemplo, a disposição do texto em ordem cronológica, dando à fala do narrador quando transcrita e pontuada uma cronologia que durante o narrativa não existia.

São diversos os temas que se condicionam para o estudo de um determinado grupo, sociedade ou comunidade, dentro destes é onde a experiência é exposta por meio da narrativa. Ao dispormos da Cápsula Narrativa em Geografia Oral como método para realizar uma pesquisa hermenêutica-fenomenológica da experiência, visando uma reconstituição da espacialidade a partir do narrado. É porque entendemos que a oralidade cabe a quase todos os ramos de pesquisas, ela deve ser útil e eficaz de acordo com a disciplina ou campo de atuação para o qual for adaptada. Destarte, em nosso estudo desenvolvemos a proposta da Cápsula Narrativa em Geografia Oral, como metodologia, pois nos fornece em sua estrutura

específica o melhor resultado possível em uma pesquisa participativa que dispõem de entrevistas.

Como geógrafos ao trabalharmos com entrevistas tomamos cuidado na escolha de uma metodologia apropriada para que, pudéssemos colocar primeiramente a necessidade das espacialidades ou seja, das experiências, que foram vividas ditas por meio das narrativas. Dessa maneira, deixamos de nos preocupar com a temporalidade, que antes era um fator principal para quem fosse trabalhar com oralidade.

As disciplinas que lançam mão da oralidade como método e que possuem como fator essencial a cronologia algumas vezes põe de lado, a ordem com que o narrador fala, para que fique nos moldes em que o pesquisador deseja. Trazemos à lembrança a afirmação de Gil Filho, que diz:

A linguagem de modo diverso apresenta uma função demonstrativa em termos espaciais. A linguagem enseja a representação, a posição espacial, as distâncias e possibilita ir além das determinações subjetivas das sensações quando estabelece premissas de objetivação de uma ordem espacial. Desde suas práticas primárias as mais complexas a linguagem permite a transposição de um espaço de representações (GIL FILHO: 2009, p.4).

Desse modo, entendemos que um dos meios de haver linguagem é por meio da fala e dos gestos corporais, portanto, conseguimos compreender melhor o espaço de representações criados pelo homem, este apresentado a nós por meio da narrativa. A experiência comum do narrador resulta em uma memória que pode ser ativada com diálogo com quem viveu, esteve presente em algum momento no decorrer de sua vida, ou alguém que, tem curiosidade de saber algo, alguém que saiba ouvir. A experiência vivida será lembrada, narrada, organizada, evidenciada enquanto texto esse é o trabalho que realizado com a Cápsula Narrativa em Geografia Oral.

CAPÍTULO 3. Migrações judaicas



<http://eretzisraelmv.blogspot.com/2010/08/menorah.html>

Yehi ratzon Milefanecha Adonai Elohenu velohe Abotenu shenihie Meleim carimon.

Que seja Tua vontade, Senhor nosso D'us, D'us de nossos pais, que nossas mitzvot sejam tão numerosas quanto os grãos da romã (Rabino Salomon Manelaz'l).

A memória de um indivíduo é constituída por lembranças, experiências que pertencem a ele, e aos que lhes são próximos, como parentes, amigos, também por meio de notícias que chegam a seu conhecimento, tornam-se com o passar do tempo parte da memória individual. Contudo ela não é simples, a complexidade com que guardamos alguns detalhes e outros deixamos de lado, faz com que todo emaranhado de informações sejam manuseados por nossa consciência a ponto de evocar pela memória o que nos ajudará a entender o mundo ao nosso redor e vivermos nele para Tuan a experiência é:

A experiência é constituída de sentimento e pensamento. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento. É uma tendência comum referir-se ao sentimento e pensamento como opostos, um registrando estados subjetivos, o outro reportando-se à realidade objetiva. De fato, estão próximos às duas extremidades de um *continuum* experiencial, e ambos são maneiras de conhecer (TUAN: 1983, p.11).

Ora, entendemos que é o conhecimento que conduziu o povo judeu a permanecer durante muito tempo com a ideia de povo escolhido pode ser atribuído a gestão complexa da memória que somos capazes de realizar, esta fez com que Moisés, escolhesse pessoas para escrever a respeito de *lahweh* e repassar o conhecimento adquirido ao povo judeu onde quer que ele estivesse. E, dessa maneira entendemos que

o mito passa de seu primeiro estágio por assim dizer “anônimo”, para o seu oposto, isto é, o da “polionímia”. Cada deus pessoal reúne em si uma profusão de atributos que originalmente pertenciam aos deuses particulares, os quais encontram nele a sua síntese. Mas, juntamente com os atributos, estes deuses transmitiram-lhe também o nome: não como nome próprio, mas como apelativo, pois o nome e a natureza do deus são uma só coisa. Daí que a multinomia dos deuses pessoais constitua precisamente um traço necessário de sua natureza e de seu modo de ser. “Para o sentimento religioso, o poder de um deus se expressa na abundância de seus epítetos; a multinomia é a exigência e o pré-requisito de um deus pessoal mais elevado” (CASSIRER: 2006, p. 90).

A história do povo judeu partiu de Abraão, quando seu “Deus” ficou conhecido por ele e este o apresentou a seu clã¹³ familiar. Depois fortaleceu-se em Moisés e

¹³ conjunto de famílias que se presumem ou são descendentes de ancestrais comuns (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0, 2010).

pelos escribas, até chegar aos rabinos, com a necessidade de fazer com que a religião fosse ensinada de geração a geração usando para tal as escritas que deram aos judeus por muito tempo a denominação de o povo do livro, pois registraram sua história, ao ponto de evocar tanto as vitórias como as derrotas, para se unirem por amor ao seu “Deus” ou por seus antepassados.

Ao tomar para si como mandamento de “Deus” a organização política do povo de Israel Moisés talvez não fizesse ideia de como seria tão difundido o nome de seu “Deus” e sua cultura. Não queremos dizer com isso, que Moisés entendia o quão grandioso seria sua intervenção no povo que ele ajudou a formar, mas quando Abraão estipula a adoração a *lahweh*, e Moisés à impõe a uma nação determinando a unidade das famílias por meio de culto e votos, que envolvesse a prática cotidiana e a esperança voltada para as bênçãos cedidas por seu “Deus”, o primeiro dá origem e o segundo estipula a divulgação e perpetuação do judaísmo.

Após a destruição do templo e as diversas diásporas o ensinamento seguiu diretamente no âmbito familiar, estes deveriam realizar o culto e votos em sua intimidade ou nas escolas onde aprendiam como realizá-los. Com o passar do tempo criaram as sinagogas onde o estudo, as reuniões as celebrações ritualísticas podiam ocorrer, estas permanecem até nossos dias. Dessa maneira o judaísmo conseguiu que seu “Deus” e sua cultura perdurasse 5.772 anos. Para Esther szuchman os percursos realizados pelo povo judeu seguiram

dois grandes períodos históricos. A primeira época da história do povo judeu (século XIX A.C. a VI D. C.) caracterizou-se como época Bíblica e Talmúdica, quando o povo vivia na Ásia, África e países vizinhos, Egito e Babilônia. Datam desse período a produção literária contida na Bíblia Judaica, composta de 24 livros, juntamente com a compilação da Mishná e do Talmud. Essas obras contribuíram para a unidade do povo judeu e constituem o arcabouço da literatura judaica. Foram escritas em sua maioria na língua hebraica, sendo algumas produções, tal qual o livro de Daniel, o Talmud Babilônico e as traduções da Bíblia –Targumim, escritas em Aramaico (SZUCHMAN: 2008, p.130).

As redes complexas que compõem a memória de um povo ou de uma religião como é o judaísmo, que possui determinada construção social. Pode ser entendida quando compreendemos que a memória de uma sociedade é construída em um nível macrocosmo, ela vem sendo propagada por meio de fonte documental e oral, ou seja, de livros e histórias contadas no ambiente social, essas informações são

redes vivas de experiências repassadas a descendentes ou a futuros membros da comunidade judaica.

Ao estudarmos sobre judaísmo, percebemos que a construção da memória social possui valor simbólico altíssimo para a perpetuação de sua cultura e religião, porque:

O Judaísmo é considerado por muitos somente como uma religião. [...] Mas não é só uma religião. É um sistema de vida quotidiana, com regras de comportamento higiênico, dietético, conjugal e social. Um sistema que leva moralmente o judeu, ao mesmo tempo que o treina na obediência a diversas restrições, tornando-o resistente a paixões, tentações e vícios (Izecksohn: 1973a, p.145).

Utilizamos por conceito de judaísmo o escrito por com Goldberg e Rayner (1989), os quais caracterizam-no como “uma religião, e num sentido mais amplo, a cultura de um único povo, o qual no decorrer de sua história foi variadamente conhecido como hebreus, israelitas e judeus” (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 11).

Toda religião possui origem, seja ela conhecida ou não, e com a judaica não é diferente como demonstra alguns historiadores e rabinos. Contudo, devemos enunciar que a construção da história judaica foi elaborada especificamente com seu patriarca Abraão. Dessa forma, no decorrer deste capítulo iremos ao encontro do “início” do judaísmo, com um breve levantamento dos eventos que o constituíram para o entendimento das especificidades desta religião.

Observamos que eram um povo nômade encontrado em toda Ásia Ocidental de 2.000 a. E. C., sua primeira denominação foi *kapisrus*, *habiru* e com o passar do tempo *hebreu* e por último judeu:

hebreu (*ivri*) derivou de *Eber*, o nome de um tradicional progenitor de Israel [...] ou mais, rebuscadamente, de uma palavra que significa o *outro lado*, já que Abraão e seu clã vieram do outro lado do Eufrates. Mais provável, no entanto, é sua similitude etimológica aos nomes *kapisru*, *apiru* ou *habiru*, usados com frequência nos textos mesopotâmicos e egípcios para designar um povo nômade encontrado em toda a Ásia Ocidental de 2000 a. E. C. até o século XI. Esses *kapisrus* eram em geral seminômades. Sem condição de cidadania na estrutura social existente, (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 24-25).

Os autores afirmam ainda que “a história do povo judeu começa com Abraão, porém, a história da religião judaica com Moisés. Em seu início era uma religião de

devoção simples, com cerimônias realizadas pelo próprio patriarca”, na qual quem fizesse parte do clã deveria converter-se a vontade de seu “Deus”. “Nisso ela diferia bastante do politeísmo oficial da Mesopotâmia, que era clericalmente organizado”. Já que Abraão não havia organizado o ritual de adoração e evocação a seu “Deus” ele só havia até então estipulado o *Brit Milah*¹⁴. Outra diferença entre os judeus e seus vizinhos era o modelo de seu culto “Diferia também dos cultos de fertilidade de Canaã, que eram realizados com festas orgiásticas” (Goldberg & Rayner: 1989, *passim*).

No contexto histórico e cultural onde ocorreu o livramento de Isaac, foi suscitado um novo comportamento de imolação de animais em vez do filho para sacrifício ao deus familiar. Abraão não o mata como sacrifício, diz que um anjo lhe impede de cometer a ação, para alguns pesquisadores ele pode ter tido realmente uma revelação, podia estar alucinado ou simplesmente não aguentou matar seu filho. Porém com essa mudança de atitude, todo seu clã deixa de realizar sacrifício humano gesto de adoração a “Deus”, pois até então o imolamento era praticado por quase todas as sociedades no Oriente.

O favor de seu “Deus” passaria a ser possível por meio de sacrifício de animais que seriam imolados, de ritos, e de conduta moral estabelecida como oferta. Com essa atitude do clã hebreu começa uma transformação na forma de adorar e agradecer as benesses concedidas pelo seu “Deus”.

Abraão e seu clã ao mudarem para a região hoje denominada Palestina, “cultuavam uma deidade que era conhecida por diversos nomes: *El, El Shadai, El Elion*” e, ainda possuía outros nomes de adoração e evocação. Abraão e os patriarcas do clã, “evocavam um “Deus”, que para eles seria mais elevado, “de poder mais duradouro, e que zelava pelos assuntos de Seu povo” (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 24).

Seguindo a historicização dos autores Goldberg & Rayner (1989), “foi Jacó, o mais complicado, apaixonado e ‘arrebato’ dos patriarcas, que, depois de uma misteriosa luta na passagem de *Jaboc*, teve seu nome mudado. Ele foi ‘o que lutou com *El*’, com este acontecimento o clã ficou conhecido pelo nome de Israel.

Com a mudança em seu nome os “descendentes da família de Abraão”, passariam a ser conhecidos pelo nome de Israel. Mas que sistematizou o “iavismo”

¹⁴ Circuncisão

foi Moisés, que colocou a adoração como modo de unir o povo descendente de Abraão. A sistematização proposta por Moisés para o povo “adquire um conteúdo e um significado especial”, uma razão para unirem-se e lutar para permanecimento de sua cultura e religião com o passar do tempo e mesmo em terras estrangeiras.

Também foi por meio de Moisés que “Deus” retirou “seu povo” da servidão no Egito. Foi com ele também, que “Deus” afirmou sua intolerância à outros deuses ou a qualquer coisa que possa ser seu rival:

Somente *lahweh* é “Deus”, e não tolera rivais. Ele foi o Criador de todas as coisas, sem intermediário, assistência, panteão, consorte ou progênie. Para outros povos poderia haver outros deuses, mas para Israel, *lahweh* era o único “Deus”, e foram seus poderosos atos que criaram o mundo, era Sua força que governava o cosmo, fora Sua especial consideração que forjara a Aliança com os patriarcas (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 31).

O desenvolvimento da memória judaica foi forjado a partir de uma cosmogonia mítico/religiosa. Observamos quando Moisés precisou apresentar esse “Deus” ao povo hebreu que estava sob domínio do Egito, *Ele identificou-Se como* “O Senhor, “Deus” de seus pais, o “Deus” de *Abraão*, o “Deus” de *Isaac* e o “Deus” de *Jacob*’. Pressionado por Moisés a comunicar um nome, que este deveria apresentar aos escravos hebreus demonstrando desse modo que não estava mentindo e a certeza de que era o “Deus” deles, então veio à resposta enigmática: *‘Eieh asher Eieh¹⁵’* (GOLDBERG e RAYNER: 1989 p. 31).

Com Moisés também foi instaurada a proibição de maltratar os escravos, de separar os casais e os pais dos filhos. Ficou estabelecido o descanso semanal obrigatório para todos. E, foi proibido matar por divertimento, não só seres humanos como animais (IZECKSOHN: 1973a, p. 145).

A inteligência de Abraão e Moisés ao unirem o povo em favor de um único “Deus”, os conduziu a um crescente sentimento de irmandade e de pertencimento

¹⁵ Tradução “Eu Sou Aquele que Sou”. Contudo, Armstrong (1994, p. 33) questiona esta afirmação direta “o hebraico não tinha uma dimensão tão metafísica nesse estágio, e levaria quase 2 mil anos para adquiri-la. Deus parece ter querido dizer alguma coisa mais direta. *Ebyeh Asher ehyeh* é uma expressão idiomática hebraica para expressar uma indefinição deliberada. Quando a Bíblia usa uma frase como “eles foram aonde foram”, quer dizer: “Não tenho a menor ideia de onde eles foram”. Assim, quando Moisés pergunta quem ele é, Deus responde na verdade: “deixa pra lá quem eu sou!”, ou “não é da sua conta!”, não haveria discussão da natureza de Deus, e com certeza nenhuma tentativa de manipulá-lo como os pagãos às vezes faziam quando recitavam os nomes de seus deuses. *Javé* é o Incondicionado ”

comum de amor ao mesmo “Deus”, afinal, Ele os uniria e os capacitaria para as bênçãos vindouras.

Constatamos que a escrita judaica é antiga, sofreu algumas modificações, com o decorrer de sua peregrinação. O uso do idioma semita¹⁶ foi modificado para a chamada língua aramaica e depois para a hebraica.

Na Idade Média os judeus observaram uma dificuldade dos seus irmãos que estavam espalhados pelos continentes para a leitura em hebraico então inventaram um sistema de sinais diacríticos, constituídos de pontos e traços, que serviriam para representar o uso das vogais no hebraico. Porém este uso não foi geral, pois para os judeus o hebraico é um alfabeto santo e não pode ser alterado.

O alfabeto hebraico compreende vinte e duas letras, todas consoantes. Foi só na idade Média que inventou-se um sistema de sinais diacríticos, constituído de pontos e traços, para representar as vogais (...) As vinte duas consoantes servem também como algarismos. As primeiras dez representam os números de um a dez; as oito seguintes representam as dezenas de vinte a noventa; as últimas quatro as centenas de cem a quatrocentos (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 12).

O conhecimento da Torá¹⁷ é uma obrigação de fundamental importância para que o judeu religioso possa realizar a leitura e os rituais de forma correta. Vemos na fala do colaborador, relatar que em nosso contexto, essa importância não diminuiu, ela continua vigorando:

A gente tem que saber a origem da Torá, que a gente compra aqui, porque tem umas Torá, que são chamadas de Torá, mais não é uma Torá, é uma tradução da Torá para o português, que eles falam, que é a bíblia judaica. Aí nem tudo ali bate com o que, a Torá real tá falando, porque quando se conversa quando se, aprende a ler e escrever em hebraico, você vai ler o hebraico na Torá tem coisas, que é uma coisa, e nessa tradução é outra (Narrador I, 2010).

A partir da compilação e divulgação dos livros que estão na Torá o judeu toma posse dos mandamentos de seu “Deus”. Ele já pode sair de sua terra, pois tem a certeza da presença de seu “Deus”, ele possui os mandamentos que foram repassados pela própria divindade, Ela o guia, e estará com ele em todo lugar em que adentrar e permanecer, desde que seja fiel e faça o que lhe é ordenado por seu

¹⁶ relativo ao grupo étnico e linguístico ao qual se atribui Sem como ancestral, e que compreende os hebreus, os assírios, os aramaicos, os fenícios e os árabes, ou membro desse grupo (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0, 2010).

¹⁷ Acompilação de cinco livros judaicos Gênesis, Êxodo, Levíticos Números e Deuteronômio.

“Deus”, pois “Ele” possui qualidades morais que lhe foram atribuídas pela tradição judaica

na tradição judaica podem ser classificadas em duas categorias: as “severas”, que são referidas por termos tais como *tzedek*, *mishpat* e *din*; as “suaves”, expressas por palavras tais como *tov*, *chanun*, *chessed* e *rachamim*. [...] Devemos mencionar mais um atributo: santidade. O significado da raiz da palavra hebraica para “santo”, *kadosh*, é “separar”, [...] Em seu sentido primeiro, apenas “Deus” é santificado. “Ninguém é sagrado como o Senhor, não há ninguém ao Seu lado” Mas a santidade se transmite às pessoas, lugares e coisas que foram especialmente expostas à “radiação” da santidade de “Deus”, de modo que podemos ser encarados com santificados num sentido secundário. [...] O modo pelo qual os judeus pensaram em “Deus” reflete-se nos nomes pelos quais eles se referiram e se dirigiram a Ele, (...) Os menos específicos são *El*, *Eloá* e *Elohim*, o último dos quais parece ser um plural de majestade, todos traduzidos normalmente como “Deus”. O primeiro também aparece na combinação *El Shadai*, um apelo ao “Deus” dos Patriarcas, geralmente traduzido como “Deus” Todo-Poderoso”, mas de significado desconhecido. Moisés o substituiu pelo tetragrama *IHVH* – possivelmente pronunciado lavé, cujo significado é igualmente incerto, apesar de a Bíblia o considerar derivado do verbo *haiá*, “ser”, talvez no sentido de “Aquele Que É” (o Eterno), talvez no sentido de “Aquele Que Causa o Ser” (o Criador) (GOLDBERG e RAYNER: 1989, p. 276, 277 e 278).

Ao substituir o nome de “Deus” pelo tetragrama *IHVH* Moisés, torna-o tão sagrado que, ao lerem a Bíblia judaica, o tetragrama era substituído pela palavra *Adonai*, por não ser permitido o uso direto de seu nome,

mas a palavra substituta *Adonai* logo adquiriu santidade própria, de forma que para outros propósitos que não o estudo devocional, orações e cultos, outros nomes e expressões surgiram evolutivamente. Entre os mais comuns está *Ha-Makom*, que significa “o Lugar”, que pode ter surgido como referência ao Templo “o lugar que o senhor teu “Deus” escolherá”(GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 278).

Todo caminho percorrido, durante mais de quatro mil anos de judaísmo, não pode ser compilado minuciosamente em um único trabalho e também não pode ser visto de maneira separada do percurso que foi realizado pelo povo de Israel, e de sua constituição política e administrativa. Por isso, iremos abordar um pouco desse caminhar da religião desse povo, para entendermos como se deu a mudança para sua atual denominação, também observamos que judeu é o nome dado não só a religião e aos seus adeptos é também característica atribuída a quem possui

descendência de judeus, evidenciamos que nem todos que nascem na atualidade no Estado de Israel são judeus, por isso são denominados de israelense.

3.1 De Anficionia à Reino Unificado

A constituição dos filhos de Israel ou Israelitas em seu início fora mais uma confederação de clãs unidos sob o domínio do único “Deus” *lahweh*. Do que um Estado político e administrativamente organizado e gerido por indivíduos que dispusessem do cargo de governantes e que unissem o povo sob seu governo

Os gregos chamavam-nos afictiões, de um termo que significa ‘morar perto’. O fator que unificava podia não ser uma descendência comum mas uma devoção comum a um santuário particular. Muitos eruditos no texto nos séculos dezenove e vinte descartaram a ideia de uma descendência comum de Jacó e preferiram ver os grupos tribais de origens distantes e disparatadas organizarem-se como uma antificionia em volta dos santuários israelitas que estavam sendo estabelecidos nessa alturas. Mas como esses grupos semíticos ocidentais que se mudavam para Canaã tinham origens comuns e eram inter-relacionados; eles partilhavam memórias, tradições e reverenciavam ancestrais (JOHNSON: 1995, p. 33).

Dessa maneira entendemos que foi a total submissão a *lahweh*, que conduziu a união permanente dos clãs por cerca de duzentos anos. Cercados por outros clãs e por reinos já que estavam bem mais forte belicamente e que constantemente estavam em guerra. O clã de Israel (Jacó) quando atacados uniam-se para defesa de seus bens e de sua família, convém lembrar que viviam em tendas e migravam pelo território de seus vizinhos. Contudo já não eram um simples clã possuíam característica de tribo, pois durante o tempo que passaram peregrinando a população aumentou e se organizavam em torno de um comando político-religioso.

O primeiro período que deixam a condição de nômades é quando, Josué sob o comando de Moisés ataca o território amalequita Canaã e Jericó, ao cruzarem o rio Jordão foi a primeira cidade destruída. Jericó foi considerada por alguns estudiosos como a cidade mais antiga do mundo,

e Josué desbaratou a Amaleque e a seu povo ao fio da espada [...] Seguiu então Josué para lograr uma vitória ainda mais importante sobre Jabim, rei de Hazor, que tentara criar uma coalizão na parte

setentrional de Canaã para impedir a entrada dos intrusos israelitas [...] Hazor foi completamente escavada pelo arqueólogo geral de Israel, Yigael Yadin, em 1955-9 (JOHNSON: 1995, p. 54-55).

Observando seus vizinhos a se organizarem em torno de um monarca. Resolvem unir-se e designar um rei para conduzir o povo de acordo com a vontade suprema de *lahweh*. Foi escolhido assim o primeiro rei de Israel cujo nome fora Saul. Com essa atitude as tribos uniram-se ao rei. Contudo a administração de todas as tribos ainda não era possível por haver tribos que não se prontificaram por inteiro ao comando de Saul.

Foi Davi, o segundo rei que conseguiu unir as tribos. Formando assim o Estado de Israel. Para Raffestin (1993, p. 33) um Estado é constituído quando “uma população instalada num território exerce a própria soberania. Portanto, três sinais são mobilizados para caracterizar o Estado: a população, o território e a autoridade”. Davi consegue unir todas as tribos e impor autoridade aceita pela população. Ele usou de perspicácia ao proclamar como capital e lugar para construção do Templo a cidade de Jerusalém, dessa maneira todos os cidadãos deveriam fazer seus votos na cidade, e ela por estar centralizada como rota de comércio se tornou rica:

David consolidou seu reino (...). Após uns poucos anos de governo em Hebron, ele capturou a cidade jebusita de Jerusalém, em cerca de 1000 a. E. C. e fez dela sua capital. Foi uma hábil escolha. Situada a meio caminho entre as tribos do norte e as do sul, mas em terra de ninguém, era o local ideal para o governo [...]. Firmemente estabelecido como rei de um país que estava mais unido do que sempre estivera – ou jamais viria estar. [...] David governou quarenta anos, aproximadamente. Israel prosperou. O santuário nacional em Jerusalém despertou lealdade de todas as tribos e consolidou, também o sucesso material e militar, uma unidade que antes fora frágil (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 46-47).

Ao escolher seu sucessor Davi já velho em seu leito antes de morrer, opta pelo seu filho mais solerte, que se tornaria o terceiro rei de Israel, e o segundo a conduzir o Estado de Israel.

Salomão, como David antes dele, governou por aproximadamente quarenta anos, de 960 a 920 a. E. C. (...) O verdadeiro gênio de Salomão, no entanto, estava em seu instinto industrial e comercial. Ele soube avaliar a importância de Israel, sobre as principais rotas de comércio do Egito e da Arábia, e desenvolveu ao máximo suas possibilidades comerciais (GOLDBERG e RAYNER: 1989, p. 47).

Com toda sua sabedoria e astúcia, Salomão não percebeu que foi ao empreender a construção do Templo em Jerusalém com mão de obra escrava, que o reino de Israel viria a ruir. Pois seria abalado de tal maneira que nunca mais voltaria a ser uma nação unida com as doze tribos, algo que seu antecessor havia conseguido

a força de trabalho do Templo fora provida apenas por trabalho forçado – e não só de escravos do estado ou canaanitas recrutados mas também de israelitas nascidos livres, que trabalharam em turnos no Líbano, derrubando madeira. A hostilidade causada por essa corvéia era agravada pelos crescentes e pesados impostos aplicados por Salomão a seus súditos.[...] Seus métodos de levantar dinheiro tornaram-se mais duros e, depois, desesperados. Ele reorganizou o país em doze distritos administrativos, nem sempre coincidindo com as antigas fronteiras das tribos, e obrigou cada distrito a manter a corte por um mês. Salomão começou até a vender seu território, cedendo ao rei de Tiro certas cidades ao longo da baía de Acre (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 48-49).

Após o término da construção do Templo, Israel estava passando por dificuldades financeiras, mesmo assim Salomão fez uma grande festa de inauguração para mostrar para a população o quão grande devia ser o engrandecimento ao seu “Deus” e também ter a oportunidade de verem que ele selaria o pacto com o “Eterno” colocando no interior do Templo:

o Tabernáculo com a arca sagrada. Uma grande quantidade de *cohanim* (sacerdotes) e levitas se encarregou dos serviços sagrados. Jerusalém tornou-se o centro das três peregrinações anuais prescritas pela Bíblia (Torá): *Pessach*, *Shavuot*, *Succoth* (IZECKSOHN: 1973a, p.91).

Mas no final do reinado de Salomão o descontentamento de algumas tribos era visível, cogitavam a rejeitar a dinastia de Davi ao trono. Contudo foi o filho de Salomão quem colheu os frutos da escravidão sofrida pelo povo.

Quando Salomão morreu deixou como seu herdeiro seu filho Reoboão, este assumiu o trono aproximadamente em 920 A. E. C¹⁸. Ao fazer a visita oficial às cidades para falar com os anciões e lideranças locais o rei mantinha o protocolo instuído anteriormente, pois seus antecessores o fizeram como costume, era com a primeira visita que os súditos conheceriam seu novo governante, e este poderia ouvir os anciões e providenciar soluções para algumas demandas do local. Contudo

¹⁸ Antes da Era Comum, podemos observar que o uso dessa abreviatura pelos historiadores judeus e alguns rabinos, ela está ligada a aceitar Cristo como marco histórico.

para a maior parte dos moradores só restava insatisfação com os trabalhos e os impostos cobrados por Salomão. Então ao reunirem-se com Reoboão os anciões pedem melhorias e diminuição dos impostos.

Porém, Reoboão não foi um rei sábio e negou o pedido das tribos que ficavam ao norte. Indignados com a incapacidade do novo rei de ouvi-los, mataram seus servos e obrigaram Reoboão a fugir, proclamaram Jeroboão como rei. E dessa maneira o reino de Israel foi dividido entre o reino do norte chamado de Israel e o reino do Sul chamado de Judá, de acordo com Goldberg & Rayner:

quando foi a Shechem (hoje Nablus), para ser aclamado rei de Israel pelas tribos do norte, teve uma fria recepção. Os representantes das tribos pediram, como preço de sua submissão, que o fardo imposto por Salomão, especialmente a odiada corvéia, fosse aliviado. [...] Reoboão prometeu-lhes que, em lugar do látigo de seu pai, eles seriam agora chicoteados com escorpiões. Os representantes de Israel anunciaram irados sua secessão, lincharam o chefe de corvéia de Reoboão, obrigaram o rei a fugir ignominiosamente e elegeram em seu lugar Jeroboão, que voltara recentemente do exílio no Egito. [...] Assim, o reino unificado e o extenso império construído pacientemente por David e sagazmente mantido por Salomão, chegou ao fim. Daí em diante, existiam lado a lado dois estados separados, de segunda classe, às vezes em incômoda aliança, até que o reino do norte, Israel, foi destruído pelos assírios em 722 e o reino do sul, Judá, desapareceu sob ataque babilônico quase 150 anos depois. A glória fora breve – cerca de setenta anos. Daí em diante estabelecia-se um padrão histórico: um longo e desgastante esforço, no norte e no sul, para sustentar um pequeno reino contra vizinhos rapaces (Id.: 1989, p. 49-50).

O reino de Judá ao sul, ficou com apenas duas tribos a de *Benjamim*, *Simão*, o que havia restado de *Dan* e a grande tribo de *Judá*. Essa que deu seu nome ao novo país, continuando na posse de *Jerusalém*. Contudo, ficaram unidos pela fé, pois tinham Jerusalém como seu centro de culto a *Iahweh*. Israel reino ao norte ficou com as antigas tribos de *Efraim*, *Manassé*, *Isachar*, *Neftali*, *Asher*, *Gad*, *Rubem* e uma parte de *Dan* – as quais, depois da dissolução do reino de Israel, ficaram conhecidas como as dez tribos perdidas. Isso porque, sua população fora levada para o Egito e para outros lugares do Oriente primeiramente como escravos depois acabaram misturando-se com a população local.

Em 721 A. E. C., o reino de Israel já tinha sido reduzido a uma superfície muito pequena. Com o ataque e um cerco que durou cerca de dois anos à cidade de Samaria, por Salmanasar que morreu em batalha e foi substituído por Sargão II.

Este conseguiu atravessar as defesas da cidade e a “reduziu a cinzas” a população foi deportada.

Nos cálculos de Sargão II foram deportados mais de 27.000 cidadãos exilados na Mesopotâmia onde passaram a conviver com a população local, dessa forma, fora instinto o reino de Israel:

Assim o reino de Israel desapareceu na história. Seu povo foi exilado para a Mesopotâmia Superior e a Média, onde, no correr do tempo, mesclou-se à população local e esqueceu sua identidade, para tornar-se as *dez tribos perdidas*. Daí em diante, é no pequeno reino de Judá que iremos buscar a história e a religião do povo judeu (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 58).

A Assíria dividiu o território setentrional de Israel em províncias as quais aproximadamente em 629 ou 628 a. E. C., Josias rei de Judá ocupou. E como o governo de Assurbanipal estava caminhado para o fim, Josias aproveitou-se para dar um golpe de independência começando a implantar a maior reforma religiosa da história de Judá:

A reação de Josias, quando ouviu sobre o livro da lei, foi rasgar suas roupas, em desespero. Tanto fora esquecido, tanto fora ignorado! Foi sua consciência de ter traído o passado que lhe deu a convicção e o ímpeto para as reformas. O povo respondeu de bom grado. Santuários distantes foram abolidos, e Jerusalém firmou-se como o único lugar legítimo para o culto. O estado, conduzido por seu rei, estava oficialmente comprometido com a observância da lei da Aliança. Esse apego à lei escrita, sua elevação ao status de autoridade máxima, foi o primeiro passo no processo que iria regularmentar a religião judaica – o judaísmo – por mais de dois mil anos após o exílio da Babilônia. O reinado de Josias foi crucial para a sobrevivência do povo através de sua religião (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 62).

Em 609 A. E. C., Josias morreu no campo de batalha do Passo de Meguido, lutando contra o faraó Neco II, seu corpo foi levado à Jerusalém e seu filho Joacaz foi coroado o rei de Judá, dessa maneira Israel o reino que ficava ao norte não suportou a batalha e foi extinto pelos assírios.

Com a morte de Josias não demorou muito para que o faraó Neco II vencesse a batalha depois de proclamada vitória deportou Joacaz e colocou Jeioaquim irmão de Joacaz como seu vassalo.

Não havia estabilidade nos perímetros de fronteiras e o poder do Oriente Médio mudaria de mãos brevemente. Em 605 a 601 a. E. C., Nabucodonosor

marchou com seu exército dominando o Oriente Médio. Em seu caminho estava o reino de Judá. Durante um cerco, ele conseguiu transpor as muralhas e vencer a resistência de Judá. Dessa maneira, o fim de Judá como Estado tornou-se eminente:

Em julho de 586 as muralhas da cidade foram rompidas. Zedequias fugiu durante a noite, mas foi alcançado perto de Jericó. Ele foi trazido a Nabucodonosor, que não teve clemência. Forçado a presenciar a execução de seus filhos, ele foi depois cegado e levado em correntes para a Babilônia. Um mês depois Jerusalém foi incendiada, o Templo totalmente queimado, as muralhas derrubadas. Alguns líderes religiosos, militares e civis foram levados a Nabucodonosor, em Ribla, e executados, enquanto outros foram deportados para a Babilônia. Só foram deixados os trabalhadores dos campos, para cuidar do país (...) o estado de Judá deixara de existir. Ele ainda debateu-se, mas por pouco tempo. Guedalia, que fora primeiro-ministro sob Zedequias, foi nomeado governador. Ele tentou restituir algum aspecto de normalidade ao país, mas foi assassinado por conservadores, que o consideravam um colaborador. Como revide, os babilônios deportaram ainda mais pessoas em 582, enquanto outras – levando consigo Jeremias – fugiram para o Egito (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 64).

Durante os cercos e em tempos difíceis Israel e Judá tiveram homens que eram intitulados de profetas, estes exaltavam o povo a obedecer e se prostrar a seu “Deus” como forma de arrependimento pelos pecados cometidos.

Três grandes profetas da fé judaica cada um a sua maneira incentivaram o povo judeu a fortalecerem-se na fé inabalável a *lahweh*.

Os discursos que mudaram a forma de conhecimento de *lahweh*, de um “Deus” local da antiga anficionia, para um “Deus” espiritual criador, “Deus” de todos e o “Deus” universal. O trio que conduziria o pensamento judaico no percorrer dos eventos futuros é Isaias, Oséias¹⁹ e Jeremias. Eles mostraram que é a partir do conhecimento do seu “Deus” o judaísmo seria sustentado.

Segundo Johnson quando os moradores de Samaria estavam sendo deportados alguns letrados conseguiram escapar para o reino de Judá, levando consigo alguns escritos de um profeta que foi ignorado em Israel, ele era denominado de Oséias:

Oséias tinha profetizado e escrito, na véspera da destruição do reino do norte. Ele foi o primeiro israelita a perceber claramente que o fracasso militar e político era uma punição inevitável imposta ao povo

¹⁹ Há em livros de história judaica uma contradição no nome deste personagem e por não ter sua identidade confirmada, este recebeu o apelido de segundo Isaias, provavelmente ele era de família pobre.

eleito por Deus, por causa de seu paganismo e de seus defeitos morais. Num livro escrito brilhantemente, e muitas vezes poeticamente, ele predisse a queda de Samaria. Deus faria em pedaços seus ídolos: “porque semeiam ventos, e segarão tormentas”. E a todos os pecadores adoradores de *lahweh*, ele adverte: “Araste a malícia, colheste a iniquidade” (JOHNSON: 1995, p.81).

Oséias foi o primeiro profeta que escreveu advertindo sacerdotes, legisladores e a nobreza a respeito de suas atitudes que evidenciavam a corrupção, licenciosidade e a idolatria em Israel reino do norte. Quando sua mensagem chega ao reino de Judá pairava o medo de terem o mesmo fim que Israel.

Tanto sacerdotes, legisladores e a nobreza tomaram como verdadeiras as palavras de Oséias e começaram a unir o povo em torno da adoração a *lahweh*, pois se o exemplo que o profeta deixou foi de que o povo só podia ser salvo por meio “fé” e essas deveriam ser expostas em “obras”. “Oséias escrevera a respeito do poder do amor, e clamara por uma mudança nos corações dos homens” (JOHNSON: 1995, p.84). O que ele escreveu serviu para as duas nações, contudo Judá ao se colocar novamente em um modelo político-religioso consegue resistir a destruição por mais tempo que Israel.

É o amor a “Deus” que fará do povo judeu uma nação sólida, a pregação de Oséias é a referência da busca de um lugar santo que só será possível de acordo com as atitudes dos indivíduos, pois é pelo amor que o homem se chega a *lahweh*, este amor deveria ser evidenciado primeiramente para com seus semelhantes.

O segundo profeta é Isaías, este pregou para o mundo. Sua pregação nos leva a entender que para o judeu todos os lugares pertencem a *lahweh*, e o que acontece em um lugar provavelmente acontecerá em outro. Os avisos já não são somente para os judeus, são para todos os povos.

Mas o maior de todos os profetas foi *leshaiau*, ou melhor dito, o segundo *leshaiau*. A visão desse segundo *leshaiau* é universalista. O mal é mundial, e o remédio também deverá ser mundial. É sua a frase lançada a todos os povos que acreditavam encontrar a segurança na destruição dos vizinhos: “Quando acabares de saquear, saquear-te-ão!” era o que vinha acontecendo até então com os egípcios, com os hititas, com os elamitas e com os assírios. E viria a acontecer com os babilônios, até aquele momento vencedores de todos os seus oponentes ... E com os persas, os gregos, os romanos etc. Etc. [...] Mas *leshaiau* não era pessimista. Pelo contrário! Tinha fé no futuro da Humanidade. *E proclamou bem alto: “Ainda chegará o dia em que das espadas serão forjadas relhas de arados, e das lanças podadeiras. Uma nação não levantará a espada contra outra*

nação, nem aprenderão mais a guerra”. Ele já não falava para seu povo, mas para o mundo (IZECKSOHN: 1973a, p. 134. Grifos nossos).

O discurso de Isaías foi mais impactante que o de Oséias e o de Jeremias. Pois é nele, que as barreiras fronteiriças são quebradas, que a fé, e a crença tornam-se fator de suma importância para o povo judeu. A certeza de que os homens passarão por tudo que fazem os outros passar, do retorno do mal que é feito é o mesmo mal que é recebido (causa e efeito).

Com suas prédicas incentivava ao judeu guardar a esperança em seu “Deus” que, segundo ele, é o Criador de tudo que existe e o Único, não existe outro igual. Para o judeu *lahweh* é indivisível, este é um dos pontos que divergem completamente do cristianismo, seu “Deus” não pode ser uma trindade, não pode ser pai e filho ao mesmo tempo, este é um dos ensinamentos que vai seguir o judeu por toda sua vida - o da unicidade de *lahweh*.

Outro ponto importante das palavras de Isaías era o da consolidação do lugar da fé judaica, esta deve estar no coração dos judeus e não em suas posses. Pregando a unicidade de “Deus” levanta-se contra todos os tipos de idolatria e em suas prédicas incentivam os homens a fazerem doações, ajudarem os desprovidos, “de sorte”, ou de benção de “Deus” como afirma Izecksohn:

apesar dessas circunstâncias, continuaram fiéis a religião de seus antepassados e a terra de onde haviam sido arrancados. Esse verdadeiro milagre eles o deveram a seus profetas, especialmente a *Hetziel*. Este havia sido levado à Babilônia na primeira leva dos exilados. Com suas inextinguíveis prédicas conseguiu manter bem alto o ânimo dos recém-vindos, levando-os a conservar a fidelidade ao “Deus” de *Moshé* e a fé no retorno. É de sua autoria a frase “Que seque minha mão direita e que minha língua fique presa ao céu da boca, se algum dia eu me esquecer de ti, Jerusalém”. Uma frase que foi repetida séculos mais tarde em novos exílios. E Jerusalém jamais foi esquecida. Por isso os judeus sobreviveram até hoje (IZECKSOHN: 1973a, p. 134).

O profeta Jeremias viveu dois momentos. O primeiro ele pregava a permanência do território político, usou seu discurso para admoestar o monarca de Judá a ter a sabedoria de permanecer em submissão à Babilônia. Mesmo sendo outro reino Judá continuaria dentro do território que lhe pertencia, nas palavras de Goldberg & Rayner:

Foi a insistência de Jeremias de que a oposição ao exército de Nabucodonosor no cerco de Jerusalém era inútil, pois os babilônios eram instrumentos de punição divina, que fez dele provavelmente o homem mais odiado em Jerusalém. No entanto, mesmo quando a cidade estava em sua agonia de morte e suas profecias se consumavam, ele visualizou um futuro consolador, em que os exilados retornariam e “Deus” faria uma nova aliança com seu castigado e purificado povo. Como prova de sua certeza, Jeremias comprou de um parente um pedaço de terra então ocupada pelo exército invasor. Ele enviou uma encorajadora mensagem de alento aos cativos da Babilônia, dizendo-lhes que lá reconstruíssem suas vidas até serem reunidos em casa por seu “Deus” (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 66).

Jeremias não foi entendido pelo seu povo no contexto em que viveu, suas palavras só foram ouvidas e entendidas algum tempo depois. Não lhe escutaram, e ele acabou vendo seus compatriotas derrotados, uma parte levada presa para Babilônia, outra ficando na terra em completo estado de pobreza. Mesmo podendo ter ido com os que foram levados para a Babilônia, ele preferiu permanecer em seu território pregando o amor e ajudando os que ficaram. Contudo, após um tempo houve um levante contra a Babilônia e quando este foi reprimido os conterrâneos de Jeremias mesmo contra sua vontade levam-no para o Egito, este com o passar do tempo experimenta a saudade de Jerusalém.

Ele estava tentando ensinar-lhes como se tornarem judeus: submeterem-se ao poder conquistador e com ele se acomodarem, a tirar o melhor partido da adversidade, e para alimentarem a certeza de longo prazo da justiça de Deus em seus corações (JOHNSON: 1995, p. 88).

Jeremias é considerado o primeiro judeu. Por ter começado a pregar não mais a submissão a outro reino, mais sim a submissão para com “Deus”. Seu discurso envolvia *lahweh* e o lugar do Templo, mas agora envolve “Deus” e o sofrimento por não estar em sua terra amada. O sentimento de topofilia de Jeremias por Jerusalém o conduz cada vez mais ao sofrimento. Ele nunca deixou de acreditar que o povo judeu um dia voltaria para sua terra amada – porém ele morreu no Egito.

Os três momentos distintos da mudança de pensamento religioso pode ser percebido nos personagens Isaías, Oséias e Jeremias. O primeiro demonstrando o “Deus” tribal e territorial amando e perdoando os seus. Em um segundo momento o “Deus” deixa de ser territorial, desse modo começa-se a pensar na potestade e soberania de *lahweh* mesmo fora do território. E, por último o “Deus” é universal, não há fronteiras que possa resistir a sua potestade ele é perdoador e ama a todos.

Observamos na história desse povo, a capacidade humana em momentos de aflição, medo, desespero buscar forças para continuar vivo. Os judeus preencheram-se de esperança em seu “Deus”, e desse modo sua religiosidade os manteve resistente para que permanecessem durante todos esses anos.

3.2 O Início das Diásporas

O judaísmo perdeu o Templo e a pátria, mas continuou a existir pela palavra de seu “Deus”. A palavra escrita e falada era maior que qualquer referência física, pois onde ela estivesse lá estaria a presença de *lahweh*, mesmo com o

Cativeiro e exílio: tal foi o destino de Judá e seu povo, como o fora do reino do norte um século e meio antes. Ao contrário das dez tribos perdidas, no entanto, os cidadãos de Judá iriam sobreviver, e iriam difundir sua mensagem de judaísmo onde quer que se estabelecessem. Haviam perdido seu Templo, a morada de seu “Deus”; mas tinham suas palavras guardadas no relicário de sua lei escrita, uma lei que não dependia de nenhuma locação física. [...] O exército de Nabucodonosor tinha arrasado os maiores centros populacionais (...) estimou-se que a população de Judá, que era de 250.000 habitantes no século VIII, reduziu-se para cerca de 20.000 (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 64-65).

Houve três revoltas contra o reino da Babilônia e por tanta resistência, Nabucodossor não teve mais benevolência para com Judá, que já havia perdido seu título de reino, então ele queimou e saqueou o Templo, levando o tesouro para Babilônia, deixando a terra quase sem moradores.

Por mais que os relatos sejam de que o povo foi recebido com simpatia na Babilônia, eles perderam seu país. E “foi durante o meio século de exílio que os cativos adotaram nomes babilônicos, o calendário babilônio e a língua aramaica” foi deixando de ser usada no cotidiano, “também foi no exílio que o judaísmo foi moldado e tomou a forma que deveria manter pelos séculos por vir” (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 65-66).

Observamos que o ponto fundamental para o judaísmo como forma religiosa é a existência de “Deus”. Nas palavras de Goldberg & Rayner:

É isso que faz dele uma religião. Nas fontes clássicas do judaísmo, a existência de “Deus” é sempre aceita, mesmo quando não é

explicitamente afirmada, e é vista como a mais importante de todas as verdades. Desenvolver as implicações dessa crença é a preocupação principal dos escritores judeus, dos tempos antigos à modernidade (Id.: 1989, p. 267).

Contudo, o judaísmo não se apresenta apenas em sua forma religiosa, há judeus que não acreditam em *lahweh*, pois na forma cultural é a união simbólica com a participação em alguns ritos e sua descendência que lhe caracterizará como judeu e não sua crença.

Em 538, após conquistar a Babilônia, Ciro expediu um decreto que permitia aos exilados judeus voltarem a Jerusalém e reconstruir em seu Templo. Com a intervenção de Ciro terminou o primeiro exílio judaico que durou cinquenta e nove anos, nas palavras de Izecksohn:

a partir da primeira deportação em 597 a. E. C. e quarenta e oito anos depois da destruição do Templo. [...] Mas a maioria já se havia estabelecido em sítios agrícolas e em pequenas oficinas artesanais e lojas em Babilônia e em outras cidades da fértil e rica Mesopotâmia. Só os mais religiosos e idealistas resolveram voltar, cheios de entusiasmo (IZECKSOHN: 1973a, p. 136).

Mas foi só com Artaxerxes que Esdras foi enviado para Jerusalém para ensinar a lei de Moisés aos judeus que ficaram para trabalhar na Babilônia

O encargo de Esdras, assinado por Artaxerxes, era ensinar a lei de Moisés aos judeus que viviam na satrapia de Abar-Nahara, e criar um sistema administrativo para implementar esse ensino. Assim ele veio para uma missão religiosa específica, trazendo consigo uma cópia da lei, e sua autoridade não derivava de um decreto real apenas, mas de sua antiga ascendência sacerdotal e seu profundo conhecimento da lei. (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 72).

A união entre religião e o povo é alcançada por meio dos esforços de Esdras e Neemias, desse modo a sobrevivência do judaísmo estava assegurada. Contudo o país ainda estava sob o domínio persa, e a única coisa que tinham era a garantia da autonomia religiosa, mas não podiam agir como Estado independente.

Aproveitando sua independência religiosa como informa Goldberg & Rayner (1989), Esdras convocou a Grande Assembléia criando assim a nova classe dos *soferim* (escribas), os intérpretes laicos da lei. Era essa lei que agora definia o israelita. O que antes havia sido feito pela ocupação territorial e pela devoção cultural. Os judeus – *iehudim*, isso é, habitantes de *lehudá* (Judá) – estavam dispersos em comunidades da Mesopotâmia e do Egito, pois

as gerações que sucederam Esdras submeteram-se de bom grado à disciplina e às limitações da lei. Até mesmo o culto no Templo tornou-se secundário à lei, porque a hierarquia sacerdotal e os rituais de sacrifício só existiam na medida em que a Torá os exigia. O sacerdote – mesmo o sumo sacerdote – tornou-se mais um funcionário da lei do que seu árbitro. Esse papel passou à classe dos escribas, que se devotavam ao estudo da lei e de sua interpretação. Foram com toda probabilidade os escribas e seus discípulos – que funcionavam como sucessores de Esdras, e que foram coletivamente conhecidos pela tradição judaica ulterior como os homens da Grande Assembléia – os responsáveis pela canonização do Pentateuco em 400 A. E. C., e depois pela do cânone profético, estabelecido algum tempo antes do século II (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 75).

Ao viverem na Babilônia desde os tempos das deportações de Nabucodonosor no século VI A. E. C., os judeus como nos informa Goldberg & Rayner (Id.), tornaram-se prósperos e floresceram sob uma sucessão de dinastias: persa, helênica e parta²⁰, estas permitiam grande autonomia às minorias étnicas e religiosas que estavam dentro de seus territórios.

3.3 Judaísmo na Europa

Mesmo sob dominação da Babilônia e posteriormente da Pérsia, os judeus desfrutaram de um período de paz, para depois serem conquistados novamente, em 334 A. E. C., sob o ataque de Alexandre, o Grande, não só faz dos judeus novamente escravos como também denomina toda região com o nome de Palestina. Goldberg & Rayner afirmam que ao “destruir o império persa e abrir os países do Oriente para os gregos, Alexandre Magno efetivamente aboliu as fronteiras entre leste e oeste. Povos se misturaram e se mesclaram entre si em uma fusão de padrões culturais e sociais que se tornou conhecida como a civilização helênica” (Goldberg & Rayner: 1989, p. 79). E, nas palavras de Izecksohn:

Sabe-se que durante sua luta contra essa última cidade, em 332 a. E. A., Alexandre foi visitado por uma delegação de ierusalemitas, chefiada pelo Sumo-Sacerdote, que lhe prestou homenagem e obteve dele a concessão de que a cidade não fosse tocada, ao contrário do que aconteceu com Samária, obrigada a receber tropas.

²⁰ O Império Parta ou Parto (247 a.C.-224 d.C.), também conhecido como Império Arsácida (persa), foi uma das principais potências político-culturais iranianas da antiga Pérsia.

[...] *Pessoalmente ele só tinha estado em contato com os povos da costa, os filisteus, e por isso deu a toda aquela região o nome de Palestina* (IZECKSOHN: 1973a, p.154).

Após a morte de Alexandre III, seus generais travaram lutas entre si, para assumir o comando do Império grego.

Devido a luta pelo poder aquela região mudou de governante diversas vezes em pouco tempo, pois os generais de Alexandre III, não conseguiam entrar em consenso de quem deveria assumir o trono. Antípater, Ptolomeu, Crátero, Seleuco, Pérdicas, Antígono, Eumenes, Leonato, Antipatro e Lisímaco. Entre estes quem consegue apoderar-se do Egito e mais tarde da região da Palestina foi Ptolomeu

Este ao apoderar-se do Egito em 301 a. E. C., fundou a dinastia *Lágidas*, esta que ficou conhecida como dinastia ptolomaica.

Ptolomeu não pode ocupar todo o território da Palestina, pois Jerusalém tentou resistir a seu domínio. Após conquistá-la, pilhou-a, levando consigo, tesouros e muitos habitantes para serem escravos em Alexandria.

Após a morte de Ptolomeu I com o reinado de Ptolomeu II a situação dos judeus melhorou. Ele concedeu liberdade para os judeus, que seu pai aprisionou. E ao iniciar a formação da Biblioteca de Alexandria com obras de todas as partes do mundo solicitou ao Sumo-Sacerdote de Jerusalém uma Bíblia judaica e alguns escribas conhecedores do grego, a fim de traduzir o livro sagrado a essa língua, como mostra Izecksohn:

Alexandria havia-se tornado naquela época a cidade mais importante do Mediterrâneo, e talvez do mundo, com grandes bairros, um grego, um judaico e um terceiro egípcio, além de outros menores, habitados por imigrantes de outras terras. A cidade chegou a contar com quase um milhão de judeus, todos falando grego, mas fiéis adeptos da religião de *Moshé*, que conheciam através da tradução dos escribas, a *Septuaginta* (Id., 1973a, p.155).

Percebemos então que o número de comunidades judaicas em Alexandria tornou-se muito grande devido à abertura para estudo e o culto a *lahweh*. Dessa maneira foi possível a continuação da crença judaica nessas comunidades da Diáspora a partir da *Septuaginta*²¹, que os conduziu a permanecerem como a base

²¹ designação por que é conhecida a mais antiga tradução em grego do texto hebreu do Antigo Testamento, feita para uso da comunidade de judeus do Egito no final do III a.C. e no II a.C.; teria sido realizada por 72 tradutores (Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0, 2010).

educacional dos mandamentos de Moisés, para continuarem a cumprir a aliança de Abraão com lavé pelo *Brit Milah*.

O domínio ptolomaico sobre Jerusalém durou mais de cem anos. Com o passar do tempo às disputas tornaram-se intenções. A luta entre fariseus e saduceus²² pelo controle do estado eram cada vez mais constante. Os fariseus²³ foram um grupo fundado pelos *Hassidim*²⁴ partidários dos primeiros *Macabeus*. Eles acreditavam nos livros sagrados, e em vários acréscimos, que foram feitos pelos escribas e, nas palavras de Izecksohn os “Homens da Grande Assembléia foram introduzindo”, algumas convicções tais “como a crença na sobrevivência da alma, no paraíso e no inferno, e numa série grande de detalhes da vida cotidiana, a que todo judeu devoto devia sujeitar-se” (IZECKSOHN: 1973a, p.170).

Dos fariseus surgiram duas correntes que discordavam em relação de como seria o advento do *Meshiach*²⁵, as duas correntes concordavam que este deveria aparecer a qualquer momento. A corrente dos Zelotes imaginavam o messias como chefe material da revolta judaica e desse modo, ele seria um homem que reuniria novamente Israel e sob seu comando conseguiriam a libertação.

Já a corrente dos Essênios²⁶ esperava que o messias viesse como chefe das hostes celestiais, ele só viria quando os judeus estivessem preparados, limpos dos pecados. De acordo com Izecksohn “deveriam levar uma vida de pureza. E era o que eles faziam, isolando-se em grupos nas grutas próximas ao mar Morto, e no deserto. (foram eles os autores dos “Rolos do Mar Morto”)” (IZECKSOHN: 1973b, p.22).

Outro grupo político que havia entre os judeus eram os saduceus, eles por princípio de entendimento entendiam como afirma Izecksohn que não haveria “vida ultratumba, e que, sem deixar de ser judeus, devia-se tirar da vida tudo o que ela pode fornecer de agradável. Eram a favor das conquistas, porque lhes traziam mais riquezas” (IZECKSOHN: 1973a, p.171).

Estando o país e onde havia comunidade judaica divididos entre esses grupos ficou mais fácil para o império romano torná-los seus vassalos novamente. Quando

²² Os saduceus, por sua vez, eram pessoas da alta sociedade, membros de famílias sacerdotais, cultos, ricos e aristocratas.

²³ Significa separados, Dedicavam sua maior atenção às questões relativas à observância das leis de pureza ritual.

²⁴ Pio, religioso, caridoso.

²⁵ Messias.

²⁶ Eram comuns com a idéia de conservarem e restaurarem a santidade do povo num âmbito mais reduzido, o de sua própria comunidade.

em 67 A. E. C., os dois descendentes ao trono buscaram apoio do general Pompeu que favoreceu Hircano. No ano de 63 A. E. C., ocupou o Templo e elegeu Hircano, não como rei, mas como Sumo Sacerdote

E Aristóbulo foi levado a Roma para figurar no Cortejo Triunfal de Pompeu, além de grandes números de prisioneiros que seriam vendidos como escravos. [...] Pela segunda vez em sua história, os judeus perdiam sua independência. Pela segunda vez nações estranhas se haviam apossado de seu território. E agora seria [...] por vinte séculos durante os quais eles seriam obrigados a expatriar-se e viver, ou melhor, dito sofrer entre outros povos (IZECKSOHN: 1973a, p.173).

A comunidade judaica de Jerusalém durante o período de dominação romana fez várias rebeliões, por esse motivo, Roma via Jerusalém como uma terra que precisava aprender uma lição e aceitar sua subserviência ao império.

Em 46 a. E. C., Tibério Júlio Alexandre, judeu convertido aos deuses romanos, conseguiu acabar com a revolta armada do movimento messiânico. Na afirmação de Izecksohn “chefiado por *Menahem*, neto de Judá da Galiléia” foram vencidos e desta forma “[...] *Menahem* seus milhares e milhares de adeptos foram crucificados” (Id., 1973b, p.30).

De 66 a 70 da E. C., houve intensas revoltas. A que deu origem a segunda destruição do Templo foi a iniciada pelos zelotes, estes indigados pelos saque que os soldados romanos estavam realizando no Templo, conseguem matar alguns e expulsar os outros soldados.

Quando Agripa II, nomeado pelos romanos rei de Calcis, soube do que os zelotes fizeram, entrou com uma tropa em Jerusalém. Este ficou cercado, e teve que negociar rendição com os judeus, que permitiram a Agripa II e alguns judeus que estavam com ele saírem com vida, porém todos os romanos da tropa foram mortos.

E a revolta propagou-se por toda a Judéia. Os sírios e gregos tomaram o partido de Roma, e, nas cidades onde eram maioria, como Cesaréia, Sebaste e outras, massacraram a população judia. O contrário aconteceu onde os judeus eram maioria. Mas não matavam só pagãos. Também os ricos, os grandes proprietários, os aristocratas, quase todos eles saduceus, os grandes sacerdotes e em geral todos os adeptos da paz e da submissão foram massacrados (IZECKSOHN: 1973b, p. 36-37).

Ao saber da rebelião e percebendo que ela estava tomando proporções maiores, o imperador Nero nomeou o general Vespasiano para acabar com a

rebelião. Com o general Vespasiano longe, Nero foi morto e houve uma intensa e violenta luta pelo poder do império romano. Dessa maneira, surgiram segundo Izecksohn “três efêmeros imperadores: Galba, Oton e Vitélio, cada um deles assassinando seu antecessor” (Id.: 1973b, p.36).

Ao se dirigir para Jerusalém, Vespasiano atacou primeiramente a fortaleza de *Jodfat*, defendida por *Josef ben Matatiau*.

Sua guarnição resistiu heroicamente, e os sobreviventes resolveram matar-se uns aos outros antes que entregar-se aos romanos. E assim agiram. Mas o último, o chefe, que devia suicidar-se, desistiu da morte. Entregou-se a Vespasiano e conseguiu convencê-lo de que lhe poderia ser muito útil, quer como escritor, bom conhecedor da língua latina para descrever a história da campanha, quer como chefe judeu de prestígio que talvez conseguisse a submissão dos rebeldes. Adotou o nome latino de Flávio Josefo (a família de Vespasiano era Flávia), e começou ali mesmo a escrever a famosa obra “A Guerra Judaica”, onde exaltou os méritos de seu novo protetor e de seu filho Tito, ao mesmo tempo que pintava com as cores mais sombrias os revolucionários judeus (IZECKSOHN: 1973b, p. 37).

Após a vitória, Vespasiano continuou sua marcha para Jerusalém. O comando das tropas judaicas foi dividido *Jochanan* de *Gush-Halav* ficou com a responsabilidade de defender a Torre Antônia e o Templo, já *Simão bar Giora* defenderia a Cidade Alta.

Cercados pelas tropas romanas, a fome começou a dominar a cidade. Os judeus morriam de inanição e houve casos de comerem os mortos. Do lado de fora das muralhas de Jerusalém, Vespasiano foi chamado a Roma, pois o exército havia lhe nomeado como imperador romano, pela vitória sobre os judeus.

Ao voltar a Roma Vespasiano deixou seu filho Tito no comando da batalha. Este enviou Agripa II e Josefo para convencer os judeus a se renderem. Mas Agripa II e Josefo, para os judeus, eram tidos como traidores e não foram ouvidos.

Tito ao tomar conhecimento que a população dentro de Jerusalém estava sem alimento a mais de uma semana, ordenou o ataque final, como mostra Izecksohn:

Homens e mulheres, apesar de enfraquecidos pela fome, resistiram nas muralhas e na Torre Antônia, sendo depois encurralados no Templo, onde a carnificina se tornou horrível. Ninguém se rendia. No dia nove do mês Av do calendário judaico, os romanos jogaram com suas catapultas archotes acesos sobre os telhados do Templo, que começou a arder. Milhares de homens, mulheres e crianças

morreram sob os escombros ardentes. Na cidade alta Simão bar Giora ainda resistiu durante alguns dias. Quando a batalha de Jerusalém terminou, estavam espalhados pelas ruas e pelas ruínas das casas mais de seiscentos mil cadáveres. Os romanos ainda conseguiram aprisionar noventa e sete mil sobreviventes, quase todos feridos e exaustos. Em volta da cidade todas as árvores haviam sido cortadas para serem erguidas milhares de cruzes, onde foram pendurados os mais rebeldes (IZECKSOHN: 1973b, p. 38).

Havia um costume romano de quando vitoriosos em uma guerra conduzir os derrotados em um cortejo triunfal. Os capturados eram mostrados para a população como símbolo da grandiosidade romana. Nas palavras de Izecksohn “no desfile foram expostas ao povo a *Menorah*, grande candelabro de ouro maciço, a mesa da propiciação e os vasos sagrados” (Id.: 1973b, p. 38).

Podemos entender que houve diferenças entre a primeira destruição do Templo com Nabucodonosor em 586 A. E. C., e a segunda destruição com Tito em 70 da E. C.

Nabucodonosor ao destruir o Templo o fez pela vitória da batalha, levou o povo cativo para Babilônia, mas propicia-lhes liberdade de culto e comércio, sua intenção não foi de extermínio, foi estratégia política para manter a Judéia sob controle. Já Tito ao destruir o Templo, queima o santuário para mostrar que o prestígio do “Deus” judaico já não existia mais, e quando leva os cativos para Roma o faz exclusivamente para humilhação e degradação do povo, foram levados para trabalharem como escravos ou para serem gladiadores.

A notícia da destruição do templo chegou aos judeus que estavam no Egito, na Mesopotâmia e na Babilônia, houve comoção geral, eles juntaram recursos para ajudarem os que foram levados cativos. Alguns foram comprados e logo após, colocados em liberdade.

Durante quase quatrocentos anos que se seguiram os judeus ou se adaptaram, inserindo-se no meio dos romanos e nos outros territórios que podiam negociar, pois eram hábeis comerciantes.

No final do século IV, o império romano começa a ruir. Constantinopla estava sendo atacada pelos Godos, que negociam a paz com ouro, então os Godos em 410 da E. C., marchavam para atacar Roma. Em 480 E. C., os Francos ocuparam o norte da Gália, a Itália era invadida pelos Ostrogodos e os Visigodos invadiram o sul da Gália (hoje Espanha) e a Ibéria (hoje Portugal). Os Anglos Saxões invadiram a Britânia (hoje Inglaterra).

A falta de unidade do senado romano com o rei e com o seu exército, somado a sucessivas invasões por todos os lados e sem possuírem alimentos para saciar a fome da população, tem-se o fim do império romano. Mas, nesse momento o judaísmo já havia sido propagado, pois cada vez que foram colocados em cativeiro, levaram consigo as palavras de Jeremias, Oséias e Isaías para perseverarem no compromisso com *lahweh*, que lhe daria forças para que sua religião perpetuasse.

O percurso da história judaica na Europa pode ser caracterizado como história regional, pois em cada reino, país ou cidade, onde se estabeleciam dependendo de quem governasse poderiam continuar a manter seus ofícios e o culto a *lahweh* era permitido. Mas havia um diferencial entre os judeus europeus, eles não seguiam o modelo das academias babilônicas, cada comunidade passou a ter sua própria maneira de fazer os rituais litúrgicos e os costumes também se diferenciaram, alguns adaptaram a língua nativa para o culto, enquanto outros continuaram a usar o hebraico.

Em Goldberg & Rayner (1989), constatamos que os judeus desde o Alto Império Romano estavam instalados na Península Ibérica, e sua situação melhorou muito após a conquista árabe-berbere de 711 da E. C. Após os trezentos anos da conquista a posição dos judeus só melhorou, cresceram como comerciantes, banqueiros, médicos, eruditos e penetraram o Oriente Médio da África do Norte. Foram para a Espanha Setentrional, onde passaram a ser chamados de *Sefaradim* (judeus espanhóis), esse período de prosperidade, ficou lembrado como a Idade do Ouro dos Judeus na Espanha.

A partir daí começou a vigorar a principal divisão do judaísmo europeu na Península Ibérica os *sefaraditas*, e na Alemanha e norte da França, os *askenazitas*:

Ao final do século XI, o estabelecimento judaico ultrapassara o norte da França e do Elba. Judeus da Normandia haviam seguido seu duque através do canal e se estabelecido em Londres e nas principais cidades da província. A transição do Oriente para o Ocidente foi completa. França, Alemanha e países vizinhos abrigavam agora comunidades judaicas numéricas, intelectual e economicamente tão importantes quanto as da península Ibérica, e os dois centros, juntos, ultrapassavam numericamente, em muito, as antigas comunidades do Oriente Médio. Para o melhor ou pior, o judaísmo era agora predominantemente uma religião européia, e o cristianismo, não mais o islamismo, a tinha sob custódia (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 120).

Foi só com o avanço do islamismo, que o crescimento judaico passou a desfrutar de vantagens. O Islã propiciou as condições necessárias para a expansão do comércio na região do Atlântico à Índia, possibilitando assim, a ida dos judeus para a cidade, onde eram permitidos comercializarem nos centros comerciais do novo império, e se empregaram em vários ofícios tais quais a curtição, a tinturaria, a tecelagem, a fabricação de seda e o trabalho em metal, também como banqueiros. E puderam estabelecer uma rede de contatos nas cidades muçulmanas.

Outro fator importante foi à fluidez migratória que por volta do século XIII pela primeira vez em sua história, a maioria dos judeus viviam na Europa, e não no Oriente Médio. O Islã quando reconquistou seu território e alargou sua fronteira, aplicou seu idioma, o árabe. Essa prática estimulou no judeu voltar a usar o hebraico com mais intensidade, o que para algumas localidades já não o ocorria com frequência.

3.4 Movimentos Ashkenazim e Sefaradim

Apresentamos até aqui, alguns caminhos percorridos pelos judeus durante algum tempo. Começamos com seu mito de origem, evidenciamos a criação do reino e sua divisão, e as duas principais diásporas que ocorrera no Oriente Médio a primeira antes de Cristo e a segunda em 70 d.C. Neste item, fizemos uma breve contextualização de alguns eventos que conduziram os judeus a migrarem para o Brasil, concomitantemente os guiando também para outros países. Observamos em Kaufman três das fases em que houve entrada de judeus no Brasil

o primeiro agrupamento resultou numa congregação formada por cristãos-novos, marranos e judeus, durante o período holandês, o segundo foi constituído por judeus *ashkenazitas*, que emigraram principalmente da Europa Oriental, a partir do final do século XIX e começo do século XX. Neste último período, registrou-se ainda, embora em menor número, a chegada de judeus *sefarditas* da Turquia, do Líbano e da Palestina, e de judeus *ashkenazitas* oriundos de algumas áreas da Europa Ocidental (Alemanha, Áustria e Hungria) (KAUFMAN: 2000, p. 6).

Durante o século XIV houve crises que tiveram diversas consequências no meio político, educacional e de sobrevivência de toda população européia. A ciência

lutava para ficar livre do domínio da Igreja Católica. Contudo com o evento da Grande Fome²⁷ e da Peste Negra²⁸ que ocorreu na Europa no decorrer do século XIV, deflagrou-se o medo da morte, o clero usou seus conhecimentos em ervas de uso medicinais a seu favor para inserirem superstições e medo a população.

Dessa maneira ocorreu a decadência das universidades e escolas medievais, pois a Igreja Católica era a única fonte de auxílio da população, o retrocesso científico foi inevitável e a instituição eclesiástica assumiu novamente o papel político e educacional na Europa.

Com todas as crises que estavam ocorrendo na Europa os judeus prosperaram. Como comerciantes eram detentores de terras e dinheiro, desse modo praticavam o empréstimo de dinheiro com cobrança de juros, esta prática ficou conhecida como “usura”. Contudo apesar de todo o período de prosperidade os judeus passariam então por quatro períodos de intensa perseguição. O primeiro deu-se pelo decreto do papa Urbano II, que pronunciou o começo das Cruzadas. O segundo com a ordem da Inquisição. O terceiro com os *pogroms*²⁹. E, o quarto, já no século XX, durante a Segunda Guerra Mundial.

O primeiro evento as “Cruzadas” iniciou-se em 1095 E.C., patrocinada pelo clero, o papa Urbano II, conclamou a cristandade a recuperar a Terra Santa e seus santuários das mãos dos infiéis. De um lado estava o Islã, do outro o cristianismo, e no meio o judaísmo, o qual por nenhum dos lados era bem visto, como observam Goldberg & Rayner

As duas cruzadas de 1146 e 1189 marcaram uma deterioração ainda maior da segurança dos judeus. Até a Inglaterra foi atingida, com distúrbios de caráter antijudaico [...] em Stamford e York, onde os judeus, liderados por seu rabino, preferiram cometer suicídio a caírem presas da multidão (Id.: 1989, p. 123. Grifos nossos).

²⁷ Período aproximado 1315-1322 na Europa causou milhões de mortes.

²⁸ A Peste Bubônica assolou a Europa durante o século XIV e dizimou aproximadamente um terço da população, mais ou menos 75 milhões de pessoas. O bacilo que transmite a doença só foi identificado e isolado em 1894, causada por uma bactéria denominada *Yersinia pestis*, esta é transmitida ao ser humano através das pulgas *Xenopsylla cheopis* que vivem nos ratos-pretos (*Rattus rattus*) ou em outros roedores.

²⁹ Pogroms, significa destruição em russo, embora integre todas as línguas européias. Refere-se aos massacres organizados contra judeus, bairros judeus, cidades e aldeias com apoio do governo czarista. Visava forçar os judeus das pequenas cidades a emigrarem transformando-os em bodes expiatórios face as populações insatisfeitas com a situação política e econômica na Rússia. Esses movimentos foram inspirados por sentimentos anti-judaicos de origem econômica e pelo anti-semitismo cristão (KAUFMAN: 2000, p. 253).

Os judeus europeus especializaram-se no comércio por terra e instalaram-se nas terras germanas, polonesas, eslavas e boemias (Tchecoslováquia), outros judeus dirigiram-se para Inglaterra. Por seus conhecimentos foram convidados pelos reis e senhores feudais a permanecerem nelas por estimularem o comércio e a indústria.

Protegido pela nobreza e se expandindo comercialmente, mesmo naquelas cidades mais antigas que não podiam excluir os judeus quando eles lá moravam como agentes de negócios para seus senhores, o judaísmo polonês organizou-se no mais efetivo e autônomo sistema de governo que a Diáspora judaica jamais conheceria. Cada *kehilá* local, ou pequena comunidade, elegia um comitê de mandatários que mantinham os requisitos educacionais e sociais básicos, e coletavam os impostos do governo. [...]. Do século XVI em diante a Polônia se transformaria em um dos maiores centros de erudição rabínica da história judaica (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 139).

Por motivo de sobrevivência os judeus que habitavam a Europa denominados de *Ashkenazim* escolheram ficar de fora do confronto, acharam que o levante contra “os infiéis³⁰” só ocorreria em Jerusalém. Coisa que não aconteceu, em 1096 quando os cruzados atacavam as comunidades judaicas pelo caminho de Metz até Jerusalém. O exército de Godofredo de Bulhão ao adentrar a cidade prendeu todos os judeus na sinagoga e ateou fogo. Outros ataques ocorreram em diversas cidades da Europa, nos lugares em que os judeus reagiram conseguiram sobreviver, pois se não o fizessem morriam.

A doutrina oficial da Igreja para com os judeus era usualmente mais ambivalente que a mensagem simples que as massas preferiram acolher. Para as massas, o judeu era um deicida e um incréu que assassinava crianças cristãs no *Pessach* para usar seu sangue na preparação do pão ázimo. Esse libelo de sangue apareceu primeiro em Norwich, em 1144, e iria surgir repetidamente na Europa até o século XX. Outra superstição popular era a de que os judeus roubavam a hóstia para se divertirem torturando o corpo de Jesus. [...] Assim como Caim fora estigmatizado para errar pela Terra, assim também os judeus deviam ser marcados para perene servidão. Por isso, não só deviam ser proibidos de empregar servidores cristãos, mas deviam também usar roupas que os distinguissem e ter suas atividades de prestamistas restringidas, uma vez que os bens da própria igreja vinham sendo penhorados como garantia de empréstimo de judeus (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 122).

³⁰ Maneira como a Igreja Católica denominava todos aqueles que não estivessem de acordo com seu credo.

As cruzadas marcam o primeiro de uma série de eventos que se sucederam no decorrer dos séculos que instigaram os judeus a procurarem um lugar onde pudessem viver sem serem perseguidos. Desta maneira elucidamos algumas questões referentes a disseminação do judaísmo. Agora faremos um breve reconhecimento sobre a questão da inquisição, para poder esclarecermos a razão da perseguição tão feroz aos judeus e entendermos como eles conseguiram vir para o Brasil.

Em 1022, deu-se o início da Inquisição para punir alguns clérigos que eram contra as práticas da Igreja. Mesmo antes de ser oficializada, houve julgamentos e execuções de “hereges” em Orleans e Toulouse na França.

Foi a primeira vez que os atos da Inquisição foram colocados em prática pela Igreja, para agir contra os clérigos que divergiam com a forma que a igreja estava dispondo dos recursos para manutenção de ostentações, e a maneira como conseguiam sua riqueza por meio de exploração contínua da crença dos indivíduos sejam eles pobres ou da nobreza, um exemplo foi às vendas das relíquias e da remissão dos pecados. Após serem identificados e presos, os clérigos foram punidos com torturas e depois com a morte.

Só depois de algum tempo, foi que as perseguições voltaram-se contra bruxas, judeus e qualquer pessoa que divergisse da igreja enquanto representante de Deus.

Após 97 anos, em 1119, foi que o Concílio de *Tolouse* escreveu e deferiu poder aos bispos de pronunciarem sentenças nas questões de heresia. Foi o Papa Lucio III, apoiado por Frederico I, imperador do Império Romano-Germânico que instituiu a inquisição Episcopal. Só anos mais tarde em 1184 quando ocorreu o concílio de Verona, que foi estipulado a utilização e confiscação dos bens dos “hereges” para serem divididos em partes iguais pelo Estado e pela Igreja.

Com o Papa Inocêncio III em 1198, é elaborada e disseminada com grande ênfase a perseguição aos “hereges”, quem denunciasse um, ganhava dinheiro e se o acusado possuísse algum bem imóvel ou móvel seria dada ao delator uma parte do bem, e o restante iria para os cofres da Igreja Católica. O Papa Gregório IX foi quem mandou publicar a constituição “*Excommunicamus*” regulamentando a inquisição em 1231, centralizando dessa forma as decisões para o clero.

Em tese, a inquisição era um procedimento perfeitamente legal e ordeiro. De acordo com as normas vigentes do direito civil, havia três métodos padronizados de processo criminal: a **acusatio**, na qual um queixoso acusava formalmente um réu; a **denuntiatio**, na qual uma autoridade pública denunciava um criminoso; e a **inquisitio**, na qual um funcionário da justiça era encarregado de investigar várias denúncias de crime, convocar testemunhas e ouvir as refutações. [...] Com base nesse sistema jurídico, a igreja foi aos poucos construindo um sistema de terrorismo organizado. O primeiro passo foi definir a heresia como crime, sujeito a julgamento clerical, e depois fazer com que esse julgamento fosse cumprido através da punição secular... nos termos desses decretos imperiais, emitidos entre 1220 e 1239, toda heresia era proibida e qualquer um que ajudasse ou defendesse os hereges seria passível de punição. e a heresia não precisava ser comprovada. a suspeita de heresia era o bastante para justificar o processo. Quem confessasse e se arrependesse seria castigado. Quem se recusasse a confessar seria julgado impenitente e entregue às autoridades seculares para execução (FRIEDRICH: 2000, p. 120-126) (grifos nossos).

Na Península Ibérica, longe da perseguição que afligia os judeus que residiam na região da Europa Nórdica, Europa Central, Leste Europeu, Península dos Balcãs e Países Bálticos, os judeus *sefaradim* (judeus espanhóis) até a metade do século XIV foram poupados da violência, que seus irmãos *ashkenazim* passavam.

Segundo Goldberg & Rayner (1989) só em Castela, Aragão e Portugal havia pelo menos 200.000 judeus que, conseguiram escapar da primeira onda de perseguição da Inquisição já que estavam em comunidades onde a Igreja católica ainda não dominava.

Diferente da maioria dos *ashkenazim*, milhares de *sefaradim* procuraram a conversão para tentar escapar da morte enquanto os *ashkenazim* suicidavam-se ou entregavam-se para a morte pelo “Nome Santo³¹”. Uma grande massa de *sefaradim* aceitou a conversão, contudo alguns continuaram a praticar os ritos escondidos.

A defecção em massa desses conversos, ou cristãos novos, encorajou a Igreja, com os dominicanos na vanguarda, aumentando a pressão sobre os judeus que se mantinham firmes. Em 1413, um debate público foi encenado em Tortosa, no qual líderes judeus foram forçados a defender sua doutrina sobre o Messias. O papa presidiu em pessoa algumas das 69 sessões, ao longo de 21 meses, e, na conclusão do processo, expediu uma bula que proibia o estudo do Talmud e ordenava aos judeus que comparecessem a sermões conversionistas em sua intenção, pelo menos três vezes por ano. Seguiu-se uma nova onda de apostasia, ao fim da qual havia quase tantos conversos quanto judeus leais (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 127).

³¹ Ou em nome de *lahweh*.

A estratégia da conversão deu certo por algum tempo. Os *sefaradim* se aproveitaram de sua condição privilegiada e assumiram diversos cargos que antes lhes era proibido. Desse modo, tornaram-se funcionários e bispos da igreja, entraram no departamento de administração do estado casaram com pessoas da nobreza e até mesmo da família real de Aragão.

Os judeus conversos de Toledo em 1449 foram atacados por cristãos anticonversos, esses acusavam os judeus de estarem disfarçados, e mesmo dentro da Igreja continuavam realizando suas cerimônias em segredo.

Em 1478 o Papa Sisto IV, autoriza os reis espanhóis a constituir a Inquisição independentemente dos bispos para o que o processo seja concluído. Dessa maneira os reis Fernando e Isabel puderam usar a Inquisição para perseguir com mais veemência os judeus e mulçumanos que residiam ou tinham negócios dentro de seus domínios.

Com o casamento de Fernando com Isabel os reinos de Aragão e Castela foram unificados no ano de 1479 e um ano depois foi instalada a Inquisição espanhola para investigar as acusações de heresia:

O primeiro auto-de-fé foi realizado no início de 1481, quando seis homens e mulheres de origem judaica foram queimados vivos. Nos primeiros vinte anos de sua existência, a Inquisição confiscou as propriedades de 30.000 praticantes secretos do judaísmo e queimou na fogueira aqueles que não foram convincentes em seu arrependimento. O primeiro e mais temido inquisidor-geral, frei Tomás de Torquemada, era de ascendência judaica (GOLDBERG e RAYNER: 1989, p. 128).

O rei Fernando e a rainha Isabel em 1492 expulsaram de seus domínios todos os judeus, dando a eles quatro meses para total retirada. Houve saída em massa para fora do território, que havia sido seu lar por mais de mil anos. Foram estimados, que entre 100.000 a 150.000 judeus deixaram a Espanha:

O reino independente de Nápoles ofereceu refúgio temporário, até que ele caiu sob controle de Aragão. Avinhão, território do papa, atraiu alguns a atravessarem os Pireneus. A grande maioria tomou a rota óbvia, cruzando a fronteira para Portugal. Lá eles foram desumanamente explorados e vitimados, até a ascensão de Manuel I em 1495. A princípio ele encarou favoravelmente seus novos súditos, mas a perspectiva de um casamento com Isabel, filha de Fernando e Isabel, levou-o a bani-los, a menos que se convertessem ao cristianismo. Na primavera de 1497, no início da festa de Pessach, foi expedida uma ordem para que todas as crianças judias entre os

quatro e os 14 anos se apresentassem para serem batizados no domingo seguinte. Quase toda a população judaica submeteu-se à conversão; seu espírito fora quebrado. Os marranos de Portugal tornaram-se os últimos representantes do judaísmo ibérico, sendo forçados, em 1531, a dar boas-vindas à Inquisição. Caíra o maior centro judaico da Europa medieval (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 128 e 129).

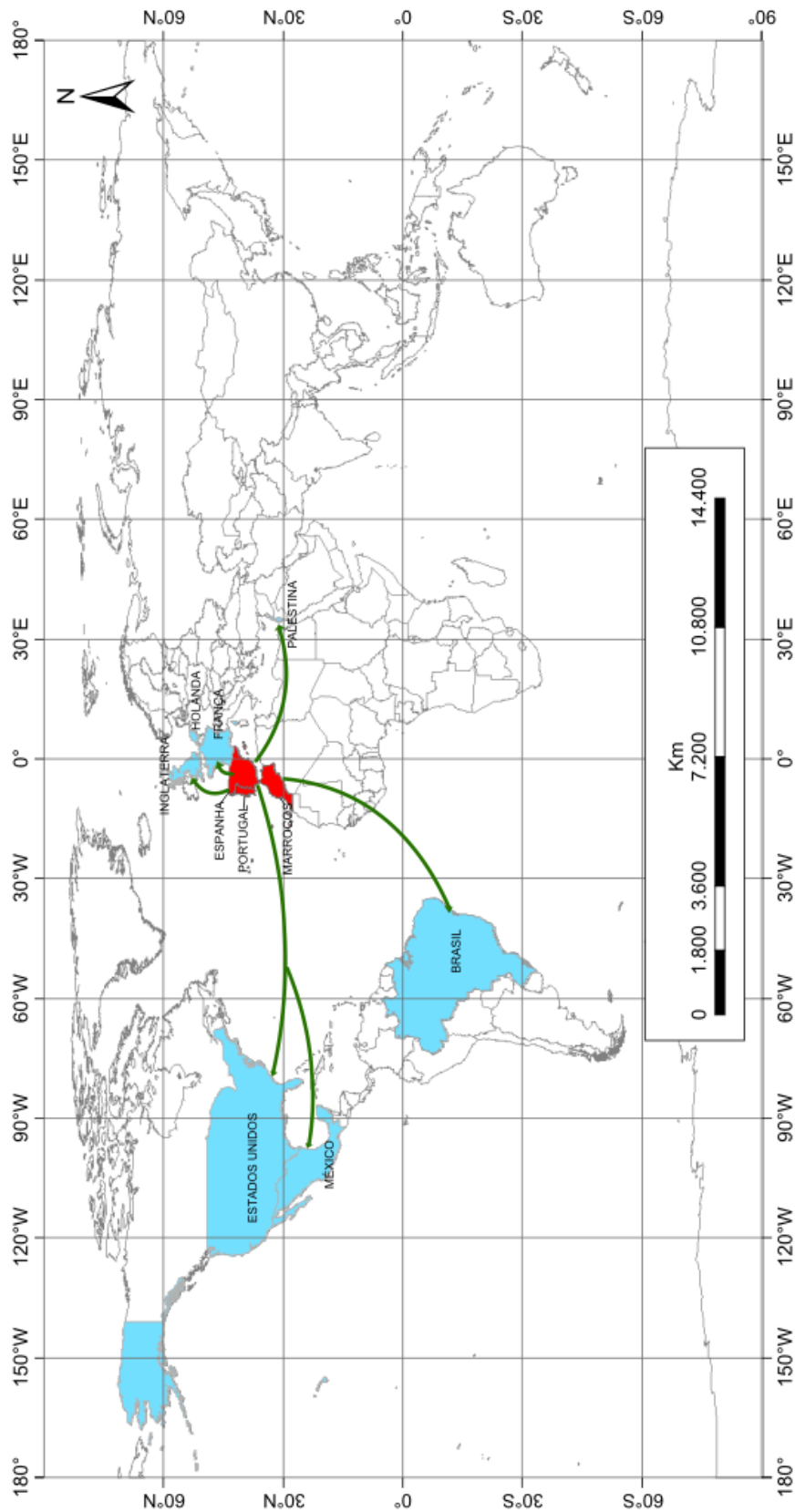
A Inquisição durou mais de seis séculos, e houve casos de que os judeus puderam contar com a ajuda de nobres e de alguns membros da igreja que os escondiam ou lhes ajudavam a fugir.

Durante a perseguição da igreja cristã ao judaísmo, os praticantes da religião judaica espalharam-se por diversas áreas e em diversos setores, contudo dentro do próprio clero havia judeus conversos, que na ânsia de ficarem seguros ajudaram a perseguir outros judeus.

A ocupação das Américas, além do interesse despertado por suas riquezas, também foi motivada pela expansão do cristianismo. As preocupações econômicas e políticas andavam de permeio com as preocupações religiosas, cuja relevância se traduziu nas motivações que orientaram a incorporação do elemento judeu ao contingente populacional que se fixou na América portuguesa: os judeus, na condição de cristãos convertidos, careciam de uma sociedade sem o estigma de um passado judaico e distante dos poderes da Inquisição. A necessidade surgiu a partir de uma necessidade econômica da colonização portuguesa. Além da exploração agrícola das novas terras, judeus expulsos da Península Ibérica que vieram para as Américas também foram pioneiros como empreendedores e comerciantes. Montaram fábricas e participaram ativamente da colonização do Brasil. Vários historiadores, entre eles Johnson (1989: 250), afirmam que o primeiro governador-geral, Tomé de Souza, enviado para o Brasil em 1549, era provavelmente de origem judaica. Segundo o mesmo autor, os judeus e marranos possuíam a maioria das plantações de cana-de-açúcar e controlavam o comércio de pedras preciosas e semipreciosas (KAUFMAN:2000: p. 12).

Outro fator que ajudou-os a saírem com vida da Península Ibérica foi a participação judaica nas embarcações que exploravam os mares, este tipo de conhecimento marítimo foi sua esperança para recomeçarem nos lugares novos, pois expulsos de suas terras e degredados era o único modo de buscar a sobrevivência. No decorrer deste tópico apresentaremos três mapas referentes a saídas em massa de judeus de diversos lugares do mundo. O primeiro mapa faz uma breve referencia a uma provável rota usada durante a fuga da inquisição

A diáspora Judaica da Inquisição - Período:1498



Legenda

■ Países Destinos de Judeus

■ Países de saída de Judeus

■ Países

— Destino de Judeus

Fonte: KAUFMAN, 2000.

Confeção do Mapa: Michel Watanabe

Organização: Sheila Castro

Data: 11/2011.

Ao observarmos o mapa do período da saída dos judeus da península ibérica, constatamos que as rotas prováveis de fuga coincidiam com o “descobrimento” das Américas.

Para os reis católicos a exploração dos mares era uma chance de novas conquistas e mais acúmulo de riquezas extraídas do lugar a ser conquistado.

[...] as últimas décadas do século XV, focalizando acontecimentos da Península Ibérica que precederam o deslocamento de judeus e cristãos-novos para o Brasil e São Marcos na história colonial do Novo Mundo: o estabelecimento do Tribunal do Santo Ofício em 1478, na Espanha; a expulsão dos judeus da Espanha, em 1492; e a absorção de cerca de cem mil judeus espanhóis em Portugal [...] Dessas migrações resultaram uniões entre os judeus espanhóis e os judeus portugueses, cujos descendentes continuaram adotando as duas línguas. A despeito das diferenças entre esses dois grupos, a Inquisição a eles se referia como judeus portugueses (KAUFMAN: 2000, p. 6).

Desse modo, compreendemos a intensa participação judaica na colonização brasileira, pois para eles era uma chance de começar uma nova vida, em uma terra onde as presenças tanto da igreja quanto do governo não tinham fiscalização intensa contra a sua presença, até porque no momento da “invasão” nas terras hoje conhecidas como continente americano, o que o governo precisava era de pessoas para povoá-lo e dessa maneira, consolidar a presença de Portugal e Espanha nessas terras dominadas. Logo, os judeus poderiam realizar seus ritos sem chamarem atenção, pois não havia como puni-los, no caso do Brasil não havia infraestrutura para que houvesse a perseguição e a coercitividade da Inquisição.

São bastante conhecidas as pesquisas de José Antônio Gonsalves de Mello sobre a Gente da Nação. Em suas obras, a presença dos cristãos-novos é analisada com base em documentos que referenciam, não a presença acidental ou atividades ocasionais de comércio de cristãos-novos de Portugal com o Brasil, mas o ânimo de permanência dos que aqui se estabeleceram. Estes estudos levam à suposição de que os cristãos-novos foram os primeiros colonos no Brasil português [...] Também Caio Prado Jr. Destaca o papel do judeu na implantação da lavoura açucareira no Brasil. São considerados pioneiros na modernização da economia brasileira colonial: desenvolvimento fabrico do açúcar, avanços nos incipientes métodos da economia, etc (KAUFMAN: 2000: p. 1).

Já no Brasil do século XVII, os judeus que estavam em Pernambuco, sob o domínio holandês, segundo Eva Blay, a situação em que se encontravam, era de

esperança de buscarem um novo começo, por isso acompanharam o príncipe Maurício de Nassau, e instalaram-se em 1645 “em Pernambuco, onde havia 14.500 moradores (brancos, negros e índios). Os judeus eram 1.500 dos 6.500 brancos” (BLAY: 1997, p. 43).

Os holandeses dominaram Pernambuco por trinta anos. Quando tiveram que se retirar os judeus holandeses temerosos pela perseguição da Inquisição deixam o Brasil. Alguns acompanham Nassau e outros se instalam em países da América Central e na Nova Amsterdã, na ilha de Manhattan, depois New York.

Até este ponto esclarecemos como se deu uma das possíveis migrações judaicas para o Brasil, agora passamos a evidenciar outra que ocorreu devido o terceiro evento de perseguição que os judeus sofreram no século XIX que ficou conhecida como os *Pogroms*.

Segundo Goldberg e Rayner (1989) a principal indústria da Polônia em meados do século XVIII, era de fabricação de cerveja e bebidas alcoólicas, e com aproximadamente 250.000 pessoas de origem judaica dispersas pela zona rural. Essas indústrias eram comandadas por judeus que conseguiram por determinado tempo fazer seus empreendimentos crescerem. Porém com a “França e a Alemanha derrotadas em guerras em janeiro de 1871, e novembro de 1918, respectivamente, elegeram a população judaica, em muitos aspectos, como bodes-expiatórios” (KAUFMAN: 2000: p. 7).

Ficou difícil a manterem suas posses dentro dos Estados que foram derrotados na Primeira Guerra Mundial. Por outro lado, houve publicações na França, Alemanha e Inglaterra que retratavam a busca dos descendentes do povo judeu por um Estado próprio, dentro das publicações foi criado e divulgado o termo semitismo.

O semitismo foi desenvolvido pela necessidade da criação de um Estado independente para os descendentes dos israelitas, ou seja, dos judeus o termo não se aplica ao contexto religioso, pois a caracterização é territorial. É a conquista pela emancipação política e territorial, onde o cidadão judeu pudesse fazer e ter direito dentro de um Estado dirigido por seus iguais.

No semitismo um Estado nacional judaico era visto como a única maneira que tinham de ser livres sem perseguição alguma. Sendo assim, este termo não foi criado com o fim de uma liberdade somente religiosa.

Contudo com a disseminação do semitismo, foi desenvolvido o termo anti-semitismo criado por Wilhelm Marr sob o título de “*A vitória do judaísmo sobre o Germanismo*” impresso em 1873 e 1879, para demonstrar a superioridade judaica, e desse modo fazer com que as forças do estado e da sociedade alemã, fossem instigadas contra os judeus. O termo criado por *Marr* caiu nas graças do chanceler Bismarck, o qual deu apoio a propaganda anti-semita. Em 1881, Eugene Düring, publicou seu livro intitulado “A Questão Judaica”, ele afirmava que a questão judaica deveria ser estudada e compreendida como:

uma questão de raça, moral e cultura. A sua tese era a de que os judeus constituíam o pior ramo da raça semita, ambicioso, explorador e inclinado a dominar o mundo. Suas perspectivas religiosas e éticas eram tão inferiores ao helenismo e ao espírito alemão que eles deveriam ser expulsos de todos os cargos no serviço público e na educação e até proibidos de casar com os outros alemães, para evitar a “judaização do sangue”. Ainda mais impressionante, por serem menos morbidamente fantásticos, eram os artigos escritos por Heinrich von Treitschke, o historiador oficial da Prússia. Para ele, os judeus representavam uma ameaça a etnia alemã, penetrando pela fronteira oriental, convencidos de serem o “povo eleito”, insensível à cultura cristã alemã, desprezando seus grandes homens, como mostravam os escritos de Graetz. (...) “Os judeus”, observou Treitschke, numa frase posteriormente muito repetida por anti-semitas maldosos e mais engajados, “são a nossa desgraça” (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 185-186).

Em 1881, quando os revolucionários mataram o czar Alexandre II seu sucessor subiu ao trono e deu início aos *pogroms*, este foi o nome dado às perseguições e massacres de mais de cem comunidades judaicas só na Ucrânia.

Em Kishinev, capital da Bessarábia, um pogrom sancionado pelo governo começou na véspera do Pessach de 1903. Enquanto a polícia ficava sem agir, esperando ordens do governador, 45 judeus eram assassinados, cerca de 600 feridos e 1500 casa destruídas (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 188).

Após começarem os ataques em Paris foi formada uma delegação para conhecer a real situação dos judeus na Rússia. O *tzar* foi questionado para saber o destino dos judeus que viviam sob seu domínio. Em sua resposta o *tzar* respondeu, que um terço morreria, um terço deixaria o país e um terço seria assimilado sem deixar traços, dessa maneira seriam todos extintos que estivessem sob seu domínio.

Quando o Barão Maurice de Hirsch tomou conhecimento do que pretendia o *tzar*, elaborou uma estratégia para tirar judeus russos do país. Seu plano era em 25

anos retirar dois terços desse povo. Para tal feito começou a comprar terras na Argentina como informa Goldberg e Rayner (1989) para serem transformadas em colônias agrícolas; mas apenas cerca de 6.000 emigraram para lá entre 1892 e 1894. Embora ulteriormente, 115.000 judeus tenham se radicado naquele país, era a América do Norte o lugar que mais os atraía. E, dentre os países da América do Sul, que os acolheram o Brasil teve um papel importante, pois eles puderam comprar terras no sul do país para desenvolverem agricultura.

Após os pogroms de 1881, um deslocamento maciço de judeus do Leste europeu, maior que o ocorrido durante as expulsões da Espanha, levou mais de dois milhões de judeus para os Estados Unidos. Ao todo, cerca de 2.750.000 judeus partiram da Europa Oriental entre 1881 e 1914 (GOLDBERG e RAYNER: 1989, p. 189).

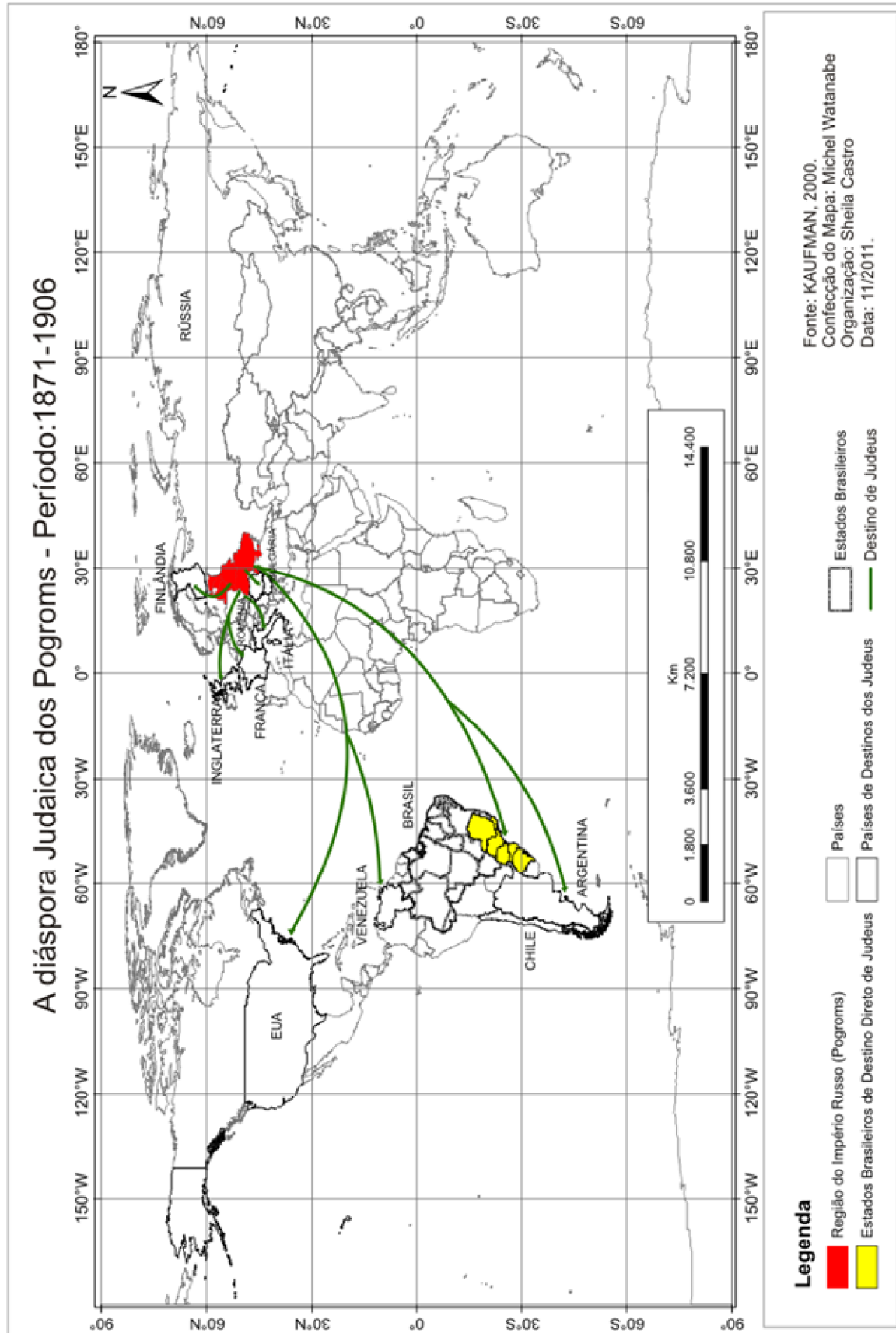
Dentre as diversas discussões e escritos contra a visão antissemita, foi em 1882 com a publicação de *Judah Loeb Pinsker* (1821-91), denominado “Auto Emancipação: um Alerta aos Irmãos, por um Judeu Russo”. *Judah Pinsker*, entendia e argumentava,

que o anti-semitismo era uma doença psicológica, exacerbada pela condição de estrangeiros que os judeus tinham no mundo todo. Confiando na ajuda deles mesmos, em vez de esperar a boa vontade indefinida dos governantes europeus, os judeus tinham de se emancipar estabelecendo-se em uma terra natal (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 192).

Outra vez os judeus motivados pela perseguição viram a necessidade de possuir um lugar em que pudessem sentir-se seguros em habitar. Destarte, começam a fortalecer e colocar em prática a ideia de um novo Estado. A propaganda para o retorno ao seu antigo lugar, onde começaram a comprar terras na Palestina. Local escolhido para a construção do Estado judaico. Por meio das explações de Kaufman (2000) percebemos os dois modos de perseguição sofrida pelos judeus, a primeira sendo religiosa e a segunda econômica:

E, com a ostensiva preparação para os judeus em diversos locais da Rússia. Houve retirada dos moradores de diversas comunidades, enquanto uns iam para Argentina, Venezuela, Estados Unidos, outros vinham para o Brasil. Grande parte deles chegou primeiro na região sul e sudeste do país. Uns permaneceram e outros adentraram procurando novas terras para trabalhar. Podemos visualizar tal destino no mapa a seguir.

A diáspora Judaica dos Pogroms - Período:1871-1906



Ao observarmos o mapa, constatamos que o deslocamento desse período não foi para a Palestina, mesmo que nesse período eles já estivessem comprando as terras, não tinha como enviar judeus em massa para aquele território devido a periculosidade existente.

Em uma sequência de acontecimentos adentramos no quarto período de perseguição e extermínio ao povo judeu que teve seu início quando o partido de Adolf Hitler, “Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Nazistas)” assumiu a maioria no governo da Alemanha.

Em um país descontente por passar por embargos econômicos em 1918, devido à derrota sofrida na Primeira Guerra Mundial, e com o histórico dos *pogroms* na Rússia, onde tinham descoberto em quem colocar a culpa, desapropriar bens e expatriar, “limpar o país” e ao mesmo tempo crescer economicamente. O governo alemão percebeu a oportunidade de agir contra o povo imediatamente, pois a maior parte das empresas e indústrias, pertencia a descendentes de judeus e com o povo alemão estava passando por diversas dificuldades, o Governo alemão e sua cúpula entenderam que as empresas, indústrias e mão de obra, deveriam estar sob seu domínio e administração e dessa maneira o Estado alemão poderia crescer.

Em 1928, com o apoio financeiro de industriais alemães, que temiam uma vitória comunista, o partido de Hitler obteve 810 mil votos; dois anos mais tarde, tinha mais de seis milhões e, em 1932, catorze milhões com 230 cadeiras no Reichstag. O marechal de campo von Hindenburg, o velho presidente alemão, nomeou Hitler seu chanceler em janeiro de 1933. Nas eleições, dois meses depois, com tropas de choque nazistas intimidando abertamente os opositores políticos, Hitler obteve 44% do voto popular. [...] Uma vez no poder, os nazistas puseram em prática rapidamente seu programa. Todos os direitos civis foram suspensos, os partidos políticos dissolvidos, as greves proibidas e os sindicatos fechados. As SS (*Schutztaffeln*, ou tropas de guarda), comandadas por Heinrich Himmler, tornaram-se o braço policial da polícia nazista, administrando os campos de concentração e controlando a polícia secreta (a Gestapo). Após a morte de Hindenburg, em agosto de 1934, Hitler foi elevado ao posto de Führer (líder) supremo da Alemanha, tendo, assim, plenos poderes para impor sua meta de erradicar todo traço de judaísmo da cultura, instituições e economia do novo estado ariano (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 198).

No início os nazistas foram cautelosos, Hitler como chefe supremo uniu o sofrimento que o povo alemão estava passando, agindo a favor do sentimento de “superioridade da raça ariana”, com esse slogan conseguiu incutir na população o ódio contra os judeus que eram uma raça inferior, abrimos um parêntese para

informar que a perseguição também tinha como alvo ciganos, homossexuais e qualquer um que não fosse da raça ariana.

O governo alemão se apropriou de tudo que podia para menosprezar e perseguir seus inimigos. Podemos citar como exemplo o uso da antiga crença usada pela Igreja Católica de que judeus mataram Cristo, e por isso deveriam ser perseguidos e mortos, pois eram um povo amoral.

Outro motivo para perseguição aos seus inimigos tidos como a raça inferior foi disseminado quando ao sancionar a Lei de Nuremberg em 1935, a favor do estado alemão, é instaurado o perigo da “contaminação” que a raça ariana estava correndo ao se misturar com os judeus. Por isso, Hitler alegou que os judeus não poderiam manter relações sexuais nem qualquer tipo de compromisso com os arianos

Em outubro de 1938, 17 mil judeus de origem polonesa foram expulsos da Alemanha. Cinco mil ficaram desgarrados, em terra de ninguém, em condições miseráveis, na fronteira oriental. [...] Em março de 1939, contrariando o acordo de Munique, ocupou a Tchecoslováquia. Em agosto, assinou um pacto de não-agressão com Stalin, que dividia secretamente a Polônia entre os dois países. A 1º de setembro de 1939, as tropas alemãs invadiram a Polônia, forçando a França e a Grã-Bretanha a uma declaração de Guerra (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 199 e 200).

Com o acordo feito com Stalin, Hitler partiu imediatamente para invadir a Polônia. Em 1939 os judeus foram remanejados para os guetos, dentre eles, o maior gueto era o de Varsóvia. De acordo com Goldberg em “1941, a Alemanha invadiu a União Soviética. Em outubro, Moscou e Leningrado estavam sob assédio e a maior parte da Ucrânia já havia caído. Aproximadamente 3,5 milhões de judeus se encontravam sob o domínio alemão” (Id.: 1989, p. 202).

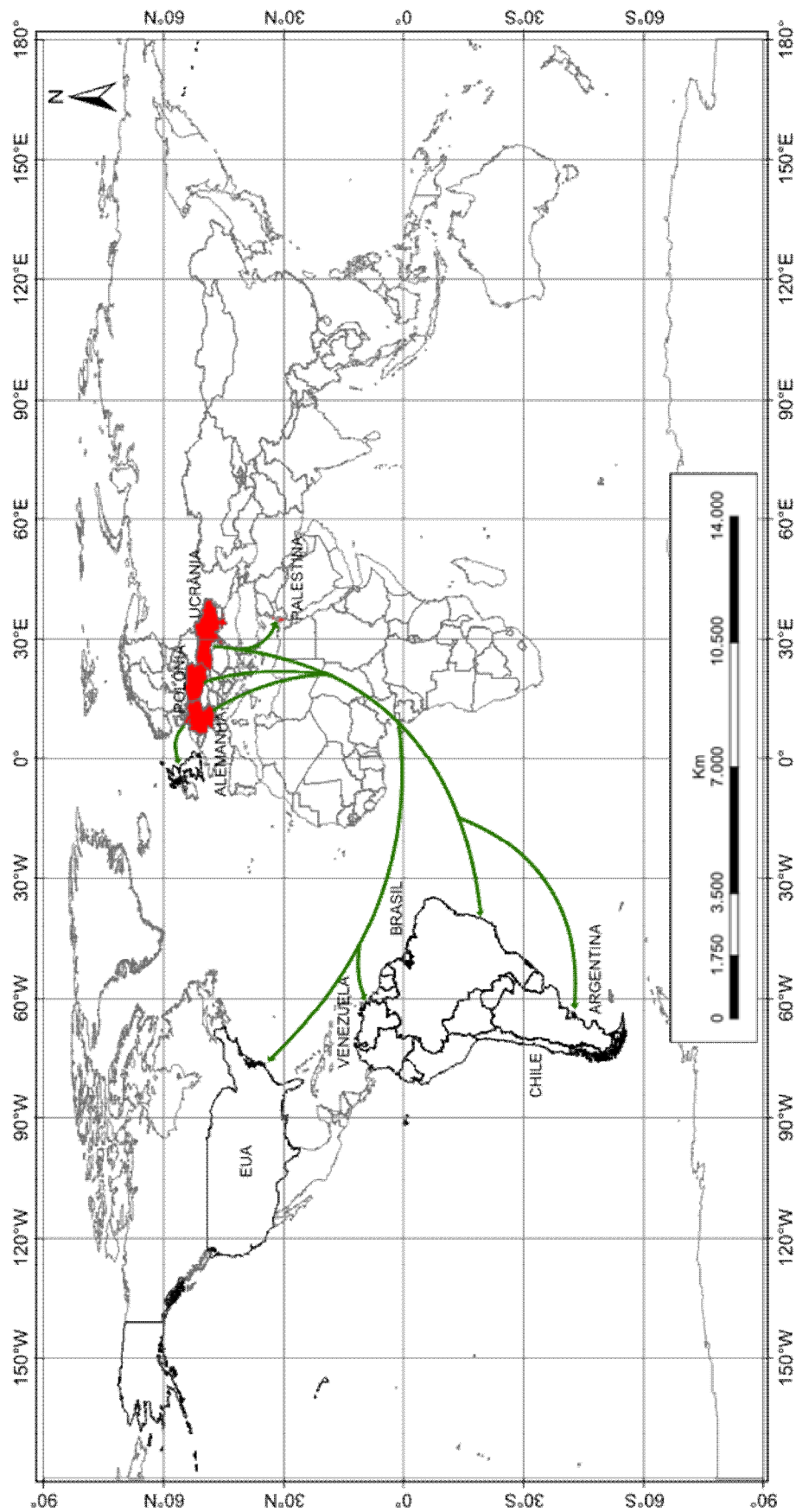
Os métodos de extermínio sistemáticos elaborados pelos alemães para com os judeus, os ciganos, os prisioneiros de guerra e os homossexuais, passaram pelo uso da mão de obra até a morte, a tortura, os experimentos médicos, e campos de concentração foram criados para uma “limpeza mais rápida” e com menos gastos

Os planos para deportar todos os judeus dos territórios ocupados para a Europa Oriental foram abandonados em favor de um programa de aniquilação biológica, [...] Foram construídos seis campos em território polonês. O primeiro a entrar em funcionamento foi o de Chelmno, próximo a Lodz. Entre 150 mil a 340 mil judeus, alguns prisioneiros de guerra soviéticos e ciganos foram mortos em furgões de gás camuflados. Em Belzec, perto de Lublin, 600 mil judeus foram liquidados por envenenamento com monóxido de

carbono. Sobibor e Majdanek, ambos nas vizinhanças de Lublin, foram responsáveis pela morte de 400 mil judeus do Leste europeu e de muitos prisioneiros de guerra. No campo de Treblinka, perto de Varsóvia, calcula-se que 800 mil judeus foram mortos por gás nos quinze meses decorridos entre julho de 1942 e outubro de 1943. O maior dos campos era o de Auschwitz. [...] Os fisicamente aptos eram separados para trabalhar até a morte [...] Autoridades nazistas convidadas podiam observar o processo através de vigias. Depois disso, as obturações em ouro eram retiradas dos cadáveres e o cabelo das mulheres cortados em para uso industrial. Entre um e dois milhões de judeus foram mortos em Auschwitz, entre 1942 e 1944. O ministro da Propaganda de Hitler, Goebbels, anotou em seu diário, em 1943, que os judeus estavam sendo exterminados por “meios bastante bárbaros”, mas que “não se pode deixar que o sentimentalismo predomine nesses assuntos” (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 202 e 203).

Houve diversas formas de fugas da condição de morte eminente do judeu durante a Segunda Guerra Mundial. Alguns países deram abrigo político para uma grande leva de migrantes, dentre eles o Brasil que antes do evento bélico, já tinha permitido que os *ashkenazim* adentrassem a fronteira e trabalhassem na terra ou no comércio, conforme o mapa.

A diáspora Judaica da Segunda Guerra Mundial - Período:1937-1945



Legenda

- Países de Destinos dos Judeus
- Países de saída de Judeus
- Países
- Destino de Judeus

Fonte: GOLDBERG & RAYNER, 1989.
 Confecção do Mapa: Michel Watanabe
 Organização: Sheila Castro
 Data: 11/2011.

Ao observarmos o mapa citado, constatamos que é a partir da Segunda Guerra Mundial que começa a acontecer em maior número uma parte do retorno a Palestina, e foi com a ajuda de judeus do mundo inteiro que esses migrantes juntamente com políticos pleiteiam e conseguem diante das ONU³² o status de nação e, é criado o novo Estado de Israel.

Evidenciamos até então as possíveis trajetórias das migrações judaicas que acarretaram a presença desse povo no Brasil e no resto do mundo. Faz-se necessário que agora apresentemos os judeus na região amazônica.

Durante todo o século XVIII os registros sobre os judeus no Brasil são vagos. Contudo, no século XIX, as referências já mostram uma nova frente migratória após a colonização do Brasil. Eram judeus espanhóis, judeus marroquinos (Marrocos Francês), judeus árabes e judeus da cidade de Tânger. Nesses lugares estavam experimentando a perseguição de alguns sultões e a crise econômica lhes afligia, por isso decidiram vir para o Brasil.

Ao chegarem aqui buscaram a região Amazônica para viver, como aponta Blay:

Imigraram para os estados do Amazonas e do Pará ainda antes da grande exploração da borracha. Testemunham esta presença as sepulturas judaicas de Soledad, cemitério de Belém (Pará) e as sinagogas Shaar Ashamaim e Essel Abraham, fundadas naquela cidade entre 1826 e 1828. Belém e Manaus foram as portas de entrada para judeus que se instalaram em cidadezinhas do interior do Pará e do Amazonas. Há referências à presença de famílias judaicas, no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, às beiras de vários rios entre os quais o Tapajós, Abunã e nas seguintes localidades (BLAY: 1997, p. 50).

Na contemporaneidade podemos observar grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro onde as comunidades judaicas têm presença marcante no âmbito político, econômico, cultural e religioso. No Nordeste brasileiro Pernambuco e em outras áreas da união os judeus deixaram suas marcas.

No Norte temos em Belém a comunidade fortalecida, e em quase todo interior do Pará nota-se a presença judaica.

Os dois fatos essenciais que explicam, assim, a penetração linear do homem branco no vasto domínio da Hileia, foram a rede fluvial e a floresta maciça, rica em valor econômico (PEREIRA: 1963, p. 44).

³² Organização das Nações Unidas.

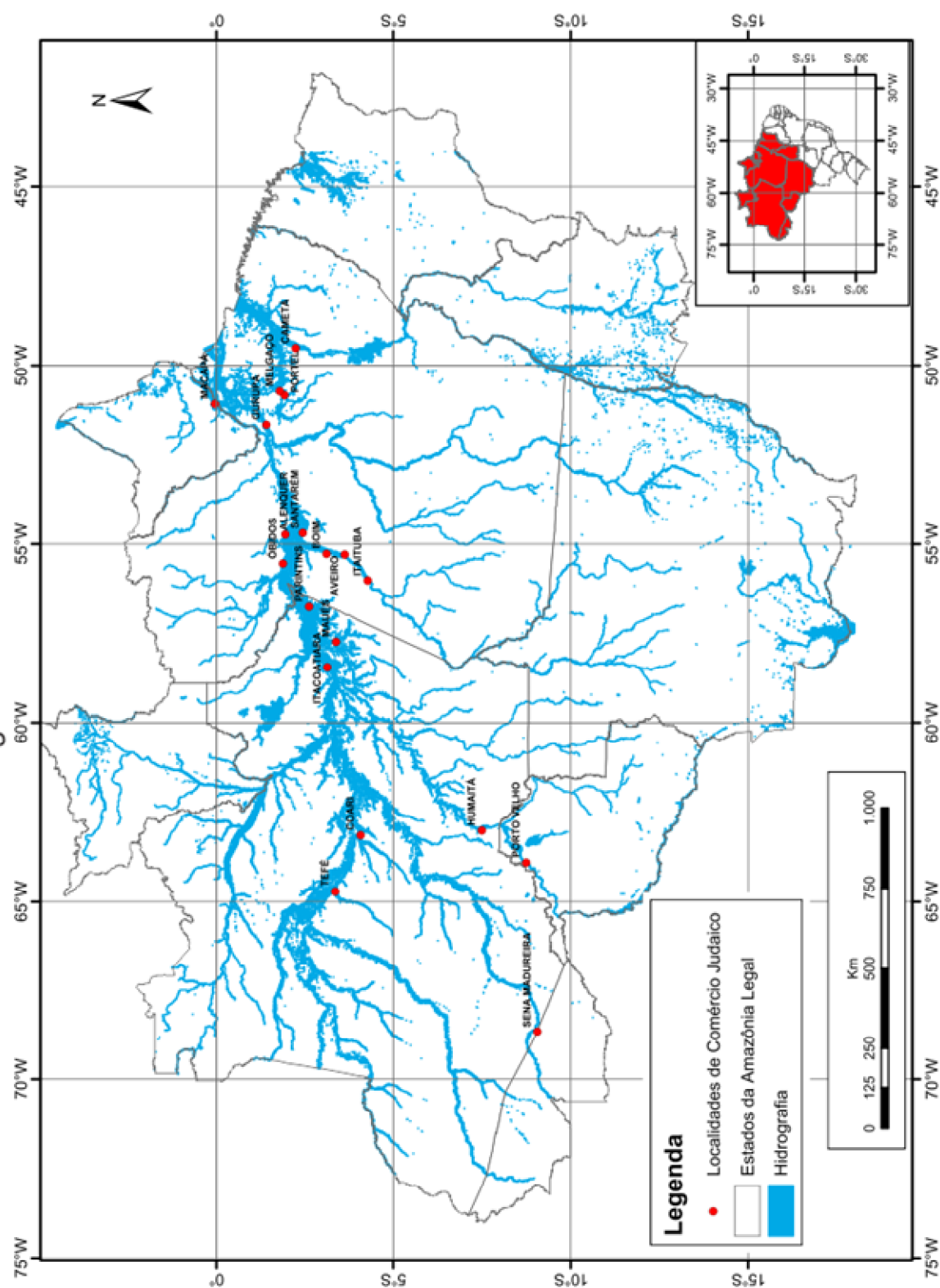
Tanto Belém como Manaus a comunidade judaica mostrou-se ativa, com o passar do tempo não só no setor comercial, industrial, mas também no setor da educação e da cultura.

Quando adentraram a região amazônica, os judeus viram a oportunidade de crescimento econômico, no comércio feito pelo rio, pois a distância dos centros comerciais e a dificuldade de locomoção por terra favorecia o único meio de comércio na região no século XIX:

Na Amazônia, a “montaria” teve e tem a função antropogeográfica muitíssimo importante. E a sua missão histórica ligam-se não apenas o colonizador, o missionário e o bandeirante, porém, ainda, e mais recentemente, o “regatão”, tipo social e econômico curiosíssimo, surgido da adaptação da inteligência de especulação comercial a um meio físico, regido por variações sazonarias, a que sem dúvida obedecem a atividade econômica e os “gêneros de vida” típicos da região amazônica. [...] Na Planície Amazônica, o tipo clássico do “regatão”: o bufarinheiro conhecido nas cidades por teque-teque chama-se, no interior, “regatão”; somente, em lugar de transportar nas costas – pitoresco atlas da quinquilharia – o mundo de miudezas, transporta-o no bojo de uma galeota que desloca duas, três, quatro toneladas, dividida em secções de secos e molhados e movida a remo de faia. A parte da popa, fechada em roda, onde mora o dono, possui uma portinhola abrindo para avante e outra para ré (PEREIRA: 1963, p. 45).

O mapa 4, mostra como adentraram na região norte, tendo como meio para obter dinheiro o comércio realizado em embarcações que abasteciam o povoado e vilarejos mais afastados das capitais, essa prática comercial ficou conhecida como “regatões”. Este era uma forma de comércio usado pelos judeus e outros mascates da região, que adrentavam a Hidrovia do Amazonas dentre elas o rio Madeira, comercializando desde produtos alimentícios, remédios, munições e demais produtos que ajudassem a preservação da vida na floresta.

A Hidrovia do Regatão - Período: 1810-1940



Fonte: BENCHIMOL, 1998.
 Confeção do Mapa: Michel Watanabe
 Organização: Sheila Castro
 Data: 11/2011.

Na Amazônia a presença judaica foi estudada por alguns pesquisadores dentre eles Benchimol (1994), ao afirmar que a presença judaica ocorreu na Amazônia desde o século XIX, e que as primeiras famílias vieram em 1820, com suas particularidades, uma delas é que ao migrarem traziam a família com eles. Ao contrário de outras correntes migratórias que muitas vezes chegavam individualizados, os judeus chegaram com suas famílias, assim assegurando o caráter doméstico e gregário de sua migração evidenciando, desse modo, a vontade de permanecerem no lugar escolhido para viverem com a família.

As localidades da região amazônica que os judeus buscaram para morar e trabalhar tinham algo em comum eram cidades que o acesso direto se dava por via náutica. Estas localidades eram conhecidas como ribeirinhas³³, por situarem sua frente as margem de rio, nas palavras de Benchimol:

Alenquer; Boim, Aveiros e Itaituba, Cametá; Coari, Gurupá, Humaitá, Itacoatiara, Macapá, Maués, Melaço, Óbidos, Parintins, Portel, Santarém, Sena Madureira, Tefé. [...] Por volta de 1850 existia uma comunidade judaica em Santarém e Itaituba, a beira do rio Tapajós, que deixou como traço, mais uma vez, as sepulturas dos “judeus pioneiros do ciclo da borracha”. Teriam emigrados há décadas de Tetuan, Ceuta, Casablanca, Fez, Rabat, Marrakech, empurrados pela crise econômica do Marrocos e pela perseguição de vários sultões. Por outro lado os governos do Amazonas e Pará facilitavam a vinda de imigrantes. Falavam o português e o espanhol antigos, do século XVI, e o haquitia, mistura destas mais o árabe-marroquino (Id., 1994, p. 4-51).

Ficou evidente que enquanto comerciantes, em tantos séculos aprenderam a ser, buscaram trabalhar comercializando nas embarcações, no ramo dos regatões. Trabalhavam em pequenas embarcações onde, na afirmação de Benchimol

os barcos dos grandes comerciantes e aviadores portugueses não conseguiam entrar, levando estivas, tecido, remédios, bebidas, munições para abastecer os seringueiros dos altos rios e comprar a melhores preços os produtos do extrativismo silvestre (Id., 1998, p. 83. Grifos nossos).

³³ Entendemos por comunidade ribeirinha: (...) a quem mora às margens de um rio ou igarapé, mas aquele que *essencialmente* mantém uma organização social *diferenciada* da urbana, com sua sobrevivência econômica baseada principalmente na pesca, pequena produção agrícola (caracteristicamente mandioca para a produção de farinha, frutos como a melancia, plantada nas várzeas dos rios e plantações perenes como o cupuaçu, a pupunha e o açaí) e que pratica a coleta de produtos da mata como a castanha-do-brasil, o açaí, a abacaba e o patoá nativos. Assim, fica claro que não é somente o fato de morar às margens de um rio ou igarapé que caracteriza o ribeirinho, isso seria uma classificação simplória diante da diversidade da forma de viver da população amazônica (SILVA & SOUZA FILHO, 2002: 27).

Constatamos que na região Norte ocorreu um fenômeno pouco conhecido pelos judeus, que foi o “esquecimento”, este notado pelo pesquisador e denominado como “assimilação³⁴”. Segundo Benchimol (1998), esse fenomenolo foi muito claro na Amazônia,

Um número muito grande de famílias judaicas desapareceram para o judaísmo, pois seus descendentes no interior foram incorporados e integrados a massa anônima dos caboclos empobrecidos, que adotaram o culto católico, evangélico, espírita e até umbandista, esquecendo de vez as suas origens ancestrais judaicas. Pelos nossos cálculos existem, hoje em toda a Amazônia, cerca de 283.859 judeus-caboclos descendentes dos sefaraditas e forasteiros de Marrocos e de askenazitas europeus, cujas primeiras levas de migrantes chegaram a região a partir de 1810 (BENCHIMOL: 1998, p.175).

Entendemos que o termo assimilação, aqui empregado não condiz com o ocorrido, entendemos que o “silêncio” propiciou o “esquecimento” da cultura e da religião judaica, por isso também é imprecisa a denominação realizada pelo autor de judeus-caboclos. Pois, se eles não lembram que são judeus, como podem ter essa denominação?

Desse modo, devido ao silêncio a maior parte dos descendentes de judeus continuam sem saber sua origem. Em Rondônia os registros da comunidade judaica só tiveram seu início no século XX. E, durante algum tempo teve uma organização como uma *kehilah*³⁵, porém com o passar do tempo, os jovens judeus deixaram os ritos, até a *Sefer Torá* que havia em Guajará - Mirim, foi enviada para São Paulo, aos cuidados de uma sinagoga, como diz um narrador:

E, eles se reuniam lá, eles tinham o *Sefer Torá* lá, e que depois com o passar do tempo, se não me engano na década de sessenta ou na década de setenta, algo assim levaram embora, levaram pra São Paulo a *Sefer Torá*, porque as pessoas, que continuavam praticando o judaísmo seriam as pessoas, que faziam o *mitzvah*, as *mitzvot*, que são os preceitos judaicos, eles estavam ficando velhos. (...) O bispo, ele andava socado na casa das pessoas que eram judias. Justamente pra impedir que as pessoas fizessem o básico do judaísmo, que é a *brit-milá*, que é a *circuncisão no caso*, e o *Shabat*, essa coisa, iam muito perturbando as pessoas, e como as pessoas viviam de comércio, então já tinha aquele estigma, porque o judeu já é estigmatizado (narrador VI, 2011).

³⁴ processo pelo qual um grupo humano, ger. uma minoria ou uma coletividade imigrante, é absorvido pela cultura de outro(s) grupo(s) (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0, 2010).

³⁵ Comunidade judaica organizada

Esse cuidado com o *Sefer Torá* se tem porque ele não pode ficar em um lugar que não seja para estudo aprofundado no espírito de respeito e temor as palavras de *lahweh*.

Em Porto Velho a organização também teve um período de desenvolvimento, pois já existiam indícios de haver *minian*³⁶, no início do século XX. Como nos informa Eva Blay (1997), já havia a realização do *brit milah* em 1909, a autora da referência a Porto Velho, mas provavelmente era na Vila de Santo Antônio.

Quando houve a desinstalação de toda administração política e econômica da Vila de Santo Antônio, todos os postos foram transferidos para Porto Velho. Devido o desenvolvimento acelerado com a criação da Ferrovia Madeira Mamoré, provavelmente os judeus acompanharam a mudança da administração já que alguns exerciam cargos de delegado e juiz.

O enfraquecimento da comunidade judaica de Guajará-Mirim foi eminente, sem uma organização consolidada, com delimitação do lugar, e sofrendo influências direta de religiosos de outras denominações, ficou difícil para os poucos judeus permanecerem na fé e nos preceitos de seus antepassados. Contudo em Porto Velho alguns perseveraram e conseguiram se organizar como comunidade civil, em associação e centros de estudos, como podemos constatar com o Narrador III (2010), “no final de 2005, lá por 2006 a gente instituiu como uma entidade jurídica CEJURON”. Porém a ideia de um lugar para usufruto exclusivo de judeus não foi unanime, é o que veremos a diante.

3.5 Os Livros Judaico

A religião judaica assim como outras que existem, possuem diversos mandamentos que devem ser seguidos, e apeendidos como sua história, ou seja, os preceitos que lhes são preciosos e que fazem parte da vida do judeu. Uma das

³⁶ Significa "conta" em hebraico, se usado para indicar a oração, significa a contagem mínima para poder dizer certos trechos das orações. Por exemplo: O *Kadish*, *Barechú*, *Kedushá*, leitura da *Torah* etc, são partes da *Tefilah* que só podem ser realizadas se houver um minian de homens na sinagoga que já possuam a maior idade judaica que é indicada com 13 anos.

maneiras que eles encontraram para divulgar os ensinamentos provenientes de seu “Deus” foi o de compilação de livros.

Os livros de estudo da Lei judaica foram escritos em diversos momentos de sua história e por diversos personagens. O primeiro personagem que temos conhecimento foi Moisés, após ele outros homens que, faziam parte ou do sacerdócio do Templo ou eram profetas, foram autores de diversos escritos, que fazem parte dos ensinamentos judaicos.

Depois da destruição do Templo, houve uma modificação na forma de adoração e culto a *lahweh*. Essa modificação foi elaborada por homens estudiosos, conhecidos como escribas, que legislavam e estudavam a *Torá*. Com o passar do tempo surgiu uma nova classe de homens sábios, que passam a ser chamados de rabi, e depois de rabino, que faziam as vezes dos escribas.

Faz-se necessário evidenciarmos alguns dos personagens que estruturaram a literatura judaica, um dos mais importantes homens do judaísmo foi Moisés. Ele liderou a saída do Egito, organizou as tribos de Israel, denominando-as conforme seu patriarca. Criou o conselho dos anciões, dos Levitas e elaborou a *Torá* escrita.

Outros que tiveram papel importante na compilação dos livros judaicos foram os profetas, estes eram grandes líderes, que em nome de *lahweh* arriscavam sua vida ao levarem suas mensagens aos governantes. Em nenhum momento da história dos judeus eles foram vistos como simples adivinhos. Muitos foram mortos por falarem como porta voz da palavra divina. Izecksohn afirma que “na luta contra a idolatria deram tudo de si, porque compreendiam que a única maneira dos israelitas sobreviverem era de se manterem fiéis às prescrições de Abraão e Moshé, em resumo, a Adonai. Caso contrário acabariam dissolvendo-se entre os outros povos” (IZECKSOHN, 1973b, p. 109).

A atividade profética era diferente da atividade sacerdotal. O sacerdote era unicamente vindo da tribo de *Levi*, enquanto os profetas eram “escolhidos” às vezes no meio do povo por *lahweh*, que lhe enviava com mensagens proféticas, aos governantes do povo Judeu. Contudo também havia os que, eram adivinhos pagos.

Houve os que atuaram como membros de um grupo; os que andavam sozinhos. [...] Certos profetas atraíram discípulos; outros desprezaram a ideia das ordens proféticas e romperam com elas. Os primeiros profetas tinham inspiração extática, representando mimicamente suas profecias; os mais tardios passavam suas mensagens na forma de oráculos poéticos e sofisticados, muitas

vezes da mais alta qualidade literária. Suas palavras eram apresentadas publicamente, lembradas, transmitidas tanto oralmente quanto por escrito, e depois coligidas nos livros dos profetas, como as conhecemos (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 55-56).

Os profetas muitas vezes sofriam preconceito na comunidade, por profetizarem em grupos com danças e chegando ao delírio interiorizado por estar em transe diante de lavé. Contudo eram patriotas, nas guerras acompanhavam o exército incentivando à vitória.

A atividade sacerdotal era mais hierarquizada. Só eles podiam realizar os ritos dentro do Templo. Porém com a destruição do primeiro Templo, por Nabucodonosor, houve mudanças que foram produzidas no modo de vida e culto do povo judeu. Esse modelo era o de vida religiosa que colocava acima do culto no Templo, a responsabilidade pessoal, manifestada pela obediência aos mandamentos da Lei, *Torá*.

Todas essas informações nos demonstram o contexto em que viviam os autores dos livros judaicos, e a motivação que eles possuíam para não deixarem o conhecimento de seus preceitos serem esquecidos.

Entendemos que o primeiro homem a ser considerado rabino foi Esdras. Ele estudou e formulou questões que fizeram o judaísmo se fortalecer. Também houve os homens que participaram da Grande Assembléia. Foram chamados para elaboração de como deveria se manter os ritos e como deveria ser realizado os estudos da *Torá*. Depois deles já no século I a. E. C., houve dois mestres fariseus que ficaram conhecidos por todos os judeus até nossos dias, estes foram Hillel e Shamaí,

Shamai era muito rigoroso em tudo o que se referia a regras morais e religiosas. Suas exigências eram tais, que muitas pessoas achavam impossível cumpri-las. [...] Hillel representa a ala mais tolerante, mais humana e, mais simpática da corrente dos fariseus. [...] depois da Grande calamidade, as ideias de Shamaí foram postas de lado e a corrente de Hillel passou a vigorar. Ainda antes, grande parte dos ensinamentos de Hillel foi utilizada por Joshua de Nazareth (Jesus Cristo) em suas prédicas [...] Nos séculos seguintes, inclusive depois do desaparecimento do Sinédrio, os descendentes de Hillel dirigiam espiritualmente o povo judeu como mestres, presidentes do *bet din*, nas, patriarcas. Era a “Casa de Hillel” (IZECKSOHN:1973a, p.11-12).

Esses estudiosos conseguiram por meio de seus discípulos manterem vivo os ensinamentos judaicos. Após todas as transformações foi estipulado um modo de estudo e sequência em que haveria as celebrações, estudos e leituras dos textos

que deveriam ser lidos durante todo o ano, na *Torah*, do *Talmud* e da *Mishná*, e com o judaísmo cabalístico tinham que se referendar na *Sefer ha-Zohar*.

Para a escrita de seus livros os judeus aperfeiçoaram seu alfabeto, formaram uma aura santificada para o uso do alfabeto e a transmissão de seu conhecimento. A complexidade dos signos gráficos com a personificação do sagrado conduziu a escrita do hebraico, para a sua grafia havia um ritual que era ensinado a poucas pessoas, estas desde crianças ensinadas o valor simbólico de cada letra.

No quadro I apontamos quais os principais livros da religião judaica e suas característica:

Quadro II: Livros de Estudos do Judaísmo

Características	Livros
A Lei ou os Ensinamentos é o Pentateuco.	<i>Sefer Torah</i>
Está dividida em três partes e possui 35 livros de ensinamentos históricos e proféticos e poéticos.	<i>Tanach ou Bíblia Judaica</i>
Está dividida em três ordens e separada em 63 tratados.	<i>Mishnah</i>
Aprendizado ou ensinamento. Existem dois escritos, o da Babilônia e o da Palestina.	<i>Talmud</i>
O livro do Explendor, mais conhecido como <i>Cabalah</i> , é uma doutrina teosófica.	<i>Sefer há-Zohar</i>

Percebemos desse modo que a literatura judaica possui divisões e classificação, ela segue um método adequado de acordo com seu gênero.

O método *Midrash*³⁷ interpreta as escrituras versículo por versículo. O método *Mishná* formulou a lei oral tópico por tópico, seja *halachá* ou *agadá*³⁸. Ele deve ser discutido em comunidade, para que, com a exposição do texto haja unidade e

³⁷ No plural *midrashim* são: o *Mechilta* (o nome significa: “regras de interpretação”), sobre o livro do Êxodo; o *Sifra* (que significa “o livro”), sobre o Levítico; e o *Sifrei* (“os livros”, forma abreviada de “os livros da escola rabínica”), sobre os Números e o Deuteronômio (GOLDBERG: 1989, p. 244).

³⁸ Ou Hagadá, que é um livro editado e reeditado através de gerações sem fim, fornece todas as instruções dos rituais (IZECKSOHN: 1973a, p.60).

crescimento espiritual, pois a discussão do texto propicia crescimento de conhecimento.

O *halachá* cobre os tópicos que são tratados em um tribunal judaico. Nele são encontradas todas as normas que podem regular o comportamento humano. Também pode ser obrigatório ou não, ele é uma prescrição do que, se deve ou não fazer. Já a *Agadá* é uma narração, uma parábola, é uma descrição elaborada na visão teológica quer o judeu deve seguir.

O primevo ensinamento foi o da *Torah*. Foi a partir da revelação da *Torah*, que o judeu passou a viver pelo rigor de sua fé. Ela é fundamental ao judeu para a manutenção de seu pacto com “Deus”. Está dividida em cinco livros que ficaram conhecidos como Pentateuco. Estes livros tem sua organização atribuída a Moisés

A palavra *Torah* referia-se originalmente a uma instrução particular transmitida ao povo por um porta-voz de “Deus”, que poderia ser um profeta ou sacerdote, mas com o passar do tempo ela foi usada coletivamente, por todos os judeus que buscavam no corpo desses ensinamentos a obediência ao seu *lahweh*, esses ensinamentos segundo se acreditava, “Deus” havia revelado, por meio de Moisés, aos israelitas no monte Sinai.

[...] a palavra Torá é muitas vezes, embora um tanto ilusoriamente, traduzida como lei; e como esses ensinamentos consistem na essência da primeira divisão da Bíblia, que compreende os livros do Gênese, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, a palavra também serve para designar essa unidade, também conhecida como pentateuco (da expressão grega para cinco pergaminhos), ou os Cinco Livros de Moisés (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 227).

Devemos observar que os livros do Pentateuco ou *Torah* e do *Tanach* não são os mesmos lidos pelos cristãos, os judeus não aceitam a tradução realizada para o estudo do cristianismo, eles acreditam que seus livros sagrados foram traduzidos de maneira errônea, dessa maneira trazem um falso entendimento para o que realmente foi revelado a Moisés.

O *Tanach*, também conhecido como a Bíblia judaica foi elaborado pela Grande Assembléia convocada por Esdras. Em seu contexto geral ela abrange a história como nos informa Goldberg & Rayner (1989), do afastamento dos israelitas

do paganismo, e a atribuição da divindade ao Eterno³⁹, também contextualiza sua dedicação ao culto exclusivo do único e invisível *lahweh*.

O que, apesar de tudo, empresta à Bíblia uma espécie de unidade orquestral é o fato de ela ser dominada por um só tema, ou grupo de temas; “Deus” único, todo-poderoso, sagrado, justo, Criador do céu e da terra; Sua atividade de orientação e redenção na história da humanidade em geral e de Israel em particular, e o modo de vida que Ele exige daqueles que O adorarem e cumprirem Sua vontade (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 234. Grifos nossos).

O *Tanach* é dividido em três etapas o Pentateuco, o livro dos Profetas e o livro dos Escritos. Devemos entender que a palavra *Tanach*, “é uma abreviação composta pelas iniciais das palavras hebraicas *Torah* (ensinamento), *Neviim* (Profetas) e *Ketuvim* (Escritos)” (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 226). Nas palavras de Izecksohn

Temos finalmente o Moshé Legislador, o homem que organizou genialmente o complexo de leis incluídas nos quatro últimos volumes do Pentateuco, leis de caráter altamente humanitário, moral, higiênico e social, leis que colocariam os israelitas em um nível muito mais alto do que o dos outros povos do mundo (IZECKSOHN: 1973a, p.66-67).

O Pentateuco é a primeira divisão do *Tanach*. É conhecido pelos judeus como uma série de livros de autoria anônima, contudo sua organização é conferida como já informamos anteriormente a Moisés.

Já a segunda divisão do *Tanach* é denominada de Profetas. Está subdividida em: Profetas Anteriores, à primeira destruição do Templo e Profetas Posteriores à primeira destruição do Templo.

Esta divisão possui uma subdivisão em que são denominados os Profetas Maiores, que são os profetas que dão sustentáculo a fé judaica por seus discursos e incentivos à permanência na fé de seu “Deus”. Nesta subdivisão também encontramos os Profetas Menores, estes recebem essa denominação pela quantidade de seus escritos.

Agora restou-nos, a terceira divisão do *Tanach*. Conhecida como os Escritos, segundo Goldberg & Rayner (1989), é uma miscelânea, que contém os Salmos. Nela, o primeiro lugar é ocupado pelo livro dos Salmos.

³⁹ É um dos nomes usados para demonstrar um dos atributos do Deus judaico. Dessa maneira não necessitam proferir o nome de *lahweh* em vão.

Estes representam uma grande variedade de tons e temas: individuais e nacionais; de louvor, ação de graças e lamentação, celebrações da realeza; louvores à sabedoria para os adoradores de *lahweh*, esses escritos não possuem uma única autoria, pois são de diferentes períodos históricos sua confecção.

Observamos que em seguida dos livros de louvores, vêm os livros de observância e permanência da identidade judaica. Todos eles interagem quanto da continuação da fé, mesmo enfrentando problemas, a perseverança da integridade e submissão a *lahweh*, são encontradas em suas linhas.

Quadro III: Organização do *Tanach* – Bíblia Judaica

PENTATEUCO	Gênese
	Êxodo
	Levíticos
	Números
	Deuteronômio
PROFETAS	Josué
	Juizes
	Profetas Anteriores
	Samuel I e II
	Reis I e II
	Profetas Posteriores - Maiores
	Isaías
	Jeremias
	Ezequiel
	Profetas Posteriores-Menores
	Oséias
	Joel
	Amós
	Abadias
	Jonas
	Miquéias
	Naum
	Habacuque
	Sofonias
	Ageu
	Zacarias
	Malaquias
ESCRITOS	Salmos
	Provérbios
	Jó
	Cinco Pergaminhos
	Cântico dos Cânticos
	Rute
	Lamentações
	Eclesiastes
	Ester
	Daniel
	Esdras e Neemias
	Crônicas I e II
Total de 35 Livros	

Fonte: Goldberg & Rayner, 1989.

A *Mishná* foi elaborada tanto como um código legal, quanto como um livro de textos reunindo ensinamentos que eram transmitidos de forma oral pelos escribas e fariseus, desde o período do segundo Templo, ou seja:

Na *Mishná*, os rabinos pretendem uma corrente contínua de transmissão oral, paralela à transmissão da Torá escrita, desde Moisés, através dos profetas, aos homens da Grande Assembléia, e por estes aos sábios fariseus, culminando com Hilel e Shamaï, e depois disso ao *Sanhedrin* pós-70. Com a *Mishná*, o judaísmo rabínico ratificou sua própria autoridade, ao emitir um código padrão de ritual e de prática legal, que seria daí em diante o manual básico do judaísmo para uma vida religiosa (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 102 e 103).

Desse modo os judeus puderam seguir em todo o globo um padrão nas leituras e celebrações.

O *Talmud* foi elaborado como um minucioso comentário da Torá. Nele também são encontradas parábolas, algumas histórias populares, éticas, algumas lendas, ou seja, é um amálgama entre a *halachá* e a *agadá*.

Hoje são perpetuados os ensinamentos de algumas das 613 *mitzvot*, das quais 365 são proibições e 248 possuem a natureza positiva. Elas também foram classificadas como *bein adam la-chaveró* e *bein adam la-Makon*. A primeira faz referência ao relacionamento social do homem com sua espécie. A segunda refere-se ao relacionamento espiritual do homem com “Deus”.

A *Sefer ha-Zohar* é uma leitura cabalística. Sua raiz aparece na Espanha no período da Idade Média, tornou-se conhecida como “*Cabalah*” ou “Livro do Esplendor”. Ela é basicamente uma doutrina das religiões místicas iniciáticas, ou seja, doutrina teosófica⁴⁰. É uma interpretação esotérica do *Tanach*, seus seguidores o têm tão sagrado quanto o *Talmud*.

⁴⁰ conjunto de doutrinas religiosas de caráter sincrético, místico e iniciático, acrescidas eventualmente de reflexões filosóficas, que buscam o conhecimento da divindade para alcançar a elevação espiritual.

CAPÍTULO 4. As experiências narradas

Neste capítulo apresentaremos as narrativas seguindo a sequência em que as entrevistas foram realizadas. Estas foram importantes para entendermos o conflito interno que a comunidade vivencia, outro dado importante elucidado com as entrevistas foi a percepção individual, cada um cedeu de modo tão íntimo sua narrativa, que tomamos o devido cuidado para não incorrer ao nosso entrevistado nenhum problema posterior devido o que foi dito.

Por entendermos que nossa metodologia de pontuação em Geografia Oral buscou elucidar as especificidades intrínsecas na comunidade judaica de Porto Velho, por meio da narrativa de alguns membros, este capítulo e o seguinte formam um elo em que o percurso metodológico aparece consolidado nos textos, pois a fala de cada narrador ao expor sua intimidade, seu relacionamento com a comunidade e como ele se vê enquanto judeu.

Desta maneira por respeito a nossa metodologia evidenciamos a fala para que o leitor não só entenda nossa interpretação, mais dessa maneira também possa fazer a sua, pois o método hermenêutico-fenomenológico proporciona múltiplas interpretações, contudo elas devem possuir rigor teórico para que seja tida como texto científico.

Para cada entrevista houve em sua pontuação um rigor metodológico já antes afirmado, também buscamos uma breve apresentação de cada entrevistado na medida do possível, pois tivemos que manter seus nomes em sigilo, selecionamos para cada entrevista uma frase em que o entrevistado se identificou, esta não só percebida dentro da narrativa, mas no decorrer de nossas conversas sem o gravador, nas celebrações e estudos em que estes estavam presentes.

Narrador I

O Narrador I, é assessor parlamentar, casado, está tentando a conversão ao judaísmo, sua entrevista foi realizada no ano de 2010.

“... Filho de “Deus” todos nós somos, espírito de “Deus”, filho de “Deus” dizem, “Deus” é santo, nós temos o Espírito Santo. Aí eles dizem, que o Espírito Santo é outra pessoa, e não é! Não é uma pessoa! É um sopro, é uma energia... alguma coisa assim, eles querem, que seja o “Deus” pai, “Deus” filho, “Deus” espírito. Enquanto no velho testamento diz não há três, só há um, sou Eu o único, antes de Mim nada existia, e depois de Mim não há outro. Pra quê, que eu vou dividir ele em três?”

Eu sou aquilo, que chamam de judeu convertido... Judeu convertido, porque depois, que se converte é, que você passa a ser judeu né!... sem nenhuma diferença. Então, enquanto não ocorre à conversão, a pessoa fica considerado só como um convertido, porque precisa tá fazendo a escola que é a *tshuvá*.

O curso da *tshuvá* está acontecendo aqui mesmo na CEJURON. Mas agora, que ele esta sendo montado, porque agente estava sem estrutura, quem vai ministrar o curso é o E.⁴¹, mas já tem uns cinco anos, que a gente já tem, eu pelo menos já tem uns cinco anos, que venho estudando o judaísmo. Então, já tenho bastante bagagem, já pra fazer uma conversão. Numa viagem, que foi agora pra Manaus, se eu tivesse ido talvez tinha me convertido, mas eu não fui.

Porque a conversão, não é quando você quer, a conversão é por vagas, então tem gente na frente. Tem uma fila, então quando chegar a minha vez, que pode ser daqui um ano, dois, três. Vai chegar minha vez, de ir lá fazer o teste de conversão.

A pesar de que, normalmente a gente marca antecipado quantas pessoas tem pra ir pra lá, teve três vagas, só que, essas três vagas infelizmente uma é do A. Que ele, já foi esse ano e não passou, então como ele não passou, ficou a vaga dele ainda... E, tem mais duas que, ainda vai ser a do G. e a esposa dele, e o filho dele, mais o filho não conta, porque os dois adultos são eles. Automaticamente eles vindo pro judaísmo o filho, que é de menor passa pro judaísmo, apesar, que o filho dele sabe muito mais, que eles dois juntos.

É, o filho inclusive, que faz as orações na casa dele. Então, quer dizer, que aí tem, que aguardar eles pra depois surgiu mais três vagas novamente pra aí eu poder entrar. Então eu já sei, que depois do G. e da mulher dele, aí é eu.

Só que, a conversão de Manaus é uma conversão para judeu... convencional, então pra ter essa conversão válida mesmo, porque ela é validada em termos, agora lá em Israel ela não é válida, porque pra ser validada em Israel temos, que passar

⁴¹Todos os nomes que podem ser identificados e que por ventura estiverem sendo dirigidos a cargos ou a alguma especificidade serão textualizados só a primeira letra.

um ano lá. E, pra ir pra Israel agente consegue moradia assim em termos tem, que alugar casa, aí é só ir pra morar lá, tem uma ajuda normal. Quando chegar lá tem, que procurar emprego, achar uma casa pra morar e tudo mais. Às vezes, a vantagem é que a gente já sai empregado... Quando a gente liga pra uns judeus amigos, que nós conhecemos, eles já tem uma vaga lá pra trabalho. Dizem, que já podemos ir e ter a sua vaga.

Apesar, que em Israel pelo pouco que eu sei, não tem mão de obra, então lá também não tem aquele preconceito de que o cara é velho, não trabalha, não é que nem aqui no Brasil, a pessoa depois dos trinta, quarenta, já não tem mais vaga. Lá não, o cara pode ter 70 anos, que eles aceitam pra trabalhar, tem vaga pra ele em qualquer empresa que ele for, é aceito pra trabalhar. Não tem o problema de idade, aqui a gente não consegue! Já tem o problema de idade. Eu mesmo, não trabalho mais aqui, fui bancário, fui subgerente de banco, mas se eu procurar emprego em qualquer empresa, eu não acho vaga pra minha idade, já não tem mais! E, eu tenho cinquenta e cinco anos, não tem mais vaga pra pessoa da minha idade. Então eu trabalho de assessoria, e em assessoria, só trabalha quem é indicado mesmo, assim como amigo de deputado, ele dá uma portaria como assessor na assembléia. Quando ele precisa de alguma coisa me chama, e eu vou. Quando não, fico em casa mesmo, faço uns serviços ai pra ele mesmo, correndo atrás de voto, pra ver se é reeleito. É esse tipo de serviço, que consigo, mas tudo bem, se for pegar um serviço mesmo na Camargo Corrêa, ai não dá não vou ser aceito mais, a minha idade não permite, que me aceitem.

Enquanto, que em Israel, não, pra Israel a minha idade conta muito, tem muito valor, lá tem mais valor as pessoas idosas do, que nas pessoas jovens. É a experiência que conta, então pra gente chegar lá e arrumar um trabalho, é uma coisa bem fácil, ainda mais se for qualificado, motorista, pedreiro, carpinteiro. Lá é bom! Chega e arruma serviço, num fica sem trabalho.

E, a gente vai morar também nos chamados *kibutz*, que são as comunidades. Nas comunidades tem, que trabalhar, a ajudar a plantar horta, aquelas coisas, pra ajudar a própria comunidade, então não é difícil, você querer ir fica um ano lá é fácil. Estava conversando com o E., ele ficou mais de cinco anos, ele é nordestino, mais acho que a mulher dele é judia, eles foram pra lá pra Israel, e ficaram esse tempo todo lá trabalhando com os filhos, os dois filhos dele, estão agora lá pra Israel fazendo faculdade, pra lá. Então não é difícil pra ir, quem quiser ir e ficar, é fácil de ir. Agora só precisa se converter aqui. Porque se for com a conversão daqui apesar, que não é lá uma conversão válida pra eles lá, mas é mais de cinquenta por cento de caminho aberto, pra você fazer sua conversão lá. Dão, mais força pra fazer sua conversão do que, se não for convertido, se for um cristão pra lá, aí vai ser mais difícil, até porque, as comunidades são fechadas, cristão não entra.

Mais uma coisa, que precisa fazer aqui no Brasil é a escola de hebraico, o curso de hebraico, pra aprender a falar hebraico com o pessoal, ler, escrever e falar. Apesar, que aprende mais a ler e escrever, e ainda precisa fazer a *tshuvá* todinha. Nesse curso a gente lê a Torá todinha. Eu mesmo já li, a Torá eu tenho em casa, apesar que a minha é eletrônica, Mas pretendo ter um rolo da Torá, porque o rolo da Torá é melhor, quem tem um rolo de Torá, tá contente da vida. O rolo da Torá tem, pra vender em São Paulo, o rolo que vem de São Paulo é feito pelos israelenses mesmo, judeus, é *kasher*, é puro, verdadeiro, e as outras são impressos fora de Israel, às vezes aqui em São Paulo, as vezes nos Estados Unidos. Então, em Israel é mais confiável. Apesar de que de qualquer jeito é Torá, mas precisa tomar

cuidado, porque às vezes, vêm coisas na Torá, que pessoal põe na tradução. Põe do gosto deles e, aí não é bem assim.

A gente tem que saber a origem da Torá, que a gente compra aqui, porque tem umas Torá, que são chamadas de Torá, mais não é uma Torá, é uma tradução da Torá para o português, que eles falam, que é a bíblia judaica. Aí nem tudo ali bate com o que, a Torá real tá falando, porque quando se conversa quando se, aprende a ler e escrever em hebraico, você vai ler o hebraico na Torá tem coisas, que é uma coisa, e nessa tradução é outra, e na tradução cristã é outra, é totalmente diferente.

Por exemplo, na Torá original, não se fala de descendente “ele”. Ele descendente não fala ele, lá em Gênesis, fala ela. Mas no cristianismo tá ele, porque tá ele? Pra dizer que aquela é a origem de Jesus Cristo, quando não é. Então, quando mudamos a palavra de ele pra ela, é uma mudança muito grande, do feminino para o masculino, lá fala ela, lá diz: que, sua tradição pisará a cabeça da serpente, já na bíblia aí diz: ele na tradução, pela descendência ele, referencia a descendência dela, da mãe, que quando Eva foi picada diz: que, ela iria pisar a cabeça, então tá dizendo ela, sua descendência pisará a cabeça da serpente. Ela sua descendência, não ele sua descendência pisará a cabeça da serpente, então não é um homem, que pisa a cabeça da serpente, é uma mulher. Então não pode ser Jesus, como eles tão dizendo, que era lá, que quando “Deus” fez o mundo tava ele e o Jesus junto. Não, não existe plural no hebraico. O “ele” que se refere é totalmente o reino.

Quando “Deus” fala, façamos o homem nossa imagem, ele consulta o reino Dele, ele não consulta uma pessoa, como eles querem aqui. Façamos, esse é o plural, não! Não... esse plural de façamos como eles querem. É o reino dele, é uma colocação de reino, a tradução, que eles fazem, que dá essa diferença entre o singular e plural, ele chamou o povo dele todinho, quando ele fala meu filho, todo mundo diz, esse é o filho Jesus, não ele fala é pro povo, porque o povo chama-se Israel, Israel é um só ser. Quando “Deus” mudou o nome de Jacó para Israel é uma pessoa, e você chamará Israel. Então, quando ele fala, que é o povo dele, fala povo meu, filho meu, ele se refere a um filho, como o todo sendo um filho. E os cristãos chamam de Jesus, que é um homem, não é messias, até a tradução dessa palavra, que eles falam lá o messias, messias quer dizer simplesmente ungido. Quem era ungido? Os reis, sacerdotes e os profetas. Então não era uma pessoa específica, pra se dizer assim, esse é o enviado de “Deus”, tal, é o ungido é o messias e o salvador, não! Porque os ungidos sempre dizem: de onde vem minha salvação? Olho pro alto, e vem de quem? Do eterno, nosso “Deus”, aí o messias não é referência a isso, messias é ungido é um ser ungido, eu posso ser um messias, qualquer um pode ser um messias. Nada impede isso é “Deus” que vai ungir, ser um messias, um ungido do senhor. Eles já não querem assim, então tem uma diferença nessas traduções, a virgem que eles falam Maria virgem, Porque eles, tão pregando uma profecia que tem lá do velho testamento, e, lá não fala que a mulher é virgem de virgindade sexual, ela é de moça nova, lá a palavra virgem é moça, e nascerá de uma moça, mais a nossa tradução, judeu-hebraico, não quer dizer, que ela seja virgem. Uma mulher casada sendo jovem é uma moça, e nessa aí, eles dizem, que não, mas a tradução, que eles fizeram pro grego é, que trouxeram a palavra virgem, porque a Torá não foi traduzida diretamente do hebraico para o português, ou latim. Ela foi traduzida primeiro, pro grego, e os gregos traduziram do jeito, que eles quiseram. Quando passou para o latim já passou com modificação do próprio grego.

E, quando passou para o português aí passou com modificações do próprio latim, se nós formos pegar o nome de Jesus, será que Jesus é o nome do salvador? Claro que não, porquê? Por que naquela época nem se falava português, porque vou botar o nome Jesus, que é um nome português. Ah, é porque vem lá dos judeus o nome de Jesus tal. Então, vamos pegar e vê se vem mesmo? Como é que chamava Jesus quando foi morto? *Iésus* em latim. Então, já não é Jesus, não existia 'jota' em hebraico, e o 'jota' não era usado em latim, começou à ser usado depois daqueles caras, que vieram catequizar o Brasil em 1400 e pouco, os jesuítas, aí começou a se usar então. Se usou jota por causa do nome significado Jesus. Foi Jesus por causa dos jesuítas. Que eles começaram a fazer a tradução para o português e numa comunidade, que se chamava jesuíta com jota. Aí começaram a falar Jesus, e houve a mudança e botaram o jota no lugar do i, aí troca, se tira o i, e coloca-se jota, que fica Jesus, agora digo, já viram algum nome em inglês chamado Jesus sem jota? Eu nunca vi, eu fui ver a lei japonesa tá lá Jesus, vai tá j, e, s, u, s, Jesus, vou ler em inglês tá Jesus. Vou ler em português vai tá escrito Jesus, qualquer língua, que eu for vai ser Jesus, então porque, eles não deixaram o verdadeiro nome dele, que era *Ieshuá*, porque a pronúncia, que tem Jesus, que se fala em inglês não é Jesus, é *djezus*, *djezus*, que eles falam. Um dj, *djezus*, que eles falam que é a tradução. Mas tradução não pode, porque segundo a lei universal, não se traduz nome.

Eles não lêem o hebraico, os dez mandamentos, o velho testamento, por que se eles fossem ler, eles iam ver lá, que o próprio eterno diz, não porás apelidos em meus filhos. O quê, que ele quis dizer com isso? Não muda o nome dos meus filhos, todo judeu tem o primeiro nome de "Deus" no seu nome, todo judeu, que tem o nome judaico contém o nome de "Deus" nele, porque ele disse o meu povo tem o meu nome, que IES, IÁ é "Deus" IÁ, aí vai ter, *Ieshua*, *Ierusalém*, vai ver também Jeremias, que é *Ieremias*. Então, tem uma mudança muito grande, eu comecei a ver isso, com trinta anos de cristão, trinta anos de evangélico. Evangélico da Congregação Cristã do Brasil, umas das mais severas, e mais como se diz fechada das, que tem de evangélicas. Ela diz: que, ela é única e verdadeira o resto é tudo seita, então a gente já vinha com uma lavagem na cabeça disso tudo, quando eu aceitei ser evangélico da Congregação aqui falavam pra mim, que ela é pura e verdadeira, que as outras são tudo seitas, e seitas não levam pro céu. E isso, e aquilo outro, eu não ia nas seitas de medo. Porque se eu fosse tava caindo da graça da Congregação, se eu fosse frequentar outra religião, outras igrejas me excluíam da igreja deles. Se eu fosse pra assembleia, diziam você não é da nossa você é assembleiano, quando morrer você vai pro inferno junto com eles, que eles são seitários. Pra ser da Congregação tem, que ser só da Congregação, não existe outra igreja, é só congregação. Não existe outro salvador, só o da Congregação. Ela é a única, pura e verdadeira. Ela é a igreja mais fechada, isso pelo ano de setenta e seis quando eu comecei a trabalhar no banco Itaú.

Foi lá, que conheci um cidadão, que era espírita. Ele era rosacruciano, e, eu sou muito curioso... não sei... J. Parece, que é curioso e, eu vi ele lá olhando os livrinhos da rosa cruz e tal, aí olhei assim vi um corpo no chão, outro em cima voando sobre o corpo e tal, aí eu falei com ele, seu Geraldo, quê que é isso aí? Isso aqui meu filho... isso aqui é você poder viajar sem o corpo. Sair sem levar o corpo, deixar o corpo aqui, e ir pra onde você quer. Eu falei, há isso não existe, na minha igreja disse, que não pode, se sair do seu corpo cê tá morto. Não, não é assim não, aí ele foi me explicar o que, era, que ele tava estudando. Ali comecei ficando consciente de outras leis, que existe no universo, que a gente acha, que não pode

alterar. Fiquei sabendo o que, é a transmissão de pensamento, telepatia como falam, que se pode buscar alguém, que tá lá no fim do mundo, que se quer ver, traz pra perto de você, as vezes se tem uma perda, e quer, que aquela pessoa esteja de corpo e alma na sua frente, é só você usar as leis, aí daqui um dia, dois, uma hora, meia hora dependendo da distância, onde ele tá vai cruzar por mim, vai passar junto de mim, aí vem o espanto... eu queria falar com esse cara! E, ele veio aqui.

Então, comecei a aprender sobre certas leis e, aí fui ser rosacruciano. Comecei a fazer o curso de rosacruciano, aí fui aprendendo o que, é judaísmo, cristianismo. Eu falei rapaz o cristianismo tem muita coisa errada. Não é nada daquilo que os caras pregam pra gente, não, eu não vou ficar nessa igreja mais não. Vou procurar alguma coisa a mais, comecei a revirar, a estudar, pesquisar, toda vez, que eu ia na igreja o pastor da igreja, que eu era cooperador dizia: olha a letra mata, o espírito vivifica! cuidado com as coisas do demônio... Aí eu dava uma reparada. Pensava espera aí, vou devagar. Eu não quero perder a salvação. Sei lá eu se isso aqui é do demônio, aí começava a por em dúvida o que, eu tava fazendo no curso, e, eu parava uns dois anos sem mexer com aquilo lá. Aí depois voltava, dava aquela curiosidade, deixa eu fazer mais um pouco, quando foi agora em noventa e cinco, noventa e seis, eu comecei ver outra religião.

Decidi procurar outra religião, vou sair da congregação... comecei a pesquisar a fundo mesmo e encontrei um pessoal agora em dois mil e quatro, e falou pra mim assim: olha cê sabe, que quem salva não é Jesus? Eu falei "Deus" o livre, cê tá com o diabo no corpo, cê dizer pra mim, que Jesus não salva, cê tá endemôniado! Ele me respondeu: não rapaz quem salva é *Yehoshua*.

O que? *Eliaroshua*! Quê, que é isso, quem é esse cara? Ele me respondeu é o salvador, aí eu disse: não! O salvador é Jesus Cristo. Ele me explicou, que *Yehoshua* é o nome gerador judeu, que é realmente em aramaico. E não é nem em hebraico é em aramaico, em hebraico é *Yeshua*, que aramaico é *Yehoshua*.

Ele começou a me explicar, e eu disse: então quer dizer, que esse Jesus, que nós servimos há tantos anos não tem nada ver com salvação? Ele me respondeu: Não, isso aí foi feito pelos imperadores romanos, como assim? Isso é um Jesus histórico rapaz, eles que inventaram esse Jesus aí, esses evangélicos. Não houve evangelho escrito como eles falam inspirado por "Deus", e tal. É tanto, que a maioria foi feito mais ou menos próximo de Jesus, que eles falam por trinta anos depois da morte dele é, que foi feito. Nesse tempo todo quer dizer, tem muita coisa, que já foi esquecido com trinta anos, eu nem sei quem era meu irmão, que já morreu, e, tá com dez anos, que ele morreu. Nem lembro mais o que ele fazia, ou deixava de fazer, como é, que vou lembrar daqui a trinta anos ainda mais um velho, porque eles já eram assim de certa idade. Provavelmente se ainda tavam vivo, com trinta anos depois da morte do outro tinha, que ter pelo menos sessenta, setenta anos.

Quer dizer escrever a vida passada de outra pessoa, que eles não tava no convívio direto com ela. Iam dormir em outra casa, tinha outros afazeres, tinham as famílias deles pra cuidar, iam uma hora ou duas ficar com ele. Eles iam cuidar dos afazeres deles, eles não viam Jesus totalmente dia e noite, até porque, não é possível os doze homens dormi no mesmo dia, no mesmo horário, no mesmo local, tudo perto dele. Depois eu comecei a ver as falhas, que tem nos evangelhos, Mateus não foi discípulo de Jesus, Lucas também não, Marcos então com 300 anos, que foi escrever o evangelho, Lucas com 330 escreveu o evangelho?, O único e que provavelmente poderia ser discípulo de Jesus é João. E, que também tem seu evangelho, que se fizer análise de texto o primeiro capítulo de João, não foi João que escreveu, foi colocado pela escritura, foi imposto 1200 anos depois da morte de

Cristo, aquele, que dizia o verbo se tornou carne e tal, quilo lá não foi ele, que escreveu o estilo de escrita não é o mesmo de João, é de uma pessoa estranha, que não se sabe quem, mas não é dele. Eu comecei ver isso aí, e esse rapaz, que falou o nome de Jesus me levou a conhecer o judaísmo.

Estou estudando a cinco pra seis anos, o judaísmo só, que eu não vim direto pra CEJURON, comecei a vagar... Porque esse cidadão, que me levou a conhecer o judaísmo não, que me levou pro judaísmo. Ele me levou pra uma outra religião, que é uma mistura do judaísmo e cristianismo. Então, ele ainda crê, que o salvador é Yeshua. Pra ele tem o salvador, o messias já veio, pra nós judeus não, nós não sabemos se o messias é uma pessoa ou uma era.

Provavelmente estamos na era messiânica. “Deus” diz, que vai ser uma pessoa nascido de homem e de mulher comum, outros já dizem: não vem de “Deus”. Filho de “Deus” todos nós somos, espírito de “Deus”, filho de “Deus” dizem, “Deus” é santo, nós temos o Espírito Santo. Aí eles dizem, que o Espírito Santo é outra pessoa, e não é. Não é uma pessoa! É um sopro, é uma energia... alguma coisa assim, eles querem, que seja o “Deus” pai, “Deus” filho, “Deus” espírito. Enquanto no velho testamento diz não há três, só há um, sou eu o único, antes de mim nada existia, e depois de mim não há outro. Pra quê, que eu vou dividir ele em três? Na física é impossível botar o corpo, mais outro corpo no mesmo lugar, ao mesmo tempo, no mesmo horário não existe, é impossível isso! Ou um sobre o outro.

É o mesmo, que dizer, que seu filho é você pode? A mais o filho de “Deus”, “Deus” é. Filho de peixe, peixinho é, tudo bem, mas a cabeça do filho peixe é uma a do pai peixe é outra. Não é mesmo esse negócio de trindade é meio esquisito, porque se fosse verdadeiro, então não podia ser trindade, seria um mesmo. Ele se fez homem acabou, nasceu do espírito dele é nosso espírito, se ele é santo, é porque ele é santo.

Não é, porque o Espírito Santo é um, que o Jesus é outro, isso aí tá errado. Comecei a pesquisar isso aí, e foi dar justamente em Constantino, trezentos e poucos depois que o cristianismo foi oficializado, a discussão entre duas facções das igrejas primitivas em, que uma queria que tivesse três “Deus”es e a outra queria, que tivesse só um “Deus” como os judeus tinha.

Não! Mas, nós só servimos a um só “Deus”, Jesus é só o prometido dele, não é ele. Jesus não é o “Deus” todo poderoso. Aí disseram não Jesus é “Deus”, aí Constantino disse: olha vamos fazer o seguinte, lá em Roma existe três “Deus”es além dos outros.

Não sei se é Diana que era a da fertilidade, cupido que era filho de Diana Júpiter que era o “Deus” maior, eles adoravam *Juno*, que vem de Júpiter. Na Grécia existe três “Deus”es. Se eu não me engano é Era, Era a mãe de Hércules com o “Deus” sol... era três.

Rapaz olha os bárbaros tem três “Deus”es, os *vinkings*, que eles consideravam bárbaros tinha três: *Thor* era o filho num sei quem lá, era pai num sei quem lá. Porque, que agora essa religião, que nós vem trazendo vai ter só um “Deus” só? Aí nós pegamos os três, e eles vão acreditar e não vai ficar igual ao judeus.

Inventaram esses três e, como não puderam por Maria como “Deus”, porque Maria era humana, puseram o tal do Espírito Santo. Mas o cristianismo adora mais a Maria do que o próprio filho e do que o próprio “Deus”. Todo cristão de modo geral, da igreja católica, que ela que é mãe de todas. Eles adoravam quem? A Maria, até hoje Maria não sei do que, Maria num sei mais do que, um monte de Maria. Eu perguntei, porque, que só Maria no coração, e me diz qual é o filho, que não vai

obedecer a uma ordem da mãe? Se a mãe pedir uma coisa pro filho, o filho não vai fazer? Escreveram no novo testamento, que Jesus diz assim, o que, eu tenho com você mulher? Quando ela pediu vinho pra ele. Ele disse, eu não tenho nada a ver com você meu tempo não é chegado. Quer dizer, ele não obedeceu a mãe dele, um “Deus”, que desobedeceu um grande mandamento honra teu pai e tua mãe não pode ser “Deus”. Porque, se ele ensina, que têm que cumprir os dez mandamentos da lei de “Deus”, porque, que ele errou nesse. Mais pra frente ele diz assim: eu sou o senhor do sábado, eu trabalho, meu pai trabalha até hoje, então vós podeis trabalhar no sábado, quarto mandamento da lei de “Deus”, que são quatro pra “Deus” e seis pro homem. Que o sábado é pra ser honrado. Ele diz: que gosta de cumprir os dez, se errar um nada vale os nove que se cumpriu, se errou o sábado, já não vale nada, que cumpriu, se errou pai e mãe também não vale nada, tem que, ser os dez.

Então tem toda essa diferença, aí eu encontrei o A. aqui em dois mil e seis, acho, que foi em dois mil seis, que encontrei com ele, porque tava frequentando uma comunidade israelita lá em Ji-paraná.

Que eu fui passar uma temporada lá uns três, quatro meses, fazendo uns serviços no ramo de associações, aí encontrei lá uma sinagoga, que não é uma sinagoga. Diz ser uma sinagoga. Aí eu fui pra lá aí... aí, que eu fui aprender o que, é judaísmo, que é israelita, mas assim mesmo meio cristianizado, porque a de lá é muito paulina, eles seguem mais o que, Paulo diz do, que um judeu faz. Eles tem as cerimônias de judeu, do judaísmo e tal, as datas do judaísmo, o purim... tal, só que, obedecem as leis de Paulo. Aí eles dizem o que, Paulo falou, o que, Paulo pregou, então eles não precisavam ser circuncidados, esse pessoal foi ser circuncidado mais por causa do próprio A. Que disse, que eles tinham, que ser circuncidados, aí acabaram se circuncidando, o A. era o presidente da CIRO⁴² a que, mandava lá em Ji-Paraná. Aí ele foi circuncidado, os outros vieram a ser circuncidado também, todos eles fizessem a circuncisão, só que seguia a linha de Paulo, tanto é, que eles eram judeus nazareno, que é, de Nazaré. Judeu nazareno e tal temos, que cumprir as leis de Paulo junto com o judaísmo, não vale nada. Não vai adiantar nada ou, você é judeu, ou é cristão, um dos dois, não pode ser os dois ao mesmo tempo.

Eu, frequentando aqui a casa de um amigo nosso judeu, que o A. me levou pra fazer o *Shabat* na casa dele, porque até então eu fazia o *Shabat* sozinho, lá em casa, do meu modo, do meu jeito, lendo livros e tudo, às vezes entrava na internet, eu ainda não tinha internet ia na *lan-house*. Entrava na internet pra ver as coisas e copiava do meu jeito. Encontrei o A. e falou olha tá tendo lá no O. O O. tem *Shabat*, ele tava fazendo *Shabat* lá, mas também eles são, como é que fala, messiânicos⁴³... São judeus messiânicos, tão naquela lá de messiânico.

Não sou messiânico, vamos dizer que *Yeshua*, seja mesmo o salvador não é pra falar, que eu não tava convicto, que ele não era salvador o problema é que, eu ficava naquela assim, ó quem é o “Deus” pra eu seguir? Cadê o povo pra seguir? tenho que, achar esse povo, porque cês tão falando, que é messiânico, cheguei até aqui, que é judeu, judeu nazareno, que eu achei, agora judeu messiânico. Bom, acho, que é melhor, que nazareno, não sei se é Paulo, se é Jesus que manda. Aqui não diz, que é só o messias, não tem Paulo, então vamos pra lá quando eu comecei frequentar, dois, três meses depois o O. disse: que não ia mais fazer o *shabat* na casa dele. Eu perguntei pra ele mais por que? Não, porque vocês são messiânico, e

⁴² Comunidade Israelita de Rondônia.

⁴³ Judeus Messiânicos: comunidade que reconhece Jesus como o messias, porém realizam todos os ritos e festejos judaicos.

eu não sou messiânico, eu falei: como é que eu faço então? tem uma sinagoga ali, um prédio, que tem uns judeus messiânicos você pode frequentar lá, ele me levou, me deixou lá na porta.

Na realidade não eram judeu, são cristãos, que fazem as festas judaicas. Mas são cristão e não judeus, que é da Amisrael⁴⁴, cheguei lá quando vi...já conhecia pessoal eles são da última trombeta o Elias, já tá andando na terra aí, avisando, que vem o messias pra eles, que é o William Santiago Souto, que pra eles é um anjo, que vem anunciando a vinda do senhor. Ah isso aí não tá com nada não!.

Então o A. me chamou, olhou pra mim e perguntou J. onde você faz o *shabat*? Eu vou fazer em casa, que não pode fazer no O., o O. não é messiânico, ele virou ortodoxo. Então, vem pra casa fazer aqui. Então eu fui pra casa dele fazer o *shabat* lá, fizemos uns dois *shabat* lá, no terceiro *shabat*, quando ele me levou lá pra casa, ele falou: J. vou dizer uma coisa pra você, que cê acha que é Jesus? o messias como tão falando? é o salvador do mundo? não sei? Porque, eu tive pensando acho, que ele não é o salvador. Judeu tem só um “Deus”.

Como eu já tinha nas ideias convicta, que não era mesmo aí eu falei: rapaz sabe, que você tá mais certo, do que eu, Jesus, messias, *Yeshua*, seja o que, for nunca foi salvador, e nem é “Deus”, isso eu já sei... Oh! Há anos! Ele falou pra mim, tem um pessoal que é judeu ortodoxo se você quiser frequentar lá... Falei quero!

Então vou conversar com eles pra ver se eles deixam eu ti levar lá, que eles são fechados pra caramba, mas não fala em *Yeshua*

Mais rapaz, quem é esse cara?.

Comecei a freqüentar, alguns ainda acha, que sou messiânico, mas eu sou mais judeu do que eles... que vai em igreja messiânica de vez em quando. O E. da curso de hebraico nas igrejas, eu já não, eu trabalho com um membro da Assembléia de “Deus”, quando ele me chama pra ir, não ele! É o chefe de gabinete. Eu digo sabe que eu sou judeu né?

A é seu J. cê não vai.

Eu não participo, eu não vou é muito difícil, a não ser, que tenha que ir, porque o pastor vai fazer uma associação. E quer, que eu converse com ele, eu faço a abertura de associação, é esse tipo de serviço, que eu faço pra ele. Então eu vou, porque tenho que ir, eu vou fazer o serviço, se eu não for vou perder meu ganha pão. Uma vez ele me chamou, naquele evento que teve lá naquela boate, na boate, que tem lá *Quéops*, pra ir sexta, sábado e domingo. Não fui sexta, nem sábado, nem domingo. Se ele falar, eu falo você sabe, que sexta-feira eu tenho o *shabat* a noite, sábado o judeu não faz nada! certo, domingo vai ser só o último dia mesmo, então nem fui. E ele também, nem perguntou, nem nada, ele não faz muita questão se eu vou, ou não vou, aí eu passei a frequentar aqui. Minha vinda aqui é pouco, não tem muito o que falar tem poucos anos ainda.

Tem poucos meses, que estamos congregando aí direto. Eu não sou considerado pra eles ainda judeu, nem consideram, nem ainda associado. Então quer dizer se eu não sou considerado associado, quanto menos judeu, eles ainda acham, que eu sou messiânico. Só, que eu não sou messiânico, messiânico não acredita na reencarnação, eu acredito na reencarnação, o K. mesmo uma vez nós tavamos conversando e ele perguntou: o quê, que eu achava como ia ser salvo esse povo todo? Se “Deus” ia salvar o mundo todo? ia ser salvo ou não ia? Provavelmente pode ser sim, que a lei da reencarnação diz assim, a gente volta a vida e pode ser purificado, quem sabe eu tô aqui com vocês agora não nasci judeu,

⁴⁴ Amisrael: Denominação da Ong. de William Soto Santiago.

mas na outra encarnação de repente eu nasço judeu. Sigo o judaísmo de capa a capa, do início ao fim, depois quem sabe aí eu nasça de um ventre só judeu. É judeu quem nasce de mãe judia. Quem nasce de pai judeu, não é judeu não, quem sabe eu nasça de um ventre de uma judia, aí eu vou ser um judeu. Assim “Deus” pode fazer com todo esse povo aí, não é, que Jesus vai salvar, ou vai ser salvo pela graça, não é isso mesmo, ele pode salvar ninguém, a reencarnação é pra isso mesmo.

Comecei a estudar a cabala, a cabala, que eles falam em hebraico pelo meu saber acho, que sei muito mais do que, muita gente. Às vezes, ouço a conversa o pessoal pra mim tá boiando, que a cabala é uma coisa muito sublime, que a cabala se aprender não tem nada, que segure, não tem nada, a pessoa tá aqui no chão, pode tá lá no Japão, tá na lua, pode viajar pra onde se quer, vai conhecer “Deus”, que criou a natureza, cê não vai conhecer “Deus” só de falar, a cabala vai ver a Torá. Não é isso, que se vê na Torá.

A cabala é o código da Torá, são entrelinhas da Torá. Ver que “Deus” fala façamos o homem a nossa imagem, o homem já existia no segundo céu, só que “Deus” tá criando o sétimo céu, quando a gente fala que “Deus” vive nos sete céus, não é contando primeiro, segundo, terceiro... Não, primeiro, segundo, terceiro que ele vive, lá em cima no primeiro céu e nós vive aqui em baixo, no sétimo céu, o inferno, não existe daquele jeito que pintam. Como Dante pinta não existe, o inferno é isso aqui! Aqui nós estamos praticamente no inferno, só estamos sendo purificados.

Cada coisa, que se faz aqui para o bem, diminui um nascimento lá, e cada coisa, que se faz de ruim aumenta o nascimento. Se cometer um pecado muito grande como cometeu Adão, a alma é estilhaçada em milhares de pedaços e cada pedaço desse, se torna uma nova alma para, que eles possam ter forças pra ajudar você a carregar o pecado, que você cometeu, que cê sozinho não vai ter força de carregar. Essa é a explicação, que eu acho na cabala pra lei da reencarnação, pra quê tanta alma? Que reencarnação é essa? Pra mim só tinha aquele número de pessoas só dois. Só morre um pedaço morre? Não é bem assim, a cabala nos ensina sobre a alma dos animais, tem gente, tem judeu, que não aceita isso, que o animal tem a alma. Eles não aceita, muitos nem aceita direito a lei da reencarnação, é porque não lê a cabala, não estudou, não vai aprofundar... Quando ele vê uma coisa diferente ele fica com medo.

Tem um livro na internet, que diz o seguinte não compre esse livro, esse livro é um perigo para tua alma não leia mais, tá lá pra você comprar é a cabala, mas ele diz pra não comprar por quê? Que se for um curioso, aquilo realmente vai acabar com tua alma. O quê se encontra lá vai ficar louco, vai ficar pirado, aí você vai passar a viver mais uns mil anos pra a torna se purificar, pra chegar ao ponto, que cê tava agora. Se você vai ler sério, se você tem uma mente aberta, os ensinamentos, que tem ali é maravilhoso *Haven*, *Merque*, *Matusalém*, falou nunca imaginei, que isso existia. Vai conhecer outros céus, vai conhecer o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto e o sétimo. Quando chegar no sétimo nem precisa voltar, não volta mais vai ficar por lá, é isso, que nós vivemos aqui nada impede pode andar de mini saia, fumar, beber, isso não é pecado, as outra igrejas a isso chamam de pecado, tem um monte de pecado.

Pecado é o mau, que tu faz pro teu próximo e pra “Deus”. Agora o modo de usar, de andar... qual é o maior pecado que Adão cometeu? Que a igreja católica diz, que todo mundo nasce com ele não foi o pecado do sexo né? Eu fui coroinha, a católica diz o seguinte: que nós nascemos com o pecado original, qual é o pecado

original? Que o Adão e Eva cometeram no Paraíso? Que foi que Adão viu? Que tava nu, e veio o sexo.

A igreja católica diz, que é sexo só, que na realidade pode atingir os céus com o sexo. É essa a diferença a cabala explica direitinho o sexo, não é fazer sexo com qualquer um tem, que ter a sua outra alma, quando consegue achar a alma gêmea e se unir a ela através do sexo atinge a glória eterna, é a última vez, que vê aqui porque, não vai querer voltar nunca mais, vão subir junto para o céu. O céu não é o que, agente fala porque, na realidade deve ser outro mundo, mas não é bem assim, porque também diz: que ninguém vai aos céu se de lá não desceu. Isso é, que Jesus diz pra eles e eles não entende isso, acham que todo mundo vai pro céu, quando ele foi bem claro oh, só vai pro céu quem de lá desceu, cê desceu de lá? Então como quer ir pra lá? Mas quem que desceu de lá do céu pra terra? Nosso espírito. Da onde veio nosso espírito? Não veio de “Deus”? E só vai pra lá quem veio de lá a carne não vai, mas o espírito vai, mas eles não entendem isso também, eles fazem uma misturada danada entre espírito e carne e nisso ficam na igreja só dando glória, glória, glória e nunca saem do lugar.

A cura divina surpreende, fala em por as mãos, e curar pessoas. Existem umas leis se mexe com essas leis cura, a energia emanada pelas mãos é, que vai curar ou recuperar o que, está estragado no corpo mas pra isso tem que saber a lei, e quando mexer e quando não mexer, não é de qualquer jeito, que se deve mexer, quando abrir os olhos espirituais como Paulo de Tarso, aí vai ver emanar de suas mãos energias, e sabe quais são as energias, que emanam o que, significa você ficar de mãos estendidas para cima ou para baixo, o que, significa esta marca em nossas mãos esses riscos de cima pra baixo, que os católicos dizem que são o demônio, que as cartomantes que lêem as mãos vêem o futuro pra prevenir, mas pro judaísmo e pra cabala não. A cabala ensina muito bem sobre as linhas das mãos, sobre as expressões, o que significa pra nós quando eu olho pra alguém eu sei quem ele é no fundo do seu ser, entendeu pelos traços, que você traz aí cada traço cada risco desses é uma história sua dá pra ver suas encarnações passadas.

Então quando estudar a cabala, ela toda completa realmente como deve ser estudada aí aprende porque, a cabala ficou oculta pro mundo por mais de dois mil anos. Quando foi duzentos anos antes dessa era nossa, que eles chamam cristã né, foi dada a um homem escrever toda a cabala, que até então não tinha sido escrito era só oral, ele foi autorizado a escrever a cabala pra ser revelada só mil anos depois, que ele escreveu. Então ele começou a escrever a cabala, e foi revelada só no ano de 1200.

Veio aparecer o livro da cabala escrito por ele, acharam o livro, acharam umas folhas com um comerciante na Espanha, ele embrulhava o pão com as folhas da cabala, quando os judeus viram reconheceram como a cabala, e viram que era o livro perdido que ninguém achava da *Zorar*, foram lá e compraram todo o papel, que era o livro todinho aí ele traduziu pra o espanhol por isso, que a primeira tradução é pro espanhol, depois é, que veio pro português, e o *Zorar* em espanhol são cinco volumes e tem o resumo. O resumo é um volume só, *Zorar* é o livro do esplendor nesse um resumo só já vai ver, que “Deus” não nasceu sozinho, que ele tem uma rainha.

Essa rainha é a *Shekinah*, que é a sabedoria. Ele chegou e disse vamos construir o mundo e a *Shekinah* disse pra ele antes, que estabeleça o mundo vai estabelecer primeiro o teu reino antes, que crie ele, estabelece primeiro o teu reino. Aí que ele foi criar os anjos, os arcanjos querubins, serafins, então ela depois aconselhou ele pra que fizesse o mundo, “Deus” vem fazendo vários mundos até

chegar nesse, que estamos agora entendeu? Foi testando e nem um serviu para o homem, só a terra, que foi serviu, então quer dizer nós não nascemos assim, que nem tá Bíblia, “Deus” fez haja se a terra, não foi bem assim, teve vários processos, várias experiências pra chegar até aqui, “Deus” nunca foi um “Deus” absoluto, dono de tudo como a gente fala, Ele dividi tudo, ele não tinha nada dele, era de todos, ele é um compartilhador.

Ele compartilha com todo mundo. Por isso ele diz façamos o homem, ou seja, eu tenho vontade de fazer uma coisa, mas eu sozinho eu não vou fazer, pedi a opinião dos outros. Quer dizer eu posso, tá errado em querer fazer sozinho vá, que eu faça a coisa. Então vamos primeiro consultar os outros aí ele chamou seu reino, chegou para seu reino e disse façamos o homem nossa imagem e semelhança, ele perguntou ele não disse vamos fazer. É uma pergunta, que ele faz aí todos confirmaram sim e ele fez e deu poderes pra esse homem. Então com poderes de “Deus” praticamente, os anjos alguns até invejavam ele, porque, que o criador foi criar uma criatura superior a nós e mora num mundo inferior não no meu.

Então tudo isso a cabala vai explicar pra quê, que é o sétimo céu, a sétima estrela, são sete estrelas, são sete céus, nós temos a alma, espírito, a gente tem a sabedoria, isso tudo tem dentro da própria Torá, mas ninguém vê, porque lê uma história que tá na Torá, entre as linhas da Torá, que vem dar pra aparecer, que é o código, cabala então tem muitos judeus aí esses reformistas. Judeu reformista e até mesmo os tradicionalistas que eles não usam muito a cabala, não é muito de acreditar, o judeu mais ortodoxo usam mais, são mais acabalados. Pelo pouco que eu sei. Eu tô dizendo, que seja realmente isso daí, mas o que, eu sei é isso, que eu vi na *internet*.

Consultando a internet tem alguns sites, que você vai falar com eles, eles te dão um questionário pra responder, então pra entrar no site tem, que responder certinho, tem um, que fala assim, estas são as sete leis de Moabe, se você responder corretamente pode entrar, eu já tentei responder duas vezes e num consegui. Primeiro o que, que o judeu é pra “Deus”? Tem um monte de resposta, é sete respostas, então tem sete respostas, tem que responder a resposta certa, responder uma errada já errou todas. Então tem só uma lá, que eu não sei o que, é porque do jeito, que tá lá eu num sei, se é daquele jeito acredito, que sim porque todas as setes é igual a um, então a diferença, de uma pra outra é muito pouca. Então uma das leis lá é sobre você honrar o casamento, honrar leis dos homens, honrar as leis de “Deus”, honrar a “Deus”, ter “Deus” no coração, uma só é certa, que lei é essa? Tem que adivinhar justamente a lei certinha, que a aquela ordem tá pedindo, sexta lei, que lei é essa? Como as setes perguntas todas elas praticamente é a mesma, aí fica a Dúvida, responder uma errada, não é essa... E, as vezes você responde ela certa, mas erra a de baixo, aí num dizem qual é, que tá errada, não! Chamam tá errada, volta tudo de novo, todas as setes, que tá lá, então não dá pra adivinhar, primeira pergunta... sete resposta, segunda pergunta, mais sete respostas, terceira mais sete resposta, se errou uma, duas, três, dessas resposta na terceira já não sabe, na quarto ou na quinta se acertou então tem, que começar tudo de novo.

E, na verdade é um teste, que vai saber se estuda a cabala ou não, saber se é judeu ou não, e o site é o Estude a cabala verdadeiramente. Os rabinos lá em Israel ensinam, e o site quase todo é em inglês, só essas perguntas que vem em português.

Já tem uns dois anos, que eu tenho visitando diretamente a CEJURON, porque antes eu vinha uma vez ou outra, não sei quantos judeus tem aqui, mas pra

mim o E. e o A. são judeus mesmo. Tem um rapaz que parece ser descendente de judeu, parece, que é filho de judia, mas mesmo assim tem que fazer a *tshuvá*, ele precisa conhecer os ritos, mas ele não precisa passar pelo teste com o rabino, já nós precisamos, e temos que responder tudo certinho. Quando ficamos diante do rabino a primeira coisa, que vai perguntar é porque quer ser judeu? Ele diz, Judeu é um povo maldito, os caras querem matar, querem acabar, querem exterminar com os judeus, e você quer ser convertido? Pra quê? Pra sofrer desse jeito? Receber preconceito contigo, judeu na maioria do lugar não entra.

Já comigo acontece, que eu vim da descendência cristã, então eles não sabem ao certo, mas alguns irmãos de igreja já falou pra minha esposa, que não querem mais conversa comigo. Mesmo a minha esposa sendo afastada.

Ela não quer ser judia, mas tem, que aceitar e calada fazer o que, ela não vai me deixar, porque a religião dela não permite, a Congregação não permite e ela tem, que ser submissa, porque no judaísmo diz: que a mulher tem ser submissa ao homem. Então, quer dizer fico meio entre a cruz e a espada. Ela tem, que aceitar ele e ao mesmo tempo não tem, mas ela não vem na religião, num veio nem uma vez apesar de que, uns novos convertidos vão na minha casa, o G., a esposa do G., o J. Também, que é novo convertido. E na minha casa a gente põe a lousa lá, pra estudar o hebraico juntos, aí ela ouvia. Ela ouvia na sala lá, e eu na varanda, só vinha lá pra trazer um suco ou alguma coisa. Só pra servir, mais pra ficar, trocar ideia, num ficava não, tanto é, que ela pegou uma tarefa na igreja justamente ao sábado, lá pras duas horas, três horas da tarde, porque é o horário, que meu pessoal chegava. Aí ela falava vocês vão ter, que me dar licença agora tenho, que limpar a igreja lá, tenho esse compromisso, não posso falhar... aí saía pra igreja e deixava lá eu e meus amigos sozinhos. Ela não aceita judaísmo, ela nasceu na cristã, ela foi batizada na igreja com doze anos de idade, tá com quarenta e poucos anos, é difícil chegar nela e mudar a cabeça dela.

Ela sempre adorou a Jesus, ela acha, que vai pro inferno, diz: que não quer nem saber de quem vem falar mal do Jesus dela. E, tem alguns irmãos, que não falam mais comigo porque, eu não aceito mais a religião deles, eles fala à num vou conversar com o J. falar de Jesus, ele pega fica expulsando Jesus... num quer saber de Jesus então num vou lá não, virou judeu agora, deixa ele pra lá. Não sei se é um preconceito o que, é só sei, que, às vezes, num querem falar comigo, outros cumprimentavam e respondiam o cumprimento, agora num respondem, passam batido.

Mas, a maior prova minha é não ser aceito pelo judaísmo, já imaginou cê tá no meio dos judeus e não ser aceito como judeu? No começo aí eu era uma pedra né? Todo mundo conversava com todo mundo, comigo não dizia nem bom dia, nem boa noite, é como se eu nem existisse, era uma pedra, era senta aí fica quieto, e eu num sei falar direito o hebraico e num entendo quando falam hebraico. E eles diziam em hebraico, os que sabem ler falavam em hebraico aí já viu tô boiando aqui oh.

Agora eu já fiz o curso básico de hebraico com o E., é um básico, que a gente vai aprender fiz esse curso, que ele deu lá, é muito básico são os alfabetos algumas palavras chaves, algumas palavras essas coisas pra orar, cantar uns hinos, que a gente canta, que a maioria das orações são hinos. Num dá nem pra aprender direitinho, mas como eu tô estudando dá pra seguir legal. Mas acontece, que eu num sei falar direito, algumas palavras eu gravei na cabeça eu falo, mas eu ter diálogo num tenho, se ele fala alguma coisa comigo eu já vou ficar boiando, que eu não vou entender. Tem palavras, que num tem é vogal aí não se sabe o que, é, ver um amontoado de sílabas ali, mas num sabe o que, é, não tem vogal né? Um monte

de consoantes ali juntados, tá lendo as aquelas frases né? Ver muito cha...ver muito cha, e você falava cha né? que ch é cha, mas não é...É, rra, por exemplo se eu falar *mashia chamashia* o messias o Emanuel. Aí pra falar ela eu uso o rra, também a moça, a mãe, o meu ch é rro, de carro, o ch fica dois r.

Aí o quê, que acontece um h, um ch, fica difícil a pronúncia, rra, rro... fica meio esquisito, então vai mesmo é da convivência não tem jeito se estudar, vai aprendendo no livro conforme vai ouvindo, tem uns cds em casa, que é muitas orações cantadas aí eu vou ouvindo. Antes quando eu chegava aí e ia fazer as orações eu só ficava olhando num entendia nada do que, eles oravam, nem entendia o quê tava lendo. Nem sabia pronunciar o, que ele tava lendo, eu pensei vou ser excluído mesmo! Não saber nada dá licença, e ainda tô numa comunidade, que pegam na mão. Tem comunidade, que eu não posso tocar em mulher, não se estende a mão, não se deve pegar na mão da mulher...Na comunidade judaica ortodoxa não!. Essa, que nós estamos, ela é uma referência, não tem nem uma reforma, não é conservacionista, ela conserva algumas tradições não todas.

Quem nasceu primeiro foi a conservacionista depois, que veio a ortodoxa porque parece, que quem viria primeira era a ortodoxa, mas não é, não primeiro veio a conservacionista pra depois vim à ortodoxa, porque a ortodoxa foi ver a conservacionista, viu que tinha umas coisas, que tava mudada, aí eles quiseram restaurar aquilo, que eles estavam perdendo ali. Aí ficou sendo a ortodoxa e nela num se cumprimenta mulher com a mão, mais acho engraçado isso cê não dá a mão né? Mas é no *Shalom* do *shabat* a gente pode beijar a mulher. Aí isso, que eu fiquei assim da um beijo tanto no homem como na mulher e tal, mas da à mão pra dá *Shalom* não pode aí dá, porque tá acostumado a ser né? Tô pensando como é que não pode dá a mão, mas pode dá um beijo? Acho, que o beijo, que não podia dá. Imagine um beijo. No entanto neles, num sei... acho que é costume já assim, mais santo, mais sagrado o beijo... Não ver muita diferença entre sexo. Que o beijo é um beijo sagrado, agora mão num sei se porque, a gente pede a mão da mulher em casamente, então não é pra dá?.

Tem outra coisa aí, aprendi muito a lavar as mãos, ainda não praticam aqui o lavar as mãos mesmo eles... vai frequentar nota na hora de comer o pão, e tomar o vinho, se chegar primeiro pará e fica notando, ninguém chega ali, vai lá dentro lavar as mãos e volta, e depois vai sentar, não... já senta, já fica conversando, lá na mesa, já fica participando, na hora de lavar as mãos, só vai o que, corta o pão lavar as mãos e volta.

Às vezes, vai um e outro, mas é obrigatório lavar as mãos, que tem até oração, que lava as mãos... quando tá lavando as mãos tem, que pronunciar aquela oração da lavagem das mãos. Pra depois ir lá pegar o pão, tomar o vinho, "Deus" manda a gente lavar as mãos, não é uma tradição, desde quando "Deus" formou o homem ele já ordenou lavarás a mão para comer. Diz que isso é um ato de higiene, os católicos e os cristão mesmo podem dizer ah! Isso é um ato de higiene e tal, é mas é um ato, que o povo do mundo deixou de fazer.

Nós vamos no restaurante se reparar chega gente aqui senta pega o pão, o sanduíche, come o sanduíche, toma o refrigerante, paga, levanta, vai embora, não lava as mãos, não entra no banheiro pra lavar as mãos. Alguns restaurantes têm a piassinha de lavar, você pega senta lá e fica olhando de cem, que entra dez lava, o resto num lava. O povo, que é imundo. Então eles perderam essa tradição de lavar as mãos, porque acham, que isso é tradição, a isso aí a tá vou pegar com papel, não vai ser a mão vai? Usar a mão não tem jeito, não tem como o cara acaba

esquecendo, põe a mão no pão, em vez de pegar o papel. Tá comendo frango, pega um pedaço com a mão.

Outra coisa também é alimentação, a alimentação deles é balanceada e da gente não, qualquer comida se come. Então come muita coisa, que não deve comer, gordura de boi, gordura de porco, gordura do peixe de couro, peixe de couro é o único, que não pode comer, não é *kashé*, porque o peixe de couro, fica lá no fundo comendo as sujeira dos outros peixes, que eles fazem no fundo, esse peixe vai lá pra comer aquilo. Se a gente for analisar porque o Eterno fala assim não come isso, não come aquilo, se for ver a maioria das doenças, que o pessoal tem é exatamente por isso.

Ele diz não comeras insetos! Tá, tem gente, que come, tem *escargot*, pra mim aquilo lá é inseto e contaminoso. Comer *escargot*, comer rã, comem reptéis... num é nem reptéis, que rã não tem costela, num tem nada é só massa pura. Tem um monte de coisa, que não se come. Tudo isso traz doença, por isso ele colocou essas regras agora o certo porque, que ele fez assim? Porque será, que ele fez isso? Nada ele proíbe de te comer a gente pode até dizer é proibido comer, porque a doença vem através dele certo? Tudo bem então tá, não vou comer mais, então porque, que ele num fez o corpo dos animais são puros? Que ele podia fazer né? Que tem coisa aí, que a gente come, que podia fazer muito bem né? Porque, que ele criou um bicho nojento desse aí, que você não poder comer, não poder pegar, não poder nada, podia falar some, não existe mais nada... Mas aí que estas coisas, você tem o livre arbítrio.

Tem o que, é bem e o que, é ruim, também você, que decidi, e existe na lei a obediência, a obediência, que vale mais, que conta mais, então quer dizer, não pode comer porco, mas se você não é obediente come, desobediência ao eterno, esse é um pecado, que vai pra conta. Então se tocar no porco vai ficar imundo até o pôr do sol, porque até o pôr do sol? Porque no pôr do sol vai se banhar no *miquivá*. Que é uma espécie de batismo, que tem no cristianismo e lá nós somos banhados no *miquivá*, as águas do *miquivá* é, que vai limpar e purificar daquilo, que foi tocado, essa água não pode ser água parada, essa água não pode passar por tubulação, não pode pegar cano de água, ou é água da chuva ou de rio, água de rio, que passa e sai correndo. Essa é a água da *miquivá*, que você pode se banhar e se purificar, então tem um monte de coisinhas, pode ficar se banhando até de tarde aí se não se purificar, vai levar aquilo e dormir com aquele pecado, ele tá lá na sua alma.

Eu acredito, que aqui na CEJURON não tem mais judeu participando porque o aspecto do fechado, alguns judeus acham que a CEJURON não é judia, que são cristãos ainda, eu acredito, que seja isso, porque eu conversei com um judeu, que ele não vem na CEJURON de jeito nenhum, ele é judeu, judeu mesmo judeu de pai e mãe, mulher, filho, tudo... judeu e não vem, e eu conversei com ele. Fui eu e o meu amigo P., quando cheguei lá falei *shabat Shalom* pra ele, ele ficou meio assim... O senhor é judeu? Não, tô me convertendo ao judaísmo, ele aí chamou o amigo, e falou: ei você viu o futebol, não sei, porque ele não falou mais nada comigo, fechou como se fecha a porta, aí na hora de ir embora, falou pra mim *Shalom Yeshua*, não fala isso aí não, eu não conheço *Yeshua*. Ele perguntou cê é daquelas caras lá da CEJURON? daquele centro empresarial lá? Que ele não vai lá tem muitos, que não vão lá, tem muitos judeus, que estão por aí, que o estado de Rondônia é grande será, que em toda essa cidadezinha não tem nenhum judeu por aí? Deve ter lá em Humaitá, Manicoré deve ter judeus né? Porque eles num vieram pra cá? Os mais próximos deles? Seria nós do que Manaus, eles poderia frequentar aqui já, que aqui é reconhecida por Manaus.

A CEJURON é reconhecida pela congregação israelita lá de Manaus, então se é reconhecida por eles são lá que é CIAM, se eu não me engano é CIA é Centro Israelita da Amazônia, Comunidade Israelita do Amazonas. Eles são há muitos anos reconhecida por Israel, Belém, por São Paulo, a conversão deles é no Brasil todo é válida em Israel é cinquenta por cento. Cê chega lá vai ter, que fazer tudo de novo no mundo inteiro. Chegou em Israel, tem, que fazer a conversão em Israel entendeu? Pode ser lá dos Estados Unidos chegar em Israel vai fazer um ano de conversão.

E, em São Paulo são dois anos tem, que fica em São Paulo dois anos, frequentando a sinagoga passar por tudo, que já passei aqui, entrando na sinagoga e ninguém falando comigo, sendo considerado apenas um mero visitante, é um visitante, um colaborador. É porque a CEJURON aqui tá no papel de associação. E, ainda não temos sinagoga, nem rabino pra vir. Porque o rabinato, não é rabino por querer só é rabino por tradição, só é rabino quem é filho de rabino, é uma tradição familiar. Eu não posso ser profeta, se meus familiares não foram profeta, eu ser não posso ser *hasan* se os meus familiares não foram *hasan*. Então é uma linhagem cada um tem sua linhagem.

É como na novela Caminho das Índias, na Índia tem suas tradições então lá quem nasceu pra ser comerciante num é outra coisa é comerciante, quem nasceu pra vender jóia, ou pra ser joalheiro, o pai é joalheiro, filho joalheiro, neto joalheiro, tudo é joalheiro num é outra coisa, a família dele não é outra coisa. Do mesmo modo o rabinato. Então temos, que esperar um ou algum vir ou, que tenha no meio de nós alguém de uma linhagem de rabino.

Por isso, que a gente fala, que Jesus num ia ser rei, porque a tradição dele não é do rei Davi a tradição, que vem do pai dele, que é José, que chega a Davi ela é interrompida num trecho em, que foi feita a Babilônia, que conquistou Israel e derrubou o templo de Israel. Aí então ficou o exílio babilônico, então a descendência de Jesus veio antes do exílio e depois do exílio tá, então quando chega antes do exílio, que fala vou chegar no avô, do avô, do avô chegar lá no rei, que tava no exílio, que foi pra ser exilado lá em Babilônia, e esse rei foi amaldiçoado por “Deus” por isso, que ele foi exilado. Diz maldito és tu se fosses um anel em meu dedo arrancaria esse anel e lançaria fora e tu não verás mais a tua terra e tua descendência jamais será rei em Israel e jamais governará Judá... aí Jesus veio e disse, que era rei de Israel.

Como que é, os caminhos que mais ou menos assim a igreja cristã não fala, eles pulam até aqueles trechos, tem umas bíblias, que eles falam, numa outra num falam, é a mesma historinha, que fala Paulo, que é caminho da massa e, e aí quando ele é jogado no chão, que uma luz, que lumia ele, deixa ele cego, fala com ele, e ele diz assim: quem és tu senhor pergunta pra ele? Numas bíblias católicas e evangélicas já tá escrito assim: e eis que ele respondeu, que em hebraico uma voz lhe respondeu eu sou Jesus Cristo como, que uma voz em hebraico iria responder em português? daquela voz em hebraico teria, que responder eu sou *Yeshua Chamashia* aquele, que tu persegues, ou seja, “Deus” salvação ou messias *Yeshua*, e em português na tradução mesmo é “Deus” salvador.

As coisas que se encontra na bíblia. E, lá mesmo encontra um mágico fazendo mágica, que se chama Jesus, bar Jesus se acha que “Deus” ia dar um nome pro filho Dele, que se é um filho é mais importante ainda só, que ele ia tá na terra. Acha, que ele vai dar o nome dum cara, que acha, que é mais velho do que, o filho Dele, que chama Jesus se o nome dele é mestre se ele diz, que é mestre, tava

engraçada essas coisas, mas tudo isso é pra possuir pra religião, não vim mudando segundo a lei dos homens não, segundo as leis de “Deus”.

Uns querem, que a igreja católica deixe de adorar os santos, os evangélicos num para de falar, que a igreja católica são idolatras, muitos dizem, que querem deixar da igreja católica e de certos evangélicos. Os evangélicos pentecostal ele crêem em Espírito Santo, em descida do espírito e outros, num crê em falar em língua e descida do Espírito Santo, outros num querem ser nem um dos dois, porque nenhum dos dois seguem o sábado, então nenhum deles reúne tudo, que é certo numa só religião, que o judaísmo faz, o judaísmo pegou tudo, que é proibido em cada religião na dele é proibido tudo e, ele cumpri a tradição, então ele segue certinho enquanto as outra num segue.

Tem um livro, que chama-se Os *Casarrari*, os *Casarrari* foram uma nação, uma nação que se converteu ao judaísmo. O rei chamou pra junto de si três pessoas, um rabino, um muçulmano e um cristão. Só que quando esses chegaram lá, ele pegou rabino e conversou com ele separado. Aí ele disse, a religião judaica dos judeus, que o eterno criador do céu e da terra, o único ser, único “Deus”? Não há outro além dele? Certo, então tá bem você fica aí, deixou ele lá e chamou pra junto de si o cristão perguntou pro cristão, que se acha da religião judaica o que, é o judaísmo pra você? Os judeus tá certo, judeus é a religião de “Deus” é povo escolhido, é vindo do eterno, porque tá na bíblia nós viemos Dele. Diferenciamos de alguma coisa, mas somos assim como se fosse uma religião judaica algumas coisas, que diferenciamos. Então cê acha que o judaísmo é a verdadeira religião? A certa? É pura, o cristão respondeu: certa e verdadeira, o rei disse: tá bom, cê vai pra lá... pegou o muçulmano, chamou o muçulmano. E perguntou o que cê acha da religião judaica? Essa é a pura é verdadeira? Israel que recebeu a promessa do judaísmo? Então você crê, que judaísmo é a religião pura? O muçulmano respondeu, que o judaísmo é, então chamou o judeu. E, disse para o judeu a nossa nação todos nós, agora a partir de hoje queremos ser judeus. Todos farão a conversão aí os outro, que queriam, que ele fosse ou cristão, ou muçulmano falou porque fizeste isso? porque num escolheste um dos dois, um de nós? E, ele respondeu: mais porque todos vocês vieram do judaísmo, então se eu tenho, que adorar alguém tenho, que adorar a fonte e não os súditos. Vou adorar o rei e não os súditos aí ele virou judeu, converteu toda nação ao judaísmo, depois que ele se converteu ao judaísmo foi a mais poderosa nação na época do bizantino. Ele proibiu muitos bárbaros *vinkings*, que invadiam a Europa, que tomava muitos lugares da Europa na Polônia, Alemanha ali perto do Marrocos defendeu o rio, que levava pra Constantinopla.

Eles sozinhos seguraram dois exércitos, lá dos bárbaros dos muçulmanos para, que não invadissem Constantinopla. Então eles ficaram muito poderosos. Depois, que passaram para o judaísmo, ficaram muitos anos mais de quatro séculos, eles foram os quê mais comandavam e depois veio a queda desse império, que os alemães são meio descendentes, os poloneses também tanto é, que os poloneses até hoje tem muita coisa do povo polonês, que é hebraica tá palavras hebraicas justamente da influência, que teve desse povo, que tava formando a Polônia.

Eu não tenho esse livro, tem o *zarrar*, o *zarrar* se ler, o *zarrar*, num tinha outro livro a não ser o *zarrar*, que ensina a praticar a cabala. Só tenho o resuminho, que só diz o que, é a cabala. Como “Deus” formou o mundo. A matéria de “Deus” qual é? Só ensina essas coisas, não ensina nem uma prática do cabalismo, agora o livro do poder da cabala esse ensina a fazer, ensina nos mínimos detalhes, a meditação

como fazer pra meditar e aonde tem que tá, qual a melhor meditação, ensina fazer outras coisas, ensina a ler o livro zarrar, só diz das feições das pessoas, cada linha, cada traço diz uma coisa da pessoa, do caráter dela, do íntimo dela, tudo dela, o zarrar explica as linhas, mas não explica a fundo.

Narrador II

O Narrador II, é funcionário público, casado, mesmo sendo descendente de judeus precisou fazer os ritos de retorno ao judaísmo e sua entrevista foi realizada no ano de 2010.

“A religião judaica é uma religião realista, não significa estar nas nuvens.”

Pra mim, ser judeu é ser realista!...

A religião judaica é uma religião realista, não significa estar nas nuvens.

Eu na verdade recebi a formação de ser judeu da minha avó, fui ensinado por minha avó já velhinha. Apesar do meu pai e da minha mãe serem católicos, mas os nossos costumes são costumes judaicos.

Agente nunca ia na igreja, não fizemos primeira comunhão, não fazíamos nada...

Minha vó sempre falava de judaísmo, mas sempre com um pé atrás, porque na sua idéia era descendente daqueles chamados Cristãos Novos⁴⁵ né! os chamados na nossa opção os *bnei anussim*. Então, eu fui estudando isso quando eu ouvi da minha avó, sendo assim de uns vinte anos pra cá eu resolvi retornar, fazer o retorno, estou fazendo o retorno.

Sou *Sefaradi*, meu pai é nordestino, a família dele nasceu em Pernambuco, depois foi pro Ceará, exatamente lá do governo da república, daquela origem dos coronéis. Ele mesmo é cearense, mas meus avós são pernambucanos, depois meu pai foi pro Paraná e eu sou paranaense.

Nasci no Paraná, mas me criei no Mato Grosso do Sul, aí em 1984 vim pra cá pra Rondônia. Morei muito tempo em Cacoal, foram vinte anos e desde 2003 estou aqui em Porto Velho. Vi bem a abertura da BR 364, antes de vir pra cá morei em Campo Grande, Mato Grosso do Sul e Cuiabá.

E, quando eu vim pra cá parte da BR estava asfaltada e outra parte não. Quando cheguei em Cacoal tinha quinze dias, que tinham metido fogo na prefeitura de Cacoal era cinza pura.

Antes de ir pra Cacoal levantei um dossiê pra poder ir. Eu tava comprando um dossiê pra mim saber se era vantagem vir ou não, se era vantagem, o papai já tava aqui, mas falei: eu num vou, assim vai, que tem muito roubo aqui e tal. Nisso eu tava andando na rua e encontrei um amigo, que disse oh, a cidade, que tu pretende ir meteram fogo na prefeitura, isso foi assunto, que até saiu no jornal: oh! meteram fogo na prefeitura de Cacoal, mas assim mesmo eu vim morar, e acabou, que eu nunca fui no garimpo, nunca me atraí pelo garimpo e nunca quis meter meus pés num garimpo. Minha ideia era montar comércio.

Já aqui em Porto Velho a CEJURON tem uns quatro anos ou cinco anos que está funcionando. Antes não tínhamos aonde praticar os ritos, quando agente arranhou este lugar arranjamos um meio de nos encontrarmos de maneira informal, num tinha uma associação organizada.

⁴⁵ Judeus que na época da inquisição eram obrigados pela igreja católica a negar sua fé tinham, que se converter ao cristianismo deixando desse modo a sua religião, pois se fizessem o contrário seriam mortos.

Antes da CEJURON tínhamos criado a CIRO, mas nós descobrimos que tinha pessoas com crenças diferenciadas do judaísmo né. Daí que a CIRO não prosperou e aí foi criada essa daqui a CEJURON, que é do segmento das doutrinas judaica, essencialmente judaica, não é fora do judaísmo.

Desse jeito ficou certo, porque lá pro interior não tinha, lá tem alguns grupos assim, que se dizem judeus, mas não são.

Ainda não falo o hebraico, mas acompanho umas coisas da liturgia, a maioria delas transliterado, conheço estudo do hebraico, conheço mais, pra dizer o *alef beit!* Muitas palavras eu leio, mas falar bem é complicado, num posso dizer, que eu também consiga eu conheço as palavras! As letras! Eu canto muito, muitas *tfilot* eu acompanho, porque a dificuldade tá, que é uma língua, que não fico falando todos os dias, preciso praticar mais é difícil.

Aqui em Porto Velho o mais difícil pra um judeu ou praticante do judaísmo diz respeito ao apoio, porque é difícil a ausência do judaísmo tradicional. Que aqui eu penso, que nós somos heróis. Porque fazer judaísmo aqui, muitas vezes somos até chamados de loucos né... dentro de Porto Velho tem gente que fala isso, já ouvi na rua, mas é o como eu me identifico.

Quando fui casar com a minha esposa, eu falei pra ela, que é católica, olha você não me obrigue a ser católico, com todo respeito. Eu falei os católicos são os meus amigos, gosto dos católicos. Mas não serve pra ser minha religião, é uma das dádivas judaicas, que respeita todas as religiões, e já num vai buscar ninguém, ou seja, não tem proselitismo, não vão tirar um católico pra cá, ou tirar um evangélico. Só que aí o judaísmo também não gosta, que force a gente a ir pra lá, a gente gosta, se dá bem com os católicos, com os evangélicos.

Então eu falei pra ela: não me peça pra ser católico vou lá na sua liturgia quando for um evento especial sem problema, mas não como prática! É tanto que casei em igreja católica, porque não deu pra casar no judaísmo, porque a minha família não era tradicional. Então casei só, que antes tinha um, que eu tinha, que falar a verdade pro padre... Aí eu falei pro padre, que não era católico e ele disse: então tem, que falar com o bispo, se não der num casa. Mas como eu sei que existe uma um ramo do judaísmo progressista, que admite o casamento misto o bispo conversou e casou, mas eu deixei claro, que não era católico. É melhor passar com a verdade, e foi bom.

Se eu não tivesse casado, ficasse calado alguém poderia me cobrar, os próprios familiares, porque você não é casado na igreja, então eu fiz fomos lá na cerimônia foi o social, que nesse caso só família era católica, mas eu não sou católico, mas tá acertado.

Meus irmãos e muitos judeus já foram bem assimilados, mas eles praticam os costumes então assim visitam as igrejas, meu irmão mesmo diz, que vai em todas, mas praticam os ritos no sábado e não se envolvem em atividades, pelo menos não se tem trabalho no sábado. É normal até porque é uma regra mínima.

Já eu procuro seguir a doutrina mesmo, procuro comer *kasher* eu não como carne de porco, não como derivados desde os meus 20 anos, eu estou com 48. Não misturo leite com carne, muitas vezes não sei como é o preparo da comida. Aí, que é a questão, escolher fazer judaísmo aqui na Amazônia especialmente em Rondônia é complicado, porque não tem como ser ortodoxo, porque se eu fosse ortodoxo eu nem ia poder comer em nem um restaurante, o restaurante tinha que ser *kasher* e seria impossível aqui. É praticamente impossível principalmente, que viajo muito, trabalho no governo em todos os locais do estado. Então o que é, que eu faço? tenho que julgar pelas aparências! Se vejo por exemplo tem maionese na carne eu

não, como com maionese, como o arroz, a carne, a salada. Pra começar se fosse pra acertar a carne não é uma carne *kasher*, o corte dela é diferente. A minha linha é progressista, porque não tem como ser outra.

Na realidade procuro guardar mesmo o dogma, a fé. O leite com a carne eu não como somente se eu não reconhecer, mas eu acho feijão num vai tem problema, com o arroz, que é feito com leite, se tiver carne tô fora, mas se for olhar à miúdo mesmo, aí complica né. Em casa pelo menos a gente sabe como é feito. Nós temos mais duas filhas, mas elas não moram comigo elas estudam fora, então não me acompanham, só meu filho, que me acompanha, mas ele mais brinca por causa da idade. Minhas filhas sabem que sou judeu, elas tem simpatia, mas também estão fora, elas são filhas do meu primeiro casamento, quando eu me mudei pra lá eu não tinha a prática do judaísmo. A prática do judaísmo desde meus 20 anos, que eu estudo e pratico, mas a liturgia judaica quando comecei assistir ou participar tem 7 anos em hebraico.

A necessidade de me encontrar me levou ao judaísmo, porque eu conheço todas as religiões, inclusive estudei em colégio de padre quando garoto, quando rapazinho eu não consegui me identificar, então quando eu descobri e me lembrei, que a minha avó até os catorze anos, ela me falava tudinho, que nós representa, ela dizia assim: meu filho você tem, que estudar a tora, acho que eu tinha 13 anos, me lembro dela dizer que eu era o neto dela, e dizia meu filho pra ser um justo e bom, tem que aprender as coisas de “Deus”, você tem que estudar tora, ela falava e eu dizia: mas vó tora? Como eu era menino imaginava a tora de madeira, pensava em pegar aquelas madeiras de jatobá, e dizia pra ela a madeiras de jatobá tá boa de derrubar e a tora levar pra cerraria. Tora não meu filho! Tora! é feito de pele de carneiro e escrito lá entendeu? Naquela língua lá, que “Deus” falou com *Moshe*! Eu ainda ia vó aí complicou moche pra mim é boi sem chifre, não é moche, *Moshé* é Moisés meu filho, *Moshé* é o mesmo profeta é o mesmo Moisés, e ela falava muitas coisas.

Falei com minha avó a vida toda eu pensei assim, que ela não sabia falar Torá, falava tora, daí veio uma exposição de Jerusalém, um ortodoxo David Salgado *sefarad* ele foi lá, e tava lá escrito nos painéis tora, que só tem uma comunidade em Portugal, daquela época, que falava tora. E a minha família hoje tem cem por cento de certeza da origem portuguesa e espanhola. Então quer dizer minha avó não estava fora, realmente os costumes vieram com ela, quer dizer, que a palavra tora era de uma comunidade judaica de Portugal, que num falava Torá, falava tora, e só há dois anos, que fiquei sabendo, que minha vó não falava errado era o jeito de falar de onde os pais dela vieram.

E, hoje meu nome judaico é *Yossef ben Avraam*, mas mesmo nós temos que passar pelo processo de conversão chamado *tshuvá*, já fiz a *Brit Milá*, que é a circuncisão, já tem exatamente cinco ou seis anos, que fiz foi com um *Mohel* em Manaus e agora é só concluir o processo de conversão.

Narrador III

O Narrador III, é funcionário público, casado, possui ascendência judaica, mas precisou fazer a *teshuvá* para ter o título de judeu.

“Pro judaísmo hoje, o maior inimigo não é mais o antisemitismo, é a assimilação no mundo, é a perda da identidade judaica.”

Eu e minha esposa temos nome judaico. Já nasci em família de origem judaica, até mesmo minha esposa tem origem judaica só, que a família dela não pratica, mesmo assim ela nasceu num lar judaico.

Mesmo com todo conhecimento de ter origem judaica fui bem parecido como Benchimol disse tive, que reconquistar a minha identidade. Mesmo tendo a identidade talvez por falar do lado sociológico, ou que seja, é uma volta a tradição ao lado espiritual, a nossa alma mesmo.

A vontade de voltar a origem judaica, a comida, a tradição é muito grande se não, não tinha ninguém aqui. A gente chega aqui, eu mesmo sou de origem de família marroquina minha história é parecida com a de Benchimol só, que o rumo, que a minha família tomou não foi o de Belém, e nem o de Manaus, foi o de Recife.

Quando cheguei em Porto Velho, encontrei algumas famílias de origem judaica se identificando como judeu, mas sempre sozinhos ainda não tinham organização ficavam ainda só, já nós vínhamos de uma comunidade organizada bem maior e sabia alguma coisa dos ritos, então procuramos eles: a família Castiel, alguns Benesby e outras famílias que não são tradicionais daqui, mas são famílias, que vieram de Manaus e, que vivem aqui como a família do Hazan.

Quando nos unimos resolvemos criar a CEJURON, mesmo sendo muito difícil a prática do judaísmo aqui, porque o judaísmo é uma preservação das tradições judaicas e essa preservação vai além dos ritos próprios, os livros próprios tem, que ter as comidas por mais, que você não seja ortodoxo. Até porque, aqui em Rondônia não tem como ser ortodoxo. Primeiro, se a gente fosse ortodoxo eu não estaria aqui agora, porque não teria como dirigir no *shabat*, porque quando ligo o carro a ignição vai produzir fogo, então se produzir fogo ocorre a profanação do *shabat*.

Também entendo que algumas comidas a gente não tem como ter certeza que é *kasher*, então não tem como oferecer uma vida *kasher*. Uma vida dentro da pureza familiar, que é muito difícil aqui.

A gente é mais etnologicamente falando, somos tradicionais, tentamos preservar essa tradição. Assim no caso da maioria da gente *sefaradi*, a história dos nossos ancestrais a gente tenta preservar aliado ao, que a gente acredita, que é a religião judaica, que é do “Deus” uno.

E, esse conjunto a gente tenta preservar aqui, mas as vezes profanamos o *shabat*, porque, se for por exemplo:

Todo dia eu coloco o *tfilin* e faço minhas orações, todos os dias, minha esposa é testemunha. Mas quando chega o *shabat* eu tenho, que vim pra CEJURON, porque se eu for pensar não dá pra mim fazer algumas coisas sozinho em casa, e viver mais ou menos pelo menos noventa por cento. Mas eu vou viver só, e esquecer tantas pessoas, que tem origem, e algumas pessoas, que não tem origem, mas, que tem vontade eu ia deixar eles sozinhos. Eu tenho pelo menos até

o ano que vem, aqui e estou com esse compromisso de ver se a gente vai trazer um rabino, mesmo, que seja reformista e regularizar a situação da maioria do pessoal oitenta por cento do pessoal tem, que passar por um processo.

Eu já passei pelo processo e já tenho direito a cidadania israelense. Já dei entrada o ano que vem, acho lá pra julho estou indo embora pra Israel, passar um tempo, ainda estou me formando, só falta fazer a prova, se passar ou não vou embora, mas hoje tenho esse compromisso com essas pessoas vejo, que a força deles, a fé deles é muito forte é muito bonito quando olho pra eles e digo:

Poxa eu já estou com tudo na minha vida, mas essas pessoas ainda não estão com tudo resolvido, penso, que resolvi minha situação e estou indo embora, então foi só um sonho, que pode não ter dado cem por cento certo, mas hoje todo o mundo judaico, não só o Brasil, mais em outros locais sabem, que existe esse pessoal aqui nem, que sejam tradicionais, ortodoxos ou reformistas liberais ou misturado, mas é um judaísmo sério um judaísmo dentro dos parâmetros da Torá.

Ainda esta faltando muita coisa, mas a gente conseguiu ficar, agora é necessário a gente sair dessa sala, e ir pra outra, que foi cedida na pinheiro machado por outro judeu, que é o Isaque Portela, ele é de Manaus, da família Fal Israel, dessa leva dos judeus Marroquinos a mãe dele é bem tradicional lá na terra dele, e foi criado dentro da tradição judaica mesmo, é um grande empresário daqui de Porto Velho.

Já eu cheguei em Porto Velho em 18 de novembro de 2004. E, a CEJURON foi criada antes de ser instituído a gente já começou a se encontrar no final de 2005, lá por 2006 a gente instituiu como uma entidade jurídica CEJURON, com a esperança de agregar mais pessoas, porque é muito, muito difícil pro judaísmo essa agregação, pois pro judaísmo hoje o maior inimigo não é mais o anti semitismo, é a assimilação no mundo, é a perda da identidade judaica.

Hoje socialmente falando tem pessoas, que dizem que são judeus, mais no interior de suas casas são budistas, cristãos e isso é o mais difícil para o judaísmo.

A perda da identidade, mais como isso pode acontecer?, se pela *halachá* que é a legislação deixada pelos *tanaístas*, que eram especialistas na Torá oral e na Torá escrita eles são judeus, e essas pessoas aqui não judeus, mas na visão espiritual eu acho que quem são judeus são eles. Até sou muito criticado, às vezes bombardeado, pois de um lado muitos acham, que judeu é por descendência, contudo e os que fazem os ritos, que se esforçam pra cumprir todos os mandamentos?

Aqui em porto velho é muito bom, mas pra quem quer viver o judaísmo da maneira, que é pra ser, é muito difícil, mesmo pra ser um judeu reformista aqui é difícil.

Devemos tomar cuidado na comida, pois é difícil eu mesmo, tenho a oportunidade de ganhar dinheiro, mas tem mais do que isso, se agente pode escolher entre criar a família e dar uma continuação dentro de uma certa norma ou acabar tudo, então a escolha tem, que ser feita e ela é difícil, e a escolha é a família.

Narrador IV

O Narrador IV, é funcionário público, solteiro, sua entrevista foi realizada no ano de 2011.

“No meu íntimo, ser judeu é amar a “Deus”,
respeitar todas as criaturas, não ser fanático”

Um problema sério é o do *kasher*, eu estudei *kashrut* em Israel e [em outra cidade importante da Europa], fiz uma espécie de intensivão de *kashrut* lá na *Yeshivá*, que eu morava. Justamente pra quando eu voltasse pra cá saber como fazer, saber como preparar comida.

Fiz muitos cursos lá em Israel, aquela coisa assim, bem voltada pra ser rabino, e aí, eu acho que aprendi o suficiente pra poder fazer, o que eu acho, que é certo. Eu voltei pra cá, mas os rabinos insistem, que eu volte o mais rápido possível pra *Yeshivá*, ou nem, que seja pra São Paulo que é mais próximo. Só que, quando tem pessoas, que a gente ama no local, que a gente tá fica difícil está se deslocando.

Eu gosto da comunidade daqui, porque é assim, aqui em Rondônia já houveram várias comunidades, inclusive antes de virar Estado já existia uma comunidade, inclusive uma comunidade muito antiga aqui é a de Guajará-Mirim.

Ali naquela época da construção da Madeira Mamoré, existiam vários judeus, que vieram de Belém do Pará, vieram judeus da Venezuela, vieram judeus do Chile, vieram judeus de várias partes do mundo, que entraram pelos dois lados, tanto pela parte oriental como pela parte ocidental, vindo do Pacífico como vindo do Atlântico, isso antes da fundação Estado de Israel, eu tô falando no final do século XIX e início do século XX, naquela época de transição, então eu vejo lá, o que as pessoas antigas falavam a respeito de Guajará-Mirim, é que existia um lugar lá, onde eles se reuniam meio, que escondidos, não totalmente escondidos, mas eles sempre procuravam andar juntos, até porque, todos eram estrangeiro.

Mas tinha um problema seríssimo com relação a igreja católica é que, naquela época não é como hoje. Hoje em dia o Estado de Rondônia por exemplo é um Estado de funcionário público, todo mundo tem um cargo de funcionário em algum lugar. Naquela época não, naquela época, se as pessoas não fizessem comércio você não tinha como sobreviver a não ser, que você plantasse algo em casa, ou tivesse uma criação de galinha, esse tipo de coisas, mas naquela época era muito difícil, e eu lembro das pessoas lá em Guajará-Mirim assim, justamente fazendo essa montagem da história das pessoas da região, que eram judias, todas eram de origem *sefaradita*, todas e parece que, tinha um grupo *askenazi* que veio depois, que é justamente a família do Isaque e do Israel, e um outro pessoal *askenazi* que veio da Bolívia também, inclusive uma vez eu encontrei o neto deles lá em um banho em Guajará-Mirim, um moreninho assim, o avô dele é bem *askenazi* bem brancão, já ele é moreno, já misturou com outros povos. Inclusive eles saíram fugidos da Bolívia, que era naquela época do auge do facismo, aquela coisa toda, aí eles saíram da Bolívia e vieram um grupo pra Guajará-Mirim.

Em Guajará-Mirim já tinha famílias antigas lá, famílias de judeus que vieram da região de Belém e do Nordeste e tinha uma judiaria lá, eles chamavam judiaria também igual a gente chama aqui.

E, eles se reuniam lá, eles tinham o *Sefer Torá* lá, e que depois com o passar do tempo, se não me engano na década de sessenta ou na década de setenta, algo assim levaram embora, levaram pra São Paulo a *Sefer Torá*, porque as pessoas, que continuavam praticando o judaísmo seriam as pessoas, que faziam o *mitzvah*, as *mitzvot*, que são os preceitos judaicos, eles estavam ficando velhos. Os jovens, que estavam nascendo já não queriam fazer, porque devido a um certo preconceito, que já existia mesmo, que vinha diretamente da igreja católica.

O bispo, ele andava socado na casa das pessoas que eram judias. Justamente pra impedir que as pessoas fizessem o básico do judaísmo, que é a *brit milá*, que é a circuncisão no caso, e o *Shabat*, essa coisa, iam muito perturbando as pessoas, e como as pessoas viviam de comércio, então já tinha aquele estigma, porque o judeu já é estigmatizado.

O judeu ele não acredita em Jesus Criso, logo, se ele não acredita, que Jesus é o messias ele não merece, merece morrer, merece se dar mal, aquela coisa toda, e aí então, começou essa perseguição, mas na verdade, essa perseguição já dura séculos e séculos. Mas, que aqui na Amazônia nós participamos disso a pouco tempo atrás, tanto que é a nova constituição, a de oitenta e oito, que de verdade vai dar direito do ser humano ser, o que ele quiser ser, antes disso não era assim.

Mas depois, disso muito jovens daquele período, que é justamente aqueles da época dos meus pais. Eles já não dão a mínima importância pra esse negócio de judaísmo, religião até porque, são pessoas, que vão ter acesso a universidade! Ai na universidade a pessoa muda totalmente. Na universidade a pessoa sabe se acender uma vela no sábado, não vai acontecer nada, não vai pro inferno. Até porque várias teorias científicas vão aparecendo, é aquela coisa a pessoa, que se utiliza de tecnologias, que faz determinadas coisas no dia a dia, no sábado ou, que não pratica os preceitos do judaísmo essa pessoa não vai ter problema justamente, porque é um novo pensamento.

Então é um pessoal novo! E, justamente eles sofreram muito, porque eles sabiam como os bisavós sofreram muito com a perseguição, eles acharam, que a melhor coisa mesmo pra se proteger e proteger os filhos é ignorar o judaísmo bom... por princípio é isso.

Agora nós temos aqui, a família do nosso amigo Basileu, eles são comerciantes, que são de origem marroquina também, eles trabalhavam no comércio de regatões.

Eu lembro, que a minha vó falava, que o avô dela ele trabalhava muito com isso, comércio do regatões, aquelas coisas todas, ela contou, que uma tia dela morreu numa dessas viagens, que eles saiam, eles vinham de Belém, vinham até a região de Santo Antônio e faziam comércio, eles andavam em muitos lugares de regatão, e ela disse, que uma das tia dela morreu, e eles foram obrigados a enterrar ela assim na beira do rio, eles enterraram ali mesmo na beira. Inclusive é até interessante, que a gente vê, que tem pra todo lado aqui na Amazônia se tem túmulo de judeu espalhado, num tem tudo juntinho assim, é judeu espalhado pra tudo quanto é lado, se for analisar bem de vez em quando descobrem aí túmulos de judeus aí pela floresta, porque era muito comum, até porque, muita das vezes tem judeu, que fala assim: eu prefiro, que me enterrem dentro do mato isolado do que, me enterrar num lugar todo amontoado cheio de idolatria, tem judeu, que fala né! Que eles não querem ficar perto das imagens de Jesus Cristo, porque as pessoas acham, que Jesus Cristo é "Deus"! Aquela coisa toda, e aí tem esse porém, de ser enterrado junto com os idolatras! Pra não ter problema na época da ressurreição, e isso tem mais coisas.

Eu sempre fui um alternativo, nunca gostei de religião, sempre gostei de fazer as coisas que eram erradas, assim, o pessoal falava faça isso, eu dizia rapaz ele falou pra eu fazer isso, e eu não vou fazer não! E, eu já sabia desde a casa dos meus avós paternos e maternos. Sempre falavam, e sempre inclusive era meio preconceituoso a questão, porque diziam olha não faça isso não, não mexa comigo porque tu sabe! O sangue de judeu aqui é forte! Que eu sou mal, e, isso é um estigma, que já vinha do passado mesmo né!, aí eu sempre ficava com aquela coisa assim, do ser do mal por ser judeu e tal, pelo simples fato de não aceitar Jesus Cristo! Apareceu essa coisa, e as pessoas procuravam me esconder, e aí eu lembro que tinha coisa, que eu não conseguia entender em casa, por exemplo: no sétimo pro oitavo dia não podia ter visita em casa e era uma coisa, que eu falava, porque não pode ter visita em casa? E ninguém sabia me explicar direito, e ninguém queria falar sobre o assunto.

E o sábado também, que é assim a minha mãe teve 10 irmãos, isso só pela minha avó e meu avô teve mais, porque teve outras mulheres por fora né! O que veio lá do nordeste ele, que falava que era mal. Ele teve uns cinquenta pelos cálculos. E eu lembro que aos sábados ele gostava de vestir branco, branco no sábado, eu nunca entendi e agora, que fui pra Israel, e vi um monte de caras de branco no sábado, e tudo *sefaradita*, assim com as características daquela região ali do Marrocos. E, eu dizia pro meu avô porque isso? É porque os meus pais andavam assim, meus tios andavam assim, e eu vou andar assim. E o filho dele falecido tio J.B. Ele falava mais ou menos a mesma coisa, ele falava não eu só quero andar de branco quando puder, só vou andar de branco quando tiver dinheiro, e esse meu tio, que faleceu é um dos mais velhos ele gostava de contar muitas histórias.

Ele contou, que meu avô veio do nordeste pra floresta Amazônica justamente no fluxo, lá daquele pessoal, que veio pra tirar o latex só, que não no segundo fluxo da borracha, que é o da guerra, ele veio no primeiro ainda porque, assim, é 10 filhos nós temos aí, que eu tenho tio que tem idade de ser meu avô.

O tio meu que faleceu é o, que mais gostava de contar histórias, esse meu tio teve um problema com hepatite, aí ele chegou pra mãe e disse, que agora eu vou ser uma pessoa religiosa, não quero mais saber de festa, de fazer nada de ruim, isso eu tava com 18 anos, faz pouco tempo.

Aí ele pegou e tava andando com um pessoal em Guajará Mirim, aí um outro tio falou rapaz, ele tá andando com uns cara de uma religião não sei, que religião essa lá, só sei que, esse pessoal toma vinho. Eles tão fazendo um negócio de vinho, que eles ficam escondidos lá no sábado tomando vinho, e ele não pode tomar esse vinho não, que ele tá sarando da hepatite dele agora, e do jeito, que ele é vai querer encher a cara de vinho num vai dar certo... e ele tomou, e vinha andando lá por cima, que ele tomou uns vinhos lá e vinha andando, caiu no chão e morreu, é a história desse meu tio. E foi por causa dessas histórias, que eu fui resgatando, eu tive uma bolsa do Cnpq de iniciação científica aqui, até que, eu disse rapaz eu vou tirar essa prova a limpo, aí eu peguei um monte de documentos da família, fui fazendo ligação fui, fazendo minha árvore genealógica, e aí, quando eu dei fé eu já tava dentro, aí eu ouvi dizer, que tinha direito a bolsas de estudo lá em Israel, e eu peguei e me escrevi lá no projeto, que tinha em Israel pago pelo governo israelense, e me chamaram eu fui aprovado. E o governo israelense começou a pagar, então a minha estadia em Israel comida, pagar tudo, estudo e eu disse rapaz eu não vou ficar aqui não, e fiquei ali estudando um tempo o que, eu sei de história foi na época

da graduação mesmo, estudando eu vi um monte de coisa, e eu disse rapaz vou ver no que dá isso aqui.

Eu vi que tinha um tabu sobre judaísmo na minha família, nas duas famílias porque as minhas avós perderam as mães muito cedo. A minha avó materna, perdeu a mãe com 4 anos de idade minha bisavó. Minha avó paterna, perdeu a mãe com 5 anos de idade. Uma porque deu um câncer e outra morreu no parto. Ai eu fui lendo história, lendo muito livros escritos por rabinos aquela coisa toda. E eu li que existiam alguns castigos, que não podiam... inclusive um deles era morrer em parto. E eu fiquei meio impressionado, disse há isso é mentira, sou um cara da academia não vou acreditar nessas coisas, mas se tornou interessante, porque eu fiquei com vontade de aprender cultura de fato, falei bom já que a história tá dizendo, que essa é a minha cultura, entre aspas claro, porque cultura é agente, que faz! Mas isso daí é a cultura dos meus antepassados, vou pelo menos tentar resgatar isso aí, que espécie de pesquisador sou eu? Pelo menos eu tenho, que saber a história da minha família e foi o quê aconteceu, e foi daí, que eu comecei a pesquisar muito.

[*estava contando quantos judeus frequentam a CEJURON*] ...A outra tinha 3 meninos mais, 23, a outra tinha 2, 5, 6, 7, 8, mais os 6 são 20 pessoas eu, Michaela, a Paula, o Cícero e os seus 2 filhos, 30, [não audível] e seus dois filhos 25, o Jayme Ledo 26, Avraham Serruya, 27, a filha dele 28, depois veio o Elarrat, né, 29, a mulher 30, mais 3 filhos, 33 o Hazan 34, o Julio 35.

Mas esse lance dá religião eu não me ligo.

Eu não tô me ligando muito nessa questão religiosa. Sabe, a questão é étnica mesmo. A questão é genética!... uma parada genética. Não é, que se for levar... se a gente for colocar na balança a questão cultural. Porque muita gente inclusive leva isso como bandeira. A maior parte do pessoal leva a questão como étnica, essa questão do sangue, de quem tem o sangue judeu, que veio de família judaica. Eles levam isso mais a sério, do que, as *mitzvot*, que seriam os preceitos judaicos, que é a obrigação do judeu dentro da religião judaica, dentro da tradição judaica, dentro da cultura judaica. Então as pessoas daqui acabaram perdendo isso.

Essa coisa da *mitzvah*, de fazer aquilo, que “Deus” disse na Torá pra gente fazer, e aquilo, que os Rabinos interpretaram. A gente vai ter os ensinamentos, que são chamados *deoraita*, que são aqueles diretos da Torá, e nós vamos ter os conhecimentos chamados *derabanam*, que seria o dos rabinos. E a Torá disse também, que a gente tem, que ouvir os rabinos, mas aí, que é muito rabino. Então nós vamos ter várias discussões, que é chamado *maloket*. Que são essas discussões, que os rabinos dizem uma coisa e outros rabinos dizem outra coisa. Outros rabinos já inventam uma outra coisa e fica uma confusão danada. É como a história da permissão de judeus não terem barba.

Por exemplo: é totalmente proibido tocar na barba. Isso é *deoraita*, tá na Torá. Não se pode cortar barba, não se toca na barba. E o tempo foi passando, devido às perseguições, devido à barba ser uma das coisa, que identifica o judeu, e aí então foi estabelecido pelos rabinos, que se deveria é cortar a barba, tirar barba.

Então, aí existem rabinos, que dizem sim, que é permitido se aparar a barba, mas que, não se deve passar uma gilete no corpo, que é proibido passar gilete no corpo. Inclusive isso já é *deoraita* e também *derabanam*. Não se deve colocar gilete no corpo. Mas devido ao fato de perseguições e do preconceito, de todos os problemas, que envolveu e que, envolvem os judeus até os dias de hoje, então se entende, que é permissível o judeu estar sem a barba, também para não ser identificado. É como usar *kipá*.

A *kipá* também, por exemplo, não é *deoraita*, ela é *derabanam*. Já os judeus ortodoxos, eles dizem que a *kipá* ela é obrigatória, você deve usar a *kipá* de qualquer jeito. Tem que se usar a *kipá*. E já outros rabinos dizem, que não, negativo, não senhor *kipá* não. Tá escrito na Torá, naqueles cinco primeiros livros, que o homem deve tá de cabeça coberta. Isso é *derabanam*. Isso quem diz é os rabinos, são os sábios da Torá. Não é uma ordem vinda direto de “Deus”.

Agora por exemplo, nós temos uma ordem vinda direta de “Deus”, é os *tsitsit*, que é aquelas cordinhas que ficam penduradas nas quatro pontas, aquela coisa toda, e aí tem uma série de discussões. Porque aí oh, essa questão das *malokets*, discussão rabínica, então um grupo achou melhor não usar isso. Não, porque se for pego usando essa roupa de quatro pontas, com as cordinhas penduradas, vai ser é naquela época, no passado, vão matar, vão passar por uma série de problemas e o tempo foi passando e as pessoas se acostumaram a não ter, que usar isso, se acostumaram a determinadas permissões né, pra poder deixar algumas *mitzvot*, as ordens, as obrigações da Torá. E, foi indo... foi indo, foi indo, e em lugares aqui como o Brasil, lugares como na Amazônia, que a Igreja católica dominava, a maior parte dos judeus estava lidando diretamente com o comércio e tinham, que ficar se movimentando de um lado pro outro, o tempo inteiro, ou que tinham, que se encontrar escondidos, não podia, que falar pra todo mundo, que era judeu e que, tava se encontrando.

Porque é justamente pra não ter, que sofrer represaria. Então, certos conhecimentos, certas *mitzvot*, foram sendo deixadas pra trás. De repente colocar o *tfilin*, que são aquelas caixas de couro que se coloca no braço e na testa. A Torá, por exemplo diz, fala que o homem tem que tá com o nome de “Deus” né. Sob o coração e entre os olhos, mas não diz que tem que ser uma caixinha. Isso *deoraita*. Mas aí nós vamos ter já o conhecimento, que foi passado por “Deus” à Moisés, segundo os rabinos, que diz que é uma caixinha, que é assim que tem, que fazer, assim e assado, então o tempo foi passando, aí esses homens, que já faziam a barba, judeus que já faziam barba, que estavam adaptados, iam pra guerra, já tavam acostumados com todos esses problemas do mundo do século XX. Essa coisa do século XIX, do século XX, que é o mundo real como eles diziam.

E, o mundo real é isso aqui mesmo, não é aquela coisa do passado onde existe um grupo fechado ali na comunidade. Não! o pessoal, que vai, que sai da comunidade, que vai pra fora, que vai pra sobreviver inclusive. Ele vai deixar realmente certos costumes e aí o tempo vai passando e por exemplo, a questão de fazer a *kapará*.

De fazer a *kapará* com o galo, a galinha por exemplo. Se mata a galinha, mas pra você matar a galinha precisa de um *shochet*, que é que, corta, que faz o corte. Mas aí existe aquele, que tem o conhecimento, porque o pai ensinou, porque o avô ensinou, o bisavô ensinou, o tataravô ensinou. Beleza! Só que hoje em dia foi estipulado, que pra ser *shochet*, tem, que ter um diploma. Acaba complicando a coisa. Então pra ser um *shochet*, pra você fazer um determinado trabalho, tem que ter um diploma, tem que ser reconhecido por uma comunidade rabínica. Sendo, que a realidade não é essa. Devido justamente aos isolamentos. De repente nós vamos ter esse problema também com a questão da *brit milá*. Já não se faz, passam duas gerações sem fazer *brit milá*, sem fazer a circuncisão. Então já é melhor não fazer mais. A gente não sabe fazer então, e não podia fazer porque para fazer tinha, que ter curso, tinha, que ter isso, aquilo e aquilo outro e aí certas coisas foram interferindo, uma série dos problemas vieram, o fato de viver em lugares onde não judeus viviam e aquela coisa, a pressão do mundo capitalista.

O mundo capitalista, que é cristão. Era principalmente católico. Hoje em dia o catolicismo já não é tão prejudicial como era antigamente. Antigamente quem fosse judeu ou quem fosse protestante, dessas igrejas protestantes, tava ferrado. Aí nós vamos ter justamente essas mudanças né. Essas coisas dos tempos modernos e contemporâneos, que tem mais haver com a realidade do homem. Vamos ter inclusive várias discussões, lá em Israel mesmo. Discussão de rabinos, que são considerados pelos ortodoxos, rabinos liberais, liberais até demais. Ao mesmo tempo, que foi instituído por rabino ortodoxo que não se pode ascender uma luz, ligar, ascender uma lâmpada no sábado, vai vir um rabino liberal e vai dizer: que nada rapaz! Que é isso! “Deus” fez a eletricidade foi pra gente poder usar, e não é trabalho nenhum fazer com meu dedo assim. Não é trabalho nenhum! Eu não tô fazendo fogo! E ainda nós vamos ter essas discussões, essas *maloket*. Então quando essa judeusada vem pra cá, é difícil, que as comunidades são afastadas, e quando existiam as comunidades eram comunidades realmente isoladas, cheio de problemas, com preconceito. Foram sendo deixados, e aí então nós temos hoje, a comunidade de Manaus.

Não sei até que ponto a comunidade de Manaus é reconhecida. Então, existem comunidades no Brasil e no mundo, que reconhecem a comunidade de Manaus, com uma Sinagoga muito antiga. É uma comunidade muito antiga, que são judeus mesmo, que tá na cara deles e tá no sobrenome. Não tem jeito! São *Sefaradita*, *Sefaradim*, mas judeus de origem marroquina. Na verdade são aqueles que têm mais origem arabesca, assim árabe, semita mesmo. E, aí nós vamos ter uma série de fatores. Depois, com o tempo nós vamos ter por exemplo, uma briga, uma confusão muito grande entre esses judeus *sefaradita*, e outros judeus, que tomam pra si. Nós vamos ter um grupo de judeus, que sabem, que são judeus, que com todos os trancos e barrancos continuou sendo judeu, mesmo não fazendo *mitzvah* como deveria fazer, como colocar *tfilin* todo dia, como comer *kasher*, como comer um animal abatido pela *shchitá*, por alguém que tem um diploma emitido por um grupo de rabinos pra se fazer determinado trabalho. Então já vamos ter algo diferente.

Existe um grupo de pessoas, um grupo de rabinos, que tomam pra si o direito de ter as leis judaicas pra si, e de que, eles que, são os donos da interpretação da Torá. De que, se não fizerem de acordo como eles querem, está errado, ou não é judeu. Então isso é uma problemática que nós estamos tendo no mundo inteiro.

Segundo a tradição judaica quando *Mashiach* ele vier, quando ele tiver entre nós, aí nós vamos ter a redenção do mundo, nós vamos ter a paz universal, nós vamos ter todos os problemas do mundo resolvidos. Nós vamos ter o problema das doenças resolvido. Então todo o judeu, se apegue nisso. Por isso o judeu que conhece um mínimo de Torá, sabe que a Torá diz, que os profetas dizem, que quando o Messias vier não vai ter mais doença, não vai ter fome, não vai ter um monte de problemas, que todo judeu, todo povo, todos os povos do mundo estarão unidos, e aí nós vamos ter uma confusão muito grande, devido às pressões vindas da Igreja e um grupo de judeus, que toma pra si o direito de interpretar a lei judaica como se eles fossem os donos da lei judaica. Vamos ter uma represália vindo de parte deles, esses judeus, que são liberais entre aspas, pode se dizer assim, que são judeus *Sefaraditas*. E começa o problema, e nós vamos ter esse problema seríssimo lá em Israel. Mesmo a gente vê que judeus, que são liberais, judeu *Sefaradita*. Judeu que faz barba, por exemplo, não quer saber, não quer papo com o judeu ortodoxo não. *Ashkenazi* ele não quer nem saber.

Boa parte dos próprios judeus, não só em Israel como no mundo inteiro, eles simplesmente, eles em vez de serem atraídos pela religião judaica, serem atraídos pela cultura judaica, serem atraídos por Israel, eles são meio, que não têm vontade de nem de ser judeu. Porque o judeu, aquele judeu ortodoxo, ultraortodoxo, que tá ali, ele é fanático. Ele é preconceituoso, ele quer, que as pessoas gostem dele, mas ele se comporta como uma pessoa que não merece respeito, porque ele desrespeita. Ele não tá nem aí. Se a pessoa for de cor eles são intolerantes, então esse é um grande problema, que nós estamos tendo na comunidade judaica no mundo inteiro.

Essas divergências aí, esse grupo de judeus que acha que é o dono da Torá acha, que é dono da verdade. E só o fato de tá pensando mal dos outros já é uma coisa ruim. Só o fato de tá dizendo, que você é judeu, que você não é judeu, que você pode, que você não pode isso, já tá errado. Bom, pelo menos na minha opinião e das pessoas, que eu conheço e acredito, que são pessoas íntegras, pessoas, que tem um conhecimento não só de Torá, como conhecimento de vida também.

Olhando o mundo real, o que tá acontecendo, nós vamos ter uma confusão muito grande. Aí vão aparecer os dois grupos principais de judeus: os *Askenazi* e os *Sefaraditas*. Mas tanto *Ashkenazi* como *Safaradita*, que não são religiosos, tomaram pra si essa coisa de ser liberal, de não querer fanatismo, de não querer a intolerância, não querer aquele problema.

Então uma coisa, que a gente observa lá em Israel, é essa questão do nacionalismo. Lá a pessoa, que nasce em Israel ela já tomou o nacionalismo pra si. Por exemplo, eu conheci um árabe lá em Israel, que os avós dele são muçulmanos. Muçulmanos mesmo, daqueles muçulmanos fanáticos. Mas os pais dele eram muçulmanos liberais, digamos assim, já que, estou falando de liberal e ortodoxo e digamos, que eram muçulmanos liberais e ele nasceu um muçulmano, que não quer nem saber. Ele faz universidade, é do *Tzavá*, do exército israelense e, se o árabe muçulmano, o vizinho lá, que vier, entrar com uma bomba, ele vai matar. Ele vai dar um tiro porque, tá defendendo o Estado de Israel. Ele não tá defendendo o judeu, ele não tá defendendo o muçulmano. Ele tá defendendo o Estado de Israel. Então eles já tomaram a própria bandeira israelense. Um exemplo: os etíopes. São pessoas negras, que vieram da Etiópia. Tanto que boa parte do judeu, desses etíope, que praticavam o judaísmo, eles foram obrigados a se converter. Quer ser judeu? Ah mas eu sou judeu! Não pra nós, rabinos ortodoxos brancos. Vocês negros não são judeus. Logo vocês devem fazer a conversão, a não ser, que vocês não queiram. Beleza, tudo bem. Podem viver em Israel, mas como etíope, não como judeu e aí os filhos vão nascer israelenses não judeus. Vão nascer israelenses, não muçulmanos, vão ser israelenses tipicamente e viraram israelenses. Nacionalismo. Então tá havendo essa substituição também.

Israel hoje tá se tornando realmente um Estado-Nação. Tornando não, já se tornou um Estado-Nação. Existe pessoa que nasce em Israel e ele não tá nem aí pra religião. Ele não quer saber da religião, ele é israelense. E já nós vamos ter nos Estados Unidos, boa parte dos judeus ortodoxos, ultraortodoxos norte-americanos, eles nem sequer reconhecem o Estado de Israel como aquele Estado que vai se estabelecido quando o Messias vier. Eles dizem que não. Por exemplo: *Neturei Carta*, por exemplo né. E tem uma série de outros, mesmo como o próprio *Chabad*. A maior parte dos *chabadnik*, que está fora Israel, que não nasceu em Israel, eles não tem nenhum interesse de querer, de tentar ter uma cidadania israelense, de qualquer coisa do gênero.

A maior parte dos judeus que está espalhada no mundo, ele prefere estar espalhada no mundo do que, ter uma cidadania israelense. Vou lá conhecer, estudar, legal, muito bonito, bacana saber como é, que viviam meus antepassados, mas não quero problema não, prefiro voltar pra onde eu tava, ali é muito melhor, muito mais cômodo, muito mais tranquilo. Então a maior parte dos judeus do mundo, pensa desse jeito. Inclusive aqui na Amazônia.

Existem judeus em São Paulo, existem judeus em várias partes do mundo. Já que foi criado o Estado de Israel porque, que essas comunidades, que se acham donas do judaísmo, da interpretação da Torá, porque não vão pra Israel e tomam Israel e dizem que ali é deles e implantam uma Teocracia. Qual é! Israel é um país laico. Israel é uma democracia. Uma república pô! Então não combina muito com essa coisa do fanatismo religioso. O Estado de Israel não combina.

Quando criaram o estado de Israel foi necessário trazer aquele bando de polaco. Que nem parecerem judeus, não. São pessoas assim, que não tem nariz grande, não são narigudos, não. Não tem sobancelha grossa, são uns cara bem altão. E isso é ser judeu? Se for levar pela letra, se a gente for buscar nos próprios livros, nas próprias histórias do judaísmo, o judeu não é alto. Os judeus não eram brancos. O judeu não tem olho claro. Aí tem uma série de características. Quem é judeu hoje em dia? Quem que é judeu?

Tudo isso eu tava falando por causa da comunidade de Manaus, que algumas reconhecem, outras não reconhecem. É um debate, tá tendo. Muitos dizem é o seguinte: a gente não precisa, que vocês reconheçam a gente como judeu. Tamo nem interessado. A gente não quer morar em Israel. A gente não quer Israel, nem a gente tem necessidade de andar no mesmo ambiente de vocês. Essa cultura de vocês não é nossa cultura. Essa música, que vocês ouvem aí, a gente não ouve essa música. Essa comida, que vocês comem rapaz, a gente num come isso não, esse peixe cru. Não, gosto desse peixe não, prefiro comer um peixeirão assim, muita escama, bonitão, gostosão, assado na brasa.

Questão cultural. Então dentro dos próprio judeus existe um grande problema que é justamente esse problema dessa diversidade cultural entre judeus. Então nós vamos ter judeus de todo tipo. Judeu de toda cor. Então ninguém tem o direito de chegar e dizer ó, você é, você não é, eu posso falar isso, você não pode, e isso e aquilo. Não é assim, não.

Existe um processo histórico dentro da humanidade e toda comunidade no mundo está sobre essas leis da história. Se tá acontecendo uma guerra em determinado local, aquele grupo que vai dominar aquele ali, vai passar a ter uma cultura parecida com a dominante. Vai ter uma mistura tanto genética quanto de costumes. Tá comprovado pela ciência... é comprovado pela história. Qualquer pessoa, que ler um livro de história vai saber disso e eu cansei lá em Israel, cansei de brigar com rabino. Chegava pro rabino: meu amigo é o seguinte, *zé shtuilot, slichá* [isso é besteira, desculpe]. Como assim? Isso não tá na Torá, isso vocês inventaram. Não inventaram tem, que ouvir o *rabanim*, tem que ouvir os rabinos.

Bicho! Quer dizer, que eu não posso abrir um guarda chuva no sábado? Tá chovendo, eu não posso abrir um guarda chuva? Porque eu não posso abrir um guarda chuva? Cada rabino, que chega aí tá inventando uma coisa nova. Tá impossível ser judeu. Eu não quero. Se for pra ser judeu pra obedecer esse monte de coisa, que esses cara tão inventando, esses cara brancão, altão, fanático tão inventando, pra que eu faça pra ser reconhecido por eles. Ah não!... precisa não...

Eu tô tranquilo aqui na Amazônia, no meio do mato. Beleza! Aqui tem peixe *kasher* [comida própria para a alimentação], tem um monte. Aqui tem comida pra

caramba. Aqui tem um monte de *mikvah* [igaraé, rio para banho, de imersão] natural. Tudo que é lugar, que se vai, tem um monte de igarapé. Eu só vou lá e mergulho naquele igarapézinho, não preciso ter que ficar indo [na *Mikvah*]. Os ortodoxos inventaram que tem que tomar banho na *mikvah* todo dia.

Os *chassidim* é umas *mikveh* imunda. Chega a ficar uma espuma em cima. Os cara vão lá, mergulham naquela *mikvahzinha* aí sai, dizem que sai limpo, a alma limpa. Mas a alma limpa daquele jeito ali rapaz, tô fora. Também oh, duas quadras de distância, já sente aquele cheiro de cloro, cloro misturado com qboa. Duas quadras. Quando entra sente aquele cheiro horrível. É muito, que eles colocam. Porque como ali não tem água, tem água, mas é pouca água, eles ficam reaproveitando. Então aquele negócio fica circulando ali. Os cara jogam isso é higiene? Ei dá licença!

Aí o cara vem falar pra mim de comida *kasher*. Vai lá o tiozinho ortodoxo e faz o *falafel*. O tiozinho vai lá, pega no dinheiro, conta o dinheiro na minha frente tal, aqueles *shkalim*, *shkalim* velhos, até desbotado, aquele monte de moeda, o tiozinho lá contando, joga ali do lado. Abre o caixa. Aí daqui a pouco pega no pão, pega a *pita* de cima aí abre, aí começa pega com a mão aquele monte de *falafel*. Ortodoxo, hein! *Kasher*, *glad kosher*. Tá escrito assim, *glad kosher*. Aí beleza. Aí o cara vai lá, enche de um monte de coisa. Eu falei dá licença, mas o nome disso é *treife*. Isso não é *kasher*. Oi *glad*! [diz o ortodoxo] Meu irmão, desculpa, *slichá*, *zé ló bishvili*, *zé ló kasher*. Isso não é *kasher*, não é *kasher* pra mim.

Kasher não pode ser *messucan*. É *messucan*, não pode ser *kasher*. *Messucan* é perigoso. É perigoso, não quero. Então tem coisa, que os cara se preocupam com determinadas coisas, que são insignificantes, mas tem coisa, que realmente é perigoso, tem coisa que realmente eles tem, que se preocupar e eles não se preocupam. Aí eles acabam causando a ojeriza mesmo dos judeus. Eu por exemplo, eu tenho assim determinados grupos ali, eu não quero nem saber. E eles se acham donos da Torá. Eles se acham donos da verdade. Eles acham que o Messias vai vir aqui e eles vão tar todos salvo. Não, não é por aí não. Eles tem muita coisa que vai além.

Por isso que o pessoal lá, o próprio israelense não quer saber da própria religião ortodoxa, que tá ali dentro. Prefere algo mais *light*. Por causa desse tipo de coisa. Depois, eu fiquei numa *Yeshivá*, lá em *Tel Aviv*, que eu freqüentei, ortodoxa, dessas ultraortodoxa. *Chabad*, Tinha um o homem, que financiava praticamente tudo lá. Ele não chegava todo de preto, de chapéu, não tinha barba. Ele chegava lá, claro que era *Ashkenazi*. Chegava lá de boa, barba feitinha, limpinha, cabelo curtinho, nada de *peiotezinho*, bacana. Usava uma *Kipá* dessas branquinha, feinha que tem assim, botava a *kipazinha*, botava o *tsitsit*, o *talit* dele colocava lá os *tfilin*, fazia. Não se via um rabino chegar pra ele olha, cê tá errado, não pode fazer barba ou, tem isso, tem aquilo. Porque o cara tá cheio do dinheiro pô! O cara fala, meu irmão, tu vem falar o quê pra mim? Eu pago esse negócio. O quê é, que vem falar pra mim? Tem muita coisa haver com isso.

Isso aí, a história vai longe, oh! Então a partir do momento, que por exemplo, digamos, que eu comece aqui a trabalhar com comida *kasher*, aqui. Aí o pessoal, justamente esse pessoal, que não é fanático, começa comprar, começa a fazer pedido, acha legal, começa a querer vim, a querer ficar na minha casa, é um exemplo. E fica legal. De repente os cara ortodoxozão começa a falar – não! Ele não é *kasher*, tá errado tem, que ter o selo do rabinato. É uma máfia. Virou uma máfia, isso aí. Tem que ter isso, tem que ter aquilo. Que é isso? E a liberdade do ser humano? Então tem uma série de coisas.

Então os judeus aqui, nessa região, eles preferem viver com tranquilidade, viver tranquilamente, ser conservadores com determinados costumes, como fazer as festas, *chaguim* e *mitzvot* também. Colocar o *tfilin*, ok!, beleza. Fazer *mikvah* quando precisar fazer a *mikvah*, isso é bacana. Não tem fanatismo. Não chega àquela coisa horrível, chega a ser. É realmente pesado aquilo ali, que eles fazem numa *Yeshivá*, é pesado pra uma pessoa normal. Num quero isso não, prefiro ser ateu. Então a gente fala assim: num quero!.

Eu estudei numa *Yeshiva* que é de *Baal Tshuvá*. Um monte de garoto norte americano. Tinha briga às vezes porque lá é uma *Yeshivá* só de *Baal Tshuvá*. Ai de repente chega 2, 3, 4 filho de rabino ortodoxos, já são netos de rabino e são rabinãos, aqueles cara, todo assim. Os caras não tiveram acesso a um livro que não seja só aquela Torá, aqueles livro ali que é do *Chabad*, que é dali deles, não. Eles não conhecem história, eles não sabem história de Israel, história, essa história, mais moderna, mais atual. Eles não sabem história do mundo, eles não sabem geografia, sabem nada! Só sabem lei judaica.

Peraí, prum século XXI basta?

É, basta pra eles. Basta porque eles dizem que é porque “Deus” quer. Não... realmente “Deus” quer, mas “Deus” quer, que exista esse cara que é *Baal Tshuvá*, “Deus” quer, que exista esse cara, que não é religioso, da mesma forma como eles dizem que “Deus” faz com que, eles existam porque “Deus” tem algo para eles. Concordo, ok! Mas da mesma forma, “Deus” também quer aqueles, que estão ao redor deles porque aqueles, que estão ao redor deles, que é o que não é religioso, é o que vai pro exército, é o que não come *Kasher*, é o que vai fazer turismo lá. Graças a esse daí que eles existem. Graças a esses daí que tem Israel. Porque quem foi que fez Israel não foi os ortodoxos não. Foram não. O presidente, ministros, nenhum tem barba. Nenhum anda com *kipá*, não anda nenhum com *tsitsit*. São judeus sim, mas e aí? Tem que fazer isso daí? Não precisa não. Esse é o grande lance. Foi uma coisa que eu notei aqui.

Muitos desses judeus que resolveram, vieram de fora, inclusive aquele pessoal do E., ele não é daqui, são de Belém, vieram pra cá a pouco tempo, aquele baixinho gordinho, A., também é lá de Belém não é daqui, mais aquele baixinho dono da concessionária, também não é daqui. Vieram pra cá justamente, que é pra poder trabalhar, fazer essas coisas e tal. Aí chegaram aqui ah! Existe judeu aqui, vamos se juntar e tal. Aí tinha meio gato pingado aqui, mais tipo, o pessoal não tá muito interessado aqui. Tem vários judeus aqui, mas eles não querem de verdade saber. Eles não tão nem um pouco interessados em ser reconhecido por ortodoxo. Rapaz, eu sou judeu. Ensino aquela coisa pro meu filho, o que ele precisa saber, só não precisa mais do que isso aí.

No meu caso eu falei bom, eu quero aprender pra poder não ficar falando besteira, então vou pegar, quero ver a coisa mesmo, quero chegar, quero tocar, quero ver, quero sentir, quero aprender ler, quero ver como é que é esse negócio mesmo. Foi aí que eu fui. Fui com esse intuito e deu certo. Fui, estudei legal, vi como é que era a realidade, mas eu não teria condição, por exemplo, de ir prum lugar desse sem a bagagem de conhecimento que eu já tinha antes, que é uma bagagem de conhecimento acadêmica, que é história, geografia, essas coisas da academia.

Se eu chegasse lá, como esses filhos de rabino por exemplo, rapaz, ia chegar aqui agora assim: não tem judeu, mata tudinho afogado e que tudo é *gói*. Se eu fosse filho dum rabino, meu tataravô rabino, meu bisavô, meu avô, todo mundo rabino, ia chegar aqui agorinha, ia falar rapaz, aqui presta não! E se aparecesse por

acaso uma comunidade, gente que, vem de fora aí opa! Tem que ter o selo do rabinato, tem que ter isso, tem que ter aquilo outro. Quem que deu essa autoridade pra eles? “Deus”? De eles mandarem nas pessoas? Dizer o que se pode e o que não se pode fazer? Tá errado.

[o selo do rabinato] É o reconhecimento, reconhecimento dos rabinos. Se determinada coisa tá certa ou não. No caso, normalmente quando a gente fala em selo, a gente fala em comida *kasher*. Comida *kasher*. Tudo é questão econômica, de dinheiro. Eles pensam, que a gente é estúpido, mas a gente não é estúpido. É aquilo que, eu tava conversando com uns judeus. Tudo é questão de dinheiro. Se quer ser reconhecido, a sua comida, pra ser consumida por todos os judeus sérios, ela precisa ter um reconhecimento, de que precisa ter um selo rabínico daquele grupo ali, que vai ter então, seria assim eu, digamos tá ok.

Digamos que eu tenha determinado produto aqui, que eu quero vender. Eu tenho, que contratar um rabino pra ele reconhecer o produto. Aí ele vai dar o selo dele. Então eu vou ter, que pagar já pra esse rabino e esse rabino vai ter, que pagar pra outro grupo, que vai ter, que pagar pra outro grupo, e o produto vai ser muito mais caro e não compensa ter, que pagar pra um monte de gente. Ei, que é isso! Tão me roubando! Não, tô fora. Agora se for judeu tipo eu assim, se compra por 1 real e 50 estourando.

Eu não sou profissional liberal. Sou funcionário público por enquanto, eu não penso muito nisso não. Tipo assim, daqui a pouco eu vou ali tomar cerveja, agora tem dinheiro. Não, eu não penso nisso, não. Agora eu tinha, tenho vontade de cuidar disso aqui. Já que eu já tô no barco, fazer o máximo pra, que ele não afunde. Por exemplo, agora a gente já vai conseguir uma casa maior, com quartos, é pra gente receber gente de fora. Por exemplo, eu fiz muita amizade boa lá fora. Gente inclusive, muita gente esclarecida, gente cabeça no lugar tipo eu falei da *Yeshivá*, da briga porque a gente, os rabininho lá que eram ortodoxo, tataravô já era rabino e os muleque era tudo tipo eu, assim, tava nem aí pra nada e começou a estudar Torá ali.

Às vezes tava de ressaca no outro dia, começava a fazer a *tfilá*, a reza tipo 9 hora da manhã, sagrado, todo mundo tem que tá juntinho. A gente:- rapaz, tô de ressaca! Oh, depois eu faço. Não, mas precisa do *minian*. Não, mas depois eu faço, vai, perturba não... Acontecia muito isso. Às vezes o pessoal ou a gente saía pra tomar uma, ou então tinha um *farbrengen* um *itvaikut*, aí todo mundo enchia a cara. Todo mundo bebia pra caramba, brincava, festejava, aquela coisa toda, aí tinha um grupo de rabinos ultra ortodoxos lá no meio da gente, que, tipo tinha a gente, tinha que fazer aquilo dali, mas cedo a gente tinha que acordar bem cedinho, pra fazer a *mikvah*, pra depois tá preparado pra estudar *chassidut*, depois pra fazer *tfilá* e depois ir comer, fazer toda aquela coisa junta só que uma parte do pessoal, que tava ali, boa parte não tava ligando pra isso não.

Estava ali pra aprender como colocar *tfilin*, como ler hebraico, aprender a ser judeu. Agora sem fanatismo. Eu ouvi de mais de 10 essa mesma palavra. Essa mesma frase. Essa mesma idéia. Quero aprender a ser um judeu, um bom judeu, mas sem fanatismo. E eu tô de pé no chão e tinha até um amigo meu lá, que falava bem assim: - é rapaz, ser judeu não quer dizer ser ignorante, não. Ser judeu não é ser ignorante, não. Tô vendo o que tá acontecendo. Tô vendo. Tenho conhecimento, pelo amor de “Deus”. Não vou fazer isso aqui porque isso foge aos meus, foge à minha inteligência.

Aí chegava o sábado por exemplo. Todo mundo comia, aquela coisa toda, e às vezes dava vontade de ir pro quarto. É, ler um livro, às vezes. Aí deixava a luz do corredor ligado pra poder dá luz pros quartos, pra poder ler livro. Pra num ter que

ficar ligando e ascendendo luz de quarto, essas coisas porque, os amigos não gostavam, porque tava infringindo a lei do *Shabat*. Não se pode fazer fogo no sábado no *Shabat*, então energia elétrica é considerado fogo. Então você não pode ligar nem desligar uma lâmpada porque tá profanando o *Shabat*. Porque você tá fazendo fogo. Ei, peraí, que é isso?

E tinha um monte de cara como eu, pé no chão. Cara tudo formado. Um monte de cara assim, que já passou por universidades, que pegava olhava assim pra minha cara, ria, esses cara! Por causa disso aí, dava aquela luzona, forte, imensa e alguns quartos em cima era de vidro. Dava onze, meia-noite, ninguém mais tava a fim de ler, todo mundo dormindo lá. Os ortodoxos lá não. Botava um pano na cara assim, e dormia com aquela luzona. Chegava lá o pessoal na hora TAC! Desligava. Depois eles acordavam, e perguntavam quem desligou a luz? Quem desligou a luz? Não pode desligar a luz! Aquela confusão ou então, pegar o sachezinho do chá.

Maior briga por causa do sachê do chá. Se tem o sachê do chá. Tem, que ter a água quente, não pode despejar, por exemplo, água quente direto no sache do chá, no sachezinho, porque entende-se que se cai direto, vai cozinhar e é proibido cozinhar no *Shabat*. Aí o que eles faziam. Pegavam um copo seco aqui, jogava aquela água quente no copo seco, pegava outro copo, jogava a água no outro copo, que deu o tempo de esfriar, aí depois jogava o sache do chá, porque aí como esfriou, a temperatura não tá tão alta, entende-se que não ferveu. Ah, e detalhe, não se pode pegar o sache do chá e fazer assim tchuc, tchuc, tchuc, tchuc porque se fizer assim, vai e volta vai e volta, está tingindo a água e não pode tingir água.

Tem coisas assim, eu prefiro ser *Sefaradita* aqui na Amazônia, Porto Velho mesmo, Guajará Mirim, ixi! Aqui tá bom demais. Aquilo que eu vi ali, não tô nem aí. Faço minha *mikveh* no igarapé, pego meu peixinho, me viro. Aqui eu aprendi a fazer *kasher*. Eu sei fazer, estudei *kashrut* bacana. Sei fazer *kasher* mesmo, oh! Sei fazer, só num vai ter selo, mas eu sei fazer. Qualquer rabino, que chegar pra mim e disser, que não é *kasher*, eu esbulacho ele. A questão do *kasher* é só a forma, como ele vai cortar o pescoço da galinha, é só a forma. Tem que ter uma faca especial pra cortar. Tem uma forma especial, que passa e corta. Eu aprendi tudo isso, eu estudei tudo isso aí. Só não tenho diploma, porque tava faltando dinheiro

Em *Yeshivah* eu passei um ano e sete meses, dentro de *Yeshivah*. A palavra *Yeshivá* vem de *shev*, *lashev*, que é sentar. Ficar sentado porque dizem que a palavra vem daí. É um lugar onde as pessoas ficam sentadas, estudando Torá. Passei esse tempo em *Yeshivá*. *Yeshivot*. Porque eu fui pra várias *Yeshivot*, várias *Yeshivás* também em português. Agora também eu acho que eu queimei muito a galera!

O grande orador espírita aqui do Estado de Rondônia e um dos melhores do Brasil ele é judeu mesmo. Judeu também lá de Belém, que é o E., que é o irmão desse F. E., J. E., que é esse que escreveu o livro *Alef Beít*, Alefbetizando, que é esse E. O E., o irmão dele é judeu mesmo, mas é um espírita. Ele falou, não bicho, ele veio aqui uma vez visitar a gente, conhecer, falou rapaz, num presta pra mim não. Ele me chamou pro canto assim, me conhece e falou rapaz, o negócio aqui é arcaico, né? Aí eu falei é. É, mas é a tradição judaica.

Tem coisa, que já vem dos antepassados, que é até legal fazer. Eu por exemplo, não que eu acredite, mas eu acho legal. Eu gosto de fazer porque é uma coisa da identidade. Mesmo não que eu acredite, acho legal e tal. Inclusive os rabinos dão explicação não científica. Eles dão explicações cabalísticas da Torá. Eles argumentam que Torá é realmente incompreensível para os seres humanos. A

Torá ela é algo divino, *Kadosh*, santo, separado. E por ser divino, por ser *kadosh*, ela não pode ser interpretada por seres humanos.

Mesmo tempo, que ele fala isso, que não se pode explicar, eles interpretam e inventam esse monte de lei, absurda pra dizer por exemplo, de tá chovendo aqui, eu num posso abrir um guarda chuva pra mim, pra me proteger da chuva. E outra, se eu pegar chuva, eu tô lascado. Porque além de tá fazendo habitação, eles dizem que é habitação, construir habitação o guarda chuva, ainda vou me molhar e aí não vou poder me enxugar, porque não pode enxugar, porque não pode espremer. Isso tá fora do que eu quero enquanto um judeu.

Por exemplo, eu gostei muito de ter estudado *Guemará Talmud*, amei estudar *Talmud*. Só que no *Talmud*, essas coisas num tão, tem um monte de lei legal, um monte de coisa lá e tal sobre *brachá*, sobre *shidurim*, um monte de coisa, mas não tem nada falando essas coisas, que esses caras inventaram. Não, isso tudo é coisa nova, que tão inventando agora. Tão inventando essas coisas agora e aí eu não sei se eu tô preparado pra essas coisas.

Sei não, eu gosto de usar barba. Eu tenho barba porque eu gosto de barba mesmo. Eu tava com a barba desse tamanho, aí eu andei tirando porque o pessoal tava achando que eu era doido, que eu era *hipie*, que eu era maluco. Aí falei, bicho, também vou tirar. Pra não ficar assustando muito as pessoas. Aí eu dei foi uma aparadinha, mas mesmo assim, aí o rabino já disse, que não vai falar mais comigo se eu tirar a minha barba de novo. Eu não vou mais tirar a barba não, vou deixar ficar bem grandona. Eu gosto da barba grandona, mas é que com a barba muito grande fica difícil de arrumar namorada. Um amigo, que falava lá em Israel: Ah bicho, não vou deixar a barba crescer não, porque as mulheres não gostam de barba. Principalmente, principalmente os argentinos. Eram terríveis, faziam a barba mesmo, não queriam nem saber.

A grande cisão judaica de Porto Velho, tem até um ditado que diz: que onde tem dois judeus, tem três sinagogas. É terrível, pois é, o pessoal começou a se estressar aí não sei porque não, também podia ter outros motivos só eu, que não sabia, que eles tavam brigando por minha causa, mas beleza. Essa famosa *Ypioca*, mas essa aqui tá aguada. Ah! tem um detalhe, diz que só pode dois *lechaim*, só. Mas eu sou *Sefaradita*, eu posso mais. Essas comunidades assim, que não podem, mas eu posso mais... a sim, a grande cisão judaica de Rondônia. É o seguinte. O que eu pude entender foi o seguinte, é que existia um grupo de judeus que tava querendo abrir as portas pra todo mundo, que quisesse, que não fosse judeu. Ah, pode vir todo mundo pra cá a vontade, vai. Depois a gente dá um jeito de converter vocês, a gente dá a ideia um pouco pra comunidade converte o pessoal e existe outros, que não queriam pessoas, que não eram judias dentro dum lugar de judeu, ser judeu.

O judaísmo não é uma religião de conversão. Não é como o cristianismo, não é como o Islamismo, que vai ali, converte o cara nem, que seja à força, mas converte. Quanto mais gente tiver, melhor. Não, o judaísmo não é assim. Ou você é judeu ou você não é judeu. Agora se alguém quiser, aí insiste muito, que vai chegar uma hora, que vai ser. Pela insistência mostra, que quer, realmente há interesse. Beleza vai ser, mas não é religião de conversão como faziam os Cruzados, como fez a Inquisição, como fazem os muçulmanos hoje. Se não abraçar o Corão, tem que morrer ou ser escravizado. Não, não é assim.

E aí, assim existem rabinos ultra liberais. Existem os ultra ortodoxos e existem os ultra liberais. Os rabinos ultra liberais, eles acham, que não, pode converter todo mundo. Não, pode ter esse negócio, não. Já que a questão é *Kesef*, é dinheiro,

converte esse pessoal quer ser judeu. Beleza, converte aí. Então assim, na minha opinião, o que eu acho, que aconteceu foi, isso. Tavam querendo abrir as portas pra outras pessoas, que quisessem abraçar o judaísmo e um grupo não queria, que as pessoas frequentassem, viessem. E aí então já, que eu quero uma coisa e vocês não querem ou eu quero e assim vai, enfim, eu acho melhor a gente se separar e cada um vai pro seu lado e acho, que foi isso que aconteceu.

Eu, que pode se dizer, assim eu, que elaborei o estatuto aqui da comunidade judaica. Eu sou um dos que elaborou, eu digitei, vi o que, que é, o que que não é, propus pros outros companheiros e dentro do que foi proposto ali, tem um artigo, que diz: que aqueles que tiverem descendência comprovada, podem frequentar sim a comunidade, que depois a gente vai arrumar um jeito de reconhecer essa pessoa. Algum rabino converter e tal.

Existem vários rabinos, que acho, que todo mundo já sabe, que existe a comunidade aqui. Existem vários rabinos, que sabem da existência da comunidade, que tem vontade de vir aqui, tudo mais, só que chega um momento, que eles muitos pensam da seguinte maneira: - tem como eu fazer dinheiro ali? Tem como? As pessoas estão disposta a pagar o meu serviço?

Aí eu fiquei pensando, aqui já tem as dificuldades, as pessoas já não são religiosas pela própria natureza, independente se são judeus, cristãos. As pessoas normalmente não são muito religiosas, não fazem na risca como tem que fazer mesmo. Essas pessoas protestantes, de religiões não judaicas. Eles se mostram assim às vezes, fanáticos, mas quando se vai realmente para observar eles, não fazem como a religião deles mesmo manda. Eles não fazem na risca como tem que fazer então eu vi que tava tendo esse problema aqui em relação aos judeus daqui. Tava tendo muito problema aqui, pelo menos que a gente fizesse o mínimo.

Falei bom, eu tô querendo ver se é verdade. Se eu posso ir lá em Israel, se eu tenho direito a uma bolsa de estudo como dizem, se eu tenho direito a determinadas coisas. Eu quero aprender a falar hebraico, eu quero aprender a *kashrut*, eu quero aprender um monte de coisa. Vamo ver se é verdade, eu quero ver se esse negócio é legal. Fui, é verdade, foi legal, gostei, aprendi um monte de coisa nova. Um monte de coisa legal e aí chegou a hora, me deu saudade da minha família, me deu saudade daqui. Não, que Israel não é um lugar lindo.

Gosto da minha família, gosto da Amazônia, gosto daqui mesmo, desse calorção e aí às vezes as pessoas não compreendem isso, aí eu prefiro até pensar como muitos judeus, que acham, que dizem assim: - não rapaz, quando o Messias vier, aí esse problema todo vai acabar. *Eretz Israel* vai se concretizar enquanto realmente um Estado santo. Sacro, algo *Kadosh*. Tanto que sempre que eu encontrava, eu estudei com um pessoal, E., se a gente não se ver de novo, se a gente não se ver mais nessa vida aqui, a gente se vê na construção do *Beit Hamikdash*.

Sempre eu encontrava eles, sempre eles falavam assim. Se a gente não se ver mais, tá indo pro Brasil, a gente se encontra na construção do *Beit Hamikdash*, quando o Messias vier a gente vai se ver. A gente vai se encontrar quando o *Beit Hamikdash* for ser reconstruído. A gente vai tá lá pra reconstruir o *Beit Hamikdash*. Essa é a grande esperança de todo o judeu. O Messias vir e a gente reconstruir o *Beit Hamikdash*.

Assim, segundo a *Guemará*, ela diz que qualquer um pode ser Messias. Qualquer um pode ser Messias tanto vivo quanto uma pessoa que já não está mais entre as pessoas de corpo físico, de corpo material. Pode ser então. Enquanto isso não acontece, a gente vai vivendo.

Eu me considero na *Galut*, eu me considero em diáspora. Até em Israel mesmo, eu ficava ali olhando que as pessoas, os próprios judeus ali estão deslocados. Eu vejo que eles estão deslocados. A pessoa fala tanto ah, o judeu é rico, o judeu é isso, o judeu é aquilo outro. Chegava ali o que, mais tem é judeu pedindo esmola na rua. Ei! judeu é rico não, isso é mentira, isso é coisa que as pessoas falam, o que tem de judeu pobrezinho não é brincadeira não, pedindo esmola, doente e boa parte das doenças, que eles tem ali, é por ignorância mesmo. São doenças modernas.

A Torá já fala em determinadas coisas porque tem tanta sabedoria na Torá. Não faça isso, não faça aquilo, porque já sabia, que aquilo ali, ia causar uma consequência ruim pro judeu, pras pessoas, não só pro judeu pra qualquer um, então aqueles, que seguem realmente a Torá, beleza. Vão viver com saúde, vão viver muitos anos, aquela coisa toda, mas tem coisa, que não tá na Torá. Que é questão de conhecimento mesmo, tipo esse negócio que eu falei do *falafel*. Lá os cara pegava no dinheiro. Não tá escrito na Torá não pegarás no dinheiro e depois pegarás do *falafel*. Não tá escrito isso. Fala que quando se for comer o pão se faz *netilat yadaim*, lavar a mão. Aí tem três jogadinha de água prum lado, três jogadinha, naquela época não tinha sabão tinha, que jogar assim, que a água bate assim bate cada vez com mais força e com isso faz os micróbios saírem, as impurezas.

A gente sabe hoje, sabão é uma coisa moderna, naquela época não tava escrito lavarás a mão com sabão. Não tinha sabão então hoje em dia, tem sabão. É tudo questão de lógica, é tudo questão de inteligência “Deus” deu inteligência pra gente, “Deus” deu eletricidade pra gente poder usar, “Deus” fez coisas maravilhosa no mundo, que é pra gente poder [usar]. E aí tem coisa assim que eu não tô concordando.

Esse era o meu grande problema lá. Eu não tava me adaptando por causa disso. Falei: -bicho, não é pra mim essa vida de ultra mega, ultra super ortodoxo, tô fora! Faltava botar uma capa de ortodoxo, sair voando. Não, tô fora desse negócio. Prefiro ser um, como está no nosso estatuto, um judeu conservador liberal. Será que tem isso? Deve ter! Tem tudo! Agora tem coisa, que tem, que ser preservada, mesmo coisa, que tem que se preservar, mesmo agora. Não do jeito, que eles falam ali, que aquele grupo de mega super ultra ortodoxos instituiu, que é aquilo ali, que tem que fazer e tem que ser aquilo ali.

Mas aprendi mais lá, mas eu sabia umas besteirinha aqui. Sabia umas *brachá*, *brachotzinha*, umas besterinha assim. Mas não sabia muita coisa não. Aí logo que cheguei lá, comecei a ter contato com os judeus italianos. Ia nas sinagogas italianas *sefaradita*, aquela coisa toda e os cara sempre me chamavam pra ir pra fazer o *Kidush* na casa deles. Aí eu no *Shabat* eu ia, aí às vezes fazia *Kidush* tal, depois eu pegava e ia pro metrô, pegar o metrô e pegar no dinheiro e ir pra casa, e eles começaram a ficar chateados.

[*Diziam*] Não, não vai pra casa não. Vai pegar em dinheiro, andar de metrô, não pode sábado. Faz o seguinte, dorme aqui. Aí começaram a me convidar pra dormir com eles. Eu tava ficando meio assim. Não tá dando esse negócio de ficar dormindo na casa dos outros, não gostava, tinha o meu quartinho, minha caminha arrumadinha, bonitinha lá onde eu tava, aí foi quando eu recebi o convite pra *Yeshivá*.

Falaram rapaz, tu num quer logo sair lá de onde tu tá não? Comer só *kasher*, fazer num sei o que. Falei rapaz, eu não tenho dinheiro, não. Tenho que trabalhar inclusive no sábado, preciso de dinheiro, de dinheiro. Não, não, a gente vai dar um

jeito nisso. Não precisa mais, vai precisar de que, eles falaram. Rapaz, eu preciso de comida. Então não se preocupa não, que a gente vai te dar tudo que precisar.

Aí eles me deram terno, me deram chapéu, me deram camisa, me deram comida, me deram cama, me deram estudo, me deram tudo. Aí eu passei um ano e sete meses. Pra não ficar muito assim, vagabundão lá, na mão dos cara, um cara já na minha idade assim, eu vi que tinha um monte de muleque. Tinha gente de toda a idade. Aí falei não, preciso ajudar de alguma maneira, isso não faz parte de mim, ficar só sugando dos outros e me ofereci pra limpar a *Yeshivá* onde eu tava. Aí eu falei não, eu vou limpar.

[O rabino perguntou] Sério, sério E.? Eu respondi sério, tá pensando o que? As coisas tava tudo impecável, tudo limpinho, eu chegava cedinho lá. Então foi assim eu fui ajudando, ajudando eles e tal, daqui a pouco o rabino me chamou pra morar na casa dele. Não, vamo morar na minha casa, disse o rabino. Lá eu falei rapaz, bóra, se quiser que eu vou morar contigo eu vou.

Quando chegava um israelense ou chegava um norte americano ou gente de fora, já pedia pra eu buscar o pessoal no aeroporto, pedia pra eu levar o pessoal na *mikvah*, já pedia pra eu fazer as coisas, ajudar. Eu tava meio que trabalhando com eles já. Isso lá em Milão. Aí depois eles me mandaram pra Veneza: -vai pra Veneza, tem uma *Yeshivá* boa lá, vai lá. E eu de novo aquele mesmo sossego. O rabinão tava dando comida, dando tudo de graça.

Tinha um monte de rabino, daqueles *bachur Yechivá*, a mulecada, que estudava lá e tal, pra ser rabino e eles chegava lá, trabalhavam e ainda pegavam dinheiro. Eles tinham comida de graça, tinham estudo de graça, um monte de coisa de graça e ainda faziam um trabalhinho ali, lavavam uma *mikvah* ou faziam uma coisa assim e pegavam dinheiro ainda dos rabinos. Fiquei meio assim, esse negócio não é certo não, eu sou macho, eu sou homem, não sou menino. Não, pra eu ficar num lugar eu tenho que pagar pelo que eu tô usufruindo pra depois o cara não dizer ah, esse daí que ficou... não, não faz parte de mim, não.

Cheguei lá na hora falei ó, quanto é que é a comida, eles tanto. Não, você não paga, não eu falei, você é *bachur* da *Yeshivá*, eu falei não quero saber, a partir de agora eu vou ajudar a limpar a *Yeshivá* e vou lavar a *Mikvah*. Tudo bem, quer cuida da *Mikvah*, tá ok. Vá lá, fique com os meninos pra você aprender como é que lava e aí se quiser realmente, tudo bem. Quanto é que eu tenho que lhe pagar? Eu falei tu não vai pagar nada não. Não, se vai trabalhar, precisa receber. Tu tá me dando comida, tá me dando estudo de graça, tá me dando um lugar maravilhoso pra dormir, com ar condicionado, tudo perfeito, ainda quer me pagar. Não, deixa que eu pago. Cê que sabe. Aí eu fiquei lá mais um tempão lá nessa *Yeshivá*. Acho uns cinco meses eu acho. Eu fiquei na *Yeshivá* lá em Veneza lá pra uns cinco meses.

Fiquei lá em Veneza, ia no Gueto, saía, curti muito, conheci toda Veneza, tirei muita foto, foi legal, depois voltei pra Milão de novo, passei mais um tempo em Milão, e eles compraram uma passagem pra mim. Agora já tá na hora de você aprender o hebraico mais ou menos, seu hebraico já tá melhor, já tá bom de Torá, tá na hora agora de você ir pra Israel. Eles compraram a passagem pra mim, eu peguei e beleza, dado até pimenta no olho. Eles me deram a passagem, eu fui pra Israel e já me colocaram numa *Yeshivá* de *Baal Tshuvá*, onde tinha a maioria norte americano. Uma *Yeshivá* só de norte americano, praticamente todos eram norte americanos. Tinha uns israelenses lá, tinha uns dois ou três argentinos, pessoal assim de fora. Eu fiquei lá com eles, era o único brasileiro que tinha. Fiquei lá, e lá eu passei quase um ano nessa *Yeshivá*. Ainda cheguei a pegar uma pontinha de uma *Yeshivá* lá em Tel Aviv. Ainda peguei um mês em uma *Yeshivá* de Tel Aviv de

graça também, mas eu como sempre, sempre prestativo pra poder em vez das pessoas dizerem porra, esse cara aqui pô, o cara faz falta! E assim foi o que disseram aqui, da comunidade quando eu fui embora.

A idéia [de fundar a CEJURON] era justamente juntar a judeusada aí, pra não perder a cultura. Que a cultura dos antepassados, que tava a pessoa nem sabia, que era judeu. Tinha gente não querendo mais saber. Pelo menos se tivesse um lugarzinho assim, pra gente se reunir, uma espécie de clube social entre aspas, seria melhor pra poder justamente incentivar as pessoas de participar, aquela coisa toda.

Eu, em nenhum momento eu tive como intuito ganhar dinheiro aqui. Nunca passou pela minha cabeça, eu nunca fui uma pessoa, que tive dinheiro. Tanto que eu sou professor. Ganho pouco mesmo, nunca tive intuito de ganhar dinheiro, não. O meu intuito aqui era de aprender mesmo o judaísmo tal, e congregar os judeus aqui da região, porque a minha família sempre falava e eu via, que o pessoal não queria saber também. Todo mundo católico. Com outras culturas, o pessoal vendo fazendo Natal, aquela coisa.

Por exemplo, minha mãe é meio atéia, Nova Era sabe, paz e amor e tal. Mas assim se for ver, o estilo do pessoal da família da minha mãe aqui por exemplo, eles são totalmente *clean*. Nada nem catolicismo, nem espiritismo, nem nada. Assim, minha mãe ainda tem uma simpatiazinha por espiritismo, que acha legal, porque as idéias espíritas, o corpo físico morre e o espírito prevalece, aquela coisa assim, que existe “Deus”.

Assim na minha casa, nunca teve aqui na minha casa, minha mãe nunca teve religião nenhuma, nada. Totalmente zero. Já na família do meu pai tem um velhinho lá judeu, narizão, assim desse tamanho, que tipo a mãe já não praticava. A mãe dele judia, ela não queria mais saber, já tavam assim, já vieram de Belém nesse pé porque o pai do meu avô, meu bisavô ele já, ele era cheio do dinheiro. Eram ricos e tal e aí eles naquela época, que era difícil de fazer qualquer coisa, principalmente, então as pessoas não gostavam muito, já não queriam ter, que ter problema com ninguém então quanto mais dinheiro tiver melhor quanto mais festa melhor.

E aí a família da casa da minha avó por exemplo, a minha avó, a mãe dela morreu ela tinha cinco anos de idade, por parte do meu pai, e ela foi criada pelas freiras. Meu bisavô é judeu francês mesmo, lá de Lyon. É sobrenome inclusive de quem até viveu no Gueto de Lyon, uma época. A família até tem livros, artigos que falam sobre isso. Tem até filme também. Inclusive filmes feitos por um produtor de cinema, que fala sobre essas coisas, que é isso é legal. Esse produtor de cinema, ele só faz filme assim, nessa área, que tem haver com judaísmo, com Gueto, com perseguição, com não sei o que.

A mãe da minha avó morreu quando ela tinha cinco anos de idade. Ela foi criada pelas freira, porque naquela época não podia ficar. É o que ela sempre diz, ah eu não pude morar com meu pai, porque menina mulher não podia morar com o pai e como meu avô era difícil de conviver, meu avô, imagina, um judeu francês, falava oito línguas meu avô, e ele vivia, ele vendia, ele era tradutor. Ele era um estrangeiro, que o pessoal, que vinha de fora, ele que apresentava o lugar pro pessoal, levava o pessoal pras cidades, que tinha que ir, fazia tudo e vendia cigarro também.

Ele morreu com oitenta e poucos anos, fumando. Oitenta e sete ou oitenta e nove, sempre com um cigarrinho na boca, o velhinho. Aí ele vendia cigarro e aí foi isso, que aconteceu. Minha avó foi criada no catolicismo, meu avô veio, se apaixonou pela veia, ele já tinha a mãe dele, o pai dele, que era católico, esse meu avô já tinha aquela coisa do catolicismo e tal.

Minha avó já não era muito..., minha avó era assim, como casou com o meu avô, então já não era católica, mas ela não se comportava como católica. Se comportava como judia. Cem por cento. Em casa era cheia de coisa assim, cheia. Até hoje meu avô tem lá coisa. Não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, não faz não sei o que. Isso não é assim, a cama tem que botar desse jeito, desse jeito não, com sete dias [o bebê] não pode ter ninguém em casa, não pode, menino não pode receber visita, não sei o que isso. é por questão da circuncisão. No sétimo, pro oitavo dia não se pode, aquela coisa toda. Acabou que virou uma coisa assim meio... e aí tipo perdeu mesmo.

Sobre a minha ida agora, os meus primos dizem: - poxa, legal mas eu prefiro ainda, negócio de lei judaica tô fora! Eu que dei uma de doido mesmo. Não me arrependo. Eu não me arrependo não, mas eu não gosto, que me liguem não, assim, de fora por exemplo, de vez em quando uns caras me ligam lá de Israel. Me ligam da Europa pra querer me cobrar. Perguntam se eu tô colocando *tfilin* todo dia, se eu tô mexendo na minha barba, se eu tô comendo *kasher*. Aí eu me estresso às vezes. Os cara me ajudaram, foram gente boa comigo. Me deram de comer e me deram de beber, me deram de vestir. Eu não posso tratar as pessoas ruim. Até porque é pecado perante “Deus”. Se eu fizer isso ele pode me castigar, então eu tô de boa. Pelo menos é assim que o pessoal fala. É assim que a tradição diz. Então não tô a fim de de colocar em jogo minha vida não.

No meu íntimo, ser judeu é amar a “Deus”, respeitar todas as criaturas, não ser fanático. Pra mim é isso.

Narrador V

O Narrador V é apresentador de televisão, solteiro, está em processo de retorno e sua entrevista foi realizada no ano de 2011.

“O judeu pra mim é aquele, que traz consigo uma tradição de práticas, que ele entende, que são corretas e, que abre caminho pra sua evolução física e espiritual. Vejo que, a vida é um conjunto de coisas, onde sua prática diária te fomenta enquanto ser, te dando benefícios e essa mesma prática te obriga também, a uma vivência espiritual direcionada para não só, que o corpo evolua, mais o espírito também...”

Eu nasci no sul, do Rio Grande do Sul num lar católico, até porque no decorrer da minha vida é que comecei a dar por conta das minhas raízes. Mais a frente, porque até então, quando você é criança você só sabe reproduzir aquilo, que te ensinam, foi um lar assim católico não muito praticante, porque a nossa família era uma família de agricultores. Meu primeiro contato com a religião foi a católica, tive que fazer o estudo católico, porque na cidade todo mundo era católico, uma cidadezinha na época de oito mil habitantes o maior acontecimento na cidade era ir missa, que nem era todo dia. Só no sábado e no domingo, e a missa do sábado era a tarde, uma missa mais elitizada e domingo de manhã, era mais alegre onde nós, crianças mais ou menos iam, e desde o começo fiquei meio indignado com as histórias, essa de Jesus, porque eu pedia e ele não fazia, incrível isso, e eu dizia pra minha mãe que Jesus agia certo com todo mundo, mas comigo a história era diferente. E, hoje dentro da minha compreensão dos fatos desde criança eu tinha um pensamento totalmente dentro de uma linha de raciocínio coerente para um judeu, mas fui criado em igreja católica.

Fiz primeira comunhão, fiz crisma que é a confirmação dos votos de batismo, militei no movimento eclesial de base na igreja católica, que é aquele que você se forma um pequeno comunista cristão. Então comecei ai toda minha caminhada.

Na época da faculdade conheci um ilustre judeu chamado Karl Max! aí veio o materialismo histórico dialético, ou seja, as religiões são o ópio do povo, então a parti daí me tornei um cara assim, que como diz o Dráuzio Varela: a vida consciente navega no homem inteligente. Ou no acidente de percurso o que acontece quando morremos? Nada morremos, ninguém voltou de lá beleza, mas o tempo vai passando, nessa miscelânea de acontecimentos vinte, vinte um anos começo a me interessar pelo hermetismo.

O hermetismo são conhecimentos fechados aqueles, que são tradições, tradições do conhecimento ou tradições orais, nessa minha jornada então, aos vinte anos tive meus primeiros contatos com os pessoal mais psicodélico, que tavão em coisa diferentes. Eu comecei minhas primeiras incursões pelo mundo metafísico.

Comecei a estudar o rosacrucianismo que é a liberdade de expressão intelectual, ou seja, o homem é acima de tudo uma razão em ação, com uma inspiração divina. Mas, aí começa acreditar que “Deus” vai dar umas dicas. Nesse caminho do hermetismo, que é um caminho iniciático fui progredindo nele, só que

Rosa Cruz, não é uma religião, e você é indicado dentro de uma linha de raciocínio a conhecer mais religiões, está mais perto de religiões. Aí quem tava mais perto já, que venho do berço católico voltei na tendência mais à direita da igreja católica, ou seja, comecei com o movimento Fucolari, que é um movimento social da igreja de entendimento à questões sociais, daí começo a conhecer a renovação carismática católica, só que aí começa a dar choque, porque já começa com os fundamentalistas cristãos, minha incursão pelo mundo fundamentalista cristão com o conhecimento gnóstico Rosa Cruz começa a entrar em choque, porque o fundamentalismo cristão prega o espírito de uma forma, que a única verdade é Cristo, o único caminho é Cristo, que não existe nada após a morte, que não seja a ressurreição. Mesmo com esses choques eu vou levando, assim tento marcar a essência.

E, aos vinte quatro anos de idade começo minha caminha na Maçonaria, mais uma vez adentro a mais conhecimento hermético, fechado, conhecimento hermético também relativo a era dos registros, sumérios que viveu milhares e milhares de anos na primeira etapa do Egito nascente, pós Atlântico, não é uma explicação, que geralmente se dê, a isso mas é, foi uns dos homens mais sábios que existiu, uns dos mais, não o mais, ele tinha três quintos de todo conhecimento do mundo, chama da tradição oral, que acompanha os iniciados desde os tempo de *Carnaque* esses, que orientaram o mundo do conhecimento. Até mesmo o espírito inicial *Akenaton*, que é tido hoje como a primeira vez que alguém diz no mundo que existe um “Deus” único, é com *Akenaton* bem antes de Moisés e de Abraão. Daí esse conhecimento de *Akenaton* ter sido atlante, ele hoje permeia as principais religiões monoteísta do mundo, mas não se explica dessa forma você tem, que ter um conhecimento de egiptologia pra poder entender, pois ela é colocada até mesmo em alguns Salmos da Torá no Antigo Testamento, como os cristãos falam. Mas com essa miscelânea de conhecimento ao mesmo tempo se é levado pela própria Maçonaria, pela própria Rosa Cruz a ter uma escolha religiosa, porque elas são ordens filosóficas de libertação do homem não, que o homem não precise de uma religião pra viver, elas te levam a viver em religião para, que se ter uma comunhão também com as coisas, que religam.

O arcabouço de conhecimento do que é o universo, que tá então cheio de religiões, aí a Rosa Cruz e a Maçonaria, elas indicam, tenha uma religião pra você, porque nessa caminhada você tem, que interagir com as pessoas, que não pensam como você. Ou que, pensam parecido com você. Aqui dentro somos todos iguais, as pessoas precisam ter religiões, pra terem grupos, os nossos grupos são muito seletos, você foi escolhido pra estar aqui, uma religião acolhe todos é bom ter uma religião, aí você pode ser um religioso e um filosofo hermetista. Nisso minha vida vai... vou conhecendo o católico tradicional, de militância clerical, se quisesse um dia ascender até o clero católico mais adiante, porque eu tinha uma relação muito boa com o bispado, com os bispos da CNBB.

Mas nesse meio tempo as conjunturas da vida me trazem pra Rondônia, ao chegar aqui, isso aqui era uma loucura, uma maravilha. Vim com esse arcabouço de conhecimento inicial, pra amadurecer aqui. Nisso...Eu, eu... houve um momento lá no sul, do meu rompimento da estrada iniciada dos mistérios, dessa misteriosa vida, que o homem tem, ele é sujeito as regras de ação e reação, de plantio e colheita. Depois de uma vida e chega uma hora, que o conflito da religião, com o livre pensamento por um *round* a religião nocauteia o livre pensamento. Me torno um católico mais fundamentalista e me afasto temporariamente da Maçonaria e da Rosa

Cruz, aí venho pra Rondônia passo um ano, os primeiros dois anos eu passo aqui, deixando a vida me levar, vida leva eu, nem católico, nem nada.

Aqui é incrível o que tem de evangélico, os cara começam a te levar, você começa a frequentar pra agradar os amigos, se você namora alguém evangélico você acaba indo com ela no lugar, mas nunca senti aquilo ali minha praia, até porque essa história de Jesus comigo, nunca me desceu muito redondo e isso aí é uma coisa pessoal minha, até gostava de contar aquelas piadas, assim digo, que isso são os próprios amigos falando de maneira carinhosa sem fazer distinção né que... Em Portugal, fizeram uma propaganda de pregos botaram lá um Cristo crucificado e disseram pregos Soares, há dois mil anos pregando com confiança... Sempre contam essa história, aí veio à igreja entrou com uma ação tirou a propaganda do ar, no outro dia botaram uma cruz vazia pedimos desculpa pelo, que aconteceu ontem. Devido nós termos colocado a presença de Jesus crucificado na propaganda, ficamos surpresos, porque simplesmente os pregos não eram Soares tanto é que o suspeito fugiu. Sempre conto essa piada quando os caras começaram a colocar só Jesus salva. Eu digo Jesus e Ctrl C, que no computador é quando a gente quer salvar um texto, aí é porque eu tinha uma rejeição pessoal a essas pequenas coisas, não sei a vida vai caminhando, nas intempéries da vida, num momento muito difícil mesmo que eu senti o dissabor de ser Cristão.... O dissabor pra mim... Pra alguns é a salvação... Pra alguns é a felicidade, mas não pra mim. Estou falando do meu jeito, da minha compreensão de valores, pra mim e dois terço do planeta, que não acreditam nele.

Ai eu conheci uma religião chamada União do Vegetal, que bebia o chá *aiúasca*, etc. Fui meio que a contra gosto, mas eu fui já tava pensando em ir embora de Rondônia, tinha dado tudo errado aqui em dois anos, o chá tem um forte apelo de indução a concentração interior, mas usado em profusão acho, que cria certa dependência psicológica, aí num momento difícil você bebe uma coisa, que te traz um alento psicológico e serve como um antidepressivo bom. Aí acaba se apegando aí então, realmente posso dizer que num tempo de seis anos militando na União do Vegetal, me considerei cristão até porque, só tinha uma opção pra você beber o chá. Se você seguisse o que eles mandavam, e o que eles mandavam era o cristianismo, então você aceita ou você tá fora, não tem discussão então pra beber o chá, e eu gostava mesmo de beber o chá, eu fiquei lá. Mas houve uma coisa de bom nisso vim pra Porto Velho, me acertei com os maçons e Rosa Cruz e comecei a ir novamente, a frequentar e a galgar os graus evolutivos dessas duas sociedades filosóficas. Novamente começa, quando mais você caminha nessa senda do conhecimento, mais ela é libertadora, e aí chega o momento, que entra em xeque com o cristianismo que se conhece com a historicidade da formação da religião cristã, isso começa a complicar, porque eu gostava de beber o chá e comecei a passar mau, logo que, comecei a beber o chá comecei a passar mau, começou uma grande confusão em relação as coisas, que eu vivi, que assim no fundo no fundo eu desconfiava do que me ensinavam, daquela história do conto da carochinha.

Essa religião me colocava, eu vejo dessa forma os cristãos como verdade, mas eu acho como diz Einstein toda verdade é relativa. Chega uma hora então, que eu acadêmico a essa altura do campeonato, já com mais uma faculdade. No começo foi uma luta muito grande dentro de mim, entre o conhecimento racional prático, elaborado, baseado em ciência e a religião. Assim a credence de valores nesse meio tempo tive de conhecer desde os cultos afros, a cultos Indus, realmente eu viajei bastante pelas religiões tentando me encontrar.

Mas já então nesse processo já que meio numa época de ruptura com a União do Vegetal eu conheço uma menina, que é judia, a gente namora, acaba noivo. Na época eu vou visitar os pais dela, eu tenho uma visão meio ante cristã latente, que vinha se formando mas eu não tenho aquele negócio, uma visão pro judaica em mim até então, talvez um sentimento mais não a visão, e eu vou visitar os pais dela, eles trabalham numa sinagoga ortodoxa *beit lubavitch* no Rio de Janeiro, no sábado eu vou numa reformista achei legalzinha, achei meio parecida com a evangélica sem Jesus, assim boazinha. Vou numa ortodoxa num sábado, quando vou numa ortodoxa no sábado eu tive quase, que um arrebatamento, porque, primeiro, porque ela tem uma ligação muito próxima com o templo maçom, então aquilo ali quando eu entrei, eu me senti assim muito em casa, depois pelo sistema como eles eram distribuídos e a maneira de como eles eram muito ligados uns nos outros e como ficavam felizes pela maneira como exerciam o judaísmo apesar de entender muito pouco ou nada, porque tavão falando tudo em hebraico, mas eu entendia uma similaridade comigo e aquilo me marcou profundamente num único dia, eu vi uma coisa que mudou minha compreensão para com os fatos, uma única vez é como, que se eu tivesse acordado para uma existência inteira, nunca tinha vivido isso antes, sai dela atônito com isso, cheguei aqui na semana, que eu chego, chega um rabino vindo pelas bênçãos da CEJURON.

O primeiro rabino o Rav, um que tava no Recife veio e eu encontrei ele. Eu era noivo na época, aí comecei a falar vamos organizar, vamos juntar pra fazer uma comunidade judaica. Aí minha noiva chega assim, mais é vem cá, eu ti levei no judaísmo, mas eu tô querendo sair de lá, tô saindo de lá! Tô achando Jesus meu salvador. Aí eu disse cê tá de piada comigo? como é, que é eu conheço o céu e você vem me dizer, que tu tá saindo de lá pro inferno! vamos negociar, isso não pode ser assim... Cara tu quer seguir a União do Vegetal, tu segue, mas eu vou seguir o judaísmo, e ela disse assim, se tu quiser seguir o judaísmo, mas saiba, que eu já sai de lá, e acabou o noivado. Olha só eu era noivo de uma judia, que disse, que queria ser cristã e eu, então tido como cristão disse não!... Eu quero ser judeu... Como é uma troca um vindo e outro indo. Tá que não deu acabou o noivado, acabou o noivado de um jeito que foi até deselegante, nós não nos entendemos mais, eu não aceitava, que ela dentro de uma elite do conhecimento religioso abrisse mão por uma outra.

Eu me senti ofendido por aquilo se tem um sistema, que eu hoje condeno muito é.... que eu coloco como fomentador de um conhecimento programado alguns chamam isso de lavagem cerebral, então eu não tava com liberdade de consciência, eu tava tentando unir as partes do meu eu, que tinha sido construída dentro de uma vida pelo conhecimento, que o judaísmo me dava eu consegui unir meu conhecimento Maçom, meu conhecimento Rosa Cruz, a minha vivência materialista histórica dialética, com a minha realização enquanto ser religioso. Daí, comecei a viajar, fui a sinagoga no Recife, comecei a viver o mundo judaico a parti daí.

E, aí fui ao Sul e fui entendendo, engraçado vim do sul do Rio Grande do Sul, que só tem uruguaio, argentino e não tem uma vivência judaica forte na minha família, de onde veio isso? Um dia eu conversando com uma tia minha descobri, que meu avô, meu bisavô veio do Recife, na revolução dos Guararapes teve, que vim com o pai dele, porque queriam matar ele lá, porque eles eram judeus eu falei pra minha tia, porque ninguém nunca falou isso antes? Porque nunca ninguém perguntou pro meu avô quando ele era vivo? Aí uma tia minha disse, que ele tinha vindo do Pernambuco, sou de origem nordestina e não sabia. Ainda disse sou cem por cento gaúcho, que gaúcho tem isso, somos cem por cento gaúcho.

Não é incrível... tenho sangue nordestino então, foi se fechando o círculo judeu de quarta geração, tenho sangue judaico. Quem tem sangue judaico de umas cinco, seis geração ele grita mais forte quando se encontra com a cultura.

Então ser judeu dentro do meu coração, espero que desse caminho eu não saia. Quero ser feliz tendo a compreensão de mundo, com os olhos de um judeu, a parti daí eu descobri que tenho origem nordestina, que eu tive um dia antepassados, que vieram e, que atravessaram o mar, e vieram... e sofreram na mãos de cristãos. Eu enquanto maçom, encontro na cabala simbólica, que me ensinaram antes dos tempos, encontro respaldo dentro do judaísmo, que a maçonaria nasce no templo de Salomão uns dos maiores reis de referência da história judaica. Dentro do rosacrucianismo, que vem em berço anterior, mas que, serve de base ao conhecimento prático de Moisés enquanto filho do faraó, que estuda com os melhores de uma época próxima a *Akenaton*, dos conhecimentos dos templos de *Carnaque*.

Então tudo isso, esse conhecimento antigo, que essas ordens iniciáticas têm, eles convergem, ou melhor, eles não divergem do judaísmo. Do judaísmo em si, do judaísmo tradicional, não tão ortodoxo, porque na verdade toda ortodoxia exacerbada é um fundamentalismo, então se fundamentalismo fosse correto não tinha oposição. Nisso eu me encontro no atual momento, então nesse ano nosso judaico vou a Israel tô vendo um jeito de me qualificar enquanto ser judeu, e nisso eu fiz minhas novas escolhas de vida onde andar com aqueles, que pelo menos andam na mesma direção que eu, seja nos relacionamentos pessoais, seja nos relacionamentos sociais, e viver num mundo, ver o mundo com olhos de judeu essa foi minha escolha de vida, que me traz até aqui. Espero continuar nesse caminho até o fim da minha vida, tenho quarenta anos de idade, essa vida espero, que seja longa onde vou estudar, vou entender coisas, pra poder entender um pouco mais minha existência, mas, que eu seja também uma referência de certa forma essa é minha história para com o judaísmo.

O judeu pra mim é aquele, que traz consigo uma tradição de práticas, que ele entende, que são corretas e, que abre caminho pra sua evolução física e espiritual. Vejo que, a vida é um conjunto de coisas, onde sua prática diária te fomenta enquanto ser, te dando benefícios e essa mesma prática te obriga também, a uma vivência espiritual direcionada para não só, que o corpo evolua, mais o espírito também e as relações dos corpos da física, dos elementos que compõe o dia a dia, mas não só uma evolução social, mas a evolução espiritual. Então é essa forma como judeu vive. Judeu vive assim, reza aqui, reza ali, agradece aqui ,agradece ali. e ele resolve as coisas conforme está escrito naquele lugar, porque naquele lugar, que vem a ser a Torá, ali tem dicas de bem viver, que a milhares de anos existe e fazem as pessoas serem vitoriosas. Eu escolhi esse formato de vida pra aplicar na minha vida.

Se todo mundo soubesse como é crescer espiritualmente já, que ninguém mede, porque não se mede o que, não tem tamanho, e nem forma. Crescer espiritualmente é o que, se espera é crescer em sabedoria, daí entender-se como ser e criatura e como ser criador também. Começar a fazer coisas, suas orações suas palavras, vão criando ações e palavras...

Mas a evolução espiritual me espera após a morte. Primeiro eu espero que o que, tá escrito aconteça, que nós teremos uma vida sempre evolutiva melhor, o judaísmo não de uma forma declarada, não fala assim na reencarnação, mas ele fala em voltar, mas se tiver, que reencarnar de volta tudo bem, que eu possa ver as coisas por um ângulo sem paredes, tô aí pro que der e vier, o importante é viver feliz

enquanto tô aqui. Acho que essa é a grande evolução espiritual, viver o hoje como presente de “Deus”, o agora e o depois, a gente vai plantando quem sabe o que, depois tem uma colheita, e se tudo acabar, se tudo for um mero sonhar humano aí vem, Fernando Pessoa, que diz: que tudo vale a pena, se a alma não é pequena... viver bem, viver esse momento, e depois não tem mais nada, depois de morrer, só um ponto final. Também vai saber pelo, que eu tô vendo pelo, que eu já andei estudando segundo alguns conceitos judaicos e por experiência de outros relatos da maçonaria e da própria Rosa Cruz eu acho, que eu volto e volto melhor.

A Rosa Cruz, é uma escola de mistérios antiga, antiga e mística... ordem rosa cruces. Uma ordem é um grupo de pessoas, que se unem em torno de um conhecimento, que vem sendo herdado. Então, ela tem tradições pra quê, não se perca esse conhecimento no tempo, a Rosa Cruz é uma ordem iniciática, onde se inicia pessoas ao conhecimento e mistérios antigos desde a criação do mundo até hoje. Através e pautadas num racionalismo, num contra ponto científico, mas não perde o vínculo com o Eterno, com o sagrado. Rosa Cruz é uma ordem, que congrega pessoas no mundo todo, é uma comunhão de pensamentos, onde se reúnem eventualmente se quiser no templo, ou se não nas suas próprias casas. Recebem os manuscritos para estudar e aprofundar esse conhecimento antigo, mais principalmente o conhecimento interior, através de experimentos de alquimia, telecinese, vibra-turgia. Os experimentos são treinamentos, que você faz com algo para, que com aquele algo você evolua alguma coisa, que esta latente em você.

Todas as coisas antigas desse conhecimento, que a humanidade com o materialismo vai se distanciando a Rosa Cruz tem buscado. Nascida na alquimia a transformação de coisas brutas em coisas mais preciosas, através do conhecimento aplicado. E, tem acesso por graus, vai mostrando, que vai merecendo e subindo uma escada. Uma escada de Jacó, que vai subindo, subindo, subindo conforme o conhecimento vai recebendo.

A Rosa Cruz parte do pressuposto, que tudo é seu desde, que você mereça, então eles te dão conhecimento conforme você vai usar e esse conhecimento é como aquela parábola, que os cristão falam dos talentos, eles te dão um pelo, que tu faz, multiplicou vem mais, vem mais, vem mais, vem mais. A Rosa Cruz não precisa de religião, mas é bom está em uma religião, para conviver com os outros, e as ordens elas são muitas selecionadas.

Não é que vai aprender a amar seu próximo, se é muito mais fácil nesse amar o próximo amar os iguais, mas se tem que amar os diferentes, e a religião tem esse perfil de grupo de andar todos numa mesma direção não, que a ordem não tenha, mas a ordem é diferente ela não te obriga a nada, porque ela te dá o conhecimento e sabe o que, vai fazer com ele.

Já a religião é o conhecimento aplicado vai ter, que ir ali pra ver se chega em algum lugar, sem religião você também chega lá, com uma ordem dessas, mas eles preferem, que você vá lá na pratica pra ver se tá aprendendo mesmo a conviver com os outros, Essas normas mais ou menos, mas muitos são Rosa Cruz e não estudam, não tem religião se bem acho, que todo mundo lá dentro tem religião, cada uma bem diferente possível tem gente da Universal, judeu, lá dentro tem macumbeiro, gente que não acredita em nada, tem católico, tem Batista, lá também tem de todo gosto tem Adventista.

O judaísmo é ele, que a única religião, que eu conheço pensada, ela foi feita, ela é nos moldes das escolas iniciáticas. Ela é cheia de mistérios, ela é feita pra você raciocinar, pra você aprender coisas, a Torá, vem de um jeito, que o judaísmo é uma religião pensada articulada e executada, que pode ver, que quem organizou,

organizou mediante inspiração superior, porque uma letra do alfabeto, no alfabeto de vinte e dois só ela sozinha, a letra dentro do desenho, seu significado, seu peso numérico quer dizer cada uma, uma coisa diferente e ter no universo uma palavra, que dá pra contar uma bíblia. Vai se tentar uma vida inteira e não vai conseguir entender tudo.

Moisés, também deve ter feito uma coisa extraordinária pra juntar ainda todo conhecimento do Egito. Todo conhecimento atlante, e ainda receber uma inspiração divina, mexer com isso tudo e nos trouxe o judaísmo. Vamos analisar bem a tradição, que vem com Abraão mais nosso plano de leis de ordem e regras vem com Moisés, então uma religião que evolui? É uma religião assim, que é a base das ordens iniciáticas, porque ali a cabala, só tem cabala dentro do judaísmo não tem outro caminho, e a cabala é a ciência da transformação, da transmutação, da criação. Isso as ordens iniciáticas ralam ensinando, isso os rabinos sabem disso.

Então eu converso com o B., que o bom das ordens iniciáticas é que elas não te dão só isso, elas também te dão os paralelos disso, em outras religiões os paralelos disso na aplicação, que foi feita em outras pessoas, em outros lugares, ela acha a fonte de, que isso foi bebido, mas a fonte mesmo nesse tempo de hoje entendeu, que é o judaísmo essa fonte de conhecimento das ordens iniciáticas. Seria o caminho da fonte, então pra entender dá onde a fonte brota, porque que ela brota com uma ordem iniciática? Deve-se conseguir chegar nisso, mas beber da fonte, beber só sabendo onde ela tá, porque, que ela tá e aí? Então dela seria um complemento hoje na minha vida.

As ordens iniciáticas consegue beber de certa fonte, mas não vejo ante as religiões, que ali estão possibilidade alguma sem beber da fonte da sabedoria inicial, porque os elementos simbólicos até mesmo de semiótica e semiologia, que são os estudos dos símbolos não podem ser adquiridos por sionismo aliás ele é feito pra esconder isso. Ele é feito pra tirar desse caminho, pra transformar num obtuso, numa ovelha.

Os judeus são os pastores do mundo, as ovelhas do mundo é quem quiser ser. Eu entendo dessa forma, os pastores do mundo são os judeus, as ovelhas são as ovelhas, que servem pra sacrifício, pra tirar lã, pra dá carne, um pastor não vive sem ovelha. Também concordo, mas pode viver da terra, ele vive sem ovelha é a ovelha, que não vive sem pastor, porque acho, que de qualquer jeito vira uma presa do destino. Essa é a maneira como eu vejo, não é uma visão acabada, é uma visão de transformação minha.

O judaísmo é a fonte de todo o conhecimento, que se estende das escolas iniciais. Mas as escolas iniciais vão um pouquinho mais a frente, elas vão buscar o porquê que, a fonte nasceu ali? O quê, que tinha antes da fonte? Pra quê, que serve a fonte agora? Isso faz parar entre Rosa Cruz e maçonaria e elas se completam é um coisa assim interessante.

Até porque se não for judeu não consegue fazer cabala, foi judeu quem criou, como é, que o pai não conhece o filho? Tá certo que tem filhos, que a gente desconhece. Mais normalmente o cara sabe a peça que ele criou.

Então o judeu nasce sabendo, que ele tem aquilo, que aquilo é dele, ele avançará ou não nisso. Agora brabo é o cristão, muçulmano, hindu que tem, que achar outras formas de chegar a esse conhecimento. Digamos que a cabala seja um caminho reto de aprendizagem tá? Enquanto, que também se chega a "Deus" de outras formas, mas eu acho que cabala é um caminho mais tranquilo, porém a cabala é uma coisa tão grande, tão complexa que tá no ser, tá dentro do dna do ser

humano, a estrutura microbiológica do planeta, que é tão complexa, e tudo tão simbólico tudo tão profundo.

É possível ler a esfera do mundo numa história, ou numa palavra, ou significado, tudo é parte do todo, conforme você tá preparado é, que você vai recebendo o entendimento, pra tudo isso é quando o discípulo está pronto. Eis, que o mestre se aproxima pode ver isso de duas formas: está pronto pra vir alguém te ensinar, ou então porque dentro de você o discípulo virou mestre. Então não se tem noção, não tem como medir o imensurável, não tem como medir, você só sabe, que de repente você acordou vendo diferente as coisas, contando coisas de maneiras diferentes.

Tenho uma passagem de filme, que eu gosto de trazer exemplos bem simples pra pessoas entender no filme entrevista com o vampiro Tom Cruces, o menino leva uma mordida não lembro qual deles leva a mordida aí de repente, ele como vampiro começa a ver tudo diferente, tá tudo igual como era antes, mas ele já não vê, ele olha pra cadeira, mas ele não vê só a cadeira, vê um contexto de cadeiras.

Costumo dizer, a estudos da própria psicologia moderna, o exemplos dos primeiros índios quando as primeiras caravelas chegaram na América, os primeiros índios não tinham noção de que aquilo existisse, eles olhavam pra água e não viam nada, que a visão deles não estavam aberta, a aquilo com o passar dos dias começaram a surgir homens do nada, homens desconhecidos, de onde vinham esses homens? São estudos, tá escrito em livros de psicologia moderna, aí o olho deles se estendeu e eles enxergaram algo a mais que tinha pelo entendimento de entender que viam de coisas fantásticas seriam as caravelas mais não vou muito longe num tem aqueles quadro de três D, que vê no monte de folha e de repente se descansa a visão e fica olhando e começa a forma imagem por trás, é isso o caminho do iniciático, o caminho, que a cabala faz no homem, você olha pra parede e começa a ver mais do que a parede, ver os átomos que as compõe, não a olho nu, mas sabendo, entendendo, que aquilo é parte de um macro sistema agindo num micro universo é muito complexo.

Já a maçonaria é um caminho de reconhecimento do judaísmo, pra mim tudo, que lá me ensinam tá baseado na Torá, não é diferente a maçonaria também entende com os olhos, que quiser entender. Tem gente lá dentro, que consegue ver Jesus até... Mas a maçonaria é feita por Salomão, Salomão não pregava prego sem estopa tá, é um cara, que foi o homem mais sábio do mundo, mais rico do mundo, dominava as ciências ocultas, o testamento de Salomão é uma coisa fantástica, e eu até pergunto pra agora onde é o túmulo de Salomão? Onde ele tá enterrado?

São perguntas, Salomão é muito mais, que se possa absorver, ele criou um universo entre quatro paredes e botou “Deus” pra morar lá, aí porque ele sumiu? Eu não vejo em lugar nenhum tá escrito em algum lugar, uma coisinha ou outra, mas ele desapareceu da história, ou seja ele cumpriu a missão dele, e segue caminhando de outra forma entre os outros, então ver o que, tá dentro da maçonaria a escola de Salomão, tudo lá é escola de Salomão. Só que lá infelizmente entre os que ensinam não sabem nem o que, tão ensinado, tá explicando o que ele fez pra chegar até aquilo ali pra chegar nesse conhecimento, nessa melhoria quem fez que existe uma inspiração de “Deus”? Mas existe uma semente pra chegar nela, tudo no universo é ação e reação, “Deus” não dá nada de graça, você tem que merecer, “Deus” não é bom, “Deus” está acima do bem e do mau. “Deus” é mais do que isso, mais que bondade, “Deus” não tem ódio, porque ele é a razão, então como é que eu vou saber isso? É a maçonaria o maior lugar, que se encontra ferramentas pra na cabala fazer conhecimento das coisas, a cabala, já disse é a fonte sobre o judaísmo,

mas se você beber de mais de uma fonte, não se sacia simplesmente tem uma congestão. Não morre, matando a sede, se você for bobo, então até beber da fonte tem, que saber beber, e pra quê beber da fonte?

O mais interessante é meu nome em hebraico Daniel, Paulo Daniel Araújo Benito. Daniel é meu nome como meu pai e minha mãe me chamam é como minha família me chama Paulo Benito, porque é o nome mais fácil pra pessoas memorizar na televisão meu primeiro e último nome, que é o mesmo nome de meu pai, que é o nome do meu irmão mais caçula, mais um tem Raul no meio, o outro é Filho, mais Daniel é o meu nome. O nome, que a minha mãe me deu .Paulo tá, que é de pai, mas vai botar um Daniel aí, então eu tenho um nome hebraico que é Daniel e de batismo Cristão ou seja eu recebi de graça.

Vou dizer uma coisa anjo, demônio é coisa de cristão, o que existe são hierarquias, que são postas a serviço da evolução do homem. Só isso, tem uns, que são quando se quer um advogado se vai onde? Se tá com problema de direito vai onde? no advogado se tá com problema de saúde? Vai no médico, tem anjo pra tudo, tem anjo pra tudo, não tem um bom. Tem dois pra cada um é diferente. Essa palavra anjo do bem e do mau incomoda, vou transformar ela.

Existe anjos de fiscalização e anjos de construção, anjos de oposição e anjo de situação, mas os dois fazem parte do mesmo parlamento, os dois que mantém o governo funcionando e tem horas, que a oposição vota junto do governo, tem horas, que o pessoal da base aliada dá uma de bandido e a oposição salva guarda, entre o povo eles estão aí pra servir o povo, a situação e a oposição, quando a coisa é boa a situação diz pô beleza! e oposição diz tamo aqui justificando nosso salário... tem hora, que não se entende, que um quer uma coisa, outro quer outra, outro tem uma visão, que é melhor pra fazer desse jeito, mas os dois obedecem uma normativa.

Eles dão sustentamento a uma república, pois não existe igualdade no reino dos céus, se todos fossem iguais no reino do céus, não existia "Deus", que eu saiba pra esse cargo não tem eleição. Quem manda mais, chora menos da mesma coisa, que é lá em cima é aqui em baixo eu vou citar Salomão: anjo assim como é em cima é em baixo... o ser humano é bom ser humano é mau ninguém é totalmente bom, ninguém é totalmente mal, se você der a coisa certa pra alguém fazer a pessoa se transforma. Nós tivemos casos, que operário viram presidente da república, caso de apenados viram celebridades e transformam com suas palavras o mundo, vemos gente boa bem nascida, que perdeu o foco e acabou na cadeia, ou estragando a vida de outras pessoas, não existe o bem e mau existe a necessidade evolutiva. Então algumas coisas você chama a polícia, pra outras chama advogado, pra outras chama médico e todo mundo tá ali conforme o teu pagamento, tá conforme a necessidade de preparoamento, pra servir mais ou menos e resolver ou não os problemas fora isso é cristianismo.

Narrador VI

O Narrador VI é funcionário público judeu por parte de pai e mãe, solteiro e sua entrevista foi realizada no ano de 2011.

Sinto também, que eu tenho que ter um respeito pela minha família, pelo meu pai, minha mãe. Sei que meu pai, cada vez que eu falo pro meu pai, que eu falo *Shabat shalom!* É uma felicidade pra ele [...] Quando ele vier aqui ver minha casa, eu sei que ele vai ficar muito feliz, eu ainda não coloquei, mas vou colocar *mezuzá* na porta, eu sei que ele vai ficar muito feliz. Que aquilo ali é o marco, indica que ali é uma casa de judeu, se ele vim aqui vai ser a maior felicidade.

Bom, pra mim ser judeu é inseparado, da minha própria concepção de ser, do próprio eu.

O judaísmo está presente na minha vida, mesmo que, eu não tenha um reconhecimento completo disso.

O que eu percebo, é que eu recebo uma influência tão forte da minha família, que mesmo, que eu não tenha as mesmas crenças, não seja devota das crenças judaicas, não vá a sinagoga. Tenho minhas crenças de uma forma separada, eu sei que, eu sou judia! Eu não consigo, e não posso simplesmente abandonar, não é uma coisa que você... Vamos supor que, você pode mudar de time, é uma coisa, que acompanha a pessoa a vida toda.

E uma coisa que eu percebi também, isso há muitos anos atrás, porque eu quando era adolescente eu não entendia muito bem os judeus, que deixavam de ser judeu. Deixavam de se declarar que eram judeus, e deixavam de praticar os rituais do judaísmo, achava um absurdo era totalmente contra. E o tempo passou, e acabou que eu me converti a uma religião que é cristã, espírita.

Não pratico o judaísmo como fé, apesar de achar muito bonito, faço leituras assim do antigo testamento, temas do ritual judaico eu tenho interesse leio sobre. Mas não me comove assim como fé, como fé encontrei uma outra religião, que atendeu melhor meio anseio.

Eu não entendia isso, quando era adolescente. Mas agora, e esses judeus, que não se classificava como judeu, mas eram totalmente reconhecidos pela comunidade judaica, assim principalmente os que, tinham vamos supor nomes importantes da ciência. O cara nunca falou que era judeu. Mas todo mundo da comunidade judaica sabia, que o cara era judeu, então acho que, isso tem em relação a todas as pessoas.

Por exemplo, aqui, quando eu vim morar isso ficou evidente, porque eu apesar de ser uma pessoa comum, que uma pessoa comum não tem o nome associado a nenhuma descoberta, meu nome não tá associado a nenhuma grande descoberta científica até o momento não sei, mas até o momento não foi.

E descobri que não, que meu nome é associado ao judaísmo pra comunidade judaica daqui, então isso é uma coisa, que você tem em você e que faz parte da sua

vida, mesmo que seja minimamente. Mesmo que seja através do outro, o outro te classifica.

Eu sou filha de judeus, meu pai e minha mãe são judeus e praticam o judaísmo, principalmente meu pai minha mãe é mais tranquila.

A comunidade aqui no norte é a maior parte são os judeus chamados *sefaradi*. Minha família é *askenazi*, que é outro tipo.

Então eles têm algumas coisas, que falam diferente, tem alguma diferença, mas assim eu acredito que a frase que sempre dizem por aqui sobre o concerto do mundo venha.

O ambiente que eu cresci, foi num ambiente judaico, mas, não religioso. Ele é chamado o judaísmo laico, é um judaísmo onde as pessoas se dizem judias querem manter a cultura judaica, mas não são religiosas ferrenhas, então tem muita coisa que eu aprendi depois, que eu fui pesquisar o que era aquilo. Eu quis saber, falei poxa as pessoas tão pesquisando e sabem mais do que eu, eu que tenho que saber, eu que tenho que falar pra eles, muita coisa, fui instigada pela pesquisa.

Pensei pô eles tão sabendo mais do que eu, agora eu penso assim algo, eu não vou falar o que é, porque eu sei, mas eu imagino, que seja relacionado com a vinda do *Mashiach*, que é o messias, que move o judeu religioso é ta esperando o salvador. É o espírito, que vai redimir toda a humanidade do mau. Então o judeu vive esperando isso, o radical, o ortodoxo, o que tem uma crença assim mais fiel.

Porque como eu sempre tive contato com judeus do mesmo tipo que é minha família, que é assim não iam à sinagoga e tal, era uma coisa meio estranha, era uma coisa que passava muito pelo mental.

Vamos supor uma coisa que eu já vi, uma pessoa, que vai numa igreja, ela lá tem um momento assim de um êxtase emocional, a pessoa que vai na umbanda, que vai no candomblé, entra em transe. Na sinagoga também, na forma de rezar, e como eu não ia. Eu era judia, não podia ir à igreja, não podia ir a outros lugares, porque eu era judia, eu também não queria, então eu só descobri na religião que eu frequento.

Essa coisa, que é justamente, que eu acho, é que a religião está diretamente conectada com a emoção, acho que não é com a razão. E aí eu acho, que o judaísmo faz muito parte da minha vida no sentido do intelecto, no sentido da emoção não houve um encaixe. A peça do brinquedo lego, não encaixou.

A alimentação mesmo na minha família, pelo que minha mãe fala tinha momentos assim, que meu avô tinha mais preocupação de ter a alimentação. Por exemplo, no Yom kipur que é o jejum meu avô fazia e obrigava minha vó. Minha mãe sempre conta, que eles ficavam no jejum, ela ficava verde, assim morrendo de fome e o meu avô ficava lendo o livro inteiro, o livro grosso, ficava lá. Ninguém podia comer, ficava olhando aquela mesa, as crianças olhando, ninguém podia comer ficava aquela coisa, ele fazia tudo, mas assim nunca tiveram obrigação de só comer *kasher*.

Tiveram tipo assim, a alimentação típica da festa, que a gente fazia em casa, minha mãe fazia, minha vó sempre fez, mas não tinha, por exemplo, não pode comer carne com leite no mesmo alimento, separação na cozinha, nunca teve isso, nunca teve até porque, é meio complicado.

Assim, na verdade a pessoa, que tem pra ela fazer a *kashrut* assim do jeito, que os rabinos fazem, a legislação determina ela tem que ter um apoio muito grande. Uma pessoa bancando a família dela, se não tiver condições, ou a família dela tem que ter condições mesmo, porque a pessoa vai ter que, ter duas cozinhas na verdade. Então já não vai ser pequena a casa dela. Ela vai ter que ter duas pias.

Hoje em dia a gente não vai salgar o peixe e botar na janela pendurado, ainda mais sei lá uma pessoa, que mora nos grandes centros. Uma pessoa que mora no centro de Porto Velho não tem condição, então tem que ter duas geladeiras, porque ela não vai poder colocar na mesma geladeira. Agora ela pode fazer o esforço dela. Porque também se o que, é importante pra ela é, que ela não pode se alimentar, ela pode muito bem simplesmente botar o que, ela tem na geladerinha da casa, ela bota uma gaveta que é a carne, e outra gaveta que é o queijo, e não mistura nunca, e lava muito bem se aquilo é muito importante pra ela.

Acho que é uma coisa do significado que tem pra pessoa, agora existem leis que, vão falar não pode, não pode, agora se o significado da pessoa é importante, por exemplo, se ela vai tomar Nescau ela não vai comer hambúrguer.

Na minha família não guardávamos, sempre comemos carne de porco, de tudo, lá em casa, a gente nunca comeu comida gordurosa. Porque meus pais nunca gostaram, e meu pai teve uma dor quando, eu tinha uns dez anos eu acho, meu pai teve uma pedra na vesícula, e já quase não comia coisa gordurosa. Minha vó fazia altas comidas, assim à mãe da minha mãe, que eu conheci, que quando ela faleceu, eu já era adulta, mas a mãe do meu pai, pai do meu pai eu não conheci eles.

A mãe do meu pai fazia umas comidas bem dos judeus da Europa oriental, que são bem oleosas, por exemplo, é um negócio chamado *shimaltz* sei lá, é uma banha de galinha, ela derretia a banha da galinha, e fazia tipo uma manteiga, passava no pão, meu pai adora isso até hoje. Tem várias vezes, que ele fala poxa C. você podia aprender a fazer, eu respondo, poxa pai aonde eu vou arruma banha de galinha, e derreter, uma coisa que eu acho meio inviável, mas tudo bem. Minha mãe, também não gosta de cozinhar, ela cozinhava, porque era dona de casa, só que hoje em dia ela praticamente não cozinha mais, meu pai que cozinha quando quer cozinhar. Ela falou a minha filha eu já decidi, não quero mais cozinhar. Então, não tinha essas comidas gordurosas, não tinha assim, leitão assado, nunca teve, mas assim presunto, presente fatiado de padaria sempre teve, misto quente sempre teve. Por exemplo, o porco é o mais conhecido, que muçulmanos também não podem comer, de restrição alimentar eu acho que a restrição alimentar mais conhecida dos judeus é o porco.

No Rio de Janeiro, que foi onde eu nasci, a galera nem se liga em peixe de couro, peixe de couro é uma coisa assim super exótica. Porque a galera come muita sardinha sei lá, come peixe do mar, que são com escama. A carne de vaca, não é toda vaca, que o judeu pode comer, por exemplo, as carnes que são consideradas de primeira, que a gente chama de primeira nenhuma o judeu pode comer, nenhuma é *kasher*. Picanha, nem pensar, filé mignon nem pensar, têm as más línguas que, dizem porque é a parte melhor, então tipo, eles vendiam, são as más línguas. Acho porque, também eles de repente tinham, que dar sei lá, pro senhor feudal, alguma coisa assim. E isso é uma norma pra todo judeu *askenazi* ou *sefaradi*.

Com certeza as carnes, que a gente considera as mais nobres, as mais saborosas, não são *kasher*, mesmo que seja abatido da forma correta pelo o cara que faz abatimento, mesmo assim, essa parte não vai ser separada pro judeu, ele não vai comer, então, por exemplo, a gente sempre comeu carne bife alcatra, sem problema.

Até mesmo pro prato tradicional que o judeu *askenazi* comem no *Shabat*, tinha que ser uma carne mais consistente para ficar cozinhando da sexta até o *Shabat*. O prato fica cozinhado para comerem no sábado uma comida chamada *shulanti*, que é uma espécie de feijoada, só que, nessa feijoada tem carne, isso fica cozinhando a noite toda, no fogo baixo é carne, pedaço de carne com uma espécie

de uma lingüiça, que é de carne de boi, batata, uns dois tipo de feijão, grão de bico, ai tempera com páprica, sal, alho bastante alho, e põe uns ovos pra cozinhar também, depois que descasca ele fica meio cinza depois que cozinha, cozinha muito tempo, mas é muito gostoso, eu acho muito gostoso, cozinham umas doze horas.

Então tem isso também, por exemplo, se uma pessoa não tem condição, aqui não tem abatedouro *kasher*, no Gonçalves não tem uma parte só *kasher* não sei o que, mas você vai lá ao açougue você sabe, que não pode comer filé mignon, simplesmente pega um coxão duro, sei lá uma parte que ela pode comer, ela não foi abatida da forma certa, mas pra ela eu acho que, é isso que importa, se isso tem significado pra ela, se pra fé dela, pro exame de consciência dela, ela vai se tornar um ser humano melhor, ela crê naquilo, ela tem fé, que esta agradando a “Deus”, fazendo aquilo eu acho que vale. Da mesma forma, que pra mim vale fazer outra coisa, pra mim, não me importa se eu vou comer filé mignon, ou se eu vou comer coxão duro, tô agradecendo a “Deus”, porque ele me deu a oportunidade de esta comendo, e posso escolher, tem gente que tem, que agradecer por comer lixo, então ainda posso escolher, olha que maravilha, então isso é individual.

Pra mim como judia “Deus”, é um “Deus” da guerra, assim um “Deus” que, é o “Deus” da conquista, é o “Deus” da conquista, da vitória, é um “Deus” da separação também, porque uma das minhas críticas ao judeu, é que ele se separa sempre, estar sempre se separando dos outros, se colocando num pedestal.

Sempre vejo assim como ele se separa ele esta olhando de cima pra baixo, vocês eu sou o povo escolhido, ele é o povo escolhido, não, pera aí, não é o ser humano que é escolhido? Porque é todo mundo humano, há quem diga, que o humano não é tão especial assim, porque todos nós fazemos parte da vida orgânica, então fazemos parte de todo um sistema orgânico na terra, então eu não sei acho que é um “Deus” de combate.

Acho que é por isso, que como ele é estrategista. Então ele tem que pensar, o judeu ele estar sempre pensando, esta mais preocupado em pensar, do que sentir, eu sinto isso. O foco dele é muito na mente, por exemplo, na religião dele, os rabinos estão discutindo coisas que tão escritas.

Eles não tão discutindo, o que eles estão sentindo, fazendo aquilo, por exemplo, se estar certo a questão, se estar certo o abrir o guarda chuva no sábado ou não. Eles não discutem se a pessoa se sentiu ofendida por não poder ou não, eles discutem que tem, que estar escrito, e isso leva a pessoa crer, que a possibilidade de você abri o guarda chuva você vai está fazendo uma casa, mas e o cara sentiu, se ele sentisse uma coisa estando na casa dele, ele perceberia que, a sensação dele dentro da casa é diferente de quando ele está na chuva com o guarda chuva aberto, não é a mesma coisa, abrir o guarda-chuva, na chuva não é fazer uma casa, pra mim. Eu acho que tem haver com isso de ele, estar sempre separado, assim como se fossem cabeças voando, e faltasse o resto do corpo.

Durante esse tempo acho que alorei, no sentido de eu ter mais respeito, assim comigo, não simplesmente me negar, porque as pessoas, vão sempre continuar a me considerar judia, tanto as que gostam de mim, como as que não me gostam. Acho que, nem sejam tantas assim, acho que mais pessoas gostam de mim, do que as que, não gostam, até porque, só existem dois tipos de pessoas, as que gostam de mim e as que não me conhecem.

O “Deus” dos cristãos é o oposto, então ele é justamente o sentimento. É isso que pra mim sendo judia e cristã ao mesmo tempo, é que eu tenho que aproveitar, é que o sentimento e o pensamento juntos é uma coisa assim maravilhosa, porque o homem, que utiliza só o sentimento ele pode cometer erros absurdos, também

porque as pessoas não têm sentimentos bons o tempo inteiro, as pessoas estão sujeitas a sentir raiva, ter rancor, ter magoa, isso tudo é sentimento.

Numa experiência que eu tive emocional, religiosa emocional, que eu nunca tinha tido, e foi assim, a parti daquele momento, eu não necessariamente me converti a religião, que eu sigo hoje, mas a minha concepção de mundo mudou completamente, e eu agradeço a “Deus” independente de ser cristão ou judeu, até hoje por ter me dado essa oportunidade, de ter tido aquela experiência, porque aquela experiência pra mim eu saí de um casulo, em que eu estava, encima de um pedestal de povo escolhido, pra me colocar num lugar de uma pessoa, que é um ser humano, igual como os outros, que tem defeito, que tem qualidade positiva, positiva, negativa. Que as negativas têm que ser trabalhadas evoluídas e tal. Me colocou aonde eu começava a ver a humanidade.

No mundo tem fenômenos, estão acontecendo, as populações estão brigando umas com as outras, as pessoas estão ficando ricas, outras pessoas estão ficando miseráveis, as coisas estão acontecendo não é só meu mundinho fantástico. Por isso a experiência emocional na religião foi muito marcante, assim, mas também gerou um choque.

Quando apareceu esse “Deus” cristão, parece que dentro de mim, a parte que apreciou o “Deus” cristão quis expulsar o “Deus” judaico de qualquer jeito, só que ele não sai, é por isso que eu acho na verdade, que o equilíbrio virá quando eu reconhecer, que é ying e yang⁴⁶. Na cultura oriental o ying e o yang, o negro e o branco tudo é uma dualidade, então eles se completam. Pensamento e sentimento eles se completam, se eles tiverem equilibrados com a mesma força, a pessoa tendo pensamento positivo, tendo sentimento positivo, partindo pra uma sabedoria evolutiva, aí o pensamento dela vai gerar uma série de ações, que ela vai fazer aquilo positivamente, então, ela precisa de pensamento assim como ela precisa de sentimento.

Eu preciso reconhecer, que os dois são necessários, que é um merecimento bom eu ter nascido numa família judia, eu ter tido esse tipo de educação, e ter conhecido outro lado, eu tenho as duas possibilidades, porque a maioria das pessoas não tem.

Em Israel, pode se verificado, que quase toda a população é assim, vamos supor o cara é budista, ele acorda de manhã e reza, não sei quantos mil mantras e tal, mas ele mora em Jerusalém, então ele come *kasher*, ele fala hebraico, ele estuda a história judaica na universidade e tal, mas ele é budista. Ele não quer seguir.

E não é, porque ele não quer seguir, que deixou de ser judeu, porque eu poderia fingir que não sou judia, que eu não sei nada, e não querer saber existe essas pessoas que fingiram que não eram.

Na Alemanha nazista existiu muito isso, pessoa que escolheu não ser judeu, e as gerações seguintes, não sabem, que são descendentes de judeus, porque os avós não contaram, que eles eram oficiais, mas que ele era judeu, mas o chefe dele chegou pra ele, você vai ter que escolher agora, mudar seu sobrenome, ou você escolhe ser judeu, e a pessoa decidiu não ser então é possível.

Sinto também, que eu tenho que ter um respeito pela minha família, pelo meu pai, minha mãe. Sei que meu pai, cada vez que eu falo pro meu pai, que eu falo *Shabat shalom!* É uma felicidade pra ele, que eu falo no sábado com ele, eu sei que

⁴⁶ *Ying* e *Yang*: Na cultura oriental *Ying* representa positividade e *Yang* negatividade, forças antagônicas, mas complementares uma da outra.

ele tá feliz. Quando eu falo, que eu fiz *pessach*, aqui em casa ele fica muito feliz, eu sei que, pro meu pai é uma grande felicidade.

Quando ele vier aqui ver minha casa, eu sei que ele vai ficar muito feliz, eu ainda não coloquei, mas vou colocar *mezuzá* na porta, eu sei que ele vai ficar muito feliz. Que aquilo ali é o marco, indica que ali é uma casa de judeu, se ele vim aqui vai ser a maior felicidade. Eu sinto que, ele sempre me respeitou, mesmo ele sabendo, que eu não queria ir a sinagoga, a gente teve um pouco de atrito no começo e tal, mas sempre me respeitaram, então é uma retribuição. Mesma coisa se eu tiver um filho, que se for homem eu quero que faça a *Brit Milá*, depois ele escolhe é claro, depois que ele quando for adulto, se ele quiser ser judeu legal, se ele quiser ser padre legal, se ele quiser sei lá... Só não quero que ele seja bandido, se for militar vou ficar meio...

Mas, eu não to pensando nisso agora, mas eu fico pensando se eu tiver um filho eu vou querer que ele saiba. Vou fala pra ele, olha sua mãe é judia, ela não pratica a religião, mas seus avós são judeus. Você sabe o que é judeu? Vou explicar pra ele. Porque a gente escuta muita coisa.

Por eu ter sido criada numa comunidade judaica muito grande, com uma estrutura muito grande, e muito bem edificada e preparada, eu só vivia dentro dali. Quando eu fui estudar num colégio, que não era judaico, eu me espantei as pessoas, não sabiam o que era judeu, achei que era óbvio pra mim todo mundo sabia o que era judeu, ninguém sabe.

Não, porque judeu é uma coisa assim, é tipo um cara estranho, que usa roupa preta entendeu? Pra pessoas, que eu encontrei é um cara estranho que usa roupa preta, ou são os caras que mataram Jesus. Tipo não existe no mundo mais! Não existe mais no mundo, tipo aula de história e geografia, nem pensar sobre Israel, nem pensar, a galera não sabe nada, mas é isso aí.

Foi bom entender que isso que é estranho, às comunidades judaicas elas são minorias, que se comportam como se fossem a maioria, assim como se todo mundo sabe o que é, não! ninguém sabe, você é um por cento da população mundial, dane-se você entendeu?

O que me envergonha no ser judeu, é que pra eu ser judeu é se sentir superior aos outros, se sentir povo escolhido, é se sentir superior, se sentir coitado. É ficar usando de acontecimentos históricos, para praticarem uma coisa contra um povo, ficar remoendo dores do passado, fazer lavagem cerebral com as crianças. Então infelizmente o que me marcou em ser judeu foram coisas negativas, por isso eu não quis mais o ser judeu, mas eu sei, que ao mesmo tempo, você pega um livro do rabino, o cara pode até falar besteira, mas você vê frases maravilhosas entendeu? Tipo o cara tem um sabedoria, então dentro de tudo isso, eu sei que a gente não acaba por aí.

Só que pra mim essa coisa foi tão... Quando eu percebi que existia isso, que pra mim isso é evidente, existe por mais que venha novecentos mil judeus falando não você estar errada, eu no momento não tenho condições de acreditar neles, vou continuar acreditando no que eu acho entendeu? Isso foi muito forte, foi aquela questão eu comecei a olhar também pro outro, não só pra mim. E acho que olho muito mal olhado, eu acho que eu vivo muito no meu mundo, e ainda não consigo realmente ver o que tá acontecendo, mas o primeiro ápice de visão que, tive já deu essa impressão com a minha pessoa mesmo.

Que foi agora, eu acho, que se eu comandasse esse negócio aí, eu ia colocar outras datas também, acho que tem tantas coisas boas pra se lembrar, tem coisa boa pra relembra vai ficar lembrando as desgraças.

Outra coisa morreu seis milhões. Foi horrível, as pessoas eram retiradas das casas delas confiscavam todos seus bens, mandava a pessoa pro campo, ela entrava numa câmara respirava o gás, e morriam e depois queimavam as pessoas, depois transformavam os restos em sei lá, sabão. Era uma coisa horrível absurda, mas estão acontecendo holocaustos no mundo inteiro até hoje. Então morreram seis milhões de pessoas, infelizmente estão ocorrendo às pessoas estão sendo massacradas, a humanidade faz isso né? Agora na Iugoslávia o cara saiu mantendo todo mundo a pouquíssimo tempo entendeu? Agora, África vai matar todo mundo pra ficar com todo ouro e diamante e etc. Nós aqui mesmo, nosso país a gente tá aqui, porque matou milhões e milhões de índios, tá aqui batendo um papo.

Isso então ficar todo ano lembrando é um porre.

Eu me lembro com oito anos tendo que ver fotos, as crianças vendo fotos das experiências do Mengele⁴⁷ com as crianças, cortava o braço da criança colava no outro braço, não precisa mostra pra uma criança de oito anos isso. Pra mim, hoje refletindo sobre o que aconteceu comigo, eu considero isso uma lavagem cerebral, ou essa criança vai ficar provavelmente revoltada que nem eu, revoltada pra dizer eu não quero ser isso uma pessoa, que se sente coitada e superior ao mesmo tempo, ou vai entrar na linha e falar não sou o povo escolhido e tal. Ou vai falar eu sou judeu, vamos ter filhos judeus, vamos reproduzir esta coisa, o estado de Israel, vamos matar todo mundo, dane-se os árabes é isso.

⁴⁷ Josef Mengele: um dos médicos nazista responsável pela diferenciação e seleção dos que serviam para trabalhar e dos que seriam destinados às câmaras de gás.

Narrador VII

O Narrador VII é empresário em Porto Velho, judeu por descendência de pai, casado com filhos e sua entrevista foi realizada no ano de 2011.

“... eu não visualizo judaísmo como sendo religião, eu visualizo o judaísmo como sendo um povo, uma origem. Aonde nós temos um comportamento, e aonde nós temos uma história, e onde nós temos uns preceitos, e onde nós temos umas festas. Onde nós temos umas obrigações, que nós recordamos constantemente pra se ter. Pra não se cair no esquecimento, o que aconteceu nosso passado e nós estamos passíveis de uma cilada. Nós somos passíveis de ser enganados. Logicamente que isso aí assim: o que é ser judeu? Ser judeu é uma pessoa que tem liberdade. Uma pessoa que tem independência. Uma pessoa que tem coração. Uma pessoa que acredita em “Deus”...”

A vida dele é sempre um desafio [*do judeu*]. Então é um povo que não se aquietou muito. Posso imaginar ser judeu em Rondônia, que tipo de situação! Estar aqui em Porto Velho, Rondônia! Ser judeu aqui! Pensar da forma que o judaísmo... não tem nada de diferença do que uma crença que acredita no Eterno. Que acredita em “Deus”. Não tem nada de diferente.

O que aconteceu com a gente é, que nós passamos por vários sacrifícios, várias situações, por vários não vou dizer constrangimentos, por vários holocaustos. Nós tivemos vários holocaustos na nossa trajetória, naquele contexto de perseguição e com o tempo houveram... não é aquela pulverização, aquele deslocamento pra vários pontos na nossa terra. Então com modificações até de posição de vida. Nós temos, não é a palavra liberalista, nós somos social-libertário, com liberdade. Nós vivemos num mundo social, com liberdade. Então não existe essa história de estar vigiando ali. Não! Aquilo ali, tem que tá ali, mas só que sabendo que a responsabilidade ela existe!

No Alto Madeira e o baixo Madeira tem muita gente espalhada. Tem muita gente que perdeu a identidade. É...deixou porque ih...é complicado! Deixou a origem por força do desaparecimento da comunicação. Aquela comunicação da filosofia judaica, do povo. A falta...a falta do...o que que acontece? Foi diluindo.

Quando em mil novecentos e pouco aqui, isso aqui era bastante desenvolvido! Que a coisa ficou mais... eles foram embora daqui. Muitos foram embora. Desceram. Quando eles forneciam produto aqui, pra sair pra Bolívia, pro Peru por aqui, por Abunã, tinha muito judeu trabalhando aqui. Depois foi, teve muito judeu na Bolívia. Migrou muito europeu pra Bolívia. Muito *Ashkenazi* veio pra Bolívia, ali. Pra aquela parte, vieram pra ali. Ficaram ali fugindo do frio alemão.

É porque aqui é poucos. E, a interpretação do que é judaísmo, o Cristão não capta isso. Não entende isso, porque eles tem uma ladainha, que nós não ficamos porque tem aquele judeu, que se ele for fazer isso aqui, ele reza se ele for fazer isso

aqui, ele reza mas tem outro, que não tá nem aí. Ele não tá nem aí. Ele sabe o que que é, ele mentaliza e acabou-se. Mas tem aquele outro que tá ali e tudo que ele fizer é "Baruch Hashem na,na,na..., Baruch até adonai" toda hora! Ele vai tá dizendo isso. Ele vai tá pensando. Se ele pensar der dois passo, ele: "Barucha até bla,bla,bla". Mas tem aquele, que não... vai fazer a coisa naturalmente. Não tá... quer dizer, às vezes nem reza. Ele não tá nem aí, mas ele sabe. Ele sabe o quê, que ele pode passar, ele sabe o quê é, que ele tem que fazer, ele sabe como é, que ele tem que se resguardar, ele sabe, que ele tem, que ter os preceitos do povo. Ele sabe tudo isso. Então isso aí. Agora aqui numa, nem numa cidade onde você tem 600.000 habitantes, acho que acredito, que tenha aqui em Porto Velho, chegando a isso já, onde você deve ter uns 30 judeus.

Aí desses trinta, quarenta, que tem aqui, houve uma diluição dos costumes. Porque alguns vieram de uma formação, de uma influência materna cristã. Pô, uma mulher influência muito no caráter dum homem. Tanto a mulher, quanto o homem, mas a mulher, talvez na educação, ela influencie muito mais, e muito mais, dependendo de como for a conversa do homem. A mulher influência muito então, isso aí, por força da nossa religião, que abrange aqui, eu vou falar aqui cristã, ela tem muita força. Então, tem muitos, que foram, que são de sangue judeu, mas que foram educados de forma cristã. Mas tem os que...acontece isso! Existe mesmo! E sem contar os que abandonam, que desconhecem até raízes. Desconhecem as origens.

Eu conheço judeu aqui que não tá nem aí pra própria religião. E não é ateu. Não tá nem aí. Não quer saber, não que nem saber. Esquece isso! Pra ele deixou de existir. Eu não... tem como eu... não tenho como ter influência. Não existe essa influência. Eu não sou, a gente é muito difícil isso, pra você fazer um resgate. Pra ter isso, não tem! Isso aí pra acontecer tem que ter, tem que vim espontaneamente. Ou mandar buscar de uma forma, não tem! Não é a nossa. Nós não somos daquele que vamos, não! Nosso esforço é físico, é mental, é trabalhado, é todo, é de forma. Nós não nascemos carregado em andor. Num têm! Ninguém foi carregado num andor! Não é, que conversa, não é! Tivemos reis poderosos mas de andar... ele nós não tivemos essa benevolência. Nós não fomos mostrados, de jeito nenhum!

Então isso aí não é, que seja um impeditivo. Não é que seja um nada. É que a gente não vai resgatar, não vai conseguir porque nós não usamos essa técnica de ser um doutrinador. Não tem, não tem! Agora mesmo vou dar um exemplo: a menina lá que é cantora. Boa, que optou pelo cabalismo. Madonna, que não deixou de ser uma raiz judaica. Foi se envolver agora com um muçulmano, um islâmico. O cara deve ter olhado, acabou o namoro acabou, o relacionamento. É, então aqui uma pessoa não vai enxergar, vai saber que não tem! É como se ela pegasse o mel e o fel e fosse misturar e ficar o mesmo sabor. Não tem, num fica! Não fica, não adianta! Num tem como fazer determinadas coisas. Adoçar ou tirar o amargor. Ou não existe. Não faz! Não tem!

Então o que que acontece, nós temos uma formação, muito bem dizer, eu não falo bem equilibrada, eu vou dizer muito é madura. Nós temos uma formação muito é independente. Nossa, a gente tem muita postura. Não é porcaria isso! Então é o tipo da coisa, se eu entrar ali naquela igreja, o cara vai saber, que é sacanagem. O pastor vai olhar pra mim vai dizer, o filha da mãe, que ele vai saber, que eu não vou acreditar no que, ele tá dizendo. E ele vai olhar e ele vai dizer poxa, esse cara era um sacana. Esse cara é um filho da mãe. Ele veio olhar aqui pra saber alguma coisa, pra me sacanear porque não tem isso!

Nós recebemos aquelas mensagens. Aqueles mandamentos que diz vai por livre arbítrio, vai. É... nós ainda temos um dia do perdão. Nós temos o dia do perdão, então não pode tá todo dia pedindo perdão. Porque não vai dar certo. Tem o dia do perdão e o perdão nosso, tem que saber pedir o perdão. Senão não tem perdão. É como fazer uma coisa e daqui a pouco virar pro sujeito e por favor me perdoe! Não vai fazer isso! Isso tudo é bandalheira! O perdão não é comprado. Quer dizer, que eu faço uma sacanagem e eu vou comprar, vou pagar? Não é por aí. Às vezes eu não pago nem pra outra pessoa, é assim que funciona? É assim que funciona e lei de “Deus”? É assim? Só se for na cabeça de idiota! Não tem!

Aqui é trinta ou quarenta. Se tiver uns trinta, quarenta porque é, que tem origem mesmo uns trinta, quarenta, que tem origem porque é muito difícil. Eu já venho duma relação que a minha mãe era cristã. Já venho duma relação, que a minha mãe era cristã. Eu tenho essa história. Aí os avós eram judeus. Meu pai era filho de judeu, então isso aí como eu conheço! Vários, que tem o sangue do pai e a mãe é convertida também, não quer. O que interessa muito pra gente é a forma de como pensa, de como se pensa, de como a cabeça produz, de como é, que a gente toma os conhecimentos, como é, que a gente aprende a viver...

Então aqui, eu convivi muito com Seu José. Eu fiz muitos negócios com o velho e o velho tem uns filhos, cinco, seis filhos, que são descendentes dele: Benjamim, Ismael, Israel, tem um monte deles, lá. Mas por força da mãe, a mãe ser cristã, ele não teve a condução de levar os filhos pra praticarem o judaísmo. Não, tem uma menina, acho que foi uma delas, mas também não casou com judeu, casou com cristão. Como sair tudo não é, que seja empecilho, não é que seja conflitante, mas é uma forma de deixar a assiduidade do entendimento do que é judaísmo. Diminui o vínculo, a raiz. A raiz passa a ser menor.

Hoje eu tenho um filho, ele mora em São Paulo. Tá aqui. Ele vai ficar um tempo aqui. Aí em São Paulo, já tá aparecendo Sinagoga messiânica, mas isso é uma gozação.

É a mesma coisa que dizer, de analisar, de ver. É porque tem árabe cristão. Quem é os cristãos lá em Israel é os palestinos, grande parte deles são cristão. Tem uma facção lá cristã. Cristã, católica, cristã. E tem outra que é muçulmana. Mas eles tem uma facção católica e na hora que a coisa aperta, eles correm pra debaixo da saia do padre. Eles correm pra dentro da igreja.

Quando o judeu chegou ali, que ele rodou, que ele migrou. Como é que foi o deslocamento do lugar pro outro oposto. Que quem sai do Egito pra ir pra Babilônia, poxa, é comer o pão, que o diabo amassou. Com certeza! Então eu tenho, que aprender isso.

Dentro da minha casa a formação, que eu tive do meu pai, já direcionava a conduta nessa vertente, então o meu pai tinha dificuldade de relacionamento religioso com cristão. Tinha esse entendimento e isso aí não se colocava isso em choque. Nós colocávamos em choque o nosso comportamento. Nós tínhamos que ter um comportamento, que era dentro daquilo. Na forma de como se pensa, de como se age, de como se conduz. Independente de quem seja as pessoas, que estão em nosso redor. Nós temos que ser dessa forma. Então deixava, deixa-se para os outros, fazer da sua vida a sua vida, deixando de lado, não vai perder tempo, não! Isso não faz parte da gente.

Nós não temos oposição, opositores. Nós não! Olhamos isso, quando uma coisa não agrada a gente, o que nós fazemos? Se afasta. A melhor coisa a fazer é se afastar, porque somos o objeto do meio. Somos o meio, um fruto do meio. Não tem jeito! Isso é a coisa mais racional que existe. A inteligência da gente ela é fluente.

Ela tem uma captação de conhecimentos que passamos a vida inteira adquirindo isso, aprendendo a raciocinar. Aprendendo a enxergar, aprendendo ver, aprendendo.

Nós não usamos a técnica de tá concertando os outros. Isso não existe pra gente. Isso a gente não tem! Isso nós não podemos fazer. Isso aí é um pecado! Isso é um pecado! A gente sabe tanta coisa, que nós não podemos colocar em prática e nem trocar por dinheiro. Porque isso é pecado. Nós não fazemos isso. Não faz porque isso é complicadíssimo. Isso é um pecado e o ser humano por força da independência, por força da liberdade, ele não atende uma informação, num quer nem saber! então isso aí é a pessoa, o sujeito tá ali agora é fácil me dar!

Existe milagre e a gente sabe disso. A gente sabe que tem milagre. Nós sabemos disso. Mas o milagre é uma graça de “Deus”. “Deus” faz milagre e essas graças acontecem na vida de todo mundo. Mas acontece quando a pessoa mais precisa. Esse que é o milagre. E acontece sem nem ter como.

É porque o milagre, ele vem espontaneamente e tira a pessoa de uma situação. Modifica ou impede de passar pra um outro estágio do mundo. Isso é um milagre! E a pessoa tem uma doença e essa doença ser curada por força do nosso organismo. Nós temos um poder de reconstituição até determinado ponto, que depois dá falência. Pois tem um período.

Nosso organismo cansa também. E vai dar a falência. Mas enquanto isso não acontece, o homem tem a possibilidade e a probidade de recomposição orgânica, celular de se recuperar. E isso muitas vezes é por força de um milagre. Com certeza. Porque às vezes, o remédio que tomamos não dá efeito e o remédio pra outra pessoa toma, e o efeito é multiplicador. Às vezes a situação, que a pessoa se encontra. É socorrido de uma forma, que tem um benefício espontâneo. Aí, na ocasião letal, foi socorrido então é isso aí. São milagres, que acontecem na vida da gente, independente da gente tá pedindo isso toda hora. Pode tá e se acontece, é porque, pra mostrar, dar muito mais segurança. Porque temos que fazer a nossa parte na vida e continuar com a existência, até o dia que “Deus” quiser. É assim que a gente vive!

Não nasci aqui, eu nasci no Pará. Nasci no Pará e por força das circunstâncias, eu fui obrigado a sair de Belém. E eu não tinha como ser educado, com a formação. Eu tinha dificuldade do relacionamento cristão desde criança. É complicado, vou falar uma coisa: o que somos carregamos conosco. Não adianta, não adianta! Querer marcar um animal, botar ele de outra forma. Não tem jeito!

Então na minha infância, eu já tive dificuldade de relacionamento com cristianismo. Aí o que aconteceu? Como a gente tem liberdade. Nós somos um povo que uma das coisas mais primordiais pra gente, é a liberdade. Nós temos liberdade. Agora, nossa liberdade é conversada. É mostrada.

Eu saí do Pará e fui morar em Petrópolis, onde tinha *Yeshivá*. Então convivi com os judeus em Petrópolis. Aqui oh! Sentava assim e eu! Mas quando se está em uma *Yeshivá*, tem um tratamento recluso, porque estão numa formação, que não pode desvirtuar. Nem se relacionar com pessoas que são que nós chamamos *goia*, *gói*. Não pode perder tempo. O espaço é muito curto e o aprendizado porque tá ali.

Numa *Yeshivá* se estuda a parte religiosa, e estuda a parte do conhecimento educacional. É uma escola normal, faz o segundo grau normal. Muitas vezes fazem isso num colégio, que não é israelita, mas o ensinamento logicamente, que ele é visto e verificado, se ele tem força de conhecimento pra aprender alguma coisa.

Então, esse colégio chamava-se Carlos Alberto Vernek. Eu estudei lá. Eu estudei lá como interno. Eu passei quatro anos internos, lá dentro desse colégio.

Porque eu não tinha parente. Que eu tinha, no Rio de Janeiro, eram duas tias e muito cristãs. Mas cristã mesmo! E me colocavam numa prisão, porque um colégio interno... eu fiz reformatório! Colégio interno, a gente ficava lá dentro, só saía de sete às nove. Uma vez por semana. E domingo às vezes, cinco horas da tarde, sete horas da noite. Aí de manhã às nove horas ia todo mundo pro café. Aí tinha que voltar às onze, por causa do almoço. Depois saía às três e voltava às sete, dependendo da situação escolar. Se tivesse boas notas, tava liberado. Senão ficava recluso. Ficava recluso a uma sala de estudo ia estudar. Não queria nem saber! Nos colocavam lá dentro, pegavam um livro pra ler e nos botavam lá dentro de castigo. Ficava lá... ficava aqui de uma às quatro. Ou vai estudar, ou vai passar um professor. Porque não é pra dormir ali! Porque se for dormir ali, a história vai ficar mais longa.

Aí depois eu desci pro Rio. Passei um período no Rio de Janeiro, fiz faculdade no Rio. Difícil também, porque eu estudava e trabalhava em locais distintos. Trabalhava em Vicente de Carvalho e estudava em Botafogo. Lá longe! E eu andava de ônibus. Eu tinha, que me locomover. Tinha que ter o meu esforço pra mim poder... às vezes eu saía dum local, pra chegar em outro local, o meu colega chegava muito mais na minha frente. Porque ele tinha um meio de locomoção, que eu não tinha. E eu não podia reclamar. Por isso eu tinha que ter a coragem de ir, chegar, resolver e voltar. E eu fiquei um tempão. Terminei a faculdade no Rio.

Tive oportunidade de trabalho, além de fazer um curso preparatório na minha formação, eu tive a oportunidade de ser recrutado por uma multinacional. Na ocasião então eu não quis. Fiz engenharia mecânica, aí não quis ficar. Não quis fazer ali, prosseguir aquilo. E eu vim pra cá. Ainda fui trabalhar na minha atividade mesmo. Na minha profissão aqui no Governo. Trabalhei no Governo três, quatro anos. E eu saí pra servir meu pai. Porque tinha uma atividade comercial e eu saí pra servir ele. Deixei, abandonei minha profissão e fui servir ele no negócio, que ele fazia, que ele exercia. Mas como você tem, que conhecer o diabo. Que ele é vivo. Ele nunca morreu, não! Ele não morre, não! O diabo é vivo, é velho e sabido. E ele toma conta das pessoas. Com certeza! Eu tô falando e não tô pedindo reserva, não! Toma conta das pessoas. E ele tem um comportamento muito bacana, muito avançado, mas todo mundo cai, cai... Eu trabalhei com esse homem durante sete, oito anos. E eu tenho uma irmã que ela foi, e casou com um árabe, de raiz árabe. É muito complicado, tô falando é muito complicado. Eu já tive assim, várias oportunidades, é muito complicado raiz árabe com a gente! É muito complicado! Então vou logo dizer: não termina bem! Esquece! Essa história furada não é! Porque é conversa! Esquece! Porque é o tipo da coisa, não termina bem. E a minha irmã casou com um árabe e esse árabe trabalhou pro meu pai. E com um cargo de confiança dele. E ele se sentiu, poxa, o cara tá aí, é esse cara que é o cara! É claro...

Eu tenho três filho homem, não adoço nenhum dos três! Tudo que eu faço, tem limite, ele sabe na hora, que eu não vou fazer. Se ele me conhece legal ele sabe na hora, que eu vou puxar a mão. Na hora, que eu vou dizer sim, na hora ele vai saber. Mas ele sabe, que a gente faz isso. A gente não endurece: faz rapaz, tu não tá privado de fazer. Faça, num tá privado de fazer. Pode fazer só, que a gente puxa a mão. Não vai fazer com a minha ajuda. Eu não vou nem falar nada, nem precisa dizer nada. Não se diz nada. Não faz! Se diz há bacana... não!

Quantas vezes se escuta não de pai e mãe? Como é que faz pra mudar? Como é que faz pra mudar? Não muda! O cara já sabe. Logo ele sabe, que a conversa não vai! Não tem jeito! Não tem adoço, não tem isso, não tem! Essa é a

diferença. A partir do momento, que ele disser, não! É não! Vai contar história, não! Vai dizer mil coisas, não! Ele pode fazer alguma coisa por pena, por dó, por sentimento mas se for do sangue dele, ele não faz por pena. Ah! ele não faz!. E se for fazer por pena tu não conserta, ah! de jeito nenhum! Nós não fazemos. Nós não tratamos disso dentro da nossa família dessa forma. De jeito nenhum. Isso aí é basicamente, eu tô dando o meu ponto de vista, isso quer dizer que o de outra pessoa pode ser diferente do meu. Isso quer dizer que pode ter uma vertente.

Às vezes tem, dificilmente dentro de uma família judaica, as coisas são divididas, a mulher tem uma força dum lado, o homem tem uma força do outro. Mas logicamente, que precisa ter a formação familiar. É muito complicado o judeu se relacionar com cristão. Muitíssimo complicado! Talvez hoje não dê para observar no atismo, mas se tiver no seio da família, já tem obstáculo.

Pra começar eu não visualizo judaísmo como sendo religião, eu visualizo o judaísmo como sendo um povo, uma origem. Aonde nós temos um comportamento, e aonde nós temos uma história, e onde nós temos uns preceitos, e onde nós temos umas festas. Onde nós temos umas obrigações, que nós recordamos constantemente pra se ter. Pra não se cair no esquecimento, o que aconteceu nosso passado e nós estamos passíveis de uma cilada. Nós somos passíveis de ser enganados. Logicamente que isso aí assim: o que é ser judeu? Ser judeu é uma pessoa que tem liberdade. Uma pessoa que tem independência. Uma pessoa que tem coração. Uma pessoa que acredita em “Deus”. Uma pessoa que sabe que tem que obter as coisas, pelo seu merecimento. Não adianta, e por sua lealdade. Não adianta! A lealdade ela não é só ali. Ela é aqui. Porque se fizer mal aqui, vai pagar aqui. Não vai usufruir do fruto do trabalho.

Então isso aí tem os hábitos, os costumes variam muito das raízes. A conversa, ela varia muito. Tem uns que quando tem filho, coloca o nome de parente vivo, tem uns que não coloca o nome de vivo, outros só coloca o nome de morto. Tem isso! Tem uns que coloca, homenageiam, fazem homenagem a um parente vivo. Têm outros que espera que o parente passe anos morto pra poder lembrar. E às vezes têm outros, que não querem utilizar o nome porque nós temos essa... vou dar um exemplo: o meu nome é de origem hebraica mas ele é escrito de forma, não vou dizer latina, mas de forma é 4 que se fosse em hebraico quer dizer Caim. É Caim filho de Adão. E meu segundo nome é [...] então meu nome é 4, porque eu tive na minha família, meu pai que se chamava [...] e eu tinha um avô que se chamava [...].

Então meu nome foi 4, como eu tenho um avô que se chamava Joaquim. Eu podia ter sido chamado de Joaquim [...] e podia ter sido assim, Joaquim [...] porque são nomes, dependendo da forma de como você escreve [...], ele é de origem portuguesa, espanhola. Ele já passa, mas é um nome de origem hebraica. É o anjo mais forte que tem. Não é porque nós acreditamos nos anjos. Nós acreditamos que quem tomava conta da Arca da Aliança é o *Mikael* e o Gabriel. Não adianta ter um ensinamento cristão de uma origem hebraica. Não vai acontecer na prática nada.

[*Minha família é Sefaradita*]. Porque dificilmente existe judeu branco e judeu preto. Mas tem uma cor. Nós temos uma cor. Um branco queimado. Depois vai modificando. Porque o judeu, na realidade, ele não é preto, preto, e nem branco, branco. Ele é uma cor... a pele do judeu é marcado, ele tem sinal. Cara, não tem jeito. Tem sinal. É difícil judeu. É tudo sinalizado. Então isso aí, é sei lá, mas nós temos uma cor. Que é muito isso aí. Às vezes porque tem por exemplo, nós temos o Sobel, o rabino. Qual é a origem do Sobel? Qual a origem, de onde ele nasceu? Ele

é português! Nasceu em Lisboa! Ele é português, pô! E ali não tem como negar! A cara dele não tem como negar.

É o tipo da coisa. Um rabino, se ele chegar no meio de uma comunidade, ele vai fazer uma leitura visual. Eles aprendem isso, a leitura visual. Então ele vai saber na hora, na leitura visual. Que ele olha, vai olhar o semblante. Ele vai ver tua origem ali, na coisa. Uma das coisas que ele vai olhar, ele vai ver e olhar ele vai olhar o rosto. Ele vai marcar no olho dele e vai ver e vai analisar pela informação genética. A gente tem informação genética, não tem jeito! Nós temos formação genética. Nós temos similaridade entre a gente. Posso tá num lugar, o cara vai olhar pra mim. Vai dizer isso é bandalheira! Eu já tive, por exemplo, eu já morei em Roma. Já tive na porta do Vaticano assim, umas vinte vezes. Mas nunca tive vontade de entrar. Umas vinte vezes. E eu morava na casa dum homem que era poderosíssimo! Poderosíssimo, o cara era! Ele dizia: seu hebreu! Porque eu sou hebreu. Porque ele sabe.

A gente não tem jeito, pode botar um crucifixo aqui no peito. E aqui eu uso uma medalha, eu uso aqui um dinheiro. É um dinheiro inglês, aqui. Uma Libra e tem o São Jorge. Tem isso em muito pescoço de judeu. Isso aqui é um santo inglês. É um santo inglês, de origem inglesa. Apesar que a gente não é muito fanático pelos ingleses. Nós sabemos que os ingleses foram uns filha da mãe! O inglês foi um cara que ele... Escravagista. O inglês foi em vários países explorador.

Um judeu, ele tem que tá ali oh, vigilante com ele mesmo. Ter os preceitos dele, porque nós podemos fazer tudo. Nós não temos, como é, que se diz, nós temos a liberdade. Nós temos o arbítrio de fazer o que a gente tiver na vontade. Só que tem que saber o que, que tá fazendo. Só isso! Não vai poder tá pedindo perdão toda hora, oi,oi,oi,oi... pagão, me dê! Aqui não existe isso. É mentira! Não se compra nada com dinheiro assim. Só comida. A gente não compra graça! Um pedido seu com grana, não existe isso! Se fosse assim era muito fácil.

Estou morando em Rondônia, eu conheci isso aqui a primeira vez em sessenta e um. Eu conheci isso aqui eu era menino. Meu pai viajou muito pela Amazônia, então a gente, uma das coisas que eu comecei. Por que nós temos, com força da nossa formação, uma liberdade muito juvenil.

A gente começa, não é a ter independência, mas liberdade. Nós passamos a se locomover na infância, então eu com cinco, seis anos eu já viajava com meu pai. Com cinco, seis, sete anos, já viajava com ele. A gente já saía de Belém, ia até Rio Branco no Acre, de embarcação, de barco com essa idade. Então é o tipo da coisa, se falam em baralho, logicamente, que isso vem passando pela mão da gente. Eu joguei baralho, eu tinha dez, onze anos, doze anos. Se me chamarem pra rodar um baralho, depois, que eu fiquei adulto, ah eu não pego num negócio desse. Não existe isso, não tem quem faça! Primeiro, que o cara vai ficar com raiva de mim, porque eu sei. Eu vou ter a frieza, eu vou ter uma série de coisas, que eu vou saber. E tem outra coisa: que eu vou encher o saco. Porque eu vou ganhar e eu vou perturbar e o cara, e o cara não vai gostar. Então eu já não quero. Já não mexo nisso. Não vale! Então fizerem um complô pra ter uma benefício, porque existe isso. Duas, três pessoas se juntam, pra poder enganar uma outra. Isso é muito normal. E aí nós nota na hora.

O local que tem o maior artesanato. Lá tem daqueles caramujosão desse tamanho! O cara faz, pinta a cuia. E podemos ver uma praia bonita, água linda, transparente. E eu conheci aquilo ali, quando aquela região ali tinha muito peixe. Se via os pacu nadando, cardume de peixe. O quê que aconteceu? O Brasil é mal trabalhado. O Brasil é mal governado. Então nós tivemos no nosso país,

administração eu não vou dizer incompetente, corrupta! Sem compromisso. Então, sem compromisso, porque Santarém é uma cidade lindíssima. A entrada de Santarém, quando entra de barco, é muito bonito, é muito bonito. Eu conheci Santarém tinha três ruas. Tinha duas assim [*na horizontal*], e uma assim [*na vertical*], pra entrar. Só pra ter uma idéia, eu conheci Santarém na década de sessenta. Tinha três ruas ali. Tinha um trapiche, quatro balde, que era no fim. Era quatro balsa, tinha quatro tronco ali, que era ali que embarcava. Encostava as embarcações, sempre parava ali. É bem bacana ali. Tem porque é o seguinte. No baixo Amazonas teve várias cidades. Todas as cidades tinha foco judaico. Começava de Capanema, Castanhal, Vigia, Cametá, Óbidos, Alenquer, Monte Alegre, Santarém, Orispiná, Juruá. Juruá não, Buriti, que é pertinho de lá, de Santarém.

A ilha lá, era do Pará. A ilha do Boi, Parintins. Parintins era do Pará. Parintins na década de cinqüenta, surgiu um litígio na ilha, e a ilha era do Pará. Ali naquela região, ali houve esse litígio e esse litígio acabou saindo o negócio lá. A Amazônia já era pra ter sido colonizada de forma ordeira, há trinta, quarenta anos atrás. Hoje já não dá mais pra fazer isso, o tempo passou. Então, o que acontece hoje, fazer uma votação dum estatuto ambiental. Como é que vai implantar isso hoje na Amazônia? Num desenvolvimento rural? Já fica difícil. Então isso já passou. O que tinha que ser feito, essa fração, isso não era pra ser fracionado. Lá o crime maior não é o Estado do Pará. É o Estado do Amazonas. O Estado do Amazonas só tem um município desenvolvido, que é Manaus. O resto tudo tá miserável. Tudo gira em torno da cidade de Manaus. O Pará é muito mais independente, os municípios. Então isso que tão querendo fazer no Pará, é uma sacanagem, uma influência até dos amazonenses. Era um interesse pela área. Como é que se vai manusear com a verba, que pode vim. E isso vai cair num abandono pior do que já tá. O que tem que fazer é que os deputados dali, os políticos, o prefeito da cidade, tenha força de trazer as coisas e colocar ali dentro. E desenvolver a região.

O Pará é o único Estado que tem duas superintendências do Incra. Lá no Pará, quando tem filha da mãe não tem pela metade, não! É filha da mãe, porque um paraense judeu, ele vai te fazer vinte sacanagem. Ainda vai fazer a próxima na tua casa. Porque ele não vai ter medo. Ele vai... é um filha mãe. Ele vai encher o saco! Se ele tiver que brigar, ele vai brigar duas, três, vinte vezes! Ele vai encher o saco. Lá é desse jeito! Eles são enjoado!

O amazonense é valente. Mas o amazonense, sabe que tem respeitar. Eles dizem que o amazonense não pode ver dinheiro. Não pode, rapaz! O amazonense não pode ver dinheiro. A gente fala, que parece, que é ladrão, mas eles não pode ver dinheiro. Tá doido! Eles são muito vigarista! E tão com essa história de dividir, e fazer dois Estados: do Tapajós e do Carajás. Eu também, é muito estranho, eu acho que isso é armação do cara que tá fazendo. Esse projeto não é nem do Pará. Não é nem da Amazônia. Não é de lá não, o deputado não é de lá, que tá fazendo esse plebiscito. Não é da região. Ele é de outro local.

Existe, não é assim, a Amazônia é carente de uma empresa de navegação. Mas uma empresa de navegação, que tenha organização. Que tenha calendário. Que tenha cinco, seis embarcações que façam o trajeto, o fluxo pela bacia Amazônica. Pelo baixo Amazonas tá cheio lá de navio recreio, embarcação recreio. O tempo que demora de Santarém a Belém de barco, dois dias. Três dias de barco descendo o rio. Subindo demora um pouco mais, pois não tem embarcação. Falta esse tipo de estrutura, que não tem na Amazônia. Então, o que que acontece, a estrutura do governo. Vou dar um exemplo: nos Estados Unidos os rios mais

importantes dos EUA são *Mississippi* e *Missouri* e eles cortam os trinta estados americanos. Até hoje eles tem embarcação que fazem fluentemente navegação por esses dois rios. Na URSS, tem o *Volga*, riozão. Moscou a Pitsburgo. E tem navegação do governo. Na França tem navegação do Governo. Na Inglaterra tem navegação do governo. No Brasil não tem! Nós não temos organização, que funcione! Poxa, se a gente tivesse esse tipo administração, porque “Deus” é um cara bacana!

Se “Deus” fosse um filha da mãe, ele fazia a Amazônia todinha, que nem Santarém! Aquele rio todinho azul e tal. Se tivesse feito o rio Amazonas azul não tinha mais pedaço de pau em pé! Nem meio! Nego entrava ali. O rio Amazonas tem oitenta, cento e vinte metros de profundidade. Profundo, o rio, pô! Tem coisa lá que dá cento e vinte metros de profundidade.

E tratando daqui, pra nós, não é questão de dizer o que é que falta. Nós não temos estrutura básica pra se organizar. A estrutura básica, a gente precisa ter um local que seja exclusivo para este tipo de finalidade. E aí vai desenvolver. Só isso. Tudo na vida temos que assimilar e ter condição de ser digerido. Tem que digerir as coisas.

CAPÍTULO 5. Experiência e Lugar uma leitura geográfica



<http://eretzisraelmv.blogspot.com/2011/05/riqueza-dastradicoes-judaicas.html>

Baruch atá Adonai Elohênu Mélech haolam, borê minê mezonót

Bendito és Tu, Adonai nosso “Deus”, Rei do universo, que cria diversas espécies de alimentos (Rabino Salomon Manelaz’l).

Fizemos neste capítulo a leitura do narrado. Dispondo das experiências expostas como reproduções de ações que propiciaram a identificação entre a “religião” e o “lugar”, respaldados pelas leituras geográficas sobre estes temas. Compreendemos que o espaço religioso é composto por signos expostos pelos indivíduos que frequentam e se sentem parte de um meio social caracterizado por dogmas e elencados diretamente pelo preceito religioso praticado pelo fiel.

A categoria de análise que utilizamos foi a de lugar, este sentido por meio da segurança do lar e do convívio com pessoas que mantem entre si relações amistosas. É o conceito que Dardel (2011) e Yi-Fu Tuan (1980) denominaram de toponímia. Este caracterizado pelo sentir-se seguro em determinado lugar, onde nele também somos capaz de sentir afeto, este lugar pode ser onde habitamos ou onde há um significado em especial, podemos citar o exemplo do CEJURON, este usado para reuniões e ritos dos judeus em Porto Velho. Não é o lar, mas seus membros se sentem seguros nele.

A cada momento, o homem pode exprimir valores simbólicos diferentes aos objetos, a outras pessoas e a si. Também compreendemos que esses graus simbólicos são dificilmente alterados contra a vontade do indivíduo, ele deve aceitar em seu íntimo as mudanças para poder demonstrá-las.

Nas entrevistas realizadas em determinado momento, as pessoas ouvidas puderam expressar-se de acordo com o que estavam sentido, por isso, o uso da metodologia deve ser entendido como uma montagem de fatos que foram observados em campo e devidamente interpretados a partir de uma leitura geográfica, é a experiência que o indivíduo possui do mundo que nos interessa, conforme Dardel:

Do plano da geografia, a noção de situação extravasa para os domínios mais variados da experiência do mundo. A “situação” de um homem supõe um “espaço” onde ele “se move”; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o *lugar* de sua existência. “Perder a localização”, é se ver desprovido de seu “lugar”, rebaixado de sua posição “eminente”, de suas “relações”, se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade. Novamente a geografia, sem sair do concreto, empresta seus símbolos aos movimentos interiores do homem (DARDEL: 2011, p. 14).

Deste modo, entendemos a afirmação de Dardel (2011) a respeito do conhecimento da pesquisa para compreensão das atitudes humana. Essa não é

uma verdade concreta, pode haver mudanças nas interpretações e análises em diversos momentos, pois a significação simbólica é proveniente do estado emocional que o indivíduo experienciou ou experiência naquele determinado momento e lugar. Logo as mudanças não são definidas com exatidão, pois bem sabemos que os sentimentos e entendimentos humanos, são flexíveis e mutáveis. Por isso fomos minuciosos ao adentrarmos na pesquisa e nas observações em campo.

Por meio da leitura proposta pela Cápsula Narrativa em nossa metodologia condutora das entrevistas, e por, nosso método hermenêutico-fenomenológico chegamos a uma compreensão dos eixos relacionais da comunidade judaica de/em Porto Velho, suas espacialidades, sua identificação e construção do lugar, que para o judeu é tomado de importância simbólica. Esta percepção de lugar tornou-se para nossa observação uma fonte de interpretação, como nos evidencia Tuan:

O lar é um lugar íntimo. Pensamos na casa como lar e lugar [...] O lugar é uma construção social, é onde as particularidades são evidenciadas, o lugar é o ponto fixo onde os anseios se mostram com segurança, é no lugar que o sentir-se seguro, o aconchego é vivido, é nele que na maioria das vezes há a sensação de plenitude, por isso dependendo do lugar ele também é único no sentir de cada um. Ao identificar-se com o lugar cada um lhe impõem valores, signos que lhes são próprios (TUAN: 1983, p. 160-199).

Se não há organização espacial, o lugar não pode ser caracterizado como ponto seguro de morada humano, e o indivíduo senti-se constrangido e passa a procurar um lugar, que lhe conceda a sensação de segurança e comodidade. Ao compreendermos a partir desse fato, que toda comunidade necessita de ordenamento do espaço e de sentimento para com seus pares religiosos e para com o lugar em que vivem, para que dessa maneira o estructurem com relativa permanência. Ora sem a ordenação do espaço não ocorre a desfragmentação social será inevitável. O narrador II ao lembrar-se de como encontrou a CEJURON demonstra que eles ainda estão passando pela ordenação estruturação do judaísmo:

Já aqui em Porto Velho a CEJURON tem uns quatro anos ou cinco anos que está funcionando. Antes não tínhamos aonde praticar os ritos, quando a gente arranhou este lugar, arranjamos um meio de nos encontrarmos de maneira informal, num tinha uma associação organizada (NARRADOR II: 2010).

Eu gosto da comunidade daqui, porque é assim, aqui em Rondônia já houveram várias comunidades, inclusive antes de virar Estado (NARRADOR V: 2010).

Entendemos que a comunidade judaica em Porto Velho ainda não consegue manter as relações religiosas e culturais em evidência e em assiduidade, por falta da estruturação e ordenamento fixo de seus dogmas no lugar em que estão vivendo. Sua espacialidade é evidenciada apenas por seus iguais, uma grande parte da sociedade portovelhense desconhece a existência da comunidade judaica. Esse fato ocorre por não haver um vislumbre de união que possa gerar um possível crescimento cultural e religioso do judaísmo nesta cidade.

Chega a ser negligente a atuação das outras comunidades do restante do país que já possuem estrutura consolidada não se manifestarem para auxiliar a comunidade local. É como se tivessem deixados de lado, sabemos que houveram no ano de 2010 e 2011 algumas movimentações culturais e religiosas, porém foram restritas e não desenvolveram um caráter constante. Dessa maneira, não houve grande impacto na comunidade geral de Porto Velho e na própria comunidade judaica os impactos dessa movimentação ficaram restritos a alguns indivíduos.

Ao evidenciarmos estes e outros pontos conflitantes tivemos a necessidade de compreender tais vivências para poder interpretar essas experiências. A afirmação de Caldas (1999), de como observar o lugar que é agregador e está impregnado de sensações, sentidas por aqueles que o criam e o modelam motivam-nos a identificar o significado de suas ações:

A interpretação advinda das imagens que se interpenetram em nossa imaginação, jogo de metáforas, de sons, de cores, de vidas, tempos e lugares, mesclam-se exigindo algo diferente de uma leitura objetificante, que exija capturar a rede significativa e transformá-la em coisa, em linguagem científica. Uma de nossas primeiras preocupações é não dizer aquilo que é, inclusive não saber e não querer saber se algo pode ser o que é, mas aquilo que nos impressiona, o que nos seduz, o que nos dá prazer é o contato, o toque e a f(r)icção com uma matéria que é a mesma dos sonhos e da vida (CALDAS 1999a, p. 121).

Sabemos que não é simplesmente explicar o dito, mas como Caldas (2000, p.41-42), afirma é “desejar o desejo de falar, o desejo de quem falou” é ir sempre além, ou seja, “não é tirar o que está dentro ou expor o que está fora”. É entender o dito de forma única e pessoal.

A comunidade judaica de Porto Velho incorpora dentro de seu cotidiano amazônica, alguns elementos dos costumes locais. Suas relações sociais são entendidas por duas características: uma de aspecto incorporador e a outra de segregador. O primeiro diz respeito a permitir que alguns elementos alimentícios da região fossem introduzidos em seu cotidiano e em seus ritos, sem descaracterização do judaísmo. Frutas, legumes, verduras e peixes e outros alimentos que fazem parte do ambiente foram adaptados a culinária judaica e aos ritos. O significado e a forma dos alimentos foram estudados para que pudessem utilizá-los corretamente. Essa prática não descaracterizou o judeu da Amazônia.

O exemplo que Bernardo Sorj (1997), demonstra da identidade judaica é que, ela é forjada por assimilação regional de alguns aspectos regionais, mas também por exclusão do outro como seu igual:

Benchimol assume-se judeu, amazonense e brasileiro. Sua identidade é uma soma destas dimensões. É um brasileiro da região amazônica. Como os demais brasileiros sua identidade passa pelo regional (SORJ: 1997, p. 56)

O aspecto segregador diz respeito ao indicar denominando quem não faz parte de sua comunidade usando para tal a palavra *goy*⁴⁸, que significa o outro, o impuro. Isso pode ser entendido como um meio de buscar superioridade diante de outras comunidades, ou de se firmar como o povo escolhido, para a perpetuação da diferenças culturais e religiosas, ou seja, eu sou aquilo que o outro não é. Observamos na fala do narrador VI “uma das minhas críticas ao judeu, é que ele se separa sempre, estar sempre se separando dos outros, se colocando num pedestal. Sempre vejo assim, como ele se separa, ele está olhando de cima pra baixo, vocês... eu sou o povo escolhido”.

Nas palavras de Izecksohn nos “primeiros capítulos do Gênesis vemos que os judeus não se consideram “o povo eleito” de Deus para dominar sobre os outros, mas para orientá-los no caminho da justiça e da razão” (IZECKSOHN: 1973a, p.50).

Logo, a soma da identidade regional possui uma forma separadora, mas que não podemos afirmar que seja negativa. Essa separação é um dos elos, que vai mantê-los, enquanto identidade nacional, regional e a religiosa. Um exemplo que pode ser dado é o reconhecimento do judeu brasileiro, judeu rondoniense, etc. são

⁴⁸Plural *goim*, incircuncisos, adoradores de ídolos e sacrificadores de crianças (IZECKSOHN: 1973a, p.42).

identificações que não dizem respeito à religiosidade, mas sim o nascimento em determinado território, que possibilita sua identificação, mas não sua religião.

Mesmo que estejam durante muito tempo em Porto Velho, os judeus relutam em envolver-se diretamente com outras comunidades que possam fazê-los infringir seus mandamentos. Até porque o judaísmo não é uma religião de conversão⁴⁹, não tem como objetivo cooptar membros para ele, ou seja, na atualidade não existe da parte judaica uma evangelização ou catequização.

Entendemos por evangelizar e catequizar uma ação do ensino de determinada religião para conversão e manutenção da mesma. Até porque, na contemporaneidade a conversão ao judaísmo está se tornando cada vez mais difícil. E, é importante lembrarmos-nos da afirmação de Bonder e Sorj (2001), de que os *ashkenazim*, são os que mais fervorosamente são contra a conversão, no entanto, se olharmos um pouco mais para o passado, iremos notar que os judeus *ashkenazim* são de descendência proveniente de conversão, como afirmam Bonder e Sorj:

É interessante notar que essa atitude mais severa para com as conversões é de origem nitidamente *ashkenazi*. O mundo *sefaradita* até há poucas décadas agia de forma bastante pragmática para com a conversão, admitindo sua prática como uma necessidade intrínseca a um povo de “moradores e estrangeiros”, como se sentiam os judeus. [...] A rigidez na conversão e o abandono de atitudes mais pragmáticas são nitidamente um reflexo de sentimentos de insegurança e falta de controle sobre os destinos do judaísmo. É interessante notar que a literatura rabínica trata a questão da conversão com toda a sua riqueza e “diversidade”. Não há a expectativa atual de uma fidelidade básica que seja absoluta. Fidelidade parciais eram também reconhecidas, o que demonstra grande interesse num tratamento mais pragmático. Vejamos os termos usados para distinguir as diversas atitudes dos conversos (BONDER e SORJ: 2001, p. 70-71).

Observamos que algumas mudanças ou adaptações que ocorreram ao judaísmo podem ser percebidas como forma de dar continuidade a religião. Como escreve Gil Filho (2007), a prática religiosa se apresenta como um fenômeno da cultura humana, inspirada na busca da transcendência ou imanência.

⁴⁹ Enquanto reino unificado Israel a. E. C. quando era vitorioso em batalha, obrigava o povo derrotado a converter-se ao culto a *lahweh*. Também percebemos a conversão quando da primeira e segunda destruição do Templo, que os estudiosos da *Torá* saem de Jerusalém para abrir escola de judaísmo.

Na fala do Narrador II, notamos a necessidade de encontrar-se, com a religião de seus antepassados, e só após a realização deste sonho é que, ele sente-se pleno:

Pra mim, ser judeu é ser realista! [...] A religião judaica é uma religião realista, não significa estar nas nuvens [...] A necessidade de me encontrar me levou ao judaísmo, porque eu conheço todas as religiões, inclusive estudei em colégio de padre quando garoto, quando rapazinho eu não consegui me identificar, então quando eu descobri e me lembrei, que a minha avó até os catorze anos, ela me falava tudinho, que nós representa, ela dizia assim: meu filho você tem, que estudar a tora, acho que eu tinha 13 anos, me lembro dela dizer que eu era o neto dela, e dizia meu filho pra ser um justo e bom, tem que aprender as coisas de “Deus” (Narrador II, 2010).

Os indivíduos produzem pensamentos, ações, experiências, as quais terão conexão direta ou indireta com o lugar onde vivenciam suas experiências, se a base religiosa é a que ordena a maneira como estrutura e vive sua vida, fica claro o porquê da religião almejada conduzir o homem a moldar sua realidade externa e objetiva. Ele usa para isso as palavras e os signos como instrumentos modeladores do espaço para configuração íntima do seu lugar, ao apresentar o homem religioso Gil Filho afirma que:

O homem religioso imprime ao mundo sensível uma descontinuidade que reclassifica qualitativamente os objetos. Ao sacralizar o mundo, o homem religioso atribui a significação plena de um espaço sagrado em oposição a todo o resto, como sendo sem forma e sentido (GIL FILHO: 2008, p. 16).

Com esta afirmação Gil Filho (2008), indica que podemos entender o modo como acontece a reclassificação qualitativa dos objetos e do lugar. Para os judeus de Porto Velho pois, percebemos que para ocorrer essa reclassificação sacralizada, foi necessário o conhecimento que nos propiciasse o acesso à existência e à compreensão do judaísmo, que passasse obrigatoriamente pelo conhecimento semântico de seus símbolos, e em busca de elucidação organização em torno das narrativas.

Podemos entender como informa o Narrador IV, que na

Torá tem tanta sabedoria não faça isso, não faça aquilo, porque já sabia, que aquilo ali, ia causar uma consequência ruim pro judeu, pras pessoas, não só pro judeu, pra qualquer um, então aqueles, que seguem realmente a *Torá*, Até porque é assim que a tradição diz. No

meu íntimo, ser judeu é amar a “Deus”, respeitar todas as criaturas (Narrador IV, 2011).

Seguir os ensinamentos da *Torá* proporciona integração com sua fé, com seu “Deus”, dessa maneira, a classificação das coisas como reais ou ideais, atribuídas pelos judeus, quando se referem a seu “Deus”, e a sua fé podem ser entendidas a partir de Durkheim quando ele afirma o que as religiões tem em comum, já que elas possuem um sistema que exprime a maneira de ser do homem:

Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras profano e sagrado traduzem bastante bem. A divisão do mundo em dois domínios que compreendem, um, tudo o que é sagrado, outro, tudo o que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso: as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas, são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações mútuas e com as coisas profanas (DURKHEIM: 2003, p. 19).

Ao buscarmos compreender a comunidade judaica de Porto Velho, encontramos alguns pontos, que correspondiam às práticas rituais que propiciaram a manutenção do judaísmo. Tais ações como a escrita, a compilação dos livros usados para que mesmo dispersos pelo mundo pudessem manter sua religião e também o idioma.

Este que era até então sempre utilizado para o ritual teve sua preservação durante muito tempo só com esta finalidade, contudo seu uso foi alterado na contemporaneidade, o idioma hebraico está em uso mais corrente, talvez isso se dê pela força política que o Estado de Israel possui, é como Gil Filho afirma ao evidenciar as representações simbólicas como “a entrada no mundo da intuição, que, pelo espaço, tempo e número, compõe a síntese lógica da linguagem” (GIL FILHO: 2008a, p. 73).

O conhecimento das práticas judaicas proporciona para cada judeu experiências em sua vida que o ajudam a transcender suas espacialidades e corroboram para manutenção do lugar sagrado em seu íntimo como coloca em sua fala o Narrador V, “bom, pra mim ser judeu é inseparado, da minha própria concepção de ser, do próprio eu [...] O judaísmo está presente na minha vida, mesmo que, eu não tenha um reconhecimento completo disso”. Essa presença

indissociada do judeu com a tradição demonstra os arranjos que cada um realiza para entender sua espacialidade religiosa, como afirma Gil Filho (2008):

espaço sintético que articula o plano sensível ao das representações galvanizadas pelo conhecimento edificado e manifesto pelo homem religioso como um complexo de convicções hierarquizadas, relacionados a tradição e ao sentimento religioso. Isso permite compreender que, as crenças edificam um senso de sacralidade instrumentalizada pela herança de arranjos institucionais, que denotam determinadas visões de mundo. Nesse aspecto, o espaço sagrado, como espacialidade social do conhecimento, incorpora a ideia unificadora do pensamento religioso no conceito de divindade. (GIL FILHO: 2008,p.73-74)

O judeu religioso interpreta a vida com base em sua religião por isso, busca a transcendência nas relações do corpo com o espírito, ele entende, como demonstra o Narrador V, que:

a vida é um conjunto de coisas, onde sua prática diária fomenta enquanto ser, te dando benefícios e essa mesma prática te obriga também, a uma vivência espiritual direcionada para não só, que o corpo evolua, mais o espírito também e as relações dos corpos da física, dos elementos que compõe o dia a dia, mas não só uma evolução social, mas a evolução espiritual (Narrador V, 2011).

Os fenômenos religiosos possuem representações do sagrado em performance expressos por meio dos rituais, que são evidenciados com a performance do corpo. Os ritos religiosos são regras de comportamento que diz respeito ao sagrado exposto pela religião praticada.

Na religião existe a necessidade de comunhão entre seus praticantes⁵⁰ e adeptos⁵¹, assim percebemos bem a busca da unidade por meio dos compromissos que os membros executam, o exemplo pode ser citado para a espera do *shabat*, pois há uma ordenação das leituras, da entonação dos cânticos e das orações, que são pontos onde o corpo executa determinada ação pela necessidade de refazer a comunhão com seu “Deus” e com seus iguais. Do mesmo modo no *Rosh Hashanah*⁵², há os diversos mandamentos que são realizados para que a comunhão

⁵⁰ Aquele que faz sermão, discurso etc.; que ou aquele que frequenta os cultos e obedece a todos os preceitos de uma religião (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0, 2010).

⁵¹ O que é iniciado e se torna conhecedor dos dogmas, princípios etc. de religião, seita, ciência ou doutrina. aquele que é partidário de certo princípio ou conduta moral ou aprova determinada maneira de sentir ou realizar algo (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0, 2010).

⁵² *Rosh Hashanah* é a entrada do ano novo.

passada e a comunhão futura seja reafirmada pelos praticantes do judaísmo para com *lahweh*.

Gil Filho expõe que a transcendência do sentimento religioso, não provém da razão, por isso podemos senti-lo, mas dificilmente podemos mensurá-lo racionalmente.

O sentimento religioso, seu caráter transcendente e não-racional é uma dimensão de inspiração muito presente na experiência religiosa, ou seja, é a experiência do sagrado per si. Essa dimensão, que escapa à razão conceitual em sua essência, é reconhecida por seus efeitos. Trata-se daquilo que qualifica uma sintonia entre o sentimento religioso e o fenômeno sagrado. [...] o sagrado pode ser entendido como qualitativo inerente ao fenômeno religioso, que perpassa as instâncias de análise descritas e, assim, sob a ótica fenomenológica, também significa os modos típicos que caracterizam o fenômeno enquanto religioso, a despeito da pluralidade de suas manifestações (GIL FILHO: 2008, p. 33).

Para o Narrador VI, “pensamento e sentimento se completam”, então a religião deve ser equilibrada nessas duas premissas, pois,

se eles tiverem equilibrados com a mesma força, a pessoa tendo pensamento positivo, tendo sentimento positivo, partindo pra uma sabedoria evolutiva, o pensamento dela vai gerar uma série de ações, então, ela precisa de pensamento assim como ela precisa de sentimento (Narrador VI, 2011).

Refletir sobre como agir para que seus anseios sejam alcançados, construir redes de socialização espacial íntimas com os membros de sua comunidade, e consequentemente construir outras redes de socialização com quem não faz parte de seu grupo religioso, estes comportamentos foram observados durante a pesquisa, pois a diferenciação comportamental dá-se de maneira protetora a sua cultura e a sua religião.

Em nosso estudo com os judeus da comunidade de Porto Velho ficou explicito uma perspectiva que vai além do sagrado e do profano, e é o diferencial do laico faz com que os judeus aceitem a existência de outras religiões, desde que a sua seja preservada. Para o membro da comunidade local a característica marcante de entendimento do pertencimento à seu “Deus” é diferencial na maneira como vivem.

Por isso nesse contexto em que vivem não tem a necessidade de cooptação de membros para sua religião. Contudo aqueles que buscam adentrar em seu espaço religioso devem passar por diversos estágios de aceitação.

Van Gennep (1978) evidencia bem essa aceitação em seu livro Ritos de Passagem, onde uma pessoa está em um *status* religioso ou social e deseja inserir-se em outro. O percurso a ser feito nesse meio tempo até a aceitação em outro *status* pode durar no caso de conversão ao judaísmo vários anos, para que o indivíduo possa ser aceito como judeu, esse período é denominado por Van Gennep de margem:

Toda alteração na situação de um indivíduo implica aí ações e reações entre o profano e o sagrado, ações e reações que devem ser regulamentadas e vigiadas, a fim de a sociedade geral não sofrer nenhum constrangimento ou dano. É o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação social a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por termino e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte. A cada um desses conjuntos acham-se relacionadas cerimônias cujo objeto é idêntico, fazer passar um indivíduo de uma situação determinada a outra situação igualmente determinada (VAN GENNEP: 1978, p. 26).

Outro autor que também que escreveu sob essa ótica da “passagem” de uma posição social para outra como uma dinâmica complexa foi Victor Turner. Para ele a sociedade é um processo vital marcado por considerações sócio-estruturais, sendo dinâmica e única, se difere de outras, sendo que é nos rituais que se percebe a dinâmica da sociedade. Quando um indivíduo almeja inserção em outro nível, em outra comunidade ou *status*, para tal necessita aprender sobre a nova condição que deseja:

Liminaridade é a passagem entre “status” e estado cultural que forma cognoscitivamente definidos e logicamente articulados. Passagens liminares e “liminares” (pessoas em passagem) não estão aqui nem lá, são um grau intermediário. Tais fases e pessoas podem ser muito criativas em sua libertação dos controles estruturais, ou podem ser consideradas perigosas no ponto de vista da manutenção da lei e da ordem (TURNER: 1974, p. 5).

Para os preceitos da religião judaica a pessoa deve ser respeitada, da maneira que é, conforme os ensinamentos de Jeremias, Oséias e Isaías em que demonstram a grandiosidade da existência de *lahweh*, como suprema, por isso não há necessidade de ódio a quem não é judeu, pois se estes não pertencem a mesma religião deles é porque “Deus” permitiu que fosse dessa maneira.

Por isso, a manutenção desta identidade com suas especificidades torna-se essencial, para possam transcender e dar sentido ao sagrado. Vamos adentrar em algumas especificidades que acompanham o judeu do nascimento à vida adulta.

5.1 O “Nascer” para o judaísmo

Uma das especificidades judaica é a escolha do nome. São as características, especificidades e influências, expressas pelo homem no lugar habitado que o distingue. Observamos diferenças entre os judeus *ashkenazi* e o *sefaradi*, essas começam na escolha do nome. O judeu *ashkenazi* dá geralmente aos seus filhos nome de parentes mortos e o *sefaradi* tem preferência a nomes de parentes vivos, o primeiro prestigiaria o parente já falecido e o segundo homenagearia em vida:

Enquanto dá-se o nome de um menino em sua circuncisão, o nome de uma menina é dado na sinagoga no primeiro *Shabat* após seu nascimento, quando o pai é chamado para ler a *Torá*. Outro costume conhecido [...] é quando o pai leva a criança menino ou menina para a sinagoga (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 408).

Entendemos que a escolha do nome judaico se dá de duas maneiras, e desenvolve-se para além deste significado mais ou menos “acessório da posse pessoal, na medida em que é visto como um ser substancial, como parte integrante da pessoa” (CASSIRER: 2006, p.68).

Para Cassirer a integração do nome com o sujeito dá-se de modo involuntário, começa quando o indivíduo toma posse de seu nome e assim o evidencia para todos que o conhecem. Enquanto tal pertence à mesma categoria que seu corpo ou sua alma. É a partir da identificação com o nome que há uma caracterização direta com toda a linhagem ancestral e com seu “Deus”. Os judeus dessa maneira conseguem unir-se com *lahweh*.

Durante as idas a campo e no decorrer das entrevistas com os membros da comunidade judaica não houve rituais funerário e pós-morte. Diante disso não participamos e nem tomamos conhecimento de ritual deste tipo no período da pesquisa, logo, não adentraremos neste rito, contudo sabemos que, é importante para os familiares próximos tal como: pai, mãe, esposa ou marido, filhos, avós, tios e

primos do judeu morto. O ritual pós-morte pode durar até um ano para os familiares do morto.

Outro ritual característico ensinado pelos antepassados é quando há nascimento de meninos, que deve ser realizado a circuncisão conhecida entre os judeus pelo nome de *Brit Milah*⁵³. Esse rito teve seu início com Abraão, é o mandamento que sabemos fazer parte da vida de todos os judeus (até mesmo dos conversos) é uma demonstração de obediência ao pacto com *lahweh* com os descendentes do patriarca Abraão e também submissão a seu “Deus”, nas palavras de Goldberg & Rayner:

A operação é feita por um circuncisador treinado, o *mohe*, que recita uma bênção apropriada, como também o faz o pai. Uma terceira pessoa, chamada *sandek*, do grego “padrinho”, tem a honra de segurar a criança durante a operação. Antes, a criança é momentaneamente colocada numa cadeira especial conhecida como “cadeira de Elias”, sendo Elias o “mensageiro da Aliança”. Então, uma prece é recitada, na qual um nome judaico é dado ao menino e se expressa a esperança de que “como ele entrou para a Aliança, que ele possa entrar na (no conhecimento da) Torá, no pátio do casamento e nas (práticas de) boas ações”. Bebe-se então um copo de vinho e segue-se uma celebração familiar (GOLDBERG & RAYNER: 1989, p. 408).

O rito para o nascimento de meninas é diferente, para elas não há a prática da circuncisão, contudo há um ritual de apresentação na sinagoga ou no lar com festividade e orações para engrandecimento de *lahweh* pelo seu nascimento.

Sobre os ritos é importante a voltarmos a contribuição de Van Gennep que evidencia as cerimônias, como etapas realizadas pelo indivíduo ou pelo social para inserção ou reafirmação de um determinado modo de vida que se quer perpetuar, para ele o rito

insinua tomar a própria vida social na sua dialética entre rotinas e cerimônias, repetições e inaugurações, homens e mulheres, velhos e moços, nascimento e mortes, etc. Como um ritual, posto que o mundo social se funda em atos formais cujas lógica tem raízes na própria decisão coletiva e nunca em fatos biológicos, marcas raciais ou atos individuais. Assim o rito seria, senão a chave, pelo menos um dos elementos críticos da vida social humana [...] a *tomar o rito como um fenômeno a ser estudado como possuindo um espaço independente, isto é, como um objeto dotado de uma autonomia relativa em termos de outros domínios do mundo social*, e não mais

⁵³Promessa pacto ou aliança (Berith) devia ser simbolizada perpetuamente na circuncisão (milah) dos meninos no oitavo dia após o nascimento. E jamais um descendente de Abrahão podia macular essa aliança, adorando deuses estranhos (IZECKSOHN: 1973a, p.41).

como um dado secundário, uma espécie de apêndice ou agente específico e nobre dos atos classificados como mágicos pelos estudiosos (VAN GENNEP: 1978, p. 12. Grifos nossos).

Ora a comunidade judaica ao realizar os ritos o faz para perpetuação não só de sua cultura mais de sua fé em *lahweh*. Os eventos religiosos colocados em evidência de forma sequencial e organizada caracterizam a continuidade do credo pelos adeptos. Dessa maneira constrói-se sempre a necessidade de pessoas, para compartilhar ou para testemunhar a realização destes, ou seja, o rito é algo social, que necessita de pessoas para sua realização, que acreditem em sua eficácia, que possam servir de testemunha para quem está realizando a celebração, como afirma Van Gennep:

As variações da idade em que é praticada a circuncisão bastariam por si sós para fazer compreender que se trata de um ato não de alcance fisiológico, mas de significação social. Não somente em numerosos povos a operação é executada em intervalos em três, de quatro em quatro ou de cinco em cinco anos, de maneira que a circuncisão é praticada ao mesmo tempo em crianças de desenvolvimento físico sexual diferente. [...] Com estas praticas retira-se o indivíduo mutilado da humanidade comum mediante um rito de separação que automaticamente o agrega a um grupo determinado, e de tal maneira que a operação, deixando traços indelévels, torna a agregação definitiva. A circuncisão judaica nada tem de particular, sendo claramente apresentada como um sinal de aliança com determinada divindade, e marca de que o indivíduo pertence a uma mesma comunidade de fiéis (Id: 1978, p.74-75).

Para o judeu o rito de agregação com a comunidade tem seu início com a circuncisão é nesse momento que o novo membro da comunidade é inserido no pacto de Abraão.

Ora, sabemos que a circuncisão possui o fim específico na vida do judeu que é de confirmação da aliança feita com o “Deus”. No judaísmo sem a circuncisão o indivíduo não possui aliança celebrada após o nascimento. Para o convertido este rito também deve ser realizado, concomitantemente se dá a participação efetiva no *teshuvá*, os estudos de história judaica e o aprendizado do idioma hebraico.

A transmissão inicial da condição judaica se deu através da família. É por ela que as crianças ficam sabendo que são judias. Outras instituições concorrem para tal formação como a “escola judaica formal”, o “professor”, aquela pessoa que sabia o hebraico, a leitura da Torá e ensinava ao adolescente (SORJ: 1997, p. 56-57).

E, hoje meu nome judaico é *Yossef ben Avraam*, mas mesmo nós temos que passar pelo processo de conversão chamado *tshuvá*, já fiz a *Brit Milá*, que é a circuncisão, já tem exatamente cinco ou seis anos, que fiz foi com um *Mohel* em Manaus e agora, é só concluir o processo de conversão (Narrador II: 2010).

No decorrer de sua vida os judeus vão aprendendo outros ritos, que marcam e confirmam sua identidade. Uma das coisas que se ensina à criança é a declaração da unicidade de “Deus”. Para que ela saiba sempre recitá-la, é uma reafirmação da fé e do compromisso com *lahweh* que todos devem recitar antes de morrer. Este ensinamento é o *Shema*:

“Ouve, Israel, O senhor, Nosso “Deus”, O Senhor, É Único!” (*Shemá Israel, Adonai, Eloeinu, Adonai Echod!*) (IZECKSOHN: 1973b, p. 51).

Shemá, começa assim: “Escuta, ó Israel, o Senhor é nosso “Deus”, o Senhor é Um ou Único”. Este versículo tornou-se o lema do judaísmo. Pela tradição, é a primeira frase a ser ensinada a uma criança judia, e a última a ser pronunciada por um judeu antes de morrer (GOLDBERG: 1989, p. 268. Grifos nossos).

Para o homem judeu sua entrada na comunidade é consolidada aos 13 anos, nesse momento ele assume sua maior idade e é apresentado à comunidade na Sinagoga com a leitura da *Torá* como participante do *minian*⁵⁴.

Após esta breve apresentação dos ritos do Brit Milah e da entrada na vida adulta. Devemos deixar claro que não participamos de nenhum ritual de circuncisão e de maior idade, tanto de meninos quanto de meninas.

Contudo, observamos a estrutura do pensamento e das ações dos membros do CEJURON e isso nos conduziu a interpretações cognitivas da espacialidade religiosa, como evidencia Gil Filho (2008), de que as estruturas são formas de apreensão da realidade experienciada pelos fiéis, estas de uma maneira fixa não é encontrada na comunidade judaica de Porto Velho.

5.2 O Encontro com a comunidade de Porto Velho

⁵⁴ Reunião dos justos.

Ao nos direcionamos para o Centro Judaico de Rondônia - CEJURON, localizado no período da pesquisa em uma sala cedida por um dos membros da comunidade, no 5º andar do Edifício Carvajal, no centro de Porto Velho.

Observamos o esforço de alguns para a manutenção da cultura judaica. Pois buscavam com afinho quando se encontravam em sua sede para realização dos ritos fazer todo o preparo necessário para que os rituais fossem realizados da melhor maneira possível. Contudo deixamos claro que eles mantinham a sua espacialidade religiosa em lugares distintos onde se sentiam seguros, como são o lar e o CEJURON, o conhecimento de sua religiosidade se dá para as pessoas mais íntimas.

Após o encontro inicial com a comunidade em um *Shabat*, observamos que a maioria dos participantes era de origem *Sefaradim*. Devemos nos lembrar que a denominação *sefaradim* e *ashkenazim* tratam-se em sua origem de indicadores dos espaços geográficos de onde esses judeus migraram – esta questão foi abordada no capítulo 3.

As diferenças nas tradições certamente estão carregadas de impressões e sentimentos acumulados em anos de vivência nos lugares onde foi possível a existência e perpetuação de sua fé. As disparidades entre os dois grupos são mínimas.

Podemos afirmar que elas provêm mais de conjuntos de tradições existentes por causa do lugar em que vivem, mas não são diferenças que podem romper com a característica judaica, pois seguramente no geral tanto *ashkenazim* quanto *sefaradim* acreditam na unicidade de “Deus”, praticam o *brit milah* fazem os estudos da *torah*, aprendem o *shema*, seguem o mesmo calendário, etc. Enfim, diferenciavam-se como dissemos antes, apenas por alguns detalhes, no preparo da alimentação e nas danças e modo de como conduzem os rituais, ora para Tuan:

Um símbolo é um repositório de significados. Os significados emergem das experiências mais profundas que se acumularam através do tempo. As experiências profundas tem muitas vezes um caráter sagrado, extra terreno (TUAN: 1980, 166).

Essa condução de alguns elementos pode ser apontada como uma das causas da diferenciação de costumes entre as comunidades *ashkenazi* e *sefaradi*, e ainda tem as discussões referentes a *Halachá*, que é o conjunto de leis que regem a conduta dentro do judaísmo, está é uma discussão assídua entre os rabinos. Eles

discutem por discordarem de algumas interpretações que cada movimento realiza dos ensinamentos.

É claro que devido aos grupos fixarem-se em lugares diferentes, lhes é permitido estabelecer relações com distintos grupos e culturas em que recebem influência e também as influenciam, com o tempo vão adquirindo um novo modo de interpretar algumas determinações da *torah*, isso conduz a algumas discussões e mudanças comportamentais. É essa presença em diversos lugares que observa o Narrador IV, ao se colocar contra o fanatismo:

a Torá disse também, que a gente tem, que ouvir os rabinos, mas aí, que é muito rabino. Então nós vamos ter várias discussões, que é chamado *maloket*. Que são essas discussões, que os rabinos dizem uma coisa e outros rabinos dizem outra coisa. [...] Existem judeus em São Paulo, existem judeus em várias partes do mundo. Já que foi criado o Estado de Israel porque, que essas comunidades, que se acham donas do judaísmo, da interpretação da Torá, porque não vão pra Israel e tomam Israel e dizem que ali é deles e implantam uma Teocracia. Qual é! Israel é um país laico. Israel é uma democracia. Uma república pô! Então não combina muito com essa coisa do fanatismo religioso (Narrador IV, 2011).

Durante séculos o contato que as comunidades judaicas tiveram com outras comunidades pode não ter influenciado a fundo sua vivência, mas lhes possibilitou a sobrevivência dentro de lugares onde aprenderam a tomar como seus.

Esses múltiplos lugares permitiram sua socialização e propiciaram experiências, que os conduziram a incorporação de alguns costumes peculiares e inerentes à sua espacialidade. Tuan (1983) nos indica que, quando o espaço é inteiramente familiar ele deixa de ser espaço e passa a ser lugar.

Para a comunidade daqui não foi diferente, pois ao tornar o espaço amazônico familiarizado materializaram nele seu aspecto cultural. Desse modo, o judeu portovelhense criou seu lugar ao sentir-se seguro, com o tempo buscou organizar o lugar para realizar seus ritos e depois de vários anos sem organização eles conseguiram formar o Centro Judaico em Rondônia, contudo a estrutura física é frágil. Percebemos que há uma carência de pessoas que possam evidenciar culturalmente e religiosamente a espacialidade judaica dentro do Estado, mesmo em Porto Velho onde possuem sua sede sua existência é desconhecida pela maior parte da sociedade, esse caráter é descrito por Tuan:

O estilo de vida de um povo é a soma de suas atividades econômicas, sociais e ultraterrenas. Estas atividades geram padrões

espaciais; requerem formas arquitetônicas e ambientes materiais que por sua vez, após terminados influenciam o padrão das atividades. O ideal é um aspecto do estilo de vida total. Conhecemos o ideal porque é frequentemente verbalizado e ocasionalmente substanciado em obras que perduram. As forças econômicas e sociais contribuem de forma extraordinária na definição de estilos de vida, mas, ao contrário dos impulsos idealísticos, carecem de auto-consciência. Os estilos de vida dificilmente são verbalizados e desempenhados conscientemente. Na maioria dos casos chegamos a compreender algo do estilo de vida de um povo, analfabetos, em relação ao meio ambiente, tenho considerado suas lendas e cosmografias (TUAN: 1980, 199-200).

Durante essa constante adaptação do judeu partindo do espaço ao lugar, tentando consolidar-se em um lugar com seus iguais e com os outros é atravessada pelo sistema simbólico que Cassirer (1994), bem evidencia, pois o judeu está imerso nos mecanismos de simbolização, que atribui por meio de significados às diferentes experiências que possuem. O judeu lembra o presente espelhando-se no passado, na história de seu povo ou na história de sua família.

Ao expor que a região amazônica foi destino da migração de muitas famílias de judeus morroquinos, Benchimol (1998), confirma o que percebemos *in loco*, a maior parte dos judeus de Porto Velho é de origem *sefaradim*. Dessa maneira, nosso foco para interpretação e apresentação dos ritos será sempre voltado para este grupo, pois quase todos os ritos que presenciamos, foram realizados aos moldes *sefaradim*. A não ser o *Rosh Hashanah*, o qual fomos em duas celebrações, uma *ashkenazi* e a outra *sefaradi*.

Colocamos no quadro abaixo, as atividades que acompanhamos no decorrer da pesquisa.

Quadro IV: Demonstrativo de Eventos

Data	Eventos	Significado	Especificidade
19/08/10	I Festival da Cultura Judaica de Porto Velho	Comemoração dos 200 anos da presença judaica na Região Amazônica.	Realizado pela Câmara Municipal - foi aberto ao público em geral.
Do anoitecer de sexta - feira	<i>Kabalat Shabat</i>	Ritual de boas vindas ao Shabat, acontece no sétimo dia da semana, é uma das mitzvot.	Após a leitura da <i>Tanach</i> , entoam-se cânticos de honra e glória a <i>lahweh</i> . No final da cerimonia desfrutam uma ceia.
Em abril de 2010 e 2011	<i>Pessach</i>	A manifestação do Poder de "Deus"	Lembrança da escravidão no Egito e a manifestação do poder de "Deus" para libertação dos filhos de Israel
Setembro de 2010	<i>Rosh - Hashaná</i>	É o começo de um novo ano, neste momento há o toque do <i>Shofá</i> .	Durante o ritual ingeri-se alguns alimentos em lembrança das graças recebidas, é o momento de pedir forças para um novo período de existência.
Outubro de 2010	<i>Sukot</i>	Festas das cabanas	Lembrança do verdadeiro propósito da vida.
Novembro de 2010	<i>Chanuká</i>	Lembrança da multiplicação do óleo no Templo.	É um festejo que possui dupla finalidade a de lembrar a benção de <i>lahweh</i> para purificação do Templo. outra foi a vitória que os Macabeus tiveram contra seus inimigos
Janeiro de 2011	<i>Tu Bishvat</i>	Festejo que comemora a colheita.	Possui valor simbólico comparando-se a fé judaica como a raiz de uma árvore.

Essas atividades foram realizadas durante o ano de 2010 e no começo de 2011, como pode ser constatada no quadro acima, os rituais que fomos foram realizados pelos membros do Centro Judaico de Rondônia numa tentativa de continuidade nos ritos. Percebemos que os diversos conflitos internos acabaram por diminuir à medida em que os eventos foram gradativamente realizados e, para o

ano de 2011 a localização do cejuron também era uma incógnita, pois haviam pedido a sala comercial onde a entidade funcionava.

5.3 Costumes e Ritos Judaicos

Constatamos que a comunidade judaica sofreu as influências e influenciou o espaço e o lugar onde experienciaram sua religiosidade. Buscaram com o tempo produzir e reproduzir seus ritos e costumes diários no cotidiano portovelhense entre eles no lavar as mãos, nas orações, no cuidado ao preparar os alimentos e no acondicionamento destes.

O judeu tenta seguir a risca seu calendário de festividades que é elaborado por estudiosos e rabinos, e divulgado pelo mundo todo para que todos possam seguir. Um só calendário religioso é seguido pelos judeus mesmo que no país que estejam possuam o calendário comercial. Para melhor compreensão segue uma citação e o calendário divulgado pelo sítio do *chabad*⁵⁵.

O calendário judaico é mais antigo que o gregoriano; existe há mais de 3300 anos, quando D'us mostrou a Moisés a Lua Nova, no mês de Nissan, duas semanas antes da libertação dos filhos de Israel do Egito, no ano 2448 após a Criação do mundo. A partir dessa época, o povo judeu recebeu um calendário especial, diferente dos outros já existentes. O ano do calendário judaico se compõe de 354 dias dividido em doze meses de 29 e 30 dias alternadamente. Tal ano é denominado "regular". alguns anos deve-se acrescentar ou subtrair um dia de um dos meses. Assim, o ano normal de 12 meses poderá ter 353, 354 ou 355 dias, enquanto o ano embolístico teria 383, 384 ou 385 dias.⁵⁶

Podemos visualizar as divisões do calendário no quadro abaixo:

⁵⁵ O *Chabad* é um movimento atrelado à tradição chassídica. O movimento chassídico surge no âmbito da Europa oriental Outra vertente do judaísmo Ashkenazi surgida anteriormente e que permanece tendo e cativando bastante adeptos, apesar da assimilação é o chamado movimento Chassídico. Este movimento surgiu na Polônia no século XVIII e primeiramente foi rejeitado por judeus de outras partes da Europa, mas logo arrebatou milhares de seguidores com sua pregação que dava "ênfase às emoções em contra-posição ao intelecto" (EBAN: 1975, p. 206).

⁵⁶ Disponível: <http://www.chabad.org.br/datas/calendario/sobre.htm> -acessado em julho de 2010.

Quadro V: Calendário Judaico⁵⁷

	Normal incompleto	Normal irregular	Normal completo	Embol. incompleto	Embol. regular	Embol. completo
Mês	353 dias	354 dias	355 dias	383 dias	384 dias	385 dias
Nissan	30	30	30	30	30	30
Iyar	29	29	29	29	29	29
Sivan	30	30	30	30	30	30
Tamuz	29	29	29	29	29	29
Av	30	30	30	30	30	30
Elul	29	29	29	29	29	29
Tishrei	30	30	30	30	30	30
Cheshvan	29	29	30	29	29	30
Kislev	29	30	30	29	30	30
Tevet	29	29	29	29	29	29
Shevat	30	30	30	30	30	30
Adar I	-	-	-	30	30	30
Adar II*	29	29	29	29	29	29

Dependendo de quantos dias é que vai ser contado o ano “normal” que é caracterizado por 12 meses, de 353 a 355 dias. E, quando o ano possui 13 meses e tem entre 383 e 385 dias é denominado de embolístico. Outro detalhe importante é que o calendário não segue especificamente o início do ano como nosso calendário, o exemplo é o próprio *Rosh Hashanah* que acontece no mês de *tishrei*⁵⁸, enquanto que o primeiro mês do calendário judaico é o de *nissan*, pois foi neste mês que

⁵⁷ Disponível: <http://www.chabad.org.br/datas/calendario/sobre.htm> - acessado em junho de 2010.

⁵⁸ Para a literatura rabínica diz que foi neste dia que Adão e Eva foram criados, e neste mesmo dia incorreram em erro ao tomar da árvore da ciência do bem e do mal. Também teria sido neste dia que Caim teria matado seu irmão Abel. Por isto considera-se este dia como Dia de Julgamento (*Yom ha-Din*) e Dia de Lembrança (*Yom ha-Zikkaron*), o início de um período de introspecção e meditação de dez dias (*Yamim Noraim*) que culminará no Yom Kipur, um período no qual se crê que o Criador julga os homens (http://pt.wikipedia.org/wiki/Rosh_Hashan%C3%A1 – acessado em 10/10/2011).

Moisés teve a revelação da libertação dos filhos de Israel do Egito no ano de 2448 após a criação do mundo,

O mês lunar compreende o tempo que decorre de um Novilúnio⁵⁹ até o próximo, consistindo de 29 dias, 12 horas, 44 minutos e 3,33 segundos. Como é impossível incluir num mês períodos fracionados como meios dias, horas e minutos, calculamos normalmente os meses de 29 e 30 dias, alternadamente. Desta forma resolve-se o problema das 12 horas excedentes que, uma vez são abatidas do mês de 29 dias e outra vez acrescidas no mês de 30 dias. Se por acaso nos ocorre perguntar: qual é a importância disto? Aconteceria o seguinte: as festividades, neste caso, caminhariam para trás, cerca de onze dias em cada ano, até que a festa de Pêssach, que deveria ser celebrada na primavera (considerando as estações em Israel), cairia no meio do inverno; e Sucot que é no outono, seria em pleno verão, etc. Porém a Torá nos exige comemorar cada festividade na respectiva estação; por isso não ignoramos o sistema solar que determina as quatro estações do ano e não podemos deixar os onze dias e as frações para trás⁶⁰.

No judaísmo estão presentes rituais diários, que devem ser executados pelo fiel seguindo as leis da *Torá*. Assim além destes ainda existem as festividades que fazem parte de seu calendário, estas também são manifestações de sua religiosidade e sua cultura, para Paul Claval:

a abordagem cultural parte da idéia que na vida humana, o que é inato é menos importante que o que é aprendido. A cultura é feita de práticas, atitudes, conhecimentos, valores e crenças que foram recebidos dos pais ou criados. O geógrafo estuda as relações entre o homem e o ambiente, e entre os homens, através da descrição dos conjuntos de ferramentas usadas, da língua falada e dos discursos. Numa segunda, fase ele focaliza a dimensão simbólica dos discursos, dos mitos e dos rituais, Numa terceira fase, ele explora o que fornece às culturas, o seu conteúdo normativo. Nessa perspectiva, é possível analisar o papel dos grupos sociais na transmissão da cultura, mas a ênfase se dá aos aspectos individuais dos fenômenos estudados (CLAVAL: 2007, p. 10).

Desse modo, as formas das práticas religiosas do judaísmo são realizadas em rituais coletivos, tornam-se foco de análise por meio da perspectiva da Geografia da Religião. Nós estudamos o fenômeno religioso enquanto espaço onde ocorrem as relações de simbolização e significação humana que emergem pelas práticas religiosas. Destacamos a religiosidade por sua importância, enquanto fenômeno cultural e nos apoiamos na definição de Gil Filho sobre o objetivo do estudo da

⁵⁹ Período em que a Lua é nova.

⁶⁰ Disponível: <http://www.chabad.org.br/datas/calendario/sobre.htm> - acessado em junho de 2010.

Geografia da Religião, como o “espaço de relações objetivas e subjetivas consubstanciadas em formas simbólicas mediadas pela religião” (GIL FILHO: 2007, p. 210).

Dentre as relações que os membros da comunidade experienciam com a vivência em comunidade, observamos que seus sentimentos e impressões perpassam os lugares de convivência mais íntimos, estes sendo o lar e o CEJURON, nestes lugares seus rituais são realizados e desta maneira eles podem exercer seu judaísmo. É no lugar, onde congregam com seus iguais ou no lar, que dispõem ações que os identificam como judeus. O homem em comunidade ao adaptar-se ao lugar constitui-se de um conjunto de símbolos, que lhes possibilita diferenciar-se dos demais e ainda assim não se excluir da sociedade que fazem parte, nas palavras de Cassirer:

O homem descobriu, por assim dizer, um novo método para adaptar-se ao seu ambiente. Entre o sistema receptor e o efetuator, que são encontrados em todas as espécies animais, observamos no homem um terceiro elo que podemos descrever como sistema simbólico. Essa nova aquisição transforma o conjunto da vida humana. Comparado aos outros animais, o homem não vive apenas em uma realidade mais ampla; vive, pode-se dizer, em uma nova dimensão de realidade [...] o homem vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo (CASSIRER: 1994, p. 48).

Entendemos que o judeu portovelhense ao dar continuidade, cotidianamente, as práticas religiosas de sua crença possibilita que sua judaicidade esteja em constante manutenção e como já havíamos mencionado é no “lugar” íntimo que ele evidencia sua religiosidade. E, nos apoiando em Tuan consideramos a casa ou seja a morada como o lugar seguro, o lugar íntimo, este como o elo em que o judeu portovelhense vivencia sua judaicidade.

Devemos evidenciar que, após a destruição do Templo por Nabucodonosor (586 a.C.) o lar ganha o *status* de lugar para realização dos ritos, estes antes realizados exclusivamente no Templo. Desde que essas estivessem preparadas para tal feito, temos que deixar claro, que isto aconteceu antes que, houvesse as sinagogas e durante as várias perseguições sofridas pelos judeus, era dentro de seu lar em segredo, o lugar onde podiam exercer sua crença e seus ritos.

O lar só fora usado como lugar para manutenção constante da judaicidade enquanto houve perseguição e quando estavam sujeito a mudanças de morada inesperada.

Questionamo-nos o porquê dos judeus a pesar de estarem tanto tempo em Porto Velho não possuem uma sinagoga para estruturação de seus ritos. E, também sabendo que os judeus são conhecidos por guardarem sua crença e manter seus vínculos com seus ancestrais, para tal nos lugares aonde chegam para morar procuram estruturar a comunidade em torno das disposições provenientes da *Torah*, e a partir disso unem-se para arrecadar provimento financeiro para construção da sinagoga e do cemitério, lugares que são importantes para que a comunidade possa ser evidenciada, deste modo seguem o ensinamento da *Torah*, de “povo separado”.

Em Porto Velho se essa movimentação para estruturação da comunidade aconteceu não obtiveram o resultado esperado, pois o simbolismo judaico só é evidenciado no cotidiano familiar ou de pessoas que são amigos ou conhecidos mais íntimos.

Deste modo observamos que os judeus que residem na capital são pessoas discretas, não que neguem sua fé, mas não fazem questão de evidenciá-la. E, a disputa pela liderança é algo a ser esclarecido, como não há rabino na cidade que possa uni-los como uma comunidade, onde possam desenvolver a participação do *minian* e de toda a estrutura que, as comunidades que já estão consolidadas possuem. Essa condição propicia a continuidade de conflitos caracterizados na demonstração de quem é mais judeu, é uma disputa individual que os enfraquece e demonstra que a maioria não quer que ocorra a organização, pois a partir dela o conhecimento e interpretação de seus rituais em contato com o espaço de interação das formas simbólicas da sua cultura seriam fortalecidos com a presença de uma liderança que possibilite a união da comunidade judaica portovelhense.

Com essas atitudes, observamos que em Porto Velho, a comunidade não influenciou nas mudanças da paisagem como o que demonstraria sua existência social e estruturada para as demais comunidades existentes na cidade, é como Armando Corrêa da Silva (1991), expõe:

o modo de produção social expressa-se como imanência humana da organização social do espaço terrestre, que abrange o econômico, o político e o cultural. A paisagem social é o dado perceptível do espaço terrestre já estruturado ou em formação. A lógica da paisagem social expressa-se como um conjunto de relações mais ou

menos estáveis, entre elementos sociais e sociais-naturais, que realizam entre si relações de trabalho, no interior de modos de produção. A determinação do social expressa-se como modificação do modo de produção natural e como sobredeterminação do próprio modo de produção social (SILVA: 1991, p. 18).

Sem esse conjunto de formas o qual entendemos que podem ser o cemitério, a sinagoga, o museu, etc., que possa expressar materialmente a presença organizada da comunidade judaica dentro de Porto velho, a falta destes demonstra uma certa invisibilidade da comunidade nesta cidade existem na cidade. Na fala do Narrador IV:

eles vinham de Belém, vinham até a região de Santo Antônio e faziam comércio, eles andavam em muitos lugares de regatão, e ela disse, que uma das tia dela morreu, e eles foram obrigados a enterrar ela assim na beira do rio, eles enterraram ali mesmo na beira. Inclusive é até interessante, que a gente vê, que tem pra todo lado aqui na Amazônia se tem túmulo de judeu espalhado, num tem tudo juntinho assim, é judeu espalhado pra tudo quanto é lado, se for analisar bem de vez em quando descobrem aí túmulos de judeus aí pela floresta, porque era muito comum, até porque, muita das vezes tem judeu, que fala assim: eu prefiro, que me enterrem dentro do mato isolado do que, me enterrar num lugar todo amontoado cheio de idolatria, tem judeu, que fala né! Que eles não querem ficar perto das imagens de Jesus Cristo, porque as pessoas acham, que Jesus Cristo é “Deus”! Aquela coisa toda, e ai tem esse porém, de ser enterrado junto com os idolatras! Pra não ter problema na época da ressurreição, e isso tem mais coisas (Narrador IV, 2011).

Percebemos a necessidade da construção do cemitério. Já a sinagoga é uma estrutura física elaborada para que possa reunir os judeus em vários momentos para fortalecimento e estudo dos preceitos do judaísmo, mesmo que a sinagoga não seja usada para funeral. Entendemos que o cemitério deveria já existir pois vários judeus tiveram que ser enterrados em cemitérios cristãos.

A medida que a espacialidade judaica vai desde o contato com um não judeu, até o seu igual na fé, este podendo ser um “*ashkenazim* ou *sefaradim*” possuem ações manifestas dentro da experiência religiosa e mesmo com algumas diferenças os colocam em interação. Colocamos entre aspas, pois em algumas reuniões no CEJURON, havia pessoas com descendência *ashkenazim* e outras com descendência *sefaradim*, porém suas especificidades na realização do ritual não foi impedimento para a execução do mesmo.

Os alimentos e a forma de dar prosseguimento ao ritual no CEJURON, foram realizados ao modo *sefaradim*, e há certas provocações que acontecem quando estão juntos e sentem que podem brincar um com o outro, sempre afirmam que “nós *sefaradim* fazemos desse jeito, é melhor”, mas as afirmações ou qualquer diferença são deixadas de lado durante o ritual.

Dentro do espaço religioso do CEJURON, onde ocorre o ritual judaico podemos enxergar e sentir claramente o temor evidenciado diante a leitura dos Salmos, das canções, dos alimentos. Desde o início o teor de sagrado é evidenciado ao chegarem cada judeu toca na *mezuzah* que está fixada a mais ou menos um metro e oitenta centímetros de altura no umbral da porta de entrada. Notamos que já tínhamos sido aceitos pela comunidade quando eles se expressavam e realizavam suas ações sem a desconfiança de alguém que não era do seu meio, o rito de tocar na *mezuzah* e beijar a ponta do dedo é caracterizado um rito de agregação, nas palavras de Van Gennepe:

Aos ritos de entrada na casa, no templo etc. correspondem ritos de saída, idênticos, porém inversos. Na época de Maomé os árabes ao entrarem ou saírem acariciavam com a mão o deus doméstico, de modo que o mesmo gesto, conforme o momento era um rito de agregação ou um rito de separação. Igualmente, todo judeu piedoso sempre que atravessa a porta principal de sua casa toca com o dedo da mão direita a *mezuzah*, caixinha fixada no umbral (caxilho da porta) da porta e onde se acha um papel, uma faixa de pano, etc. tendo escrito ou bordado o nome sagrado de Deus (*Shaddai*). Em seguida beija o dedo e diz: o senhor proteja tua saída e tua entrada, a partir desse momento e para sempre!, juntando neste caso o rito verbal ao rito manual. Observe-se que em geral unicamente a porta principal, quer porque foi consagrada por um rito especial quer porque está orientada em uma direção favorável, é sede de ritos de entrada e de saída. As outras aberturas não têm este mesmo caráter de margem entre o mundo familiar e o mundo exterior. Daí a preferência dos ladrões em entrarem por outro lugar e não pela porta. (VAN GENNEPE: 1978, p.39-40)

A porta de entrada simboliza a entrada das bênçãos, a proteção de “Deus”, ao entrar em sua casa o judeu toca na *mezuzah* demonstrando respeito, certeza nas bênçãos dadas a ele. Por isso é tabu para o judeu varrer a sua casa no sentido contrário a porta da cozinha. Jogar o lixo pela porta de entrada é profana-la, é jogar fora as bênçãos que lhes são dadas pelo Eterno, então por respeito jogam o lixo pela porta de saída. Simbolicamente, podemos observar que esta porta de saída também simboliza o expurgo, o lugar onde pode haver a rejeição da sujeira, daquilo

que não é mais útil para o judeu. Logo a porta de entrada determina a entrada das bênçãos e a porta de saída a purificação da casa, onde vai ser retirada a sujeira, aquilo que não presta mais.

Outra coisa que ficou evidente com nossas idas a campo foi que a maioria dos judeus que vieram para a região amazônica nas primeiras migrações perderam seus vínculos, e a identidade judaica, talvez por medo, como relata o Narrador IV:

naquela época da construção da Madeira Mamoré, existiam vários judeus, que vieram de Belém do Pará, vieram judeus da Venezuela, vieram judeus do Chile, vieram judeus de várias partes do mundo, que entraram pelos dois lados, tanto pela parte oriental como pela parte ocidental, vindo do Pacífico como vindo do Atlântico, isso antes da fundação Estado de Israel, eu tô falando no final do século XIX e início do século XX, naquela época de transição, então eu vejo lá, o que as pessoas antigas falavam a respeito de Guajará-Mirim, é que existia um lugar lá, onde eles se reuniam meio, que escondidos, não totalmente escondidos, mas eles sempre procuravam andar juntos, até porque, todos eram estrangeiro (Narrador IV, 2011).

O esquecimento talvez tenha ocorrido por medo de serem perseguidos como antes havia acontecido com seus ancestrais. No entanto outros continuaram a realizar os ritos, mas não ensinavam seus filhos o significado do rito. O ascender das velas na sexta-feira ao anoitecer que era a ação da espera do *Shabat* passa a ser compreendida como o rito que é realizado para pedir proteção ao anjo da guarda. Com a perda do sentido do rito e a falta de ensinamento de seu real significado muitos judeus esquecerem e outros nem ficaram sabendo de sua judaicidade. O Narrador IV, nos conta que em 1970, em Guajará-Mirim acontecia visitas do clérigo católico:

Os jovens, que estavam nascendo já não queriam fazer, porque devido a um certo preconceito, que já existia mesmo, que vinha diretamente da igreja católica. [...] O bispo, ele andava socado na casa das pessoas que eram judias. Justamente pra impedir que as pessoas fizessem o básico do judaísmo, que é a *brit-milá*, que é a circuncisão no caso, e o *Shabat*, essa coisa, iam muito perturbando as pessoas, e como as pessoas viviam de comércio, então já tinha aquele estigma, porque o judeu já é estigmatizado. [...] O judeu ele não acredita em Jesus Cristo, logo, se ele não acredita, que Jesus é o messias ele não merece, merece morrer, merece se dar mal, aquela coisa toda, e aí então, começou essa perseguição, mas na verdade, essa perseguição já dura séculos e séculos. Mas, que aqui na Amazônia nós participamos disso a pouco tempo atrás, tanto que é a nova constituição, a de oitenta e oito, que de verdade vai dar direito do ser humano ser, o que ele quiser ser, antes disso não era assim (Narrador IV, 2011).

Devido praticarem os ritos sem qualquer ensinamento aos filhos, aconteceu um esquecimento gradativo, como Tedesco (2004), escreveu em sua obra que a identidade é forjada pela consciência coletiva, e quando ocorre um processo de “autoesquecimento” ou esquecimento imposto é forjado e mantido com o passar do tempo é normal que a memória dos antepassados acabe por desaparecer,

percebemos que cada vez mais os elementos mediadores da memória, sejam objetivos, de consciência coletiva e individual, de políticas de lembrança e de esquecimento, etc., servem de suporte à cultura, à identidade social e étnica, à tradição, a possibilidade de materialização de formas simbólicas da vida cotidiana, bem como aos dramas e tramas históricos. [...] É nesse sentido que localizar o novo campo de discussão requer não esquecer que, em meio a um amontoado de informações cotidianas e imagens de passados sociohistóricos, a memória, a lembrança e o esquecimento estão cada vez mais sendo abalados num contexto de alterações que ligavam os indivíduos ao processo social, o presente com o passado, as categorias sociais que configuram a memória social. [...] Sabemos que é comum, no processo histórico e social, a produção do esquecimento ou do silêncio alter/autoimposto para ajustar o passado com as intenções/ressentimentos ainda consequentes do presente e não do tempo memorizado (TEDESCO: 2004, p. 28, 30, 33).

Dessa maneira, alguns judeus que vieram para a região amazônica ao deixarem aos poucos de realizarem os ritos impuseram a sua descendência um “hiato” ou “ruptura”, que o cotidiano transformou com o decorrer dos anos em esquecimento. Pode ser que a alienação de seus costumes foi imposta de propósito para conduzir alguns a buscarem identificação ou pertencimento ao lugar, desse modo que seus descendentes não seriam mais perseguidos e estariam completamente particularizados com o lugar para onde vieram e permaneceram depois de tantos anos. Deste modo perdendo a consciência das coisas que lhes eram familiares.

Como já havíamos comentado anteriormente Benchimol (1998) ao afirmar a “assimilação” de grande massa de judeus na região norte também informa que a maior parte desses “judeus-caboclos”, não possui o conhecimento de sua descendência e continuam sem saber de sua “identidade judaico-cabocla”, ora para os judeus ou se é judeu ou se é caboclo, logo a classificação de Benchimol torna-se ineficaz, pois se de um lado eles desconhecem seus ancestrais de outro a comunidade judaica em geral os ignora. Pois o vínculo ancestral, a prática dos ritos

e o conhecimento da *Torah* é importante para a comunidade, pois sem essas características eles não serão judeus.

Poucos são os moradores da região amazônica que ao identificarem-se como judeus buscam o sentido para as coisas que faziam, quando criança. Por terem o exemplo de seus pais, só não sabiam que as ações praticadas, eram costumes religioso que todo judeu deve fazer. É o que Halbwachs (1990), expõe como a necessidade de testemunhos discursivos e simbólicos, que sustente a memória e as experiências do indivíduo em relação ao grupo.

Quando os filhos não entendem e repassam para seus descendentes o costume de seus pais, o fazem por simples repetição sem saber o verdadeiro significado. Lefbvre (1978) coloca o cotidiano como alienador por não percebemos as mudanças que ocorrem de imediato, e dessa maneira só a percebemos quando já passou determinado tempo. Dessa maneira, o cotidiano influencia no decorrer do tempo, pois acabam por não compreenderem sentido das ações que foram praticadas durante sua vivencia, e por consequência essas mudanças acabam sendo cada vez maiores só que ocorrem de maneira imperceptível, propiciando assim o esquecimento.

A maior parte dos judeus da região amazônica nasceu e permaneceu no esquecimento de seus antepassados, de suas raízes judaica. No contexto atual algumas pessoas que ouvem eles falarem o que fazem e como fazem, se identificam com algumas práticas exercidas por seus pais ou avós e por saberem que os pais realmente faziam esses ritos, gerou a vontade de conhecer uma pouco mais sobre a religião judaica, contudo a maior parte dessas pessoas não sabiam que eram descendentes. E, a partir do conhecimento começam a entender a diferença que é algo marcante nas narrativas, na fala do Narrador V e o Narrador II, afirmam com convicção que, se encontravam em um vazio na alma que os corroia, ou que o vazio que existia foi preenchido desde que tomaram consciência de que eram judeus.

Vou numa ortodoxa num sábado, quando vou numa ortodoxa no sábado eu tive quase, que um arrebatamento, porque, primeiro, porque ela tem uma ligação muito próxima com o templo maçom, então aquilo ali quando eu entrei, eu me senti assim muito em casa, depois pelo sistema como eles eram distribuídos e a maneira de como eles eram muito ligados uns nos outros e como ficavam felizes pela maneira como exerciam o judaísmo apesar de entender muito pouco ou nada, porque tavão falando tudo em hebraico, mas eu entendia uma similaridade comigo e aquilo me marcou profundamente num único dia, eu vi uma coisa que mudou minha compreensão para com os fatos, uma única vez é como, que se eu

tivesse acordado para uma existência inteira, nunca tinha vivido isso antes, sai dela atônito com isso (Narrador V, 2011).

Falei com minha avó a vida toda eu pensei assim, que ela não sabia falar *Torah*, falava tora, daí veio uma exposição de Jerusalém, um ortodoxo David Salgado *sefarad* ele foi lá, e tava lá escrito nos painéis tora, que só tem uma comunidade em Portugal, daquela época, que falava tora. E a minha família hoje tem cem por cento de certeza da origem portuguesa e espanhola. Então quer dizer minha avó não estava fora, realmente os costumes vieram com ela, quer dizer, que a palavra tora era de uma comunidade judaica de Portugal, que num falava *Torá*, falava tora, e só há dois anos, que fiquei sabendo, que minha vó não falava errado era o jeito de falar de onde os pais dela vieram (narrador II, 2010).

Nas narrativas compreendemos que a religião completou o que eles criam que faltava em seu interior, realmente agora estavam satisfeitos, pois a explicação do judaísmo para a criação do mundo, para o ser humano, era o modo de vida e a filosofia de vida preencheram seus anseios. Com isso começa a haver uma identificação, uma busca para saber se a família realmente é ou não de ascendência judaica.

A preocupação por ter a identidade judaica é grandiosíssima, só que, o que mais impressiona é a procura por provas, querem provar que realmente são descendentes, todavia como vão provar se os avós ou bisavós já morreram. Resta para eles a procura pelo sobrenome, que também não garante que sua origem, pois ao fugirem para outros lugares os judeus tiveram que mudar seus sobrenomes para evitar a perseguição.

Em meio a tantas adversidades e conflitos a busca por *lahweh*, criador do espaço e dos homens, a busca por entender os ensinamentos desse “Deus”, chega para eles por meio dos preceitos judaicos. Encontrar a esfera do lugar onde se sente realizado, pleno em seu conhecimento dos preceitos de “Deus” é cada vez um fator imprescindível para constituição de uma identidade judaica em Porto Velho.

O comércio de alimentos *kasher*⁶¹ é quase inexistente em Porto Velho, mesmo assim os judeus presentes na comunidade fazem o possível para permanecer com os cuidados necessários para a alimentação, o acondicionamento dos alimentos é feito de maneira que a carne fique sempre em lugar reservado, não tendo contato com leite e derivados, o mesmo serve para legumes e verduras.

⁶¹ Alimento preparado de forma que o judeu possa ingeri-lo, puro.

A pia das residências possuem dois buracos, para que durante a lavagem das louças, elas possam ser lavadas separadamente de acordo com o alimento que foi ingerido, a louça de carne não deve ser lavada com a louça que foi servido leite ou algum derivado deste.

A conexão com os mandamentos é realmente intrínseca a cada um, e muito forte, pois se nos grandes centros há um responsável para ajuda-los, aqui não existe quem o faça, eles praticam por respeito à *Torah*, tentam seguir o mais próximo possível do que lhes foi mandado e ensinado.

O *kasher* tem por significado a pureza, pode ser usado tanto para alimentos como para objetos, só pode ser considerado uma *mitzvot* se houver desprendimento, renúncia e obediência, pois a preocupação não é só cuidado com o corpo físico, ele vai além, ao praticar o *kashrut* o judeu coloca-se sob a guarda espiritual do Eterno, pois para os rabinos como trata-se de *mitzvah* ele só pode ser praticado como uma obrigação, um exemplo pode ser observado a seguir.

Se alguém é vegetariano, por exemplo, e como consequência disso observa todas as restrições da *kashrut*, esta pessoa não é *kasher* – a *kashrut* pressupõe um sagrado que a comanda. Sem esse senso, apenas com o discernimento (vegetarianismo), não podemos dar conta de algo do mundo do compromisso. No entanto, o senso de sagrado pode incluir outras restrições ainda mais amplas, desde que preservemos a conexão com o ato de sermos mandados (BONDER & SORJ: 2001, p.80).

Dentro das comunidades judaicas há um grande debate sobre o que é ou não *kasher*, em Porto Velho podemos dizer que o debate fica um pouco mais atenuado, por não haver lugares específicos para a venda desses determinados produtos, que possuem todo um acompanhamento rabínico em seu preparo. Observamos que são diversas as questões levantadas entre os próprios narradores, por tratar-se da permanência ou não na lei *kasher*, e pode ser observada na fala de nosso narrador:

eu procuro seguir a doutrina mesmo, procuro comer *kasher* eu não como carne de porco, não como derivados desde os meus 20 anos, eu estou com 48. Não misturo leite com carne, muitas vezes não sei como é o preparo da comida. Aí, que é a questão, escolher fazer judaísmo aqui na Amazônia especialmente em Rondônia é complicado, porque não tem como ser ortodoxo, porque se eu fosse ortodoxo eu nem ia poder comer em nem um restaurante, o restaurante tinha que ser *kasher* e seria impossível aqui. É praticamente impossível principalmente, que viajo muito, trabalho no governo em todos os locais do estado. Então o que é, que eu faço? tenho que julgar pelas aparências! Se vejo por exemplo tem

maionese na carne eu não como com maionese, como o arroz, a carne, a salada. Pra começar se fosse pra acertar a carne não é uma carne *kasher*, o corte dela é diferente. A minha linha é progressista, porque não tem como ser outra. [...] Na realidade procuro guardar mesmo o dogma, a fé. O leite com a carne eu não como somente se eu não reconhecer, mas eu acho feijão num vai tem problema, com o arroz, que é feito com leite, se tiver carne tô fora, mas se for olhar à miúdo mesmo, aí complica né. Em casa pelo menos a gente sabe como é feito (Narrador II, 2010)

Bonder e Sorj (2001), chamam atenção para que o judeu não deixe que a prática do *kashrut* lhe faça sentir melhor que os outros, contudo podemos notar sempre a indicação de “outro” como o diferente de mim, o que não faz parte do meu grupo. Lembramos essa exclusão só para enfatizar que faz parte da construção identitária do judeu.

A *kashrut*, no entanto, traz em si uma santa subversão. Nossas cozinhas separadas para leite e carne, nossos talheres separados e nossas regras para o intervalo de comer produtos de carne e leite – tudo isso se baseia no mandamento de “não cozinharás o cabrito (be-chalav imo) no leite de sua mãe” (Êxodo 23:19 e 34:26). Porém esta vocalização de ch-l-v como sendo chalav já foi posta em dúvida por importantes estudiosos. É que a *Torá* não é vocalizada e faria até mais sentido ler-se be-chelev imo, ou seja, na gordura de sua mãe. Não é claro que as pessoas usassem o leite para cozer da mesma forma que usavam gordura animal para fazê-lo (BONDER & SORJ: 2001, p.85).

A outra discussão referente ao *kasher* faz alusão tanto a *Tanach* e a vida cotidiana dos rabinos, para o Narrador IV, a *kashrut* é importante, mas não como estão colocando, pois fazer distinção entre alimento puro ou não, e enquadrar na concepção de puro tudo que tenha o selo do rabinato, e não dar realmente preferência ao que é puro, pelo que foi propiciado pela natureza para a alimentação, sem industrialização, ora a questão seria financeira, ou uma verdade sobre o *kashrut*, este que vai além de uma negativa, é um modo de vida, de entrega e união aos mandamentos de *lahweh*. Nas palavras do Narrador IV:

[o selo do rabinato] É o reconhecimento, reconhecimento dos rabinos. Se determinada coisa tá certa ou não No caso, normalmente quando a gente fala em selo, a gente fala em comida *kasher*. Comida *kasher*. Tudo é questão econômica, de dinheiro. Eles pensam, que a gente é estúpido, mas a gente não é estúpido. É aquilo que, eu tava conversando com uns judeus. Tudo é questão de dinheiro. Se quer ser reconhecido, a sua comida, pra ser consumida por todos os judeus sérios, ela precisa ter um reconhecimento, de que precisa ter um selo rabínico daquele grupo ali, que vai ter então, seria assim eu, digamos tá ok. [...] Digamos que eu tenha determinado produto aqui,

que eu quero vender. Eu tenho, que contratar um rabino pra ele reconhecer o produto. Aí ele vai dar o selo dele. Então eu vou ter, que pagar já pra esse rabino e esse rabino vai ter, que pagar pra outro grupo, que vai ter que pagar pra outro grupo, e o produto vai ser muito mais caro e não compensa ter, que pagar pra um monte de gente. Ei, que é isso! Tão me roubando! Não, tô fora. Agora se for judeu tipo eu assim, se compra por 1 real e 50 estourando (Narrador IV, 2011).

Para que o judeu passe a encontrar os alimentos *kasher* sem precisar do selo do rabino, é necessário da parte dele um conhecimento de quais alimentos são ou não *kasher*. Temos o exemplo do que está escrito na *Torah*, seguir com cuidado poderá distinguir o que pode ser ingerido e como. Há alimentos que podem ser ingeridos livremente estes são chamados de *parve*, eles não são nem carne e nem leite são chamados, podemos tomar como exemplo: ovos, frutas, peixe, hortaliças, grãos, cereais, sucos naturais, café e chás, são considerados *kasher*.

O Talmud cita que todos os peixes que apresentam escamas possuem também nadadeiras, entretanto, a presença de nadadeiras não indica que possuem escamas.[...] Peixe e carne: Não há proibição de ingerir o sangue do peixe, nem é exigido abate especial. É um alimento parve, neutro, podendo ser consumido em uma refeição de carne ou de leite, desde que se observem alguns cuidados. [...] A Torá proíbe comer vermes e insetos, vivos ou mortos. As verduras, frutas e hortaliças devem ser minuciosamente examinadas. [...] Frutas e verduras in natura de todos os tipos podem ser compradas em feiras, supermercados, etc, sem necessidade de atestado de cashrut. O mesmo é válido para cereais e grãos, como farinha de trigo, de milho, de mandioca, fubá, aveia, arroz, feijão, ervilha, lentilha, folhas em geral (estas devem ser verificadas antes de usar). Todos estes produtos, após cozidos ou industrializados, só podem ser comprados se houver supervisão rabínica <http://www.chabad.org.br>. Acessado em julho de 2010.

É interessante saber, que a carne bovina para ser considerada *kasher* deve ser a da parte do meio para cima do boi, ou seja, a parte dianteira. A parte traseira não é considerada *kasher*. As consideradas de primeira para a maior parte da população, para os judeus é considerada impura, por fazer alusão a calda, a atraso de vida, ao passado.

A maior parte de nossas idas ao CEJURON foi durante o *shabat*. Para que fique claro, devemos informar que o *shabat* nem sempre fora realizado com rigor. Foi durante os anos de exílio que a observância do *shabat* e do *brit milah*, tornou-se cada vez mais realizada como a marca de um judeu fiel.

Através da *Tanach*, os judeus, onde quer que estivessem, puderam manter uma identidade comum e distintiva de um povo pactuado com *lahweh*, e obrigado a cumprir seus mandamentos, seja o do *brit milah*, o do *shabat* ou as leis *kasher*. Para eles o *shabat* é uma pausa para estudo da *Torah* e para que ele se questione a respeito de sua vida

realizada a meditação do judeu para com O dia de não se trabalhar não é o dia de se distrair – literalmente “tornar desatento”. É um dia de atenção, de ser atencioso consigo e com sua vida. A pergunta que se fazem as famílias no descanso - “o que vamos fazer hoje?” - é marcada por ansiedade. E sonhamos com uma longevidade de 120 anos quando não sabemos o que fazer numa tarde de domingo (BONDER & SORJ: 2001, p. 91).

Em nossas idas ao *shabat*, observamos que o ascender das velas é feito quando o sol se põe, ele não segue o tempo mecânico do relógio, segue o término da claridade de um dia para o outro.

A celebração da espera do *shabat* começa com o acender da vela geralmente é feito pelas mulheres, devido à matriarca Sara ter acendido uma lamparina, que miraculosamente queimou de *shabat* a *shabat*. Durante a cerimônia são cantados salmos referentes a ele, glorificando a “Deus” por proporcionar o dia de descanso, para reflexão sobre sua vida e estudo sobre a grandeza de *lahweh*.

Após a vela ser acesa à espera do dia sagrado, ela não pode mais ser mudada de posição, por isso, deve haver cuidado no lugar escolhido para ela. E, quando a chama da vela se apaga é entendido que já é o *shabat*.

Quando é encerrado os cânticos e as orações, ocorre a benção dos alimentos, que ficam em uma mesa que compõe a cerimônia do *shabat*.

Nas cerimônias que fomos a mesa era organizada de acordo com os costumes *sefaradim*. Havia duas mesas, uma que ficava próximo a entrada estava ornada com uma toalha e em cima dela: as *chalot*⁶², sal, os livros de cânticos, o vinho e as velas, esses eram os alimentos usados para o ritual do *shabat*. Na mesa ao lado, havia os alimentos que eram ingeridos no término da celebração das boas vindas do *shabat*, estes eram azeite, azeitona; tomates temperados com orégano, azeite e sal; berinjelas cozidas, lentilha; grão de bico, pão⁶³, *chalot*, suco e refrigerantes.

⁶²A *chalot* é um tipo de pão, o seu formato é retangular com uma trança, como três fitas entrelaçadas, lembrando uma trança, são usados duas *chalotim*, que significa a lembrança do povo de Israel, sempre unido com o “Deus” Criador. As *chalot* são usadas no rito do *Shabat*.

⁶³Pão tipo francês, cortado ao meio, para ingestão após a cerimonia da entrada do *Shabat*.

O encerramento do *shabat* acontece com uma cerimônia chamada *havidalá*. Nesta cerimônia os judeus se reúnem na sinagoga ou no lugar onde está havendo os estudos para orar e ler a *Torah*. Não havia esta cerimônia no CEJURON, pois a comunidade de Porto Velho não se reunia para realizá-la, ela é feita no lar de cada um, com seus familiares.

Os judeus evitam pronunciar o nome *shabat*, falam: “o dia depois de sexta, ou o dia antes do domingo”. O sábado é santo para o judeu, a *Torah* indica que foi o dia em que “Deus” terminou a obra da criação do mundo e descansou. Por reverência e memória, nesse dia eles não realizam nenhuma atividade, que indique: criar, gastar ou consumir energia.

Tivemos alguns exemplos nos diversos *shabat*, que frequentamos. O judeu ortodoxo não pode dirigir nem um tipo de veículo, nem acender as lâmpadas, ligar o fogão etc. Observamos que aqui, a comunidade não tem como seguir a risca esses mandamentos que os ortodoxos seguem, mesmo porque fica difícil seguir todas as normas, já que até para irem no CEJURON, necessitam ir de carro ou ônibus, se forem de carro, irão ter que ligá-lo, dessa maneira provocarão combustão que é um tipo de queima de energia, se forem de ônibus terão que pagar a passagem, com isso estariam fazendo um negócio de compra, e nenhuma dessas coisas é permitido ao judeu ortodoxo fazer durante o *shabat*.

Outro rito que acompanhamos foi o do *pessach*. O nome *Pessach* significa mancar ou pular, para Goldberg & Rayner (1989), foi usado para descrever os primeiros passos da criação do reino de Israel.

Ao chegarmos para a celebração do *pessach* no CEJURON, observamos que cada um levou um tipo de alimento e bebida, que se deve comer na celebração desse rito. Uns levaram ervas amargas que servem como indicativos da lembrança da servidão no Egito, mas também havia o cordeiro que simbolizava a manifestação do poder de “Deus” para libertação dos filhos de Israel, como ensina Goldberg & Rayner:

O Êxodo seria lembrado como a manifestação suprema do poder de “Deus” na causa de Seu povo. O Êxodo marcou seu nascimento como nação. Em cada comemoração de *Pessach*, no aniversário da saída do Egito, os detalhes são recontados aos filhos pelos pais, como se eles mesmos também estivessem presentes à libertação. (GOLDBERG e RAYNER: 1989, p. 31).

Após entoarmos cânticos, houve rezas e leitura da *Torah*, a mesa arrumada com os alimentos simbólicos para a realização do ritual foi cercada por todos os presentes, cada pessoa pegou um pedaço de ervas amargas e recitamos versículos da *Torah*, após colocamos na boca a erva para sentirmos, que já passamos pelo amargor da servidão e “Deus” proporcionou a liberdade.

Nilton Bonder & Bernardo Sorj exemplificam bem a Páscoa judaica, ela é:

acima de tudo uma lição do inacabado. A celebração recordando a libertação dos escravos no Egito, na verdade, só consolidou seu significado quando em meio a um novo período de opressão cerca de mil anos depois. O processo recorrente de subjugação deixava claro que a escravidão não se extingue com a liberação. A escravidão não se extingue quando saímos dela, mas quando ela sai de nós. É por isso que, mesmo liberados, continuamos a fazer parte (ou estamos prontos a fazer) daqueles que escravizam. É por isso que, mais cedo ou mais tarde, tornamos a encontrar a opressão diante de nós (BONDER e SORJ: 2001, p.92).

Cada alimento era ingerido de acordo com o rito, observamos que todos foram consumidos de maneira que trouxesse a memória a servidão e a libertação alcançada pelos ancestrais, e que só por isso hoje os judeus podem considerar-se livres.

Acompanhamos também a celebração do *Rosh Hashaná* na sede do CEJURON, e também na residência de um de seus membros. Pela tradição judaica, deve-se voltar ao estudo e oração durante todo o dia e a noite celebra-se em família, com uma refeição farta repleta de alimentos simbólicos. Como em Porto Velho não existe ainda uma sinagoga, as famílias propuseram encontrar-se em uma das noites da festa, pois são duas noites, e na outra cada um comemora em âmbito doméstico. Desse modo, evidenciamos os dois nortes que seguem a celebração um de âmbito coletivo/social e outro no familiar, nas residências.

Os membros que conheciam um pouco mais das orações se dedicavam à elas, e auxiliavam aqueles que ainda não dominam o hebraico, mas se esforçam para acompanhar as orações.

O *Rosh Hashanah* é o ano novo judaico, ele é uma das datas importantes do calendário judaico, começa no sexto dia com a criação do homem, é uma data instituída pela *Torah*. Para o livro sagrado judaico, com o evento da criação do homem houve o reconhecimento do “Criador” por sua criatura, esse marco instituiu a adoração a “Deus”, por isso essa data foi instaurada para a celebração do ano novo,

para os judeus estamos no ano de 5772 (em 2010). Na celebração do *Rosh Hashanah* o homem enfrenta não apenas o “julgamento divino”, ele deve enfrentar seu “próprio julgamento”.

As diferenças entre *Ashkenazim* e *Sefaradim*, nesse período não são somente em tradições culinárias e de vestimenta vão a algumas formas de interpretar a lei Judaica. No entanto, o teor os significados dos rituais e festividades é basicamente o mesmo.

Para que haja maior compreensão sobre o *Rosh Hashaná* buscamos auxílio no sítio do *chabad*, que explicou como e porque se deu a escolha do mês de *Tishrei* para celebração do ano novo judaico:

Segundo o simbolismo judaico, Dan e Din (Julgamento, *Yom HaDin*, Dia do Julgamento) são palavras derivados da mesma raiz, simbolizando que o mês de *Tishrei* é a época do Julgamento Divino e do perdão. Similarmente, cada mês do calendário judaico tem seu signo no Zodíaco (em hebraico *mazal*). O *mazal*/signo de *Tishrei* é a Balança. Este é o símbolo do Dia do Julgamento, nesta época do ano, que geralmente corresponde ao nosso mês de setembro, “Deus” pesa as boas e as más ações do ser humano na balança. O mês de *Tishrei* é o sétimo no calendário judaico. *Rosh Hashanah*, o Novo Ano, é no primeiro e segundo dia de *Tishrei*. A razão para isso, de acordo com os *chassidim*, é pelo motivo da Torá indicar o mês de Nissan como primeiro do ano, para enfatizar a importância histórica da libertação do Egito, que aconteceu no décimo quinto dia daquele mês, e que assinalou o nascimento de nação de Israel. [...] Entretanto, de acordo com a tradição, o mundo foi criado em *Tishrei*, ou mais exatamente, Adam (Adão) e Chava (Eva) foram criados no primeiro dia de *Tishrei*, que foi o sexto dia da Criação, e é a partir deste mês é que o ciclo anual se inicia, por isso, *Rosh Hashanah* é celebrado nesta época <http://www.chabad.org.br/roshhashana/htm>. acessado em julho de 2010.

Compreendemos que o dia do ano novo judaico, não é apenas uma ocasião de alegria mas, um dia dedicado à oração e a reflexão. É chamado *Yom Hazicaron*, o Dia da Memória, que foi quando todas as criaturas foram julgadas por “Deus” de acordo com seus méritos, com a aproximação de *Rosh Hashanah*, é dever do judeu corrigir qualquer mal feito ou hábito descuidado do passado.

A Torá institui que *Rosh Hashaná*, seja celebrado como o aniversário da Criação, mas essa celebração não é no primeiro dia, é no sexto dia, quando o Homem foi criado. Segundo a tradição do chassidismo *Chabad ashkenazi*, o significado do dia e do evento não reside no surgimento de uma nova criatura, superior às outras, mas está no fato de que a nova criatura reconheceu o divino

como o Criador de todas as coisas. Por isso o homem deve durante o *Rosh Hashaná* fazer um julgamento de todas as atitudes tomadas no decorrer do ano que findou.

Acompanham o *Rosh Hashanah* algumas cerimônias que vão ser realizadas no decorrer do mês pelo judeu. São elas o: *Hatarat Nedarim* que é o pedido de anulação de qualquer promessa feita e não cumprida e, também o *Yom Kipur* que é o dia do perdão nele o judeu se arrepende e pede perdão a “Deus” e a todos que ele possa ter ofendido. Outra cerimônia é o toque do *Shofar*, que é realizado após a leitura e as orações do *Rosh Hashanah*.

Durante o *Yom Kipur*, segue-se um jejum que tem por finalidade conduzir o judeu a purificação, ou seja:

A expiação não é meramente a remissão da punição pelo pecado; significa também que a alma de um judeu é purificada das máculas causadas pelo pecado. Além disso, não apenas nenhuma impressão das transgressões permanece, como as transgressões são transformadas em méritos. Que isto possa ser atingido através de teshuvá é compreensível; um judeu sente genuíno remorso pelas falhas cometidas erradicando o prazer que extraiu dos pecados. Sua alma é então purificada. O próprio pecado deve ser visualizado como uma contribuição ao processo de teshuvá. Uma transgressão separa a pessoa de D'us. O sentimento de ser afastado de D'us age como um lembrete para o retorno, para estabelecer um vínculo mais intenso com o Criador (<http://www.chabad.org.br/roshhashana/yomkipur.htm>- acessado em julho de 2010).

A cerimônia de *Hatarat Nedarim*, que é a “Anulação de Promessas”, vai de encontro com o judeu que deixou de cumprir qualquer promessa, seja por esquecimento ou força maior. É realizada antes de *Rosh Hashaná*, para que o ano novo comece sem qualquer falha do passado. É na sinagoga após *Shacharit*, ou seja, a Prece Matinal que ocorre o rito. O judeu que necessita do *Hatarat Nedarim* deve fazer a leitura de uma texto diante de no mínimo três homens que serão considerados seus juízes, e deve ser realizado na véspera do *Rosh Hashanah*, segue o texto com a tradução livre do *Sidur*, que é livro de orações judaico:

Ouçam por favor meus senhores e juízes: De toda e qualquer promessa que fiz, proibição que aceitei ou compromisso que assumi [sem declarar na hora que não teria valor de promessa irrevogável], tanto os de que me lembro como os de que não me lembro, e que não cumpri por esquecimento, me arrependo e peço diante dos senhores a anulação desses compromissos. embora pela lei a pessoa que está pedindo anulação de

promessas deva enumerá-las detalhadamente, essa explicação detalhada se torna impossível, por elas serem muitas. em vista disso, peço o favor de considerar todas como se tivessem sido por mim detalhadamente enumeradas [...] Declaro perante os senhores que, desde já, me arrependo de todas as promessas que farei a partir de hoje, das quais porventura venha a me esquecer; que sejam desde já anuladas e tornadas sem efeito (SIDUR, livro de Orações Judaico).

Outra tradição judaica que deve ser feita durante a celebração do *Rosh Hashanah* é o toque do *shofar*, este é um instrumento de sopro, basicamente um berrante feito de chifre de carneiro ou outro animal *kasher*. O judeu deve fazer o possível para escutá-lo, quando é tocado na época de *Rosh Hashanah*.

O *shofar* não é um instrumento "musical"; não é usado por prazer ou divertimento. Tem um sentido simbólico de chamamento para o arrependimento, avisando a chegada dos Dez Dias de Arrependimento, que começam com *Rosh Hashanah* e culminam com *Yom Kipur*. O som do *shofar* no dia de *Rosh Hashanah*, deve ser também sinal de quebra das correntes de pecados, para começar uma nova vida com o coração puro.

O *shofar* deve ser curvo, para mostrar que o homem deve ser humilde perante “Deus” e curvar seu coração a Ele. Não deve ser decorado com ouro, ou mesmo com pinturas sobre ele. A única coisa permitida é alguns entalhes no próprio chifre, sem adicionar nada a isto, por lembrança de que “Deus” não procura pela beleza externa ele procura um coração limpo. O toque do *shofar* em *Rosh Hashanah* é um mandamento da *Torah*. É um preceito como todos os outros da fé judaica e, portanto, deve ser feita uma bênção especial antes de tocá-lo: "Bendito és Tu, ó Senhor, nosso “Deus”, Rei do Universo, que nos santificou com Seus mandamentos e nos ordenou ouvir a voz do *shofar*"

Em hebraico a palavra *Lishmoa* "ouvir" ou "escutar" possui a mesma raiz que a palavra de Shemá, e possui vários significados, entre eles, escutar ou ouvir com os nossos próprios ouvidos; além de entender e obedecer. Deste modo, quando o Baal Tokêa (aquele que toca o shofar) faz a bênção por todos nós, espera-se que não só o som do shofar seja ouvido, como também compreendida e obedecida sua mensagem. [...] O Shofar emite três sons característicos: *Tekíá* – um som contínuo; *Shevarim* – três sons interrompidos; *Teruá* – nove (ou mais) sons curtos. Estes sons do shofar representam sentimentos de profundo pesar pelas más ações que foram cometidas no passado. É também um chamado para a batalha. O shofar também simboliza a convocação para lutar contra tudo que impeça a prática do judaísmo em sua plenitude: paixões, preguiça e negligência; contra a influência de maus amigos, etc.

O toque do shofar devem seguir uma ordem, apresentada na seguinte ordem: a primeira é um som *Tekiá – Shevarim – Teruá – Tekiá*. O segundo é um som *Tekiá – Shevarim – Tekiá*. E, o terceiro é o som *Tekiá – Teruá – Tekiá*. Dessa maneira o som de cada grupo é repetido três vezes, totalizando trinta toques. No total, durante as orações matinais de *Rosh Hashaná*, o *shofar* é tocado cem vezes, cada um dos sons mencionados é tocado três vezes e isto é repetido três vezes durante a oração, somando noventa toques; no final, toca-se mais uma vez o grupo de dez, perfazendo os cem toques. Um dos anseios e esperanças de alguns judeus é a vinda do Messias, do Salvador, que eliminará todo o sofrimento da vida na terra, segundo sua tradição e crença. A *Tekiá Guedolá*, o último enunciado de maneira longa, simboliza o dia quando o *shofar* será tocado para reunir do exílio todo o povo de Israel com a chegada do Messias.

Vários alimentos simbólicos são ingeridos na refeição da primeira noite de *Rosh Hashanah*, e um pedido é recitado para cada alimento ingerido. Este costume é baseado em um ensinamento *talmúdico*. Os ritos fazem parte do viver, eles são materiais e fenomenológicos, pois ao executar a fala e o gesto o judeu transcende o material.

Após a celebração todos comem uma refeição que geralmente é preparada com antecedência pela matriarca da família, certificando-se de que todos os ingredientes são apropriados para o consumo de acordo com as leis judaicas para a alimentação. Antes de apreciarem a ceia comemorativa do Ano Novo, também é costume comer carne, e tomar vinho doce ou qualquer bebida doce, na refeição de *Rosh Hashanah* para ter um ano farto e doce.

Na segunda noite de *Rosh Hashanah*, imediatamente após o *kidush*, a bênção sobre o vinho, costuma-se ingerir uma fruta da estação, a fim de pronunciarem a bênção de *Shehecheyánu*, que é uma oração de agradecimento por estar vivo.

Conforme o costume *Chabad*, a oração *Yehi Ratzon* só é recitada ao ingerir a maçã com mel. Já os sefaradim pela tradição recitam a oração *Yehi Ratzon*, para cada alimento específico.

Cada um deve comer os alimentos elencados no quadro a seguir:

Quadro VI: Os Alimentos Simbólicos do *Rosh Hashanah*

Alimento	Significado	Especificidade
Maçã	Um ano com bençãos e prosperidade	Mergulha-se uma fatia de maçã no mel, recitando a bênção que se faz sobre as frutas (<i>Borê Peri Haêts</i>) e se diz: " <i>Yehi Ratson milefanêcha shetechedêsh alênu shaná tová umetucá</i> ". "Possa ser Tua vontade renovar para nós um ano bom e doce".
Chalot	A continuidade e Eternidade	As chalot servidas em <i>Rosh Hashanah</i> são redondas, como o círculo que não tem começo nem fim; sem ângulos, nem arestas, um pedido para um ano sem conflitos. Costuma-se mergulhar o pão no mel.
Mel	Representa a compaixão de "Deus"	O valor numérico da palavra "dvash", mel equivale ao valor de " <i>Av Ha'Rachamim</i> " Pai Misericordioso: assim o mel representa a esperança de que a sentença decretada pelo Supremo Juiz, no julgamento que está ocorrendo de cada alma no ano novo, seja amenizada.
Alho-poró	Proteção	Guarnição contra os possíveis inimigos.
Acelga	Proteção	Guarnição contra os possíveis inimigos.
Tâmara	Destruição dos inimigos	É professada antes da ingestão da tâmara a palavra <i>yítamu</i> , palavra que significa morram, acabem, soa parecido com tamar.
Abóbora, moranga ou cenoura	Prosperidade	A palavra " <i>mern</i> ", em <i>yidish</i> , pode ser traduzida como "cenoura" e também como "se multipliquem". Por isto comemos cenoura, para que os méritos se multipliquem.
Feijão roxinho	Pedido de bençãos	É ingerido para obtenção de bençãos
Romã	Lembrança das <i>mitvots</i> e crescimento dos méritos	Costuma-se ingerir em sinal para que aumentem nossos méritos como os caroços da romã. Há uma explicação que a romã possui 613 caroços, o número das mitsvot da Torá.
Peixe	Multiplicação	Come-se peixe para que "Deus" cuide do judeu atentamente e para que o povo se multiplique como os peixes.
Cabeça de carneiro, língua	Lembrança do pacto de Abraão e Prosperidade	É ingerida também para lembrar o sacrifício de Isaac, que foi substituído por um carneiro. E para lembrar que o povo judeu devem ser cabeça e não calda.
Cabeça de peixe	Estejam sempre a frente	Ao comer um pedaço da cabeça do peixe recita-se a bênção que sejam a cabeça e não cauda e também como sinal de bênção para a multiplicação do povo judeu.

Na celebração do *Rosh Hashanah* na residência de um membro do CEJURON tivemos a possibilidade de tirar foto, pois não era um sábado.

Mesa organizada com os alimentos simbólicos do *Rosh Hashanah*.



Foto1: Mesa para celebração do *Rosh Hashanah* (Jeninfer/2010).

Mesa preparada com alimentos *kasher*, que podem ser servidos no *Rosh Hashanah*:



Foto2: alimentos de ritos ashkenazim (Jeninfer/2010)

Também durante o período do *Rosh Hashanah* tem alguns alimentos que precisam ser evitados pelo judeu, não se come nada temperado com vinagre durante o *Rosh Hashaná*, nem com raiz forte, pela crença de que isso pode trazer um ano amargo para a pessoa. Nozes também não devem ser ingeridas nestes dias. Um dos motivos é porque elas provocam pigarro que pode atrapalhar as orações do

dia; outro motivo é que o valor numérico da palavra “egoz” e “noz”, corresponde ao da palavra *chet* (pecado) sem a letra *alef*.

Outra celebração que fomos, foi das *sukot* que ocorreu em outubro de 2010, ela é uma *mitzvá*, singular, pois é referente a construção de uma cabana ou tenda; é considerada a única *mitsvá* que literalmente envolve a pessoa de corpo inteiro, com a força física e espiritual. Segundo BONDER & SORJ (2001), a *sukot* não deve ser apenas materializada pelo judeu, ele deve fazer uma introjeção metafórica do verdadeiro significado da celebração da *sukot*,

existem dois modelos judaicos que abordam a questão da segurança e que falam legitimamente pela tradição. Refiro-me às duas estruturas de coberturas existentes na tradição judaica – a *suká* e a *chupá*. Uma fala metafórica e metafisicamente da relação do ser humano com D'us (*ben-adam la-makom*); a segunda da relação entre seres humanos (*ben-adam le-chaveró*). [...] A *suká* é uma estrutura que deve ter paredes definidas mas cuja cobertura deve ser frágil e permitir que através dela se vejam as estrelas do céu e os raios do sol. A *chupá*, por sua vez, não pode ter paredes definidas mas sua cobertura é compacta (BONDER & SORJ: 2001, p.107).

A celebração das *sukot* é realizada com finalidade de demonstração da dependência do judeu perante seu “Deus”, é a lembrança de que sobreviveram aos inimigos em todas as gerações, mesmo estando sem abrigo material para se esconderem ou defender, “Deus” sempre os ajudou. Por isso, no período das *sukot*, o judeu deve fazer uma cabana de galhos de árvores, para que se abrigue a noite lembrando dessa maneira que sempre dependerá de “Deus”.

A celebração de *chanuká* que ocorreu em novembro de 2010, aconteceu nas dependências da AMISRAEL⁶⁴, a comemoração foi aberta e tinha pessoas que não eram judeus no local, os alimentos dessa festa são a base de fritura, para lembrar o milagre da multiplicação do óleo. Que ocorreu quando os Macabeus lutaram em 164 a. E. C., e venderam o poderoso exército do Império Romano comandado por Apolônio e conseguiram entrar em Jerusalém,

Judá entrou na capital judaica em 164 a. E. A., abandonada pelos colaboracionistas em fuga. Retirou do Templo a estátua de Zeus, que foi quebrada em pedaços na praça, fazendo o mesmo com os utensílios do culto idólatra, limpou todos os compartimentos e restabeleceu o culto de “Deus”, acendendo as lâmpadas respectivas. Mas, conta a lenda que só havia óleo sacro para um dia de combustão. Aí aconteceu o milagre: as chamas da lâmpada arderam

⁶⁴ Associação dos Amigos de Israel é uma ONG.

durante oito dias, tempo suficiente para que fosse fabricado novo óleo, purificado e sacramentado. Esse maravilhoso acontecimento da lenda judaica vem sendo comemorado até hoje anualmente com a festa da *Chanuká* de oito dias de duração, durante os quais vai sendo acesa cada noite mais uma lamparina ou vela, até atingir o número de oito, correspondentes aos oito dias do milagre (IZECKSOHN: 1973a, p. 165).

Para relembrar o feito celebram a festa da *Chanuká*, com a *chanukia* que é um candelabro de oito braços, todos com mesma altura, e um braço removível chamado *shamash*⁶⁵, que fica um pouco mais alto que os demais, ou pode também ficar a parte. É com o ele que são acesas as demais velas.

O ritual do *Chanuká* tem início com o acender da *shamash*, antes de acender a primeira vela é dita uma benção e em seguida, os participantes vão para a mesa confraternizar-se. Entre os judeus *sefaraditas* o costume é uma *chanukia* para cada família. Também faz parte da festa de *chanuká* o *sevivon* uma espécie de pião com quatro lados cada lado com uma letra do alfabeto hebraico que forma a frase “Um Milagre Aconteceu Lá”.

Também fomos a celebração de *Tu-Bishvat*, que ocorreu em janeiro de 2011, nas dependências da AMISRAEL, aberta para toda a comunidade portovelhense.

O *Tu Bishvat* é o ano novo das árvores, *shevat*, é o décimo mês no calendário judaico contado a partir de *Nissan*. Em nosso calendário ocorre entre os meses de janeiro e fevereiro, durante esse período em Israel é a transição do inverno, para a primavera onde as árvores começam a florescer.

Na *Torah* há muitas comparações entre uma árvore e uma pessoa. Há comparação desde o ciclo de vida das árvores, com o ciclo da vida humana. Eles entendem que uma árvore só pode sobreviver enquanto está arraigada no solo de onde tira seus nutrientes, e lembra o judeu que só permanece vivo espiritualmente, se estiver ligado a sua fonte espiritual, que é a *Torah*, por isso no *Tu Bishvat* eles buscam a leitura da *Torah* e cânticos referentes a engrandecimento de “Deus”.

Enfatizamos que os judeus com suas experiências vividas entre si e as comunidades distintas em atitudes, comportamentos e credo, seu modo de vida e

⁶⁵ Uma menorá de Chanucá tem oito braços numa fila reta de igual altura. O shamash (vela auxiliar), usado para acender a menorá, é colocado mais alto ou à parte das outras. Uma menorá que funcione com eletricidade pode ser usada como decoração de chanucá, mas não cumpre a mitsvá (conexão com D’us) de acendimento da menorá (<http://www.chabad.org.br>).

cultura podem ou não sofrer algumas mudanças, quando envolvidos com outros grupos sociais, e mesmo estando dentro de comunidades onde lhes ensinam seu passado de perseguições e extermínio, e o título de escolhido de “Deus”, depende internamente de cada membro da comunidade judaica pensar igual ou diferente dos outros judeus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia Humanística abarcou a religião como uma vertente para pesquisa e estudo das representações concebidas pelo homem, enquanto ser religioso. Esta vertente evidencia a espacialidade que é consolidada por meio das relações religiosas no lugar em que o homem vive.

Por isso a espacialidade e lugar devem ser compreendidos por meio de uma rede teórica, que busca por intermédio do método e da metodologia demonstrar nos textos as intenções dos sentidos, que são representados pela prática humana por meio do rito religioso e da convivência em sociedade que é realizada no cotidiano.

Quando as atitudes humanas são projetadas como símbolos, há necessidade de interpretação para que, haja compreensão do fenômeno que se relacionam dentro da Geografia da Religião. Estes fenômenos religiosos se interagem no dia a dia do indivíduo, que entende sua crença como uma máxima e quer apresentá-la a todos com quem mantêm relações.

Destarte entendemos que as religiões e seus membros não são iguais, se diferem em muitos aspectos, e são estas diferenças que interessam para o estudo que a Geografia da Religião enquanto ciência visa compreender e interpretar no homem. São ações e sentimentos expressados por meio de sua religiosidade para as pessoas que estão ao seu redor que caracterizam o ser religioso.

Ao aplicarmos o método “Hermenêutico-Fenomenológico” neste trabalho concatenamos uma dinâmica de ações para chegar às interpretações e a participação junto a comunidade pesquisada. Desta maneira ao moldarmos as narrativas de acordo com a “Pontuação em Cápsula Narrativa em Geografia Oral” seguimos o trajeto metodológico para a realização das entrevistas e estruturação das narrativas e, com a constituição dessa base conduzimos com maior qualidade nossa presença na pesquisa e mantivemos diálogos nas entrevistas que foram úteis para seguirmos as interpretações.

Para que pudesse expor parte de sua intimidade o narrador recebeu estímulos que trouxe a memória sua espacialidade e o lugar que viveram. O homem como ser social é também constituído por suas particularidades, podem responder aos estímulos de diferentes maneiras. Ora entendemos que os sentimentos pelos lugares que frequentamos nos trazem diversas sensações, tais como: prazer,

desconfiança, amor, aconchego, descanso, alegria; são as diversas formas de sentir, que nos envolvem, mas essas sensações só são permitidas pela experiência do homem que está em constante movimentação de um lugar para outro, e com isso formam redes que vão constituindo os caminhos e a experiência que temos sobre o mundo.

A partir da criação das memórias, cada indivíduo passa a organizar sua rede de relações espaciais e identificar instintivamente o lugar onde possa relacionar-se com outros e sentir-se íntimo. Podemos notar essa organização espacial dos judeus no contexto portovelhense, estes procuraram criar esses espaços relacionais, onde possam demonstrar sua religiosidade. Contudo, esta foi evidenciada sensivelmente dentro do contexto social, pois a existência de sua judaicidade quase não é conhecida pela sociedade local, sua prática religiosa foi organizada em torno dos seus familiares, amigos e de conhecidos próximos.

Como em outras comunidades os comportamentos que alguns membros da comunidade judaica de Porto Velho possuem estão intimamente ligados à história de Israel e a história de seus ancestrais. Essa justaposição cultural foi constatada durante a pesquisa, por meio das narrativas e das interpretações foram evidenciadas.

As diferentes formas de caracterização do judeu podem ser evidenciadas em três ações praticadas de maneiras diferentes. A primeira crer na unicidade de “Deus”, a segunda pela descendência judaica, a terceira por conversão, ou seja, com a passagem pelos ritos de iniciação. Entretanto essa tríade sofreu modificações, pois de um lado tem os judeus praticantes da religião judaica e de outros tem os que realizam os rituais, que se identificam com a cultura judaica, mas não creem na existência de *lahweh*, estes são considerados judeus por “descendência”, pela “cultura” ou “judeu ateu”, não são religiosos.

A história judaica é repleta de diversos tipos de rebeldias, lutas e conflitos, mas a unicidade de seu “Deus” para o religioso sempre foi incontestável. Os judeus são seletivos na amizade e excludente na atitude de lidar com pessoas de outra cultura, em razão do medo constante que possa acontecer com eles as perseguições que ocorreram no passado e, esta característica é sentida na sua fala e em seu modo de vida.

Entretanto entre eles o pensar diferente, e o ir contra algumas práticas judaicas não os tira o título de judeu, este adquirido por descendência. Nosso

trabalho elencou suas as experiências para consolidar e perpetuar a sua religiosidade em Porto Velho, por meio dos aspectos encontrados nas falas e nos teóricos lidos. No contexto do trabalho na pesquisa de campo evidenciamos que alguns dos narradores tiveram que fazer estudo ou o retorno (*teshuvah*) ao judaísmo, apesar de terem ascendência judaica não praticaram alguns ritos quando criança.

Em nossas interpretações não couberam a visão dual do sagrado *versus* profano, pois entendemos que essa divisão não pode ser compreendida como única, já que o laico une essa relação no cotidiano dos indivíduos. Além disso, para os judeus as coisas vão além dessas características, pois a racionalidade que aflora em seu pensamento demonstra que o laico possui a mesma qualificação em sua percepção de mundo.

Essa existência complexa é uma condição do judeu para compreender sua maneira de vida. Portando, de acordo com as leis do Estado em que vivem, eles entendem a seu modo a certeza da existência do eu, dos outros, e de “Deus”.

Da mesma forma veem o mundo por meio de convívio do sagrado, do profano e do laico, por seguirem com cuidado para não serem assimilados por outras culturas e por entenderem que o outro lhe é diferente por escolha de *lahweh*.

A visão do eu, do outro e de “Deus” é entendida em parte pela sobrevivência diferenciada, que manteve a religião judaica viva durante as diversas migrações realizadas, convivendo com várias sociedades distintas e encontraram estratégia para garantir a sobrevivência de seu grupo. Aprenderam como eram a cultura de povos, em razão da convivência, talvez por isso tentem compreender a idiossincracia de outras religiões.

Porém tentar compreender não significa legitimar, pois há certos anseios, sentimentos e ações de determinado grupo religioso que não acompanha outro, essas diferenciações vão classificar a especificidade de cada grupo, de maneira que cada um denomine-se como lhe convém. Para o judaísmo a unicidade de “Deus” é um exemplo bem presente e suas *mitsvots* devem ser realizadas como busca de chegar-se ao sobrenatural.

Por sagrado entendemos o que é separado por uma santificação pessoal. O laico é o vivido em comum com os outros observando como tal as leis do Estado e as leis sócio-econômicas da sociedade. Enquanto que o profano é o proibido, o que deve ser evitado para que não haja “contaminação” do corpo, alma e espírito.

O corpo não é visto apenas como matéria biológica, é composto por signos que vão exprimir sua vontade, é por meio de suas representações que o indivíduo forma as relações espaciais que dão sentido ao lugar, e exprimem a perspectiva de vida que este possui.

Em todas as religiões a noção de sagrado e profano existe para que ocorra a configuração religiosa, para o judeu isso não é diferente dentro de seus ritos essa noção é explícita no conjunto da periodicidade com que ocorrem e o lugar em que podem ocorrer. Ora sabemos que os rituais possuem características próprias e devem ocorrer com periodicidade, instituída pelo seu calendário.

Alguns ritos judaicos possuem uma característica voltada para a proximidade com a natureza, como a festa das árvores, das colheitas, primícias e tendas, evidenciando a relação do homem com o meio em que vive. A intimidade com a natureza é vivida como um meio de agradecimento à *lahweh* por ter criado o mundo como morada e lhes propiciasse por meio da natureza de onde pudessem retirar o seu sustento. No judaísmo a contagem do tempo é instituída pela natureza, a mudança de dias é realizada pelo pôr-do-sol, não seguem a cronologia ocidental para realização de seus ritos, mas para a realização de seus trabalhos seguem o modo de medição cronológica do lugar em que estão vivendo.

Ao adentrar na região amazônica houve a necessidade de permanecerem com alguns de seus votos, mesmo que já não fossem mais reconhecidos como judeus transmitiram para seus descendentes a proibição de não comer determinados alimentos por causa de doença que poderia ser adquirida pela ingestão desses.

Esse recurso criado por eles para permanecer o máximo possível com alimentação *kasher*. Que é entendido dentro do judaísmo não só como uma observância ao mandamento, mas principalmente por ser compreendido como sinal de submissão a *lahweh*. Dessa maneira, com o passar do tempo o que era tabu por não ser puro ou *kasher*, passou a ser uma proibição alimentar para resguardo da saúde da família, não comer peixe de couro e certos tipos de caça, não ingerir algumas frutas com leite, foram incorporadas pelas comunidades ribeirinhas da região amazônica como precaução a doenças.

A comunidade judaica de Porto Velho demonstra alguns conflitos entre seus membros, devido a interesses distintos não foram capazes de unirem-se para o

crescimento do grupo. Este está dividido entre os de descendência, os de conversão ou retorno e os que estão buscando a conversão.

A maioria dos judeus de descendência não quer se dispor ao engajamento do crescimento religioso e cultural do judaísmo perante a comunidade em geral, em virtude de possuírem o *status* de povo escolhido não se importam em desenvolver o dinamismo da religião na cidade. Se colocassem em prática a característica judaica de crescimento de seu grupo a comunidade teria presença fortalecida na cidade, pois esses possuem cargos nas diversas esferas do governo e outros são empresários. Na realidade não tivemos notícia de nenhum judeu pobre na comunidade.

Os conversos ou que fizeram o retorno ao judaísmo são poucos, eles tentam consolidar o *status* de serem judeus, alguns sonham com a ida para Israel em busca de riqueza, e principalmente de reconhecimento de sua religiosidade. Outro grupo ainda menor é o de pessoas que almejam a conversão, estes estão engajados em doar o seu melhor para a comunidade, contudo não são aceitos pelos judeus de descendência e não são bem vistos pelos conversos ou que fizeram o retorno.

E, nesse intervalo de tempo entre os dois primeiros além de não se entenderem procuram sempre a individualidade, não conseguem nem ao menos um lugar para construção do cemitério judaico da cidade. E, nem mesmo tirar os restos mortais daqueles que estão nas sepulturas as margens do rio Madeira, e que serão submersos pelo o reservatório da Hidrelétrica de Santo Antônio.

Esses restos mortais dos judeus que escolheram ser enterrado na floresta ou as margens do Rio madeira para não transgredirem seu credo, serão perdidos assim como a história de sua fidelidade aos dogmas de sua religião.

Ora, devido a esses conflitos não se dispõem a atuar socialmente organizando seu espaço como judeus que necessitam de continuidade nas representações simbólicas, ou seja, não conseguem estruturar e organizar seu lugar de maneira que evidencie sua cultura e sua religiosidade em Porto Velho, esta última praticada de duas maneiras: a) em casa para alguns/âmbito familiar e b) em casa e no CEJURON para outros/âmbito coletivo.

No judaísmo em Porto Velho percebemos que as disputas internas contribuem para sua invisibilidade como comunidade cultural e religiosa. Porém, ocorre entre alguns deles um fato interessante no contexto das desavenças, marcadas pela demonstração em saber quem é mais judeu, por esse motivo eles

tomam a via contrária de grande parte do país, que está em pleno processo de fortalecimento de suas comunidades. Mesmo que as relações entre os membros da comunidade portovelhense sejam entraves, para exacerbar a judaicidade unitária e não do coletivo, observamos que não houve auxílio direto de outras comunidades do país, para que a estrutura cultural e religiosa seja vista em sua forma física no lugar, para que o sentimento religioso seja avivado.

Por mais que, esses entraves sejam pontos negativos, eles devem conquistar os segmentos sociais por meio da unidade da comunidade, e não da divisão. Talvez com auxílio externo consigam formar uma comunidade judaica como em Manaus, Belém ou outras que demonstram sua presença no meio social através da religiosidade e da cultura.

GLOSSÁRIO

A

Adonai → Meu senhor.

a. E. C. → Antes da Era Comum.

Alef Beit → Alfabeto hebraico.

Agadá → Ou Hagadá, que é um livro editado e reeditado através de gerações sem fim, fornece todas as instruções dos rituais possui narrativa histórica sobre as leis judaica..

Aramaico → Antigo idioma falado pelos judeus.

B

Baal Tshuvá → Como são denominados os que retornam ao judaísmo.

Baruch Hashem → Bendito é o Nome (Deus).

Baruch atá adonai → Bendito és tu Senhor.

Brachá → Benção.

Beit Hamikdash → Templo Sagrado de Jerusalém

Beit Lubavitch → Movimento ortodoxo composto pelos membros do rabino *Lubavitch*.

Beit din → Casa para reunião de algum julgamento.

Bachur Yeshivá → Jovens que estudam em uma escola para aprenderem o judaísmo.

Ben → Filho.

Brit miláh → Circuncisão.

Bnei anussim → Literalmente filhos da violação, judeus obrigados a se converterem ao cristianismo, cristãos-novos.

C

CEJURON → Centro Judaico de Rondônia.

Chassidim → ou Chassidismo Fundado por Rabi Yisrael Ben Eliezer, o *Baal Shem Tov*, há dois séculos e meio, o Chassidismo espalhou-se rapidamente pelo mundo judaico. O *Baal Shem Tov* ensinava que o judaísmo e a Torá são propriedades de todos os judeus; que cada um, independente de seu status ou de suas qualidades pessoais, está perfeitamente capacitado a servir a D'us.

Chanun → Que tem compaixão.

Chessed → Afeição.

Chaguim → Festas Judaicas.

Chassidut → Os preceitos da tradição Chassídica.

Chabad → O movimento Chabad-Lubavitch foi fundado no séc. XVIII por Rabi Schneur Zalman de Ladi, discípulo de Rabi Dov Ber, uma das destacadas personalidades de seu tempo, o qual tornou-se líder de um movimento que se transformou em um dos mais fortes e dinâmicos ramos do chassidismo.

Chabadnik → Que pertencem ao movimento Chabad.

Chanukah → Chanucá – A festa das luzes.

D

Deoraita → Os mandamentos estabelecidos na Torá.

Derabanam → São as leis criadas pelos rabinos.

E

Eieh asher Eieh → comumente traduzida como “Eu Sou Aquele que Sou”.

El → “Deus”.

El Shadai → guardião das portas de Israel, é um dos nomes de “Deus”.

El ELion → “Deus” nas alturas.

Eretz → Terra.

F

Falafel → Alimento típico israelense feito a base de grão de bico

Farbrengen → Reunião.

G

Glad kosher → Que tem o reconhecimento de um selo rabínico.

Guemará → Parte complementar do Talmude.

Galut → Diáspora

Gói → Pessoa que não é judeu.

H

Halacha → É formada de Mitzvot (mandamentos), que foram retiradas da *Torah*.

I

Iehudim → Isso é, habitantes de Iehudá (Judá)

Itvaídut → Reunião, o mesmo que Farbrengen.

Iechaim → Brinde antes de tomar bebida alcoólica.

J

Judaria → Comunidade judaica.

K

Kasher → limpo, puro.

Kadosh → Santo.

Kashrut → Leis para o preparo e consumo de alimentos.

Kehilá → Local, ou pequena comunidade, elegia um comitê de mandatários que mantinham os requisitos educacionais e sociais básicos, e coletavam os impostos do governo. As comunidades maiores empregavam funcionários pagos, inclusive o rabino, que era nomeado pelo comitê da kehilá para servir como especialista na lei judaica e diretor da ieselvá, onde textos talmúdicos e rabinicos eram imensamente estudados.

Kapará → Redenção dos pecados

Kesef → Prata, dinheiro

Kipá → Solidéu, ou judeus homens utilizam para não deixar a cabeça descoberta.

Kibutz. É uma forma de colectividade comunitária israelense. Combinando o socialismo e o sionismo no sionismo trabalhista, os kibutzim são uma experiência única israelita e parte de um dos maiores movimentos comunais seculares na história. Os kibutzim foram fundados numa altura em que a lavoura individual não era prática. Forçados pela necessidade de vida comunal e inspirados por ideologia socialista, os membros do kibutz desenvolveram modo de vida em comunidade que atraiu interesse de todo o mundo. Enquanto que os kibutzim foram durante várias gerações comunidades utópicas, hoje eles são pouco diferentes das empresas capitalistas às quais supostamente seriam alternativa. Hoje, em alguns kibutzim há uma comunidade comunitária e são adicionalmente contratados trabalhadores que vivem fora da esfera comunitária e que recebem salários, como em qualquer empresa capitalista.

M

Mazal tov → Boa sorte, felicidade.

Maloket → Discussões rabínicas.

Messucan → Perigoso em hebraico

Mohel → Professor.

Mitzvot → Plural de mitzvah

Mitzvah → Preceito judaico

Mashiach → Messias, Salvador.

Minian → Número de dez homens, necessário para fazer a oração.

Mishpat e din → Ambos significam justiça.

N

Netilat yadaim → Lavar as mãos.

Neturei Carta → Seita de judeus ultra-ortodoxos.

P

Parve → Neutro

Peiotezinho → Parte do cabelo que o judeu não corta.

Pessach → Páscoa judaica.

Pita → Pão árabe

Purim → é um feriado judaico que comemora a salvação dos judeus persas do plano de Hamã, para exterminá-los, no antigo Império Persa tal como está escrito no Livro de Ester

R

Rabanim → Os rabinos.

Rachamim → Compaixão

Razan → o responsável pelo cânticos na sinagoga

Rosh → cabeça.

Rosh Hashanah → Cabeça do ano.

S

Shalom → Esta palavra possui diversos significados, contudo neste trabalho quando ela apareceu queria dizer paz.

Shanah Tovah → Bom ano novo.

Sefaradi → Judeu espanhol.

Shkalim → Moeda israelense, Shekel.

Sinagoga → É o templo judaico para reunir a congregação, para realização dos ritos, confirmação dos votos, festejos.

Shimaltz → Manteiga de banha de galinha, ganso ou porco.

Sukot → A festa de *Sukot* é caracterizada principalmente pela obrigação do povo judeu de habitar em cabanas. A sucá lembra as tendas.

Sefer Torá → O livro das Leis.

Slichá → Desculpe.

Shochet → Pessoa habilitada a fazer o abatimento do animal segundo as leis de consumo judaicas.

Shamash → é a vela usada para acender as outras velas da *Chanuká*.

Shchitá → Forma de abater o animal segundo as leis judaicas.

Shehecheyánu → oração de agradecimento por estar vivo.

Shidurim → Coisas da tradição, um arranjo para casar pessoas que não se conhecem.

Soferim → Escribas.

Shofar → É um instrumento de sopro feito com chifre de carneiro ou outro animal puro, não pode ser feito com chifre de vaca, boi ou touro, pois poderia lembrar o bezerro de ouro feito pelos judeus no deserto. O shofar não é considerado um instrumento musical, ele traz a memória o sacrifício oferecido por Isaque. pois seu uso é exclusivo a cerimônias que tem seu simbolismo próprio. Como mandamento de “Deus”: “Deus” disse: 'Toquem para Mim com um shofar feito de chifre de carneiro, e Eu me lembrarei do sacrifício de Yitschac e pensarei em vocês como se vocês, também, estivessem prontos a oferecer suas vidas a Mim.

T

Talmud → Estudo da lei, obra enciclopédica, tratando de assuntos legais, éticos e históricos.

Tanaistas → São os autores da Mishná.

Tshuvá: É a prática de voltar às origens do judaísmo. Também tem o sentido de se arrepender dos pecados de maneira profunda e sincera. Aquele que passa pelo processo de teshuvá com sucesso é chamado de baal teshuvá.

Tov → Bom.

Tsitsit → Roupa com quatro pontas e franjas, que o judeu deve usar.

Tzedek → Justiça, correção, probidade.

Tfilá → Oração.

Tfilin → Tiras de coró que se enrola no braço para rezar.

Tzavá → Exército de Defesa de Israel.

Treife → Alimento que não é kosher.

Tu Bishvat → Festa das árvores, festa das amendoeiras.

Y

Yeshua → Deriva-se de uma raiz hebraica formada por quatro letras – ישוע (Yod, Shin, Vav e Ayin) - que significa “salvar”, sendo muito parecido com a palavra hebraica para “salvação” yeshuah – e é considerado também uma forma reduzida pós-exílio babilônico do nome de Josué em hebraico – יהושע, Yehoshua – que significa “o 'Eterno' (YHWH) salva”. Essa forma reduzida era muito comum na Bíblia hebraica.

Yehoshua → Significa “o 'Eterno' (sem as vogais: YHWH) salva.

Yeshivot → Plural de escola rabínica.

Yeshivá → Local de estudo, onde se estuda para ser rabino.

Z

Zé shtuiot ➔ Isso é besteira!

Zé ló bishvili ➔ Isso não é para mim.

Zé ló kasher ➔ Isso não é limpo ou puro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADSON, Cícero. **Veredas Sefardim da Península Ibérica a Pernambuco e do Marrocos a Rondônia**. Porto Velho: Ed. do autor, 2008.
- ALMEIDA, Maria Geralda. **Geografia Cultural e Geógrafos Culturalista: uma leitura francesa**. Revista GeoSul, No. 15 ano VIII, 1º semestre de 1993. p. 40-52.
- AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **A pluralidade da geografia e a necessidade das abordagens culturais**. s/d.
- ATTALI, Jacques. **Os Judeus, O Dinheiro e o Mundo**. São Paulo: Futura, 2003.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.
- ARMSTRONG, Karen. **Uma História de Deus: Quatro Milênios de Busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BACHELARD, Gaston. **A Intuição do Instante**. São Paulo: Verus, 2007.
- _____. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BARBOSA, Fabíola Holanda. **Experiência e Memória: A Contada e A Palavra Cantada de Um Nordestino na Amazônia**. Tese em História, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo: 2006.
- _____. **Cápsula Narrativa: História e Usos de um Conceito**. Revista Caderno de Criação. Porto Velho: ano VIII, nº 26, outubro, 2001.
- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- _____. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BECKER, Bertha K. **Amazônia**. São Paulo: Ática, 1994.
- BENCHIMOL, Samuel. **Judeus no Ciclo da Borracha**. Manaus; UERJ, 1994.
- BENCHIMOL, Samuel. **Eretz Amazônia Os judeus na Amazônia**. Manaus; Valer, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. Obras Escolhidas, Vol. 1, p. 197-221, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERGSON, Henri. **Matéria e Memória Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- BLAY, Eva Alterman. **Judeus na Amazônia**. In SORJ, Bila (org.). Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p.33-66.
- BOADA, Luis. **O Espaço Recriado**. São Paulo: Nobel, 1991.
- BOFF, Leonardo. **Os Sacramentos da Vida e a Vida dos Sacramentos**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BOLLNOW, Otto Friedrich. **O Homem e o Espaço**. Curitiba: UFPR, 2008.

- BONDER, Nilton e SORJ, Bernardo. **Judaísmo para o Século XXI**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade, Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- _____. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade, Texto e História**. São Paulo: Loyola, 1999a.
- _____. **A Noção de Cápsula Narrativa**. Revista Caderno de Criação. Porto Velho: ano VI, nº 20, outubro, 1999b.
- _____. **Calama: Uma Comunidade no Rio Madeira**. Tese em Geografia, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo: 2000.
- _____. **Nas Águas do Texto Palavra, Experiência e Leitura em História Oral**. Porto Velho: Edufro, 2001.
- _____. **Espaço e Experiência: História Oral e Geografia Humana**. Revista Online Zona de Impacto, ISSN 1982-9108: Vol.8, AnoVIII, 2006.
- <http://www.albertolinscaldas.unir.br/espacoexperiencia.htm>
- _____. **História Oral: Experiência e Narrativa**. In SANTOS, Nilson (org.). Alinhavos em Ciências Humanas, p. 137-146, Porto Velho: Edufro, 2007.
- _____. **Pontuação em História Oral**. Revista Oralidades, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo: nº4 – jun/dez, 2008.
- CAPEL, Horacio. **Filosofía y ciencia en la Geografía Contemporánea: una introducción a la Geografía**. Espanha: Barcanova, 1988.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem: introdução à uma filosofia da cultura**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- _____. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato & GOMES, Paulo César. (Orgs.) **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.
- CLAVAL, Paul. **Espaço e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.
- _____. **A Volta do Cultural na Geografia**. In Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002; p.19-28.
- _____. **A Evolução Recente da Geografia Cultural de Língua Francesa**. Revista GeoSul, Florianópolis, V.18, nº35, P7-25, jan./jun.2003.
- _____. **Apresentação**. In SILVA, Josué da Costa, KOZEL, Salette & GIL FILHO, Sylvio Fausto (Orgs.). **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Marge, 2007. p. 9-14.
- _____. **Uma, ou Algumas, Abordagem(ns) Cultural(is) na Geografia Humana?**. In SERPA, Angelo (Org.). **Espaços Culturais: Vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008.

- CORD, Marcelo Mac. **As Diversas Pontas da Estrela de Davi: os judeus na história social de Pernambuco – século XVII**. In Revista de História SAECULUM: João Pessoa, 2005. p.38-51.
- CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. **Geografia: Temas Sobre Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.
- _____. **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.
- _____. **Sobre a Geografia Cultural**. In http://www.ihgrgs.org.br/Contribuicoes/Geografia_Cultural.htm. acessado em 30/11/2010.
- _____. **Espaço, um Conceito-Chave da Geografia**. In CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato & GOMES, Paulo César (Orgs.). **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.
- DAMIANI, Amélia. **População e Geografia**. São Paulo: Contexto, 2002.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DARTIGUES, André. **O Que é a Fenomenologia?**. São Paulo: Centauro, 1996.
- DOLFUS, Olivier. **O Espaço Geográfico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.
- DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- EBAN, Abba. **A História do povo de Israel**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma Tese**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- _____. **Interpretação e Superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FANI, Ana Alessandri Carlos. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2002.
- FEITOSA, José Ricardo Teles. **Geografia da Religião: Uma Análise das Espacialidades Católicas**. Dissertação de Mestrado em Geografia– Universidade Federal de Rondônia – UNIR: Porto Velho, 2010.
- FRIEDRICH, Otto. **O Fim do Mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GARRET, Annette. **A Entrevista, Seus Princípios e Métodos**. Rio de Janeiro: Agir, 1967.
- GEORGE, Pierre. **Sociologia e Geografia**. Rio de Janeiro: Forense, 1969.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GEORGE, Pierre. **Os Métodos da Geografia**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Notas para uma Geografia das Formas Simbólicas em Ernst Cassirer**. In Revista Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças - Espaço de Socialização de Coletivos - Anais ENG, Porto Alegre – RS, 2010.

- _____. **Espaço Sagrado: estudos em geografia da religião.** Curitiba: XIBIPEX, 2008a.
- _____. **Espacialidade do Espaço Sagrado.** In SERPA, Angelo (org.). **Espaços Culturais: Vivências, imaginações e representações.** Salvador: EDUFBA, 2008b.
- _____. **Geografia da Religião: Reconstruções Teóricas sob o Idealismo Crítico.** In www.geografiaprfp.br/neer. 2009.
- _____. **Geografia da Religião: Reconstruções Teóricas sob o Idealismo Crítico.** In SILVA, Josué da Costa; KOZEL, Salete & GIL FILHO, Sylvio Fausto (Orgs.). **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista.** São Paulo: Terceira Marge, 2007. p. 207-222.
- _____. **Geografia Cultural: Estrutura e Primado das Representações.** Revista Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro – Nº 19-20: 2005, p. 51-59.
- GOLDBERG, David J. e RAYNER, John D. **Os Judeus e o Judaísmo: História e Religião.** Rio de Janeiro: Xenon ed., 1989.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e A Organização da Cultura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- GUSMÃO, Deyvesson Israel. **Entre Mundos: História Oral Com Soldados da Borracha.** Dissert., Universidade Federal de Rondônia, Mestrado em Geografia, Porto Velho, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- IZECKSOHN, Isaac. **História dos Judeus 1º Vol.** Rio de Janeiro: ed. do autor, 1973.
- _____. **História dos Judeus 2º Vol.** Rio de Janeiro: ed. do autor, 1973.
- JOHNSON, Paul. **História dos Judeus.** Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- JUNG, Carl Gustav. **O Homem e seus Símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- _____. **Memória Sonhos e Reflexões.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- KAUFMAN, Tânia Neumann. **A Presença Judaica em Pernambuco.** Recife: edição do autor, 2000.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um Conceito Antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LEACHE, Edmund. **Antropologia: Grandes Cientistas Sociais Nº38.** São Paulo: Atica, 1983.
- LEFEBVRE, Henri. **De Lo Rural a Lo Urbano.** Barcelona: Ediciones Peninsula, 1978.
- LIMA, Abnael Machado. **Terras de Rondônia.** Porto Velho: OFF-7, 1997.

- HORN, Ovadia. **Uma Visão Judaica**. São Paulo: Rainbow, s/d.
- LYOTARD, Jean-François. **Heidegger e os Judeus**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário**. Belém: Cejup, 1995.
- MARX, KARL. **A Questão Judaica**. São Paulo: Centauro, 2005.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A Colônia Brazilianista: História Oral de Vida Acadêmica**. Nova Stella, São Paulo, 1990.
- _____. **Canto de Morte Kaiowá: História Oral de Vida**. São Paulo: Loyola, 1991.
- _____. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
- MENDONÇA, Francisco. **Geografia e Meio Ambiente**. São Paulo: Contexto, 2002.
- MENEZES, Nilza. **O Último Yon Kippur (A Comunidade Hebraica na Região dos Vales do Madeira, Mamoré e Guaporé)**. Ano I, Nº. 131 - Janeiro - Porto Velho, 2003.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MEZAN, Renato. **Identidade e Identificação**. São Paulo: Escuta, 1986.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia Pequena História Crítica**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- _____. **Ideologias Geográficas**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- _____. **A Gênese da Geografia Moderna**. São Paulo: Hucitec, 1989.
- MORAES, Clodomir Santos de. **Dicionário de Reforma Agrária América Latina**. Porto Velho: Edufro, 2003.
- MUSUMECI, Leonarda. **O Mito da Terra Liberta**. São Paulo: Vértice, 1988.
- NOVINSKY, Anita Waingort. **Inquisição: Inventários de Bens Confiscados a Cristãos Novos**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, s/d.
- PEIRANO, Marisa G. S. **A Favor da Etnografia**. Brasília: Serie Antropologia nº 130, 1992.
- _____. **A Análise Antropológica de Rituais**. Brasília: Série Antropologia nº 270, 2000.
- PEREIRA, José Veríssimo da Costa. **Regatões**. In **Amazônia: Tipos e Aspectos**. Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA): agência Guanabara, 1963. p. 44-47.
- PILAGALLO, Oscar. **O Sagrado na História: Judaísmo**. São Paulo: 2010.
- PINTO, Nelson Prado Alves. **Política da Borracha no Brasil: a Falência da Borracha Vegetal**. São Paulo: HUCITEC, 1984.
- PINHEIRO, Zairo Carlos da Silva. **Migração dos Sentidos**. Dissertação de mestrado em Geografia. Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008.
- POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Rio de Janeiro: Revista de Estudos Históricos - Vol. 2, 1989. p. 3-15.

- _____. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Revista de Estudos Históricos, 1992. Vol. 5 – p.200-215.
- QUAINI, Massimo. **A Construção da Geografia Humana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- REGO, Nelson. **Geração de Ambiências - Três Conceitos Articuladores**. In SILVA, Josué da Costa; KOZEL, Salete & FILHO, Sylvio Fausto Gil (Orgs.). **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Marge, 2007.
- RELPH, Edward C. **As Bases Fenomenológicas da Geografia**. In revista de Geografia, 4 (7): 1-25, abril s/d.
- RICOEUR, Paul. **O Conflito das interpretações: Ensaio de Hermenêutica**. Portugal: Rés editoria, 1988.
- SAHR, Wolf-Dietrich (Org.). **Por uma Geografia Social das Regionalizações Cotidianas Benno Werlen e a Geografia**. Curitiba: UFPR, 2000.
- SALES, Carla Monteiro. **Espaço e Religião: uma abordagem pelo cinema brasileiro**. Porto Alegre – RS: Anais do ENG, 2010.
- SANTOS, Maria Medianeira dos. **A Territorialidade Judaica em Santa Maria/RS: Uma Contribuição à Geografia Cultural**. Dissertação apresentada no programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências: UFSM, RS, 2009.
- SANTOS, Milton. **Técnica Espaço Tempo Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. **Por Uma Outra globalização do Pensamento Único à Consciência Universal**. São Paulo: Record, 2002.
- _____. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Nilson. **Seringueiros da Amazônia Sobreviventes da Fartura**. Tese em Geografia, Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 2002.
- SAUSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCLIAR, Moacyr e SOUZA, Márcio. **Entre Moisés e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- SERPA, Angelo (org.). **Espaços Culturais: Vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- SILVA, Armando Corrêa da. **Geografia e Lugar Social**. São Paulo: Contexto, 1991.
- _____. **O Espaço fora do Lugar**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- SILVA, Josué da Costa (Org.), KOZEL, Salete (Org.) e FILHO, Sylvio Fausto Gil (Org.). **Da Percepção e Cognição à Representação: Reconstruções Teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem, 2007.
- _____.; SOUZA FILHO, Theophilo Alves de. [et al]. **O viver Ribeirinho**. In: **Nos Banzeiros do Rio: Ação interdisciplinar na busca da sustentabilidade em comunidades ribeirinhas da Amazônia**. Porto Velho: EDUFRO, 2002.
- SINGER, Isaac B. **O Penitente**. Porto Alegre, L&PM, 1989.

- SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1993.
- SORJ, Bernardo. **Sociabilidade Brasileira e Identidade Judaica**. In SORJ, Bila (Org.). **Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 9-32.
- SORJ, Bila (Org.). **Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia: Contribuição para o Ensino do Pensamento Geográfico**. São Paulo: Unesp, 2004.
- SZUCHMAN, Esther. **Identificação e Identidade Linguístico-Cultural na Condição Judaica**. Revista de Estudos Judaicos, Belo Horizonte, nº 5 2007/2008, p. 129-150.
- TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória: Temporalidade, Experiência e Narração**. Passo Fundo: UPF: Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- TUAN, Yi-fu. **Topofilia um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Difel, 1980.
- _____. **Espaço e Lugar**. São Paulo: Difel, 1983.
- TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: Estrutura e Anti-Estrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- WIZNITZER, Arnold. **Os Judeus no Brasil Colonial**. São Paulo: Pioneira, 1966.
- XAVIER, Juarez Tadeu de Paula. **Teorias Antropológicas**. Curitiba: IESDE Brasil S/A, 2008.
- VAZ, Ademir Divino. **A Geografia e sua Pertinência para o Estudo da Diversidade Cultural – Um Território Cigano**. Revista do Departamento de Geografia: nº 19, 2006.p.69-80.
- VAN GENNEP, Arnold. **Os Ritos de Passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

Fontes eletrônicas:

- Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0, 2010.
- <http://www.chabad.org.br/datas/calendario/sobre.htm> - acessado em julho de 2010.
- <http://www.chabad.org.br/alimentos/sobre.htm> - acesado em julho de 2010.
- <http://www.chabad.org.br/festas/sobre.htm> - acessado em julho de 2010.
- <http://www.chabad.org.br/cozinha/sobre.htm> - acessado em julho de 2010.
- <http://www.morasha.com.br/conteudo/ed30/bencao.htm> - acessado em 2011.

<http://eretzisraelmv.blogspot.com/2010/08/menorah.html> - acessado em outubro de 2010.

<http://www.ioffer.com/c/Religions-Spirituality-1003485/wooden?price=3-> acessado em 2010.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Rosh_Hashan%C3%A1 – acessado em outubro de 2011.

<http://mesillatyesharim.blogspot.com/2007/09/o-toque.html> - acessado em outubro de 2011.